

Tereza Nair de Paula Pachêco

“A GENTE PRECISA TER TEMPO PRA GENTE”: as narrativas dos(as) jovens do Poço da Draga sobre o **aprender a ser** e o **aprender a viver juntos** no tempo-espaço do lazer

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

Tereza Nair de Paula Pachêco

“A GENTE PRECISA TER TEMPO PRA GENTE”: as narrativas dos(as) jovens do Poço da Draga sobre o **aprender a ser** e o **aprender a viver juntos** no tempo-espaço do lazer

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Porfírio Couto

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

P116g Pachêco, Tereza Nair de Paula
2017 “A gente precisa ter tempo pra gente”: as narrativas dos(as) jovens do Poço da Draga sobre o aprender a ser e o aprender a viver juntos no tempo-espço do lazer. [manuscrito] / Tereza Nair de Paula Pachêco – 2017.
193 f., enc.:il.

Orientadora: Ana Claudia Porfírio Couto

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 176- 184

1. Lazer - Teses. 2. Jovens da Cidade - Teses. 3. Lazer e educação – Teses. 4. Interação social - jovens - Teses. I. Couto, Ana Cláudia Porfírio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



ATA DA 116ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TEREZA NAIR DE PAULA PACHECO

Às 14h00min do dia 19 de junho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "A gente precisa ter tempo pra gente. E eles (meus amigos) sempre entendem. Eu acho que eu puxo o bonde aí todo mundo segue a minha onda": as narrativas contadas pelos(as) jovens do Poço da Draga sobre o aprender a ser eles(as) mesmos(as) e o aprender a viver com os outros no tempo-espço do lazer", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (UFMG)	X	
Profa. Dra. Francisca Rejane Bezerra Andrade (UECE)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: Aprovada

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 19 de junho de 2017.

Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto (Orientadora) Ana Cláudia

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes Christianne Luce Gomes

Profa. Dra. Francisca Rejane Bezerra Andrade Francisca Rejane Bezerra Andrade

*A quem me concedeu o dom divino da
existência humana;*

*A quem alimentou a minha vida de tantos
sonhos, de fé e de coragem para alcançá-los.*

Ao Pai: Tudo é Dele, por Ele;

Aos que dão sentido à minha existência;

Aos que sorriem com a alma;

Aos que se alegram genuinamente;

*Aos que se (re)encantam cotidianamente com
a simplicidade e a beleza do amanhecer;*

*Aos que transbordam e manifestam o afeto em
suas ações;*

Aos que acreditam e lutam por dias melhores;

Aos que resistem e ressignificam os seus dias;

Aos que tem como ofício maior o viver.

A tudo que vivi/senti;

*Aos dias de luz e de escuridão que me fizeram
chegar até aqui;*

Às dores, os cantos e os desencantos da vida;

Aos milagres cotidianos;

Às palavras de apoio;

Aos abraços apertados e verdadeiros;

*Aos meus pais, pela vida simples e cheia de
sentido que me deram;*

*Aos amigos que encontrei ao longo da vida e
que me fizeram crer que o amor puro existe;*

*Aos jovens que partilharam as suas histórias
comigo e que fizeram de mim pesquisadora;*

*Aos educadores que me inspiram, norteiam-me
e aceitam se aventurar comigo na viagem sem
fim mais bonita: o rumo ao conhecimento;*

Aos que acreditam que tudo é possível!

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu melhor amigo e confidente, por tornar possível a realização de mais um sonho e por colocar tantas pessoas especiais na minha vida;

Aos meus pais, Terezinha e José Maria, pelos valores transmitidos, pela vida simples no interior, pela sensibilidade que fizeram aflorar em mim desde pequena, pelo amor genuíno, pelos esforços que fizeram para que eu até aqui chegasse e que ainda fazem diariamente;

Às minhas irmãs, minha extensão em outros corpos. Eu amo vocês;

Ao Fernando, por ser um namorado incrível e pela parceria espontânea que nasceu entre nós. Obrigada por me ajudar em cada momento da pesquisa e por cada dia vivido ao meu lado;

À orientadora Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Porfírio Couto, por respeitar/entender o meu tempo de escrita e o meu modo de ser. Obrigada pelo apoio em momentos difíceis e pela alegria construída em sala de aula, na experiência inesquecível do Estágio Docente. Pelo carinho construído, pela presença constante, pelo alento dado, pela enorme paciência, pelo tempo dedicado à minha formação, muito obrigada. Você sempre estará em meu coração;

À avaliadora Dr^ª. Christianne Luce Gomes, por ser uma das melhores professoras, pesquisadoras e escritoras que eu vi na minha vida. Permanece a minha admiração pela senhora, pela sua forma de ser, pelo seu compromisso e pelos seus escritos. Obrigada por aceitar o convite e por participar desse momento tão especial para mim. Eu sei que as suas contribuições são valiosas e necessárias. A senhora é uma grande inspiração;

À avaliadora Dr^ª. Francisca Rejane Bezerra Andrade, por me apresentar ao mundo da pesquisa e do afeto na UECE. As palavras jamais seriam suficientes para agradecer a contribuição dada ao longo da minha formação acadêmica. Para além de uma grande orientadora que foi, orgulha-me conviver com um ser humano que tem um coração lindo como o da senhora. Obrigada por acreditar/confiar em mim. Obrigada por participar desse momento, vindo de “longe”/do nosso lugar e por representar tudo que o nosso amado Ceará é (belo/ativo/forte). Admiro muito a senhora. Sou sua fã;

Aos suplentes Dr. Walter Ernesto Ude Marques e Dr^ª. Geórgia Patrícia Guimarães dos Santos, pela disponibilidade e por aceitarem o convite. Se possível fosse, eu teria também vocês comigo na minha defesa;

A cada um(a) dos(as) dez jovens entrevistados(as) e dos outros dois moradores entrevistados do Poço da Draga, por me fazerem amar ainda mais os(as) jovens do meu Ceará e essa comunidade. Sem vocês, nada faria sentido, nada existiria. Lembro-me da conversa com cada um(a), do som da voz, do sorriso e da alegria como se fosse hoje;

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Exclusão Social (GEPPES) da UECE, pela acolhida desde a Iniciação Científica e que, mesmo “distante”, permaneceu em meu coração. É uma honra participar de um grupo com pessoas tão iluminadas;

Ao Grupo de Estudos de Sociologia e Pedagogia do Esporte e do Lazer (GESPEL) da UFMG, espaço que tomei de fato como meu. A cada um(a), obrigada pelo apoio, pela troca, pelas discussões, pelo aprendizado. Permanece o carinho especial por minha querida Karol, pela alegria e amizade que trouxe aos meus dias, e ao Elton, amigo desde a graduação e que, assim como eu, tem compromisso com o seu lugar de origem na sua pesquisa. Elton querido, a sua ajuda foi primordial;

Aos amigos e amigas do mestrado, pela leveza, pela companhia, pela descontração, pela amizade. A experiência do mestrado foi tudo que eu esperava por causa de vocês. Vocês são demais! Um carinho sem fim e inexplicável por Poliana, João (carioca), Luciana, Joyce e a cada um(a) de vocês;

Aos amigos e amigas da vida, da UECE, do IFCE, pelo apoio e cuidado de sempre. Minha vida é completa e plena por causa de vocês;

À CAPES, que possibilitou a minha permanência no programa.

“O mundo tá aí. O mundo não mudou uma vírgula. O oxigênio é o mesmo. A terra é a mesma. O céu é a mesma cor. Então cabe a cada um fazer um pouquinho pra mudar, né. Eu estive ontem [...] contribuindo, né, com uma festinha do dia das crianças, lá no Mirante (do Poço da Draga). E eu fiquei fascinada! Cada morador trazia um presente ou uma panela de comida pra dividir com outro morador. [...] Eu acho que às vezes a gente diz: “Ah, é o fim do mundo”. É não, é o fim [...] desses pensamentos que tão aí - egoístas. As pessoas tão percebendo que precisa melhorar como pessoa; que precisa se tornar humano, que a gente tá perdendo essa humanidade, né. “Ah, é o ser humano”!”. Quem é o humano? Humano é ser solidário, é ter amor, é ter respeito, é respeitar as diferenças. Eu acho que isso que é o ser humano mesmo. E as pessoas tão percebendo que chegou o limite do pensamento, e sendo egoísta, que sozinho ele não faz nada, que ele tá começando a ter outros horizontes [...]. Eu acredito que ainda existe esperança para esse país. Também se eu não acreditar, né? (risos). Tem que acreditar! Todo dia a gente tem que acreditar. Tem que amanhecer o dia e dizer: meu Deus, força, porque eu vou de novo. É cair, se levantar, cair, se levantar”.

(Entrevistada 12).

RESUMO

Este estudo objetiva estabelecer as possíveis relações (aproximações ou distanciamentos) entre a fruição do lazer dos(as) jovens da comunidade Poço da Draga com os pilares da educação/ do conhecimento, especificamente, o *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos*. O segmento juvenil apresenta interseção com os elementos compositores da realidade social, situando-se no terreno histórico, social, cultural e político do cenário brasileiro. Nesse contexto, assinala-se as características dos(as) jovens do Poço da Draga. Acerca da metodologia, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo. Aplicaram-se entrevistas semiestruturadas com dez jovens (cinco meninas e cinco meninos) e com dois moradores do Poço da Draga. A análise/interpretação dos dados foi guiada pela dialética marxista. Conforme a pesquisa, em meio a um conjunto de violações de direitos e do “esquecimento” do poder público com aquele lugar, o Poço da Draga (sobre) vive, protagoniza a sua história; não é “refém” e “sujeito” passivo diante das problemáticas que o cerca, enfrentando-as a cada dia. Segundo os(as) jovens, narra-se que são diversas as suas formas de relacionamento com o tempo-espaço de lazer. As especificidades residem no fator gênero (meninas e meninos) e ocupação (estuda; trabalha; estuda e trabalha; estuda ou não/trabalha ou não e tenha filho). Os jovens apresentam contato com o esporte em termos de prática de lazer e se mostram distanciados das obrigações domésticas e familiares na descrição de suas rotinas. As jovens apresentam como práticas de lazer: assistir filmes, séries, espetáculos e shows; leitura; passeios; nadar na praia; ver o pôr do sol etc. Em suas rotinas, relatam sobre as obrigações domésticas e familiares que impactam na vivência do lazer. Para os jovens, o *aprender a ser* no tempo-espaço do lazer materializa-se nas conquistas pessoais; na confiança em si e na ampliação da sua autoestima, distanciando-se deste quando não há experiências semelhantes. Alguns dos entrevistados apontaram ser fácil serem como são por acreditarem em si; outros disseram que é difícil, pela atual condição vivida. Para eles, o lazer é propício ao conhecimento do corpo, da mente, do seu modo de ser; à reflexão sobre a vida; à liberdade; ao contato com a natureza. Para as jovens, o *aprender a ser* é um momento de introspecção; de reflexão; do conhecimento novo; de ponderação sobre atitudes e em como portar-se diante de informações; de reconhecer o outro e a realidade social; de problematizar o mundo; do contato com outras culturas; da confiança em si e no seu potencial etc. Algumas jovens relatam ser fácil serem quem são como resultado da realização pessoal vivida. As dificuldades residem da incompatibilidade de valores pessoais portados (compreensão; tolerância) e os do mundo (imediatismo) e pelo fato de serem mulheres, pelo equilíbrio das tarefas de casa/filho/estudo/trabalho/família. Para os(as) jovens, o *aprender a viver juntos* (fruto do lazer) nasce na convivência coletiva; no encontro e no reconhecimento do outro; na centralidade dos grupos sociais, dos amigos e da família. Assim, o *aprender a ser* e o *viver juntos* são propícios ao lazer dos(as) jovens do Poço da Draga.

Palavras-Chave: Juventudes. Lazer. Pilares da Educação. Pilares do Conhecimento.

ABSTRACT

This study aims to establish possible relationships (approximations or distances) between the leisure enjoyment of the Poço da Draga youth community with the pillars of education / knowledge, specifically *learning to be* and *learning to live together*. The youth segment presents an intersection with the composers of social reality, situating itself in the historical, social, cultural and political terrain of the Brazilian scenario. In this context, the characteristics of the young people of Poço da Draga are pointed out. About the methodology, a qualitative, bibliographical and field research was carried out. Semi-structured interviews were conducted with ten young people (five girls and five boys) and two residents of Poço da Draga. The analysis / interpretation of the data was guided by the Marxist dialectic. According to the two residents, the community resists the imperatives of the capital and the dictates of the tourism industry, being surrounded by problems that mark the Poço da Draga youth (drugs, homicides, violence, pregnancy, difficult insertion in the Labor market and education etc.) According to the research, amidst a set of rights violations and the "forgetting" of the public power with that place, Poço da Draga (about) lives, protagonizes its history; Is not a passive "hostage" and "subject" in the face of the problems that surround him, facing them every day. The young people present contact with the sport in terms of leisure practice and are distanced from domestic and family obligations in the description of their routines. The young people present as leisure practices: watching movies, series, shows and shows; reading; Tours; swim on the beach; Watch the sunset etc. In their routines, they report on the domestic and family obligations that impact on the leisure experience. For young people, learning to be in the time-space of leisure materializes in personal achievements; In self-confidence and in the expansion of self-esteem, distancing oneself from it when there are no similar experiences. Some of the interviewees pointed out that it is easy to be as they are because they believe in themselves; Others said that it is difficult, due to the current situation. For them, leisure is conducive to the knowledge of the body, the mind, the way they are; Reflection on life; the Liberty; To contact with nature. For the young, learning to be is a moment of introspection; Of reflection; Of new knowledge; Of pondering about attitudes and how to deal with information; To recognize the other and social reality; Of problematizing the world; Of contact with other cultures; Confidence in you and your potential, etc. Some young people report being easy to be who they are as a result of their personal fulfillment. The difficulties lie in the incompatibility of personal values (understanding, tolerance) and those of the world (immediacy) and the fact that they are women, by the balance of tasks of home / child / study / work / family. For young people, learning to live together (fruit of leisure) is born in the collective coexistence; In the encounter and in the recognition of the other; In the centrality of social groups, friends and family. Thus, learning to be and to live together are conducive to the leisure of Poço da Draga's youth.

Keywords: Youth. Leisure. Pillars of Education. Pillars of Knowledge.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Delimitações etárias da juventude.....	19
Quadro 2 –	Critérios de seleção.....	20
Quadro 3 –	Perfil social dos jovens entrevistados.....	20
Quadro 4 –	Perfil social das jovens entrevistadas.....	23

LISTA DE FOTOS

Foto 1 –	Vestígios de um porto no Poço da Draga.....	47
Foto 2 –	Fortaleza em forma de dicotomia 1 – Ponte do Poço da Draga.....	49
Foto 3 –	Fortaleza em forma de dicotomia 2 – Ponte do Poço da Draga.....	49
Foto 4 –	Fortaleza em forma de dicotomia 3 – Ponte dos Ingleses e prédios vistos da Ponte do Poço da Draga.....	49
Foto 5 –	A vida acontecendo na beira do mar.....	52
Foto 6 –	Experiências de jovens no Poço da Draga.....	53
Foto 7 –	No embalo das ondas do mar: jovens do Poço da Draga na forma de moldura.....	61
Foto 8 –	Quadra de esportes do Poço da Draga.....	85
Foto 9 –	O Poço da Draga em forma de “conclusão”.....	170

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDMAC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
CF	Constituição Federal
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IACC	Instituto de Arte e Cultura do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não-Governamental.
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População Economicamente Ativa
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PNJ	Política Nacional da Juventude
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
STDS	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES PERTINENTES À INTRODUÇÃO: <i>“Na fúria das cidades grandes eu quero abrir a minha voz”</i>	15
1.2	Como a pesquisa ganhou vida?.....	16
1.3	Construindo caminhos para a investigação.....	17
1.4	Percurso metodológico.....	18
2	APRENDER A DESVENDAR E PROBLEMATIZAR A REALIDADE	29
2.1	<i>“Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela, o pobre é humilhado, esculachado na favela”</i> : as dicotomias do Brasil, do Ceará, de Fortaleza.....	29
2.2	<i>“São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando”</i> : o direito de morar, o direito de pertencer, o direito de viver.....	45
2.3	<i>“Eu quero é que esse canto torto, feito faca, corte a carne de vocês”</i> : o Poço da Draga em sua profundidade: cotidiano, som, saudade e afeto em frente ao mar.....	54
3	APRENDER A VER O MUNDO DE “DENTRO PARA FORA” E DE “FORA PARA DENTRO”	61
3.1	Leituras (possíveis) das formas de ser e de estar no mundo do(a) jovem.....	62
3.2	<i>“Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha...”</i> : as diversas possibilidades e particularidades de ser jovem.....	67
4	APRENDER A RELACIONAR OS SABERES: estabelecendo possíveis relações entre a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga com os pilares da educação/do conhecimento (<i>aprender a ser e aprender a viver juntos</i>).....	72
4.1	Considerações introdutórias e pertinentes ao lazer.....	72
4.2	Identificando e interpretando como e quando acontece a prática e a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga.....	73
4.2.1	Bloco 1: <i>Fruição do Lazer</i>	74
4.3	Apresentando aproximações e/ou distanciamentos entre a fruição do lazer	

	dos(as) jovens do Poço da Draga com os pilares da educação/do conhecimento (<i>aprender a ser e aprender a viver juntos</i>).....	111
4.3.1	Bloco 2: <i>Aprender a ser e aprender a viver juntos</i> - Parte 1: <i>aprender a ser</i>	111
4.3.2.	Bloco 2: <i>Aprender a ser e aprender a viver juntos</i> – Parte 2: <i>aprender a viver juntos</i>	143
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: APRENDER A REFLETIR, A ARGUMENTAR E A CONTRA-ARGUMENTAR.....	170
5.1	<i>Eu ainda sou bem moço[a] pra tanta tristeza: minhas palavras, meu ponto de vista e minha contribuição</i>	170
	REFERÊNCIAS.....	176
	APÊNDICES.....	185

1 CONSIDERAÇÕES PERTINENTES À INTRODUÇÃO: “Na fúria das cidades grandes eu quero abrir a minha voz¹”

“Não me peça que eu lhe faça uma canção (**dissertação**) como se deve/ Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve/ Sons, palavras, **são navalhas**/ E eu não posso cantar (**escrever**) como convém/ Sem querer ferir ninguém/ Mas não se preocupe meu amigo com os horrores que eu lhe digo/ Isso é somente uma canção/ A vida realmente é diferente/ Quer dizer, **ao vivo é muito pior**”.

(Apenas um Rapaz Latino Americano, Belchior).

Todo e qualquer estudo é fruto de um contexto econômico, social, político e cultural em que este está inserido; do seu tempo e das influências dos *passos do ontem* nos caminhos percorridos no momento presente. Por esse estudo ser e estar situado historicamente em linhas específicas anteriormente citadas, não haveria como escrever nos dias de hoje, sobre os dias de hoje e apartá-lo da realidade social que o envolve, como será apontado ao longo do texto.

Na sociedade brasileira contemporânea, as difíceis condições de vida que cercam milhões de brasileiros(as), especialmente os(as) que vivenciam (e sentem na pele) cotidianamente as expressões da questão social, tem sido intensificadas. Nesse contexto, a classe trabalhadora e em especial os(as) moradores(as) das periferias são atingidos exponencialmente, pois a história vem reservando-lhe as amarguras resultantes do modo de produção capitalista, bem como a destituição e precarização de diversos direitos conquistados.

São tempos difíceis. Todavia, como Freire (1996)² alerta: - “as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas atuais - não são permanentes”. Dado a isso, entende-se no estudo o(a) jovem imerso na dinâmica histórica, cultural e social das tramas do tempo presente, por vezes relacionada com os aspectos passados da constituição da sociedade brasileira. Dito isso, fala-se como se dá a aproximação com o objeto de pesquisa, no tópico abaixo.

¹ Fragmento da música “Voz da América”, do cantor e compositor cearense Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, conhecido por Belchior.

² “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas **objeto**, mas sujeito também da História. Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam”. (FREIRE, 1996, p.54, grifo nosso).

1.2 Como a pesquisa ganhou vida?

A temática juventude(s) e lazer está presente durante toda a trajetória acadêmica construída: no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e de Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E, agora, na Dissertação do Mestrado em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dentre outras publicações empreendidas com a temática. Os resultados daqueles trabalhos contribuíram com a construção de questões elementares acerca do objeto interdisciplinar lazer e as juventudes no contexto da cidade de Fortaleza-CE.

Nesses estudos desenvolvidos, expôs-se a comunidade Poço da Draga, localizada na cidade de Fortaleza-CE. *A priori*, um contato superficial, porém, suficiente para estimular a conhecê-la mais e em profundidade. Buscou-se, a partir daí, conhecer a vida dos(as) jovens das periferias; a realidade em que eles(as) vivem; trazer para este estudo a fala desses(as) jovens. Dessa forma, manifesta-se a necessidade pulsante de *na fúria das grandes cidades* discorrer sobre os(as) jovens do Poço da Draga, apresentando a composição das narrativas deles(as).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, Fortaleza, capital do Estado do Ceará, localizada na região Nordeste, possuía 2.452.185 habitantes, dos quais, 718.613 pessoas estão no grupo etário de 15 a 29 anos, ou seja, jovens. Fortaleza carrega as marcas da desigualdade social e da segregação socioespacial, assim como as grandes metrópoles brasileiras. Neste cenário, encontra-se o Poço da Draga, localizado no Bairro de Iracema, facilmente detectado no contraste desigual da infraestrutura urbana entre lá e o seu entorno.

O Poço da Draga possui 2.030 habitantes morando em 505 casas, segundo a reportagem: “Comunidade do Poço da Draga relata que nunca teve tanta evidência quanto no Feira Massa”, publicada no Jornal Tribuna do Ceará (2015). A comunidade, hoje (2017), está com 111 anos de existência e enfrenta desafios diários. Ainda não há saneamento básico, posto de saúde, escola, creche etc - problemáticas discutidas ao longo desta dissertação.

Nesse panorama, este texto busca, em suas perguntas norteadoras, descobrir qual a relação do lazer com os(as) jovens do Poço da Draga; que oportunidades aparecem para eles(as) em termos de lazer; se o lazer assume estima pelos(as) jovens do Poço da Draga, em meio a tantos direitos violados, sobretudo pelo lazer ser considerado, historicamente, menos relevante em relação à educação, ao trabalho, a saúde, por exemplo. E, mesmo sabendo disso,

não o desconsiderando um direito social, conforme pode ser averiguado o artigo sexto da Constituição Federal (CF) de 1988 e entendendo-o como uma *necessidade humana* que todos têm e na sua *dimensão da cultura*, como coloca Gomes (2014).

Além disso, esta dissertação procura saber dos(as) jovens das periferias o que eles(as) costumam fazer por lazer; com quem eles(as) costumam estar por perto no tempo-espaço do lazer e como eles(as) fazem o que gostam. Almeja-se, ainda, verificar se o lazer contribui ou não para que aquele(a) jovem se conheça e entenda o outro. Por isso recorre-se ao que Delors (2006) discute sobre o *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos* que, em palavras explicativas, estão ligados ao (re)conhecimento de si e do outro.

A partir da compreensão das juventudes, no plural, é que podem ser salientados todos os aspectos e indagações citados, pois se reconhecem as situações diversificadas que compõem as juventudes, tais como: classe, gênero, raça, etnia, condição urbano-rural, perante as particularidades portadas pelos(as) jovens do Poço da Draga.

Produzidas todas essas questões iniciais, o objetivo do estudo desenvolvido é: estabelecer as possíveis relações (aproximações ou distanciamentos) entre a fruição do lazer dos(as) jovens da comunidade Poço da Draga com os pilares da educação/ do conhecimento, especificamente, o *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos*. Com efeito, agora se apresenta como a dissertação está sendo estruturada.

1.3 Construindo caminhos para a investigação

Como perceptível no sumário, cada título dos capítulos tem relação com a palavra *aprender*, uma vez que se considera oportuno que cada pesquisador(a), durante a construção de suas pesquisas, passe por um processo contínuo de aprendizagem. É conveniente *aprender* a desvendar e problematizar a realidade social do sujeito jovem; *aprender* a ver o sujeito jovem inserido no *seu mundo particular* e *aprender* a fazer associações com o contexto social deste sujeito, conforme a narrativa de cada um(a).

Assim, esclarece-se que esse trabalho é composto por uma introdução; três subsequentes capítulos que resultam na análise e na reflexão da temática do estudo em questão; considerações finais; referências e apêndices. A introdução é responsável por promover uma apresentação; um panorama geral do trabalho construído.

O capítulo “*Aprender a desvendar e problematizar a realidade*” objetiva expor aspectos constituintes da formação sócio histórica do Brasil, estabelecendo aproximações com as características que podem ser encontradas na contemporaneidade. Com essas informações é que se constrói a base reflexiva do que será debatida sobre o(a) jovem fortalezense e o(a)

jovem do Poço da Draga. Neste capítulo, encontra-se a descrição da comunidade Poço da Draga, subsidiada pelo relato de dois moradores que recebem reconhecida importância local.

O capítulo “*Aprender a ver o mundo de “dentro para fora” e de “fora para dentro”*” possibilita que se entenda o ser jovem – suas características e suas configurações e, a partir daí, aponta-se como a realidade social cerca os(as) jovens, numa perspectiva dialética e complementar. O título do capítulo alude a relação que deve haver entre a leitura do capítulo anteriormente citado, que apresenta a sociedade brasileira/contexto/realidade social, com o capítulo em questão, que trata das particularidades das juventudes e dos(as) jovens.

O capítulo “*Aprender a relacionar os saberes: estabelecendo possíveis relações entre a fruição do lazer dos(as) jovens do poço da draga com os pilares da educação/do conhecimento (aprender a ser e aprender a viver juntos)*” aponta a discussão conduzida a partir das falas dos(as) jovens entrevistados(as) com os pilares da educação/ do conhecimento (*aprender a ser e aprender a viver juntos*), no contexto de vida de cada um deles(as). No capítulo em questão fala-se sobre a fruição do lazer dos(as) jovens da comunidade do Poço da Draga e estabelece-se aproximações ou distanciamentos entre a fruição do lazer destes(as) jovens com os pilares da educação/ do conhecimento, especificamente, o *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos*.

As “Considerações finais” apontam as constatações que a realização da pesquisa possibilitou averiguar, sistematizando questões e *achados* relativos ao universo juvenil, ao lazer e aos pilares do conhecimento/pilares da educação (*aprender a ser e aprender a viver juntos*) no entendimento dos(as) jovens do Poço da Draga. As “Referências” demarcam os estudos e as leituras realizadas que embasam a dissertação. Nos “Apêndices” podem ser encontrados os roteiros utilizados para a estruturação das entrevistas dos(as) jovens e dos dois moradores da comunidade Poço da Draga. Por fim, mostra-se o percurso metodológico que guiou a pesquisa, ou seja, os caminhos traçados para o alcance de seus objetivos.

1.4 Percurso metodológico

Toda e qualquer pessoa quando *capta* uma realidade não a reflete mecanicamente ou a representa diretamente, ele(a) a reconstrói de uma forma própria; subjetiva. A reconstrução da realidade diz respeito à captação da mesma, feita pelas interpretações de sujeito particular que atribui como seus os significados.

Portanto, enfatiza-se que a subjetividade em torno da construção do estudo encontrou-se presente em todos os momentos de construção da pesquisa, seja na escolha do

tema, dos(as) entrevistados(as), na elaboração do roteiro das entrevistas, na escolha da bibliografia ou até mesmo na análise do material coletado.

Acerca dos delineamentos metodológicos da pesquisa, ela seguiu o caminho eminentemente qualitativo, ao apresentar a existência de distintas representações³ que aparece na perspectiva de cada sujeito jovem e de cada morador(a) investigado(a) acerca do tema a ser averiguado. Dados qualitativos surgiram aqui com a finalidade de compreender os indivíduos, os(as) interlocutores(as) em seus próprios termos.

No tocante ao desenho metodológico, compreendeu-se como etapa inicial do trabalho a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Utilizou-se como fonte de pesquisa: livros, artigos científicos, dissertações, reportagens de jornal e outros relacionados ao tema do estudo. Para isto, tomou-se como principais categorias analíticas e estruturantes da dissertação: juventude(s), lazer (fruição), pilares da educação/do conhecimento; *aprender a ser e aprender a viver juntos*. A leitura crítica é imprescindível em qualquer investigação científica, permitindo a ampliação e o aprofundamento do saber. (MARCONI; LAKATOS, 2001). Depois da pesquisa bibliográfica, a etapa seguinte consistiu na inserção no campo de pesquisa (no Poço da Draga), estabelecendo contato com os(as) jovens, com representantes dos moradores que participaram das entrevistas e com o próprio Poço da Draga.

Para falar do público jovem entrevistado, esquematizaram-se as seguintes propostas destacadas por diversos órgãos governamentais acerca da categoria juventude no que diz respeito a sua delimitação etária. Dentre tantas, optou-se pela proposta do Estatuto da Juventude, da Secretaria Nacional de Juventude, Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e da Política Nacional da Juventude (PNJ), por considerá-las convenientes ao estudo, conforme detectado abaixo:

Quadro 1 – Delimitações etárias da juventude

Organização das Nações Unidas (ONU).	Organização Mundial de Saúde (OMS).	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	Estatuto da Juventude e Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal.	Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) juntamente com a atual Política Nacional da Juventude (PNJ).
Jovem: 15 a 24 anos	Jovem: 15 a 24 anos	Jovem: 14 a 24 anos de idade	Jovem: 15 aos 29 anos	Jovem: 15 a 29 anos

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Com isso, delimitou-se a faixa etária do público que participou dessa pesquisa, sendo jovens de 15 a 29 anos de idade. Salienta-se que o estudo contou com a participação de

³ A representação social é entendida como “[...] pensamento, ações e sentimentos que expressam a realidade em que vivem as pessoas, servindo para explicar, justificar e questionar essa realidade”. (GOMES, 1994, p. 71).

10 jovens entrevistados(as): 5 mulheres e 5 homens, levando em consideração as particularidades de cada gênero em seus respectivos relatos, em relação ao tema proposto da pesquisa, de modo a representar cada critério escolhido para a participação na pesquisa, vistos abaixo.

Todos os(as) entrevistados(as) deveriam ter nascido na comunidade Poço da Draga, localizada na cidade de Fortaleza/CE ou lá estarem há mais de 10 anos. Estabeleceu-se esse o critério para a participação na pesquisa, por considerá-lo necessário para que o(a) jovem estabeleça e/ou forme vínculos com o local e com os(as) moradores(as). Admite-se que o público em questão tem “(...) um conjunto de elementos que se pretende observar ou tratar”. (ALBARELLO et al,1995, p.57). Estabeleceu-se os seguintes critérios de seleção para a pesquisa, em vistas a demonstrar diversas questões que particularidades do universo juvenil:

Quadro 2 – Critérios de seleção dos(as) jovens entrevistados(as)

Entrevistado 1 e Entrevistada 6	Jovem que somente estuda
Entrevistado 2 e Entrevistada 7	Jovem que somente trabalha
Entrevistado 3 e Entrevistada 8	Jovem que estuda e trabalha
Entrevistado 4 e Entrevistada 9	Jovem que não estuda e não trabalha
Entrevistado 5 e Entrevistada 10	Jovem que tem filho(a)(s) – que trabalhe ou não; que estude ou não

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Em sequência, os quadros abaixo trazem informações relativas ao perfil social dos(as) entrevistados(as); aponta quando e o lugar em que as entrevistas ocorrem. Apresenta aspectos relativos à rotina semanal de cada entrevistado(a) e responde as questões relativas a ter ou não ter um filho e os seus possíveis impactos na vida dos(as) jovens entrevistados(as).

Quadro 3 – Perfil social dos jovens entrevistados

Entrevistado 1	
Modalidade: Somente Estuda	
Perfil Social	Quando? Onde?
O Entrevistado 1; menino; possui 18 anos de idade; concluiu o Ensino Médio; atualmente faz um curso profissionalizante; é solteiro; autodeclara-se negro; não sabe relatar a renda da sua família - considera ser aproximadamente R\$2.500 ao mês; mora com o irmão, a mãe, o pai e a avó; recebe ajuda financeira do pai. Gostaria de trabalhar, mas não pode agora por causa da vaga que está concorrendo para o exército que deve ter status de reservista.	Esta entrevista é realizada no dia 21 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na casa do próprio Entrevistado 1. A entrevista dura 15min07s.
Questões relativas ao ter ou não ter um filho: Impactos na vida dos jovens entrevistados	Rotina Semanal
Se tivesse tido um filho, ele afirma que tudo mudaria na sua rotina. Ficaria muito em casa, procuraria	De manhã cedo (e de madrugada), ele treina o esporte (triathlon) que pratica no seu dia-a-dia. Volta para casa

emprego, teria que sustentar a família. Em relação ao tempo destinado ao lazer, este mudaria somente na semana, porque no final de semana continuaria do mesmo jeito.

e dorme. À tarde estuda e treina mais uma vez. À noite vai para o seu curso.

No fim de semana, não tem curso, vai para o CDMAC, para a Beira Mar e sai com os amigos. Na Beira Mar costuma caminhar, andar de skate, andar de bicicleta. Geralmente está com os meus amigos por perto, mas, às vezes, fica sozinho, escutando música, por exemplo.

Entrevistado 2

Modalidade: Somente Trabalha

Perfil Social

O Entrevistado 2; menino; possui 23 anos de idade; não concluiu o Ensino Médio; atualmente somente trabalha na venda de bebidas e de outros produtos, tendo a sua própria barraca; autodeclara-se como “clarinho”; a renda da sua família é de aproximadamente R\$7/ 8 mil por mês; mora com a mãe, as duas irmãs e um irmão; diz receber ajuda financeira/ “um trocado” de alguém da Itália. Pretende continuar os estudos, fazer faculdade, mas como ele diz: “Cada momento no seu tempo”. (Entrevistado 2).

Quando? Onde?

Esta entrevista é realizada no dia 25 de novembro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na praia, no seu lugar de trabalho. A entrevista durou 19min38s.

Questões relativas ao ter ao não ter um filho: Impactos na vida dos jovens entrevistados

Se tivesse tido um filho, estaria agradecendo, pois, segundo ele, “A sensação de ser pai é uma fase que é quase inexplicável”. (Entrevistado 2).

Rotina Semanal

De segunda-feira a quarta-feira é a folga do entrevistado. Ele acorda até meio dia. Quinta-feira acorda 9h e compra mercadorias para vender. À tarde (15h) vai para Estoril e começa a trabalhar. Sai de lá geralmente duas horas ou meia noite. No final de semana, começa a trabalhar 15h e termina 4h da manhã. Outra equipe da família começa a assumir o trabalho 7h da manhã, indo até o pôr do sol. Domingo, 17h, ele vai para o Estoril. Com a sua saída, vem outra equipe assumir o seu posto. Assim consecutivamente. Surfa, vai à praia, fumo baseado, escuto um som geralmente na segunda/terça/quarta-feira. Antes jogava basquete, mas quebraram a cesta de basquete da quadra da comunidade.

Entrevistado 3

Modalidade: Estuda e Trabalha

Perfil Social

O Entrevistado 3; menino; possui 17 anos de idade; é solteiro; está no 2º ano do Ensino Médio; autodeclara-se negro, ou “negão” como ele diz; a renda da sua família é de aproximadamente R\$1.500 por mês (somente ele tem salário fixo, diferente da mãe e irmã); mora com a mãe, uma irmã e três crianças (sobrinhos); diz receber ajuda financeira somente do pai que, às vezes, envia algum dinheiro.

Quando? Onde? Características Gerais

Esta entrevista é realizada no dia 21 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na calçada, próxima à quadra de esportes. A entrevista durou 18min46s.

Questões relativas ao ter ao não ter um filho: Impactos na vida dos jovens entrevistados

Se tivesse tido um filho, ele pensa que teria empatado muitos fatos, por exemplo, as peladas no fim de semana, bem como o triathlon durante à tarde. Ia ter que ter um tempo pra família também.

Rotina Semanal

Na segunda-feira acorda 4h/5h. Toma café e corre (5km ou 6km) na Beira Mar. Volta para casa e prepara-se para o trabalho, que inicia às 8h e termina 12h. Volta para casa (almoça, descansa). Fica no celular. À tarde vai treinar triathlon de 15h30min as 17h30min. Volta para casa, toma banho, fica no celular até 20h/21h e vai dormir. Terça-feira acorda 4h30min.

Pedala e corre (5 km). Depois é trabalho, almoço, descanso, treino. Vai para o racha que vai até 22h. Depois dorme. Na quarta-feira não corre e nem pedala. Acorda 6h. Trabalha, volta para casa, treino. À noite, vai para o racha na quadra. Na quinta-feira, corre às 4h50min. Na quinta-feira pode entrar no trabalho mais tarde. À tarde é treino. Na sexta-feira, de manhã, às vezes não faz nada. Depois é trabalho, treino, curte à noite no Armazém (próximo ao CDMAC), vai para casa da namorada. Sábado faz simulado no colégio. Vai para a casa e dorme até 17h. Racha de 18h as 19h. Vai para o CDMAC depois. Fica lá até umas 5h30min. Vai para casa e dorme. Acorda no domingo às 16h e vai à praia. No tocante aos estudos, ele responde que dificilmente frequenta a aula.

Entrevistado 4

Modalidade: Não Estuda e Não Trabalha

Perfil Social

O Entrevistado 4; menino; possui 19 anos de idade; concluiu o Ensino Médio; é solteiro; autodeclara-se moreno; não soube relatar a renda da sua família; mora com a mãe, padastro e duas irmãs; recebe ajuda financeira do pai biológico e do irmão da sua mãe. Atualmente, em suas palavras, não faz nada, somente joga bola. Gostaria de ser arquiteto no futuro.

Quando? Onde?

Esta entrevista é realizada no dia 13 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na calçada da casa da mãe do Entrevistado 4. A mãe do entrevistado acompanha a entrevista e realiza algumas intervenções. Na entrevista também tem a presença de uma vizinha e da irmã do entrevistado. A entrevista durou 16min20s.

Questões relativas ao ter ou não ter um filho:

Impactos na vida dos jovens entrevistados

Se tivesse tido um filho, tudo teria mudado, pois a sua atenção seria voltada para a criança. Ele acha que não teria tempo para o lazer, pois iria dedicar-se somente a criança.

Rotina Semanal

De manhã, acorda 9h/10h. Merenda. Às vezes ler um livro. Almoça. Brinca com o sobrinho. Fica um pouco no *Video Game*. Depois vai para a academia. Depois da academia, vai jogar. Depois volta para casa e dorme. Acorda meio dia do outro dia.

Entrevistado 5

Modalidade: Tem Filho; Não Estuda e Não Trabalha

Perfil Social

O Entrevistado 5; menino; possui 20 anos de idade; concluiu o Ensino Médio; não estuda e não trabalha; é solteiro; autodeclara-se branco; mora com o pai e a mãe; utiliza da ajuda financeira dos pais; não sabe informar a renda da família; tem um filho. Gostaria de estudar, não estuda porque a prioridade é conseguir um trabalho. Não trabalha porque onde trabalhava faliu. Atualmente está procurando trabalho.

Quando? Onde?

Esta entrevista é realizada no dia 21 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, no Pavilhão Acústico. A entrevista durou 16min10s.

Questões relativas ao ter ou não ter um filho:

Impactos na vida dos jovens entrevistados

Ao ter um filho o Entrevistado 5 diz que tudo mudou. Antes jogava mais futebol, agora não pode com frequência. Tem que arrumar um emprego/trabalho, trabalhar até mais tarde da noite para tentar sustentar meu filho. Para ele, o tempo do lazer diminuiu/reduziu, mas, ainda sim, continua fazendo o que gosta.

Rotina Semanal

Acorda às 9h/ 8h. No final de semana, às 10h. Vai para a casa da avó, fica lá na Internet, quando não, fica na praia, com os amigos. Depois volta para casa, ou fica com os amigos. Vai à igreja às 14h, vai para a casa da avó depois e fica até 18h, quando vai para o CDMAC treinar. De lá vai para casa e dorme. Em relação ao tempo com o filho, antes de ir à igreja ele costuma ir ficar com ele (13h as 15h) e depois de voltar da igreja, de 16h as 18h. O filho, que tem menos de um mês de vida, fica com a mãe. Ele queria ficar com o filho, mas não pode, porque ele ainda bebê. A mãe do filho estava concluindo os estudos, mas teve que adiá-los por causa filho.

Quadro 4 – Perfil social das jovens entrevistadas

Entrevistada 6	
Modalidade: Somente Estuda	
Perfil Social	Quando? Onde?
A Entrevistada 6; menina; possui 19 anos de idade; tem nível superior (em andamento); mora com o pai, a mãe e o irmão; autodeclara-se amarela; a renda da sua família, mesmo não sabendo precisar, acredita que é aproximadamente R\$4.500 (ao mês). Se pudesse, trabalhava e estudava, mas, no momento, não tem vaga para estágio na sua área de estudo.	Esta entrevista é realizada no dia 02 de dezembro de 2016, no Pavilhão Acústico da comunidade Poço da Draga. A entrevista durou 22min47s.
Questões relativas ao ter ao não ter um filho: Impactos na vida das jovens entrevistadas	Rotina Semanal
Se tivesse tido filho tudo teria mudado. Acha que não iria mais à faculdade e não ia ter a liberdade de sair a qualquer hora, quando quisesse. O tempo do lazer também não seria o mesmo, pois iria que dispor mais dedicação ao filho.	Acorda 7h30min/8h, quando a mãe sai para trabalhar. Merenda; arruma a casa; faz o almoço. À tarde cuida do irmão e depois vai nadar. Depois vai para a faculdade. Isso acontece na semana toda. No final de semana tem o culto (e o culto de jovens). Sábado e domingo, a mãe cuida do irmão. Então ela não se preocupa com a casa no fim de semana. Às vezes, na sua semana, ela tem tempo para ir ao culto, a depender das disciplinas que ela cursa na faculdade, em cada semestre.
Entrevistada 7	
Modalidade: Somente Trabalha	
Perfil Social	Quando? Onde?
A Entrevistada 7; menina; possui 23 anos de idade; concluiu o Ensino Médio; possui o Curso Técnico de Secretariado Escolar; é solteira; autodeclara-se negra; a renda da família é de aproximadamente 4 salários mínimos; mora com a mãe, pai e irmão. Recebe ajuda financeira da mãe. Gostaria de estudar, mas ainda não decidiu qual curso iniciar. Pensa em fazer um curso no exterior e voltar para o Brasil para fazer graduação em psicologia.	Esta entrevista é realizada no dia 21 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga. A entrevista durou 26min18s.
Questões relativas ao ter ao não ter um filho: Impactos na vida das jovens entrevistadas	Rotina Semanal
Acerca das mudanças em ter um filho, esta é uma sensação inexplicável de amor, de carinho e de felicidade.	Acorda 5h; toma banho; faz café e os afazeres de casa. Vai trabalhar, chegando lá às 7h. Lá prepara relatório, faz ata, denúncia etc, até às 19. Depois vai para casa. Conversa com a mãe (geralmente todos os dias), faz a última refeição e vai dormir. No outro dia, acorda 7h, prepara as refeições e faz os afazeres de casa. Vai trabalhar 8h. Sai do trabalho 17h/17h30min. No final de semana, chega na sua casa 19h, liga para os amigos. Marca alguma saída. Sai umas 22h e volta umas 2h. Geralmente vai ao CDMAC ou ali por perto.
Entrevistada 8	
Modalidade: Estuda e Trabalha	
Perfil Social	Quando? Onde?
A Entrevistada 8; menina; possui 24 anos de idade; está com o nível superior em andamento; é solteira; autodeclara-se branca. Não soube dizer a renda da sua família, porque o pai ganha um salário mínimo; ele é aposentado. A mãe dela trabalha de 15 em 15 dias, é folgista (autônoma). Porém trabalha também no CDMAC, vendendo bebidas. A entrevistada tem o seu salário próprio (salário mínimo). Mora com pai, mãe e irmão. Se pudesse somente trabalhava, pois gosta de	Esta entrevista é realizada no dia 02 de novembro de 2016, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), local em que trabalha a Entrevistada 8 em questão. A entrevista durou 48min33s.

trabalhar e relativa preguiça de estudar, mas como o estudo se aponta como necessário para ela, o faz, mas isso não significa que ela não gosta de estudar, pois, para ela, o estudo é importante.

**Questões relativas ao ter ao não ter um filho:
Impactos na vida das jovens entrevistadas**

Se tivesse tido um filho, sobressai-se o tempo que seria destinado ao filho e a questão financeira, especialmente pelos custos que podem envolver a criação de uma criança (saúde; educação; alimentação).

Rotina Semanal

Segunda-feira geralmente é o dia de folga. Esse semestre ela está estudando somente dois dias na semana, mas tem aula online, o que a faz ir para faculdade na quinta/sexta-feira.

Segunda/terça/quarta-feira ela fica em casa. Dorme até 9h/10h. Quando acorda, organiza algo para comer e vai trabalhar das 14h às 21h/22h. Quando tem que ir para aula, é às 7h30min, lá na Av Washington Soares, saindo de lá às 11h. Volta para casa, toma banho, come algo, vai para o trabalho. No fim de semana faz alguma coisa. Ou não faz nada. Estuda; vai à praia. Não costuma mais ir com tanta frequência à praia do Poço da Draga por causa da violência (roubo; assaltos) que ela considera ter aumentado, por causa das pessoas que vem de outras localidades para lá. Então programar-se antes para ir para outra praia.

Entrevistada 9

Modalidade: Não Estuda e Não Trabalha

Perfil Social

A Entrevistada 9; menina; possui 17 anos de idade; menor de idade; autodeclarou-se morena; interrompeu os estudos no nono ano para cuidar da sua mãe, pois não havia outra pessoa para ser responsável pelos cuidados de sua mãe, mas agora que ela não está mais doente, a Entrevistada 9 diz que pretende retornar os estudos.

Não soube informar a renda da sua família; mora com a mãe, irmã e sobrinha; não recebe ajuda financeira de ninguém. Também diz que gostaria de trabalhar, mas não soube informar o motivo.

Quando? Onde?

Esta entrevista é realizada no dia 28 de novembro de 2016, na comunidade Poço da Draga, no Pavilhão A entrevista durou 18min29s.

**Questões relativas ao ter ao não ter um filho:
Impactos na vida das jovens entrevistadas**

Se tivesse tido um filho acha que teria parado de praticar o triathlon, porque teria que cuidar da criança. Acha também que não poderia sair com frequência de casa.

Rotina Semanal

Segunda-feira ela acorda 8h, depois vai treinar (triathlon) com os(as) amigos(as), até mais ou menos 9h. Depois vai para casa, cuida da sobrinha. 15h vai para o treino, ficando até umas 17h. Vai para casa e assiste novela. Isso acontece todos os dias da semana. Treina, na semana, geralmente com os amigos, pela manhã. À tarde costuma praticar o esporte com a supervisão do professor. No fim de semana às vezes vai à praia (geralmente a da própria comunidade) ou ao shopping (RioMar) – passear ou assistir filme.

Entrevistada 10

Modalidade: Tem Filho; Não Trabalha e Não Estuda

Perfil Social

A Entrevistada 10; menina; possui 17 anos de idade; ainda não concluiu o Ensino Médio.

Ela diz que gostaria de estudar e trabalhar. Em relação aos estudos, ela diz que interrompeu, pois ficou reprovado em uma disciplina e não teve como fazer a prova, na época, por causa do seu filho. Mesmo assim, a Entrevistada 10 afirma que irá retomar os estudos em breve.

Fomalmente falando é solteira; mora com quem teve o

Quando? Onde?

Esta entrevista é realizada no dia 15 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na calçada da casa da mãe da entrevistada. A mãe da entrevistada acompanha a entrevista e faz algumas intervenções ao longo desta. Ao longo da mesma entrevista, também se aproxima uma vizinha que acompanha o desenvolvimento da entrevista. A entrevista durou 20min30s.

seu filho; autodeclara-se morena; a renda da sua família é de 1 salário mínimo; mora com o filho e com quem teve o filho.

**Questões relativas ao ter ao não ter um filho:
Impactos na vida das jovens entrevistadas**

Antes de ter filho ela diz que estudava e saía, frequentava festas, ficava conversando na rua com amigas e primas. Agora não pode mais, pois tem que cuidar do filho. Diz não ter tempo para o lazer, mas às vezes ela diz que consegue dar uma voltinha no calçadão, com o filho. O pai do seu filho não ajuda no cuidado com o filho deles. Se ela não tivesse tido um filho hoje não estaria “junta”, estaria saindo; curtindo; estudando. A mãe da entrevistada diz que ela passou anteriormente em um curso de designer e que havia conseguido um emprego, mas não pode ter ambos por sua gravidez.

Rotina Semanal

Ela acorda 12h. Faz merenda, almoço, banho a criança, arruma a casa. Quando percebe já é noite. Ela diz que para o homem tudo é mais fácil, pois passa o dia todo no celular. Na academia. Não precisa se preocupar com tais questões.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Com as informações apresentadas acima, pode-se ter uma noção geral do público entrevistado, com algumas de suas características. Desse modo, o trabalho de campo se deu com o objetivo de adentrar no universo simbólico e representativo da vida dos(as) investigados. Buscou-se colher informações necessárias às tramas da investigação mediante a realização de entrevistas de natureza semiestruturada, tendo em vista que a técnica possibilita a realização da pesquisa à formulação de perguntas aos(as) 10 jovens e 2 moradores do Poço da Draga, conferindo a pesquisa interação social e atender aos objetivos desta.

Ressalta-se portanto que, além dos(as) jovens, também foram entrevistados dois moradores do Poço da Draga. Ambos com forte presença e reconhecimento neste local. Foi a partir do contato com essas duas pessoas que se teve o acesso aos(as) jovens. O entrevistado 11, professor de Educação Física do Poço da Draga, e a entrevistada 12, conhecida pela sua atuação/liderança no Poço da Draga na busca/luta por melhorias para a comunidade. As entrevistas dos dois interlocutores em questão subsidiam a discussão em torno da comunidade. Todos os(as) entrevistados foram designados por numeração, para resguardar o anonimato.

A primeira ida ao campo para encontrar o entrevistado 11, único contato até aquele momento, aconteceu no dia 13/10/2016. O entrevistado 11 apresentou a entrevistada 12. Depois disso, a entrevistada 12 forneceu, após feita a apresentação da pesquisa para ela, alguns contatos telefônicos dos(as) jovens do Poço da Draga. A partir daí, efetuaram-se os contatos, convidando-os(as) a participar. Finalizam-se as entrevistas no dia 02/12/16. Estas foram realizadas no Poço da Draga, em lugares distintos de lá, conforme disponibilidade dos(as) jovens, exceto a da Entrevistada 8, que foi necessário o deslocamento ao seu local de

trabalho. No total, foram feitas 12 entrevistas, 10 com os(as) jovens e mais duas com os dois moradores citados anteriormente.

Ressalta-se que as questões que foram apresentadas durante as entrevistas tiveram por objetivo aproximar a particularidade do “[...] conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc” de cada um (GIL, 1994, p.124).

As entrevistas foram gravadas por um aparelho celular, depois transcritas na íntegra para a análise. A gravação ficou arquivada no GESPEL⁴, para os fins deste estudo e posteriores investigações que possam demandá-las. Todos(as) os(as) entrevistados(as) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, quando necessário, quando o(a) jovem tinha menos de 18 anos de idade, o Termo de Assentimento, encaminhado aos pais ou responsáveis. Todos os termos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

Na perspectiva metodológica, o parâmetro de análise e/ou interpretação dos dados da pesquisa de campo se deu guiada pela dialética marxista, pautada por um olhar e escrita conduzida por uma perspectiva crítica. A análise significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. (MARCONI; LAKATOS, 2001).

É uma tentativa de evidenciar relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. A interpretação é uma atividade intelectual que visa dar um significado mais amplo às respostas, relacionando-as a outros conhecimentos. (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Compactua-se com Gomes (1994) quando se acredita que a análise e a interpretação fazem parte do mesmo processo.

Segundo Minayo (2004), a dialética marxista cerca o objeto de conhecimento pela compreensão de suas mediações e correlações. O materialismo dialético entende o processo histórico em seu dinamismo, provisoriedade e transformação. Compreende que toda construção social é histórica, sujeita à mudança e à transformação. Assim, fenômenos econômicos e sociais são produtos da ação, interação, produção e reprodução da sociedade pelos indivíduos. Com isso, “busca apreender a prática social empírica dos indivíduos em sociedade (nos grupos e classes sociais), e realizar a crítica das ideologias, isto é, do imbricamento do sujeito e do objeto [...]” (MINAYO, 2004, p.65).

O método dialético busca as relações concretas e efetivas por trás dos fenômenos. É considerada:

⁴ Grupo de Estudos de Sociologia e Pedagogia do Esporte e do Lazer, coordenado pela Prof^a Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto.

[...] a metodologia mais conveniente para a realidade social, ao ponto de a tomarmos como postura metodológica específica para essa realidade no sentido em que não se aplica à realidade natural, porque é destituída de fenómeno histórico subjetivo. Nem por isso deixará de conviver com estruturas da lógica, pelo que faz sentido falarmos de lógica dialética [...]. Entre as realidades natural e social há diferenças suficientes, não estanques. Entretanto, para além das condições objetivas, a realidade social é movida igualmente por condições subjetivas, que não são nem maiores nem menores (DEMO, 1995, p. 89).

De tal modo, esta escolha implicou em uma visão totalizante do real. Ou seja, “[...] por meio dela tenta-se perceber os diferentes elementos sociais como interligados a uma mesma totalidade. O agir e o pensar [...] sempre implicam a percepção do todo, uma certa visão do conjunto das relações (ZAGO, 2013, p. 112).

Partindo desse entendimento acerca da sistematização da análise dos dados da pesquisa de campo (empírica), esclareceu-se que para estabelecer uma organização, optou-se por sintetizar os temas debatidos durante as entrevistas realizadas com os(as) jovens em três blocos de questões que abordam todas as categorias centrais do presente estudo.

Ao longo do texto, as questões utilizadas nas entrevistas inicialmente aparecem nas sentenças dos jovens. Logo depois, apresentaram-se os argumentos nas sentenças dos jovens. Todos os blocos de questões seguiram essa mesma ordem de apresentação e análise/interpretação. Ou seja, primeiro os jovens entrevistados, depois as jovens entrevistadas. Isso se deu unicamente porque as transcrições das entrevistas foram iniciadas pelos relatos dos jovens. Logo, a análise sobre as falas nas perspectivas dos interlocutores em questão aconteceu antes da análise das jovens entrevistadas.

Os dois blocos de questões elaborados com o conteúdo colhido, fruto da aplicação do roteiro de entrevista com os(as) jovens, foram esquematizados da seguinte maneira:

- Bloco 1: Fruição do lazer

Diz respeito ao primeiro bloco de questões da análise dos dados. O “Bloco 1: Fruição e prática do lazer” está localizado no capítulo “*Aprender a relacionar os saberes: estabelecendo possíveis relações entre a fruição do lazer dos(as) jovens do poço da draga com os pilares da educação/do conhecimento (aprender a ser e aprender a viver juntos)*”. Nele basicamente apresentou-se e discutiu-se a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga.

- Bloco 2: *Aprender a ser e aprender a viver juntos*

Equivale ao segundo bloco de questão da análise dos dados. O bloco em questão subdividiu-se em duas partes: “Bloco 2: *Aprender a ser e aprender a viver juntos - Parte 1: Aprender a ser*”, aborda questões relativas ao *aprender a ser*. Parte 2, denominada de “Bloco 2: *Aprender a ser e aprender a viver juntos - Parte 2: Aprender a viver juntos*”, que aborda questões relativas ao *aprender a viver juntos*. O bloco em questão está localizado no capítulo

“*Aprender* a relacionar os saberes: estabelecendo possíveis relações entre a fruição e a prática do lazer dos(as) jovens do poço da draga com os pilares da educação/do conhecimento (*aprender a ser e aprender a viver juntos*)”.

Por fim, em relação às falas do entrevistado 11 e da entrevistada 12, ambas são encontrados no capítulo “Aprender a desvendar e problematizar a realidade”. Os seus relatos são utilizados para fundamentar a história, apresentar as características e trazer aspectos sobre o cotidiano do Poço da Draga. Inicia-se, agora, após apresentada a introdução da dissertação, pelo capítulo supracitado.

2 APRENDER A DESVENDAR E PROBLEMATIZAR A REALIDADE

2.1 *Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela, o pobre é humilhado, esculachado na favela: as dicotomias do Brasil, do Ceará, de Fortaleza*

Em síntese, o tópico trata de: 1. Uma contextualização geral das problemáticas da realidade social brasileira; 2. Uma caracterização e reflexão sobre os aspectos inerentes e resultantes da desigualdade social que intensifica as dicotomias existentes no Brasil, no Ceará e em Fortaleza; 3. Apontar as problemáticas centrais que inter cruzam o cotidiano dos(as) jovens brasileiros(as), especificamente dos(as) fortalezenses.

Declarado isso, reflete-se sobre a realidade social em que se vive, ao iniciar a leitura⁵ com os fatos narrados sobre os aspectos e os pressupostos estruturadores da formação social e histórica do Brasil contemporâneo. Introduce-se, com isso, a subsequente proposta do tópico com a seguinte epígrafe que arremata passado e presente:

Os problemas brasileiros de hoje, os fundamentais, pode-se dizer que já estavam definidos e postos em equação há 150 anos (CAIO, 2004, p.11-12).

Mas que problemas são esses? Como eles surgem? Os problemas de hoje que o autor em questão faz referência foram (em muitos aspectos) alicerçados e erguidos no passado colonial brasileiro, somados ao conjunto de transformações que resultam deste processo. Portanto, são problemas anteriormente construídos e que perduram aos dias atuais. E é nas tramas e na sombra desse passado recente que se constroem os fundamentos da nacionalidade brasileira. Nesse tempo, povoaram-se regiões semidesertas e gestou-se uma vida humana diferente do que até então havia, além das indígenas e de suas nações (CAIO, 2004).

Conforme a colonização na área tropical e subtropical da América, como é o caso do Brasil, a princípio, diz-se que a ideia de povoamento não parecia interessante para os europeus, principalmente pelas condições naturais⁶ que se apontavam como sendo distintas dos seus lugares de origem.

⁵ Entende-se aqui que “Ler é algo muito sério, mais demandante. Ler um texto não é “passar” licenciosamente, pachorrotamente, sobre as palavras. É apreender como se dão as relações entre as palavras e as composições do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado” (FREIRE, 2014, p.105). Ler é um processo difícil, muitas vezes penoso, mas sempre prazeroso também, como pensa Freire (2004). Assim, deseja-se que tais sentimentos despertados pela leitura estejam presentes para quem estará entrando em intimidade com este texto.

⁶ No caso dos portugueses, a miscibilidade, a mobilidade e aclimatabilidade favoreceram a conquista da terra e nos domínios dos povos tropicais. (FREYRE, 2004). A “[...] formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanência. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez de se retardarem como nas possessões tropicais de ingleses, franceses e holandeses” (FREYRE, 2004, p. 73-74). A colonização dos portugueses baseia-se na utilização e no desenvolvimento de

Na verdade, o comércio (benefícios materiais) era tido como interesse soberano que norteava os grandes acontecimentos – denominados de “descobrimientos” ultramarinos, que, por sinal, aconteciam em várias partes do mundo. Particularmente na América, a situação aconteceu de forma peculiar. Pensava-se que o território habitado por uma rala população indígena não havia de oferecer grandes vantagens aos colonizadores.

Nesse sentido, para obter vantagens esperadas de um território quase “despovoado”, foi preciso povoar essa terra, para então, posteriormente, organizar a produção de gêneros (açúcar/café/tabaco/outros) que despertavam interesse nos colonizadores. É à custa, sobretudo da mão-de-obra escrava indígena e negra africana⁷, que o colono europeu colocava-se enquanto dirigente e grande proprietário rural, um empresário de um negócio que gerava rentabilidade (CAIO 2004).

Assim, na América assistiu-se:

[...] Ao recrutamento de povos bárbaros e semibárbaros, arrancados do seu **habitat** natural e incluídos, sem transição, numa civilização inteiramente estranha. E aí que os esperava? A escravidão no seu pior caráter, o homem reduzido à mais simples expressão (...). Nada mais se queria dele, e nada mais se pediu e obteve que a sua força bruta, material. Esforço muscular primário, sob direção e açoite do feitor (...). (CAIO, 2004, p.272, **grifo nosso**).

É nesse contexto que chegam aqui pessoas como às citadas por Caio (2004), que seriam usadas para o usufruto do colonizar em todos os aspectos da vida que podem ser raciocinados, concretizando com isso a exploração da mão-de-obra negra em sua pior face. (cabe ressaltar que, em nenhum momento, afirma-se que as pessoas escravizadas foram omissas durante todo o processo exposto, pelo contrário, entaves, disputas, lutas em defesa dos seus modos de ser e de viver e movimentos populares de resistência marcam também a história do Brasil, mesmo não abordando aqui tais questões).

No ser humano que havia sido escravizado, não se via nada nele por quem o trouxe para cá. Eles não tinham alma, vida, sentimentos, cultura, modos de vida. A única utilidade deles era edificar riqueza para os que se consideravam “os donos de tudo”. “[...] Tudo isso com o fim de carrear para lá toda a riqueza saqueável e, depois, todo produto da capacidade de produção dos povos conscritos”. (RIBEIRO, 2006, p.36).

riqueza vegetal pelo capital e pelo esforço do particular; a agricultura; a sesmaria; a grande lavoura escravocrata; aproveitamento do nativo, em especial as mulheres, para trabalho e constituição da família.

⁷ “[...] é o fato de vir a nova escravidão desacompanhada, ao contrario do se passara no mundo antigo, de qualquer elemento construtivo, a não ser num aspecto restrito, puramente material, da realização de uma empresa de comercio: um negócio apenas, embora com bons proveitos para seus empreendedores (CAIO, 2004, p.271).

Hoje, “se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco e alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu”, desenvolvidos pela exploração das pessoas escravizadas. Essas minúcias abordadas trazem marcas profundas no rumo desse país, como será exibido (CAIO, 2004, p.31-32).

Conforme Ribeiro (2006), um novo povo surge quando o português chega. Com a vinda do português passa a existir uma confluência com os índios silvícolas e campineiros com negros africanos, em sua maioria tida como escravos. Emerge, então, um Brasil mestiço (europeu; africano; nativo) com características próprias.

Nas palavras de Freyre (2004), na América tropical surgiu uma sociedade com atributos eminentemente agrários; escravocrata na técnica de exploração econômica; híbrida de índio, e depois de negros em sua estrutura. Três, portanto, são as principais influências do Brasil: indígena, africana e portuguesa. Diante desse cenário, destaca-se o conflito desta população com o europeu durante a colonização, cujas disputas aconteciam em vários níveis: biótico, ecológico, étnico-cultural, etc. Isso para dizer que a história brasileira é escrita por meio de antagonismo e disputada/divergência de pensamentos e interesses. Desse jeito:

[...] a formação brasileira tem sido, na verdade [...] um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (FREYRE, 2004, p. 116).

Antagonismos e disputas que se alastraram aos dias de hoje, como é o que ocorre entre ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, detentores e não detentores dos meios de produção, fruto das dicotomias do Brasil. Com o pronunciado, enfim avança-se aos dias de hoje, não unicamente pelo caso do presente estudo não ter a finalidade de aprofundar a história da formação do Brasil, mas porque a intenção com essa discussão é especialmente feita para resgatar elementos dessa história, reportando-a, quando possível, à atualidade.

O esforço para lembrar das minúcias que permeiam e foram sendo marcantes desde a formação do Brasil é para declarar que: i) quando se fala em *disparidade de gênero* hoje (durante a análise dos dados da pesquisa de campo apresenta-se particularidades das jovens e dos jovens), é porque também foi construída lá atrás uma sociedade que se viveu

relações em que se destinava a mulher⁸ ao âmbito privado: o lar. Em oposto, no caso do homem, destinou-se o espaço público: a rua; o poder. Viveu-se e ainda vive-se em uma sociedade baseada no patriarcado, no machismo, no sexismo. (Entende-se que estas são características que vem sendo presentes desde a formação do Brasil. Não se enfatiza aqui uma perspectiva de causa e consequência, mas sim *de permanência* de tais fatores até hoje).

Entender isso é dialogar com possíveis barreiras que muitas jovens mulheres enfrentam na sociedade contemporânea, inclusive durante o tempo-espaço da fruição do lazer. Fatores como os citados acima podem impactar o direito de ir e vir das mulheres e na apropriação desigual do espaço público.

Uma experiência semelhante que colabora com a ideia pode ser detectada na reportagem publicada no Jornal *online* Tribuna do Ceará (2017), intitulada: “Pesquisa aponta que 80% dos homens acham incorreto mulher ficar bêbada em festa”, que além da informação que o próprio título da reportagem propõe, coloca também que 78% das pessoas que participaram da pesquisa não interferem em briga de casal, ou interferem apenas em casos de violência extrema.

Na mesma pesquisa, 26% das pessoas acreditam que, em alguns casos, a mulher pode ter culpa por ela ter sido estuprada. A reportagem aponta, além disso, dados de pesquisas anteriores da mesma natureza, realizada em anos anteriores, na qual 79% das jovens brasileiras afirmaram que foram assediadas, receberam cantadas ofensivas, violentas e desrespeitosas ou foram abordadas de maneira agressiva em festas e locais públicos.

Tem-se que dizer que as barreiras enfrentadas pelas mulheres pelo fato de serem mulheres não se restringem ao lazer. Propaga-se cotidianamente a ideia da restrição do cuidado das tarefas domésticas às mulheres, bem como o cuidado dos filhos. Incide ainda para as mulheres o recebimento de menores salários no mercado de trabalho, dentre outros inúmeros fatores que reforçam a desvalorização da mulher na sociedade contemporânea.

Em outro assunto, ii) quando se pensa em *racismo e preconceito*⁹, vigentes ainda nos dias de hoje, é preciso também reconhecer que tivemos uma colonização baseada no escravismo; na exploração do povo negro e indígena, cujas diferenças de raça e de cor separavam os senhores (“donos de tudo”) das pessoas que foram escravizadas. Elas, as

⁸ “Mas pode-se afirmar, sem correr o risco do exagero, que mesmo hoje, nesta era de transformação e mudanças rápidas, o homem é o englobador do mundo da rua, do mercado, do trabalho, da política e das leis, ao passo que a mulher engloba o mundo da casa, da família, das regras e costumes relativos à mesa e à hospitalidade” (DAMATTA, 2001, p.61). Concorde-se parcialmente com a assertiva, pois muitas mudanças ocorreram do ano da publicação da obra aos dias de hoje. As mulheres hoje ocupam espaços antes inimagináveis pelos homens. Mas, mesmo com avanços, ainda falta muito para alcançar a equidade de gêneros em todos os âmbitos da vida.

⁹ “Numa sociedade onde não há igualdade entre as pessoas, o preconceito velado é forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar [...]” (DAMATTA, 2001, p.46).

peças escravizadas, não eram consideradas e vistas como gente; povo; pessoa. Desde hoje, ambos ainda persistem e assombram a realidade brasileira.

Ilustram-se essas ideias citadas com o fragmento do relato da entrevistada 12¹⁰, uma moradora e militante do Poço da Draga, ao discorrer sobre a sua história de vida nesse lugar. A entrevistada 12 expõe fatos da sua infância, ao lembrar-se das dificuldades de sua mãe no espaço de trabalho.

E minha mãe, ela começou a trabalhar muito cedo; ela veio de uma família muito pobre, né. Minha avó lavava roupa num córrego que tinha aqui próximo. E meu avô era pedreiro. E aí tinha treze filhos. E eu acredito que a única que estudou mesmo foi minha mãe, que chegou até a 5ª série. Aí em virtude da família grande, e os pais já bem antigos, bem velhos, ela foi trabalhar em casa de família. E aí ela viu que a situação era muito complicada, porque as pessoas naquela época, quando tinha os meninos, botavam (os meninos) na cozinha, né. E uma das coisas que ela sempre falava para nós era que ela não ia colocar os filhos dela na cozinha dos brancos. Ela sempre dizia essa frase, sabe (demonstrando emoção/mudança do tom da voz). Por que era muito sofrido! **As pessoas não tinham essa pessoa como uma prestadora de serviço, mas sim como uma escrava.** Não tinha hora pra comer. Só comia depois que os donos da casa (ENTREVISTADA 12, **grifo nosso**).

Com a citação, fica explícito o distanciamento que existe entre os “brancos”, que ocupam a “casa grande”; e as pessoas que trabalhavam para eles, que ocupam a “senzala”, em decorrência da invisibilidade social que os segmentos minoritários recebiam e ainda recebem diariamente em diversos âmbitos da vida; no espaço do trabalho, na rua, no não acesso aos serviços públicos, com as marcas de um contexto de violação e negação de direitos básicos.

Percebe-se também na fala da entrevistada que o acesso à educação era muito mais difícil para a classe trabalhadora e que os estudos eram muitas vezes interrompidos pela efetividade da necessidade mais elementar de todas: a sobrevivência.

Não menos diferente, iii) quando se cogita a *desigualdade social* (intensificada com o passar dos anos) é porque também aqui no Brasil chegaram pessoas que o denominaram como sendo “Deles” (os colonizadores); a terra “Deles”; as plantas “Deles”; a riqueza “Deles”. Aos que aqui estavam pouco ou nada lhes restou. Aos que vieram trabalhar e ajudar na produção das riquezas “Deles”: foram explorados e vistos sem importância, pois o trabalho era servil. E estes, quando “contextualmente” mais tarde foram “livres”, estavam em condições de vida desfavoráveis (desamparados, deslocados, sem ocupação fixa, a margem da ordem social e à mercê do crime e da caridade. Sem nada, continuavam a depender das riquezas “Deles” (CAIO, 2004).

¹⁰ Esta entrevista é realizada no dia 15 de outubro de 2016, na comunidade Poço da Draga, na casa da entrevistada. A entrevista durou 28min02s. A Entrevistada auxilia no encontro com os(as) jovens que participaram da pesquisa. Em sua fala pode-se perceber o seu protagonismo na busca por dias melhores.

Deste modo, a colonização brasileira, baseada na monocultura e no latifúndio acentuou ainda mais as disparidades sociais. Com a “libertação” dos povos escravizados, as dificuldades em viver ainda permanecem para estas pessoas. E, desde então, o Brasil está nas estatísticas dos países que mais concentra renda em todo o mundo.

Portanto, discutir as problemáticas inerentes à complexa realidade social brasileira é colocar em pauta de análise as questões que expressam a famigerada questão social, considerada um conjunto de desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais: “[...] mediatizadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da população” (IAMAMOTO, 2012, p.160).

Dito isso, profere-se que a desigualdade brasileira não foi e não é uma fatalidade história. Pelo contrário, é um acordo social de caráter eminentemente excludente, que não reconhece a cidadania de todos(as) (HENRIQUES, s/d). Nessa acepção, ressalta-se que a cidade de Fortaleza-CE, assim como inúmeras das grandes metrópoles brasileiras, carrega as marcas da desigualdade social que, como colocado, persegue a formação do Brasil.

Nesse viés, as problemáticas da comunidade do Poço da Draga expressam-se como uma refração da questão social, averiguado no relato do entrevistado 11¹¹, que diz que no Poço da Draga, há aproximadamente uns 15 anos atrás, era recorrente:

[...] na época a comunidade era muito violenta e a gente tinha homicídios a cada dez dias, muito problema com droga. É... Muito problema de delinquência infantil e juvenil que são: a questão de roubo né; do menor infrator. Naquela época, muito, muito lá atrás, a gente estava com muito menino cheirando cola e iniciando a questão do craque né (ENTREVISTADO 11).

Muitas dessas questões, as drogas, os homicídios, os roubos, os assaltos, ainda persistem e, mesmo que em menores proporções, ainda fazem parte do cotidiano dos(as) jovens do Poço da Draga e, principalmente, dos(as) jovens que moram nas periferias brasileiras. Atualmente, os(as) jovens são ao mesmo tempo os(as) que mais morrem e a que mais matam, especialmente os jovens pobres, negros e de baixa escolaridade.

Nesse contexto, ressalta-se como é difícil para o(a) jovem que vivencia situação semelhante tentar transpô-la. Principalmente pelo estigma que paira no imaginário social das pessoas que aquele(a) jovem “não tem mais jeito”, que é “tudo farinha do mesmo saco” e que

¹¹ A entrevista é realizada no dia 28 de novembro de 2016, na comunidade Poço da Draga, no Pavilhão Acústico. Nesse dia, chega-se mais cedo do que o combinado. Senta-se no banco na entrada da comunidade. Logo em seguida, observa-se o mar e conversa-se com jovens que estavam por ali. Lá escuta as histórias dos(as) jovens, fatos do dia a dia. Depois se realiza a entrevista. O Entrevistado 11 é professor do Projeto Atleta Cidadão no Poço da Draga. A entrevista durou 58min51s.

“bandido bom é bandido morto”. Essas colocações, ancoradas no discurso do medo e da insegurança, geram o aumento da repressão e da intensificação das práticas somente punitivas destinadas aos(as) jovens das periferias. Nessa lógica, oportunidades fecham-se para eles(as).

Esse(a) mesmo(a) jovem, quando tenta afastar-se dessa situação ou nela permanece, enfrenta diversos olhares de rejeição. Olhares que os(as) notam somente como um problema para a sociedade. A maioria da população não consegue refletir sobre as causas que o(a) levam a chegar nessa situação. Não acontece pela maioria da população o reconhecimento e a sensibilização na garantia da cidadania dos(as) jovens, em meio ao contexto de violação dos direitos humanos e de tantos outros direitos negligenciados. Como o entrevistado 11 diz, o cotidiano¹² desse(a) jovem é resumido da seguinte maneira:

Aí ele (o jovem) já sai da casa dele que tá “ba ba ba ba” sobre drogas; vem da comunidade “ba ba ba ba”; para na mercearia “ba ba ba ba”; então é sempre aquela mesma coisa! Quando ele vai para o treino, poxa, ele quer treinar, entendeu. Então ele quer tá na igualdade com os outros atletas. De correr, nadar. Ele quer desopilar. Tocar nesse assunto dentro do grupo pra ele não é legal.

Em outras palavras, a todo o momento o(a) jovem é estigmatizado, em todos os lugares que ele(a) frequenta. Mesmo quando nasce alguma oportunidade para esse(a) jovem, como o esporte, exemplo obtido durante a fala do entrevistado 12, ainda são precárias as condições objetivas de fruição de uma modalidade esportiva para o(a) jovem. Mesmo com todas as dificuldades diárias, a criatividade de quem é responsável por treiná-los emerge. O entrevistado 11 diz:

[...] como eu não tinha piscina, eu tinha o mar, e como eu não tinha nem a pista de atletismo, nem o tênis para os meninos, eu passei a usar areia, porque não precisava de tênis, e como eu não tinha os cones, eu tinha os cocos na beira da praia. Então eu comecei a utilizar os recursos que a comunidade tinha pra oferecer. No caso, a praia; a areia; o material que ficava por ali bolando. E fui montando o núcleo. Sem grandes pretensões, mas com muita dificuldade, mas que essa dificuldade virava, na verdade, é... A dificuldade acabava virando uma forma de superação para aqueles garotos e eles acabam nessa superação evoluindo tecnicamente como atletas (ENTREVISTADO 11).

¹² Informações sobre o cotidiano do Poço da Draga, segunda a Entrevistada 12: “O dia a dia da Comunidade é isso aí. De dia tá todo mundo dormindo. Como você tava ouvindo lá. O jovem dorme muito. Eles vão à praia. Isso no final de semana. Na semana, a maioria dos meninos estuda. Tem o estágio deles ali no Dragão, ou tem lá na Secretaria do Empreendedorismo, que é da Assistência Social, que a gente aqui da ONG corre atrás pra poder esses meninos se ocuparem; fazer algum curso. [...]. E aí a comunidade hoje ela vive praticamente do comércio informal, né. A feirinha (da Baira Mar), ela mudou muito as atitudes da comunidade, porque as pessoas que estavam apenas com um salário mínimo, a feira proporcionou um valor maior no seu rendimento, né. Não confeccionando só a vestimenta, mas também alugando aquelas barraquinhas [...]” (ENTREVISTADA 12).

Contudo, mesmo reconhecendo a importância dessa iniciativa, o que se procura é que exista um conjunto articulado de políticas públicas que garantam a vivência do esporte e das condições dignas de vida. Que o Estado desenvolva o seu papel ativo no provimento das demandas e das necessidades sociais da população, bem como 1) concretize direitos conquistados e incorporados na lei e 2) aloque e distribua bens públicos que possibilitem a todos(as) o acesso igualitário, gratuito e universal (PEREIRA, 2009).

O entrevistado 11 também diz que, mesmo diante das desistências de alguns de seus(as) alunos(as), dos que estão, segundo ele, no “mundo das drogas” ou presos, também há os(as) jovens que trabalham; que se formam; que se tornam atletas, o que faz com que o seu trabalho auxilie o(a) jovem a vislumbrar a realidade social de várias formas. O entrevistado 11 colocou que costuma auxiliar os seus alunos em diversos contextos da vida, buscando entender o jeito de ser de cada um(a).

Então eu sou muito tranquilo no que diz respeito ao camarada. Hoje ele tá aqui treinando e amanhã ele é uma pessoa do bem, usando as ferramentas dele para o bem; como o camarada pode tá aqui hoje e amanhã ele tá preso, porque tá roubando, tá fazendo isso. Eu não vou julgar nenhum e nem o outro. Se um ou o outro me procurarem e eu puder ajudar de alguma forma, eu vou ajudar (ENTREVISTADO 11).

De tal maneira, o entrevistado 11 aventura-se em seu ofício e no seu projeto para trazer uma contribuição que vai além da perspectiva de uma aula na transmissão somente da técnica para determinada modalidade esportiva, mas que também auxilie os(as) seus(as) alunos(as) com uma formação para a vida, “[...] pra construção do indivíduo como cidadão, utilizando como ferramenta o esporte” (ENTREVISTADO 11).

O entrevistado 11 contribui “[...] no sentido de que ele possa se perceber como indivíduo e perceber seus potenciais; perceber as suas limitações e fazer uma construção em cima de tudo isso [...]” (ENTREVISTADO 11).

Os argumentos fomentam reflexões acerca da temática aqui desenvolvida, ao tentar detectar questões que envolvem os(as) jovens, sobre o potencial e os limites que cada um(a) carrega. Por conseguinte, é solicitado ao leitor(a) que tenha um olhar atento e sensível, compreendendo todas as questões que envolvem o cotidiano dos(as) jovens do Poço da Draga. Com tais argumentos, percebe-se que a desigualdade social faz parte da vida cotidiana dos(as) jovens brasileiros(as) e estabelece estreita relação com as inúmeras problemáticas que dela resulta: violência, fome, miséria, preconceito, intolerância, indiferença, disparidade econômica e social etc.

Logo, para compreender a desigualdade social imersa no contexto/cenário social, político e econômico brasileiro, é necessário atentar que a história do Brasil veio e vem sendo protagonizada por uma herança colonial¹³ que tem como traço - o favor, a dádiva, o mando e a subserviência - como aspectos balizadores da nossa condição atual. Traços que se constituíram como expressão política da desigualdade.

Essas particularidades são “[...] produto de uma herança de injustiça social que vem excluindo parte significativa da população brasileira do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania” (HENRIQUES, s/d, p.1).

Cidadania nomeada por Sales (s/d) de cidadania concedida¹⁴, uma vez que os homens (a autora não usa o termo mulher ou ser humano) livres e pobres ficavam a margem do favor e das dádivas dos senhores de terras.

Consequentemente, “[...] a cultura política da dádiva sobreviveu ao domínio privado das fazendas e engenhos coloniais, sobreviveu à abolição da escravatura, expressou-se de uma forma peculiar no compromisso coronelista” (SALES, s/d, s/p).

Em outras palavras, os direitos básicos: vida, liberdade individual, justiça, propriedade, trabalho e todos os direitos civis eram concebidos como dádivas do senhor da terra. Essa cultura política chega aos dias atuais, na qual é comum a ocorrência da troca de favores, a compra de votos por bens ou produtos, a dependência por lideranças políticas em troca de benefícios próprios - fatores que contribuem para a permanência da desigualdade social.

Integrado a isso, certifica-se que atualmente o crescimento/desenvolvimento econômico tem agravado as condições extremas de desigualdade na população brasileira, expressas de acordo com particularidades: regiões e estado; meio urbano ou rural; centro e periferias; etnias etc, refletindo na forma como as pessoas vivem. Desse modo, a desigualdade, intensificada ao longo dos anos, torna-se cada vez mais aguda. Hoje, pode-se perceber que uma pequena parte da população desfruta de uma vida digna.

[...] O ruim aqui, e efetivo fator causal do atraso, é o modo de ordenação da sociedade, estruturada contra os interesses da população, desde sempre sangrada para servir a desígnios alheios e opostos aos seus. Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. **O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante**, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma de ordem social vigente (RIBEIRO, 2006, p.408, **grifo nosso**).

¹³ Os aspectos da herança colonial, baseada no grande latifundiário escravocrata, vinculado ao poder privado dos senhores de terras, esteve presente ao longo do processo de formação social e político do Brasil. (SALES, s/d).

¹⁴ A cidadania concedida está vinculada, contraditoriamente, à não-cidadania do homem livre e pobre, que dependia dos favores do senhor territorial, que detinha o monopólio privado do mando, para poder usufruir dos direitos elementares de cidadania civil (SALES, s/d, s/p).

Portanto, nota-se que existe um projeto político formulado, pensado e articulado de manutenção do *status quo* de uma minoria, que se sustenta pela concessão de privilégios próprios. Projeto que insiste em ditar os seus interesses particulares, ao passo que deslegitima e contrapõe-se a qualquer ação que almeja (auxilia) fazer com que os segmentos minoritários tentem transpor as inúmeras barreiras da realidade social. (Exemplos de ações não plenamente aceitas pela classe dominante e que geram melhorias significativa na vida de milhões de brasileiros(as): Programa Bolsa Família, Programa Minha Casa Minha Vida, Cotas, Fundo de Financiamento Estudantil – FIES, Programa Universidade para Todos - ProUne, etc).

Reconhece-se a importância que tais programas assumem na vida da parcela da população brasileira que os utiliza. Embora considerado um direito de quem necessitar, como o Programa Bolsa Família, componente da Política de Assistência Social, nem por isso ele deve assumir uma postura de permanência, pois não questiona as reais bases da desigualdade, em seus diversos aspectos, mesmo que auxilie no necessário acesso a construção de uma vida melhor. Ademais, sabe-se que as camadas sociais menos favorecidas enfrentam múltiplas formas de desigualdades¹⁵ no seu cotidiano, expressas de forma econômica (distribuição de renda), racial (entre raças), regional (regiões, cidades e estados) e de gênero (homens e mulheres), que resultam na pobreza, fome, miséria, aumento da taxa de desemprego e outros.

Atualmente, tais aspectos, somados a ação midiática e a lógica consumista, na qual necessidades são socialmente fabricadas, algumas características são determinantes ao perceber como as pessoas são vistas/aceitas socialmente¹⁶: o lugar em que você mora; o que você faz; status econômico; os bens que você tem; a aparência; a forma como você se veste; a sua cor; a raça e a etnia. Alguns desses fatores são evidenciados no discurso dos(as) entrevistados(as), ao falar sobre a discriminação e preconceito presentes em seus cotidianos.

No cenário da juventude, o processo de exclusão social, engendrada pela desigualdade social, denota: “[...] à precarização do trabalho, desqualificação social, desfiliação social, desagregação identitária, desumanização do outro e anulação da alteridade” (NOGUEIRA, 2011, p.107).

Relacionam-se com isso as diversas problemáticas, como é o caso da violência, da fome, do desemprego estrutural, da insegurança, da população que vive hoje na rua, da falta

¹⁵ Num panorama global, pode-se explicar a desigualdade social segundo a reportagem “1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes”, publicada na BBC Brasil (2016), em que somente 1% de toda a população mundial detém a maioria da riqueza do planeta. Nessa mesma reportagem pode-se concluir que 62 pessoas mais ricas do mundo possuem mais riqueza do que os 50% mais pobres.

¹⁶ Basta observar que nós, brasileiros, somos um povo marcado e dividido pelas ordens tradicionais: o nome de família, o título de doutor, a cor da pele, o bairro onde moramos, o nome do padrinho, as relações pessoais, o ser amigo do Rei, Chefe Político ou Presidente. Tudo isso nos classifica de modo irremediável (DAMATTA, 2001, p.77).

de acesso a serviços básicos. No caso do Poço da Draga, algumas dessas problemáticas, presentes no cotidiano dos(as) jovens, foram identificadas.

A gente ainda tem muitas meninas engravidando muito cedo [...].

A gente ainda tem muito problema de reincidência, da delinquência juvenil, que é o menor infrator [...].

[...] no que diz respeito às ações pra questão do estudo, da formação, de conhecimento, da preparação pra universidade ou pro primeiro emprego, ainda deixa muito a desejar. A gente não consegue. É uma comunidade que ainda se encontra sem um saneamento de esgoto, sem asfalto. É uma comunidade que nós temos um líder eleito, mas que até então há muito tempo já prorrogou o prazo dele e não houve novas eleições pra essa nova liderança e a gente tem uma pessoa que se intitula como líder, mas que não é de direito, mas é de fato. E isso é ruim, porque você tira a legitimidade dessa pessoa né. É... A gente ainda tem muitas ações pontuais. Vem muitas ações, mas elas não são contínuas. Elas são pontuais [...] (ENTREVISTADO 11).

A questão da gravidez é evidenciada na própria inserção no Poço da Draga, pois jovens tinham filho ou estavam grávidas quando se selecionava o público para a entrevista. Muitos jovens viviam processos semelhantes, pois eram pais. Acerca das ações pontuais, elas se caracterizam como iniciativas que acontecem esporadicamente (shows, oficinas, etc), o que segundo o entrevistado 11, não se torna interessante por sua não continuidade.

A desigualdade social atinge grandes proporções da população brasileira e o público juvenil é um contingente atingido pelos processos de exclusão social, decorrente da desigualdade social. Corroborando com o entrevistado 11, entende-se que os(as) jovens vivenciam em suas trajetórias:

Emprego precoce e subemprego, escolarização precária, exílio em bairros decadentes, etc. possuem características particulares quando a discussão é focada na juventude: a desigualdade social tem provocado uma concepção do jovem como um problema social, propenso à delinquência e ao uso de drogas, devendo, portanto, tomar parte de projetos de sociais capazes de promover uma ‘correta’ socialização (NOGUEIRA, 2011, p.104).

Nessa perspectiva, pode-se pronunciar que as juventudes de Fortaleza-CE são marcadas pela diversidade; vivem suas vida, ocupam espaços, dividem-se por gênero, religião e raça, assim como os(as) demais jovens brasileiros(as) que habitam as metrópoles. Nessa conjectura, perceber as juventudes associadas aos fatores citados revela que essa categoria não deve ser pensada distante do seu contexto social, cultural, histórico, político e econômico, pois em alguns contextos de vida específicos:

É difícil para um menino brasileiro, sem consideração da sociedade, crescer um homem inteiro, muito mais do que metade. Fico olhando as ruas, as vielas que ligam

meu futuro ao meu passado e vejo bem como driblei o errado, até fazer taxista crer que posso ser mais digno do que um bandido branco e becado. Falo querendo entender, canto para espalhar o saber e fazer você perceber que há sempre um mundo, apesar de já começado, há sempre um mundo pra gente fazer um mundo não acabado. Um mundo filho nosso, com a nossa cara, o mundo que eu disponho agora foi criado por mim, Euzin, pobre curumim, rico, franzino e risonho, sou milionário do sonho (EMICIDA, Milionário do Sonho).

O fragmento da música descrita acima traduz, em parte, a angústia que acomete milhares de jovens que enfrentam dificuldades ao pretenderem vivenciar um processo de mobilidade social, ao tentar transpor as violações diárias de direitos sociais, políticos, civis e humanos que se materializam no cotidiano. O(a) jovem pobre, negro(a) e morador(a) da periferia é mais afetado com todas essas problemáticas se levado em conta o jovem branco e de classe média alta. O percurso sócio histórico da juventude advinda de grupos populares, em grande parte pertencente à classe trabalhadora, aponta que os processos de institucionalização e violência não resultam em mudanças no lugar social ocupado por esse segmento.

No caso do público jovem fortalezense, segundo informações do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE (2013)¹⁷, tem-se 718.613 pessoas no grupo etário de 15 a 29 anos, o que corresponde a 29,3% da população fortalezense e a 28,8% do total de jovens do estado do Ceará. Portanto, Fortaleza tem uma parcela expressiva considerada jovem. Desse total de jovens que vivem em Fortaleza, em relação ao acesso à educação e escolaridade: apenas 37% são estudantes, enquanto 61% não estudam. Contudo esses jovens que não estudam afirmam ter estudado ou concluído o ensino médio anteriormente. No entanto, 1,9% de jovens nunca frequentou a escola e 2,1% afirmam não saber ler e nem escrever. O maior subgrupo, dos jovens entre 15 a 19 anos, é o com maior vida escolar ativa, com 69,7% (IPECE, 2013).

Os dados acima revelam em suas entrelinhas a precarização da educação brasileira. O entrevistado 11 diz que é um desafio a inserção e a permanência do(a) jovem do Poço da Draga na escola, na universidade. Reflete-se a fragilidade da educação brasileira, que não é, na maioria das vezes, pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade. Portanto, o acesso e a permanência na educação devem ser compreendidas nesse argumento e não na culpabilização tão somente dos(as) jovens.

Os dados apresentados devem ser levados em conta, pois o(a) jovem que tem acesso à educação de qualidade e que pode dar continuidade aos seus estudos, no futuro, é o(a) mesmo(a) que terá as melhores oportunidades de inserção no mercado de trabalho ou pelo menos é o que supostamente imagina (imaginava-se) que aconteça.

¹⁷ Dados e informações estão em conformidade ao que demonstra o Censo Demográfico realizado no ano de 2010 em Fortaleza-CE.

De qualquer forma, pode-se constatar que a educação e o trabalho são pensados de maneira interligada no segmento das juventudes. Assim, quem tem menos acesso à educação de qualidade, geralmente é aquele(a) que vivencia o trabalho informal e precarizado. É preciso dizer também que devido à situação econômica em que muitos(as) jovens se encontram, muitos(as) deles(as) se veem obrigados a abandonar os seus estudos para ingressar no mercado de trabalho. E em relação à inserção no mercado de trabalho, 61,5% dos jovens se enquadra na População Economicamente Ativa (PEA), ou seja, estão no mercado na condição de ocupados ou desempregados procurando emprego.

A proporção maior de jovens ativos é de rapazes (67,2%), quando comparado com as moças (56,2%). Cabe salientar que à medida em que a idade juvenil avança, maior é o percentual de indivíduos economicamente ativos. Informa-se que as jovens fazem parte do público que mais prolonga os estudos, em relação aos jovens, o que de certa forma subsidia a afirmação de que os jovens estão em maior proporção no mercado de trabalho, uma vez que as mulheres dedicam-se mais aos estudos.

No que se refere à alocação de tempo dos jovens entre trabalho e estudo, os dados revelam que 56,1% dos jovens declaram-se economicamente inativos, ou seja, estão fora do mercado de trabalho e são estudantes. De outro lado, 43,9% dos jovens que não estão na PEA não declararam estar estudando. (IPECE, 2013). Sobre isso Antunes (2011) vai colocar que as transformações do mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo resultam no desemprego estrutural, no qual esse atinge visceralmente os(as) jovens.

Elucida-se sobre o trabalho e o estudo com a reportagem: “Ceará é o terceiro do Brasil onde jovens não estudam nem trabalham”, publicada no Jornal O Povo (2015). O estado do Ceará aparece como o terceiro em maior número de jovens (entre 15 a 24 anos de idade) que nem estudam e nem trabalham. Estes jovens possuem renda familiar per capita menor ou igual a um salário mínimo (R\$ 788). Na mesma reportagem, o estado é considerado o quinto do País com maior taxa de analfabetismo na população de 15 ou mais anos de idade.

Quando se vislumbra o tempo futuro, as questões como as aqui postas geram uma incerteza ainda maior a propósito dos dias sombrios que estão por vir, uma vez que neles muitos(as) jovens poderão não ter acesso à educação, assim como não poderão também ter acesso a tantos outros direitos sociais básicos e fundamentais consagrados constitucionalmente (mesmo longe de serem efetivados plenamente).

Ao pensar na atual conjuntura que emerge com a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 255/2016, chamada também de “PEC do teto dos gastos públicos”, aprovada em segundo turno pelo Plenário, que institui um novo regime fiscal no

âmbito dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União, fica evidente que as agudas problemáticas sociais que compõem a realidade social brasileira irão se tornar mais intensas.

Notadamente, a maioria da população brasileira, aquela, claro, pertencente à classe trabalhadora, sofrerá conseqüente intensificação das múltiplas refrações da chamada questão social, visto que os investimentos voltados à educação, à saúde, à assistência social e outras áreas deverão obedecer a um limite orçamentário estabelecido.

Assim, as áreas consideradas básicas que devem garantir uma vida humana digna, sofrem grandes impactos e redução no tocante ao seu orçamento, pois com a PEC 255/2016 espera-se que aconteça um limite/congelamento para os gastos públicos pelos próximos 20 anos. Com isso, é preciso dizer que o Brasil que está sendo gestado no governo de Temer aponta como tendência a retração latente do papel do Estado e das políticas públicas, o que amplia as disparidades sociais.

Além disso, em Fortaleza-CE, pode-se pronunciar que os(as) jovens são diariamente vítimas dos mais diversos tipos de violência (moral, simbólica, física, social) e alvo de discriminações. Para Brenner (2008), as disparidades socioeconômicas da sociedade brasileira interferem “[...] na desigualdade da qualidade do tempo livre juvenil e no precário acesso a bens, serviços e espaços públicos de cultura e lazer” (p. 41) dos jovens. O precário acesso aos serviços e espaços públicos de lazer ganha vida no relato do entrevistado 11:

[...] teve um dia que um atleta meu foi pra Salvador, Ilhéus, (ele) foi o mais bem classificado lá e quando ele chegou, a federação disse: “oh, você quer vir para o alto rendimento treinar aqui?” E ele veio todo, né, o Fulano (nome fictício) e disse: “não professor, tão me chamando lá, mas eu não quero ir, eu gosto de treinar é com o senhor”. E eu disse: “cara, olha onde a gente tá treinando, a gente treina; tá treinando num buraco, cara. Isso aqui é um buraco, tem um esgoto aqui do lado”. Que na época era o esgoto ali do lado do paredão, que ainda tem até hoje ali no paredão da João Cordeiro né. E eu digo: “**quem é que vai enxergar a gente aqui, cara?** O que tu quer pra a tua vida?”

Não, ele disse: “eu quero ser atleta profissional!”; eu disse: “aqui já deu, entendeu? Agora é hora de você ir pra federação”. E ele: “mas eu não gosto da federação”. E eu disse: “você não vai namorar com ninguém lá. Você precisa entender que a federação vai te dar visibilidade pra que uma outra equipe, maior de que a federação possa buscá-lo, assim como a federação está lhe buscando. Entendeu? Por que assim, seria muito egoísmo da minha parte Fulano (nome fictício) se eu quisesse ter você como propriedade minha. Você não é propriedade minha, cara. Entendeu? Aqui já deu! [...] (ENTREVISTADO 11, **grifo nosso**).

Como dito, no caso em questão, aparece como mínimas as condições ao acesso ao mundo do esporte, do lazer e da cultura no universo juvenil, especialmente por tais elementos serem ainda marginalizados, negligenciados e não valorizados socialmente, além do esquecimento do poder público em relação às periferias brasileiras.

No assunto sobre o acesso aos serviços, espaços e equipamentos públicos de lazer, à luz de outras questões que contribuem também com a ampliação do entendimento do segmento juvenil em sua pluralidade, apontam-se as *questões de gênero e cor da pele*, pois os fatores supracitados certamente interferem na forma como cada jovem frequenta e se apropria ou não de determinado espaço/equipamento de lazer. Nesse aspecto, retoma-se o direito de ir e vir que tem inúmeras barreiras que devem ser analisadas quando se fala em gênero.

No Brasil, a cada 11 minutos um estupro acontece, dele 90 % das vítimas são mulheres. Praticamente todas as violências sexuais contra mulheres são cometidas por homens, chegando a 98%. Somado a esse agravante, não se pode negligenciar questões como: cor, raça e etnia; financeiras; orientação sexual, local de moradia e outros aspectos mencionados anteriormente como fatores que diferenciam os gêneros e elabora distinções em como você é visto e tratado pelas pessoas.

Imagina-se agora os possíveis riscos que permeiam a saída de casa de uma mulher à noite para encontrar os(as) amigo(as) em determinado local da cidade de Fortaleza-CE em seu momento de lazer. Lembrar-se-ia que 70% dos estupros são cometidos por conhecidos: parentes, (ex) namorados, amigos e outros. Assim, esses são alguns fatores que devem ser levados em conta quando se busca conhecer o universo juvenil. E, ainda, se ela é uma mulher negra? Que diferenças existem? E se ela mora na periferia?

Na mesma lógica se dá a questão da cor no contexto juvenil. Sabe-se que de 2002 a 2008 foram assassinados 4.582 jovens brancos e 12.749 jovens negros no Brasil (WAISELFISZ, 2011).

Dessa maneira, morreram e morrem assassinados mais jovens negros do que jovens brancos. Pode-se atestar que “[...] os números apresentados apenas evidenciam uma realidade que é de natureza estrutural, a desigualdade e a exclusão que se reproduzem historicamente mesmo nos momentos de desenvolvimento do País”. É especialmente a juventude negra e pobre considerada vítima e algoz de uma situação marcada por crimes, mortes, roubos, execuções, tortura, prisões arbitrárias, descumprimentos das leis e violações de direitos humanos (FROTA, 2012).

No que diz respeito à violência, ressalta-se algumas questões que estão interligadas com a vida dos(as) jovens. Segundo o Mapa da Violência 2010: Anatomia dos Homicídios no Brasil, o Brasil, dentre os 91 países pesquisados, ocupa o 6º lugar nas taxas de homicídios na população em geral e em 6º no que se refere a homicídios na população de 15 a 24 anos. Dados do Mapa da Violência (2013) informam que Fortaleza é 6ª capital com maior taxa de homicídios de jovens.

A cidade de Fortaleza é considerada a 7ª cidade mais violenta do mundo, a 2ª cidade (entre as 50) que registra maior número de homicídios e 12ª na posição do mundo das cidades mais violentas, de acordo com estudo realizado pela Organização Não Governamental (ONG) Mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal¹⁸, em 2014, baseada pelos dados de 2013. Fortaleza tem o 4º maior índice de pessoas que dizem ter sido vítima de violência e 47,17% da sua população vivendo em condições de pobreza, segundo a reportagem “Fortaleza tem 4º maior índice de vítimas de violência entre capitais”, publicada no Porta G1 (2013).

Fortaleza deixa o ranking das dez cidades mais violentas do mundo. Atualmente a capital cearense ocupa a 35ª posição da lista das cidades mais violentas do mundo. Entre as 19 cidades brasileiras que aparecem na pesquisa, a cidade ocupa a 12ª colocação, segundo a reportagem “Fortaleza deixa ranking das dez cidades mais violentas do mundo”, publicada no Jornal o Povo (2017), que tem como base a pesquisa realizada pela ONG Mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal.

Portanto, a questão da violência ocupa um lugar central no cotidiano das grandes cidades brasileiras e de Fortaleza também. É evidente que o crescimento da violência aumenta e reforça a insegurança e a instabilidade, contribuindo para a cultura do medo, o que gera e reforça um ciclo de estereótipos, de preconceitos e de não-aceitação das diferenças.

Por fim, tudo dito no tópico é na tentativa de contribuir com a caracterização não de um “brasil” com “b” minúsculo, considerado objeto sem vida; e sim um “Brasil” com “B”¹⁹ maiúsculo, que designa um povo, os seus valores, os seus ideais e suas escolhas (DAMATA, 2011).

Nesse sentido, a tentativa de evidenciar as questões particulares das características do Brasil, surge no sentido de entender e aproximar-se dos fatores culturais que historicamente moldam esse país.

Com isso, estabelecendo analogias e conexões entre esse passado e presente, cita-se que: “*Enquanto os ricos (os senhores donos das terras) moram (ainda) numa casa grande e bela (casa-grande²⁰), o pobre (o povo escravizado) é humilhado, esculachado na favela (senzala)*”. Conclui-se agora o tópico da seguinte maneira e com as seguintes proposições:

¹⁸ O resultado é baseado na relação entre o número de homicídios/100 mil habitantes de cada município. Esse ranking não considera cidades localizadas em regiões em situação de guerra.

¹⁹ “[...] o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada” (DAMATTA, 2001, p. 11-12).

²⁰ “A casa-grande, complementada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social e político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê; a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capela subordinada ao *pater familias*, culto dos mortos

- Aprender a desvendar e problematizar a realidade, como convida o título deste capítulo, requer compreender as teias e os amálgamas que estão atrelados às marcas de um passado ainda recente que inferem nas condicionantes da realidade social de hoje;
- A trágica desigualdade brasileira não é e não foi um acidente ou fatalidade histórica. Ela é fruto de um cenário de exclusão, de um conjunto de relações sociais que moldam esse país;
- O Brasil continua sendo um país de muitos privilégios e benesses para uns, sendo uma minoria da população;
- Aponta-se como inconcebível discutir juventudes sem discutir a sociedade em que o(a) jovem se insere. Portanto, não se pode analisá-lo(a) fora do contexto que o(a) circunda.

A seguir, o subseqüente tópico trará argumentos que sinalizam a história da comunidade Poço da Draga, apontando questões que expressam a história do local em vários aspectos que pairam no seu cotidiano.

2.2 “*São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando*”: o direito de morar, o direito de pertencer, o direito de viver

Em linhas gerais, no tópico há: 1) uma breve exposição da história da comunidade Poço da Draga; 2) os vestígios da luta dos(as) moradores do Poço da Draga pelo seu lugar de origem; 3) as falas dos moradores entrevistados para contar a história do Poço da Draga.

E uma das coisas que a minha mãe foi muito forte foi na reivindicação dos direitos de moradia. Ela pegou impactos assim bem, bem violentos. [...] a gestão da época queria porque queria esse espaço. Vieram vários projetos. Ela batia de frente. Mas um dos projetos que ela viu que a gente estava prestes a perder; ela [...] foi em casa e casa, pediu dois reais a cada um, a cada morador, mandou fazer uma topografia da área. E isso ela só tinha a quinta série. [...] **Mas ela é muito determinada! Ela disse que essa terra era dela, foi da mãe dela, foi do pai dela e ninguém ia tomar. E realmente!** Chegou à época da própria comunidade tá dentro de uma consciência tão grande de pertencimento desse espaço, que fizeram uma manifestação. [...] Foi lindo esse dia. Tanto que hoje isso ficou na memória da comunidade. [...] Teve um desses projetos que veio pra desapropriar mesmo a comunidade. E aí ela [...]. Fez um ofício e mandou para o Ministério Público, dando entrada no Interdito Proibitório, que é uma ação que embargava qualquer obra do estado, se ele não tirasse a ação contra a comunidade. E aí eles tiveram que tirar porque estava fazendo várias ações dentro do estado todo e deixaram a comunidade em paz. Isso foi uma

etc.), de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lave-pés); de política (o compadrismo)” (FREYRE, 2004, p. 37).

das conquista dela, né. [...] O nome dela é muito forte na Comunidade, sabe, em relação à parte de moradia (ENTREVISTADA 12, **grifo nosso**)²¹.

A citação acima expõe algumas pistas sobre a história vivida pelos(as) moradores da/na comunidade Poço da Draga²², localizada na cidade de Fortaleza-CE²³, no bairro Praia de Iracema²⁴. Uma trajetória memorável, marcada por inúmeras lutas, sentimentos de afeto e pertencimento por seus/suas moradores/as. Local que teve/tem vários entraves com as gestões municipais pela conquista desse espaço/território.

O bairro Praia de Iracema é considerado uma das áreas mais nobres da cidade de Fortaleza-CE, mas nem por isso deixa de comportar suas contradições, testemunhadas com a inserção da própria comunidade próxima aos monumentais e “atraentes” prédios; aos famosos bares e restaurantes; do calçadão e de outros pontos turísticos circunvizinhos. Reconhece-se com isso que “O uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória” (CARLOS, 1992, p.23). Nessa ideia:

O produto espacial expressa às contradições que estão na base de uma sociedade de classes e manifesta a segregação decorrente das formas de apropriação da terra que têm sua lógica no desenvolvimento desigual das relações sociais dentro da sociedade (CARLOS, 1992, p.28-29).

No entanto, alega-se que, mesmo diante dos processos contraditórios, inerentes a configuração socioespacial da cidade de Fortaleza-CE²⁵, marcada pela segregação e apropriação desigual do espaço, deve-se entender que o Poço da Draga faz parte dessa cidade e nela deve se insere. Obviamente que:

Não nos moldes daqueles que pensam que a cidade é o entorno de seus umbigos, mas o entendimento do “poço” e da “draga” como matrizes históricas de uma memória em movimento, de uma história por ser contada, de uma tradição que se renova, de identidades em diálogo e de um local importante para a cidade que ainda teima em negá-la (FEITOSA, Jornal O Povo, 2004).

²¹O fato citado acontece quando a mãe da Entrevistada 12 é presidenta da Associação dos Moradores da comunidade, cargo exercido durante 10 anos. Ao deixar a Associação dos Moradores, a mãe da entrevistada funda a ONG Veleumar, na qual ela desenvolve ações voltadas a melhoria da comunidade. Após o falecimento da mãe da entrevistada, os filhos continuam com a ONG Veleumar, como a entrevistada 12.

²² “Originalmente composta por uma colônia de pescadores, os primeiros habitantes se firmaram na região por volta de 1906 com a construção de um pequeno porto à beira do mar no local” (BESSA, 2015, p.32).

²³ Nas palavras de Bessa (2015): a cidade de Fortaleza está inserida na região litorânea do Nordeste brasileiro. Historicamente, teve suas atividades econômicas ligadas ao desenvolvimento de rotas portuárias de mercadoria, com isso, a cidade consegue alcançar um expressivo número de habitações ao longo do seu litoral.

²⁴ Assevera-se que a formação urbana da Praia de Iracema está atrelada ao desenvolvimento das atividades portuárias da região (FONTENELE, 1991).

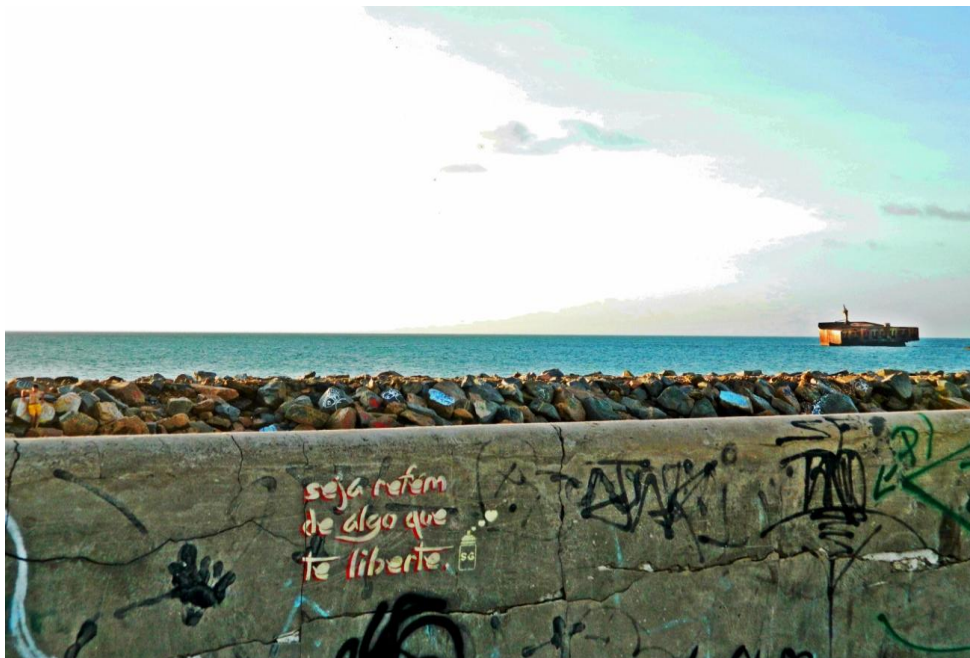
²⁵ “De um lado, ficam os abastados, conquistadores do espaço urbano. Do outro, ficam os excluídos dos sistemas de produção de capitais, bens e serviços” (FEITOSA, 1998, p.11).

Nesse contexto, é primordial compreender que o advento de toda e qualquer obra sempre resulta em impactos em seu entorno. No caso do Poço da Draga, não é diferente. Com a construção de uma alfândega e de um porto na cidade de Fortaleza-CE, surge o bairro Praia de Iracema. O conjunto de mudanças modernizadoras que aconteciam naquela época trouxe, além de barcos e mercadoria de todo o lugar, os genuínos moradores do Poço da Draga. As “Dragas”, espécie de embarcações que retinham areia do fundo das águas do mar, ficavam atracadas numa espécie de “Poço” naquele local. Daí nasce à terminologia Poço da Draga.

Naquele tempo de tantos barcos, pescadores ganhavam a vida nos arredores do porto. Era começo dos anos de 1900 e não havia uma unidade de moradia consolidada. Porém, o destino quis que aqueles pescadores se tornassem os genitores da comunidade (ROSA, s/d,s/p).

Assim pode-se pronunciar que a comunidade Poço da Draga é fruto tradicionalmente de pescadores que construíram famílias e modos de vida próximos ao mar. De forma ilustrativa, a foto abaixo mostra um barco aqui utilizado para representar o contexto portuário desse local.

Foto 1 – Vestígios de um porto no Poço da Draga



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

O navio que pode ser visto na foto acima revela os vestígios da existência de um antigo porto na comunidade Poço da Draga, que existiu há anos atrás. Para subsidiar os

argumentos que delineiam a origem deste lugar, utilizam-se as palavras da entrevistada 12. Para ela, a comunidade Poço da Draga, é considerada:

É uma comunidade composta por pessoas que vinham do interior, né, fugindo da seca. Muitos deles vieram do Sertão Central. E aqui foram se alojando e criando raízes nesse local. Minha avó chegou aqui, segundo ela, em 1936, né, quando ela casou com meu avô. E aqui só tinha mesmo era carrapateiras e casas de palafitas. O mar, quando ele tava muito cheio, no mês de janeiro, as casas feito de palafitas, a água passava por baixo, né. Hoje, a gente nem imagina uma cena dessas, né, dentro da Comunidade [...] (ENTREVISTADA 12).

Com o passar dos anos, o Poço da Draga passa por mudanças e melhorias, mas não se pode deixar de falar dos muitos desafios que ainda persistem (ditos no próximo tópico). Assim, a vida dos(as) moradores(as) prossegue até os tempos atuais, marcada por um forte sentimento de pertencimento e de luta por esse lugar, que é deles(as) por direito. Os(as) moradores(as) do Poço da Draga:

[...] guardam relações de memória com o local e possuem afinidades históricas com muitos elementos espaciais daquele meio. Os homens moradores mais antigos (alguns até nasceram no local) são pescadores ou filhos de pescadores e guardam pertencimentos ao espaço em relação com o mar e a praia. As mulheres há mais tempo morando no Poço da Draga são predominantemente donas de casa, fazendo trabalhos manuais principalmente relacionados à costura de roupas ou comercialização de produtos ligados à pesca, como a própria venda dos peixes pescados pelos maridos pescadores (BESSA, 2014, p.13).

Hoje em dia, segundo relato da entrevistada 12, a comunidade praticamente vive do comércio informal. No tocante às problemáticas, no Poço da Draga ainda não há saneamento e pavimentação, posto de saúde, escola e outras questões básicas (ROSA, s/d).

O que está sendo exposto acima é perfeitamente condizente o que Santos (1987) diz. Este autor relata que morar na periferia é na maioria das cidades do Brasil: “[...] não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente”. (SANTOS, 1987, p.47). Conseqüentemente, pode-se afirmar que o: “[...] território não apenas divide como separa os homens, ainda que eles apareçam como se estivessem juntos” (SANTOS, 1987, p.59).

É a divisão entre território e habitante que intensifica as dicotomias existentes entre o que é considerado “belo” e o “não belo”. Percebe-se a dicotomia com a própria Ponte que existe no Poço da Draga, atualmente em condições precárias de uso, em detrimento da Ponte dos Ingleses, ponte esta destinada aos turistas e moradores dos grandes prédios da Praia de Iracema. Dicotomia visível com a convivência entre o rico e o pobre no bairro da Praia de Iracema; entre os habitantes que têm melhores condições de vida e os que não têm. Tais elementos são ilustrados nas fotos abaixo:

**Foto 2 – Fortaleza em forma de dicotomia 1 –
Ponte do Poço da Draga**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

**Foto 3 – Fortaleza em forma de dicotomia 2 –
Ponte do Poço da Draga**



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Foto 4 – Fortaleza em forma de dicotomia 3 – Ponte dos Ingleses e prédios vistos da Ponte do Poço da Draga



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

As fotos 2 e 3 retratam a ponte localizada no Poço do Draga. A foto 4 retrata a vista da ponte do Poço da Draga e mostra a diferença que existe entre lá e a Ponte dos Ingleses. A comunidade revela a assimetria entre: o “lugar de pobreza” e a cidade/“a Fortaleza bela”, acentuando, o contraste entre riqueza e pobreza, num contexto de reordenamento e reorientação do espaço da cidade.

Estudiosos como Sousa (2007); Gondim (2007) consideram que o momento de transformação da Praia de Iracema é marcado, em especial, pelo processo de requalificação

urbana. Processo iniciado nos anos de 1990²⁶ e que tinha como finalidade requalificar o espaço tradicional da cidade de Fortaleza em função da atração turística e do entretenimento de padrão econômico elevado. Assim, os grandes prédios que são vistos nas fotos acima, o desenvolvimento da rede hoteleira, a própria Ponte dos Ingleses expressam consequências das mudanças que foram gestadas naquela época e que ampliaram a rede de turismo em Fortaleza.

Segundo Carlos (1996, p. 122): “a indústria turística reforça a hierarquia social produzindo diferentes espaços diferenciados exclusivos fechados”. Nisso, percebe-se que o turismo em Fortaleza e, em grande parte do Brasil, transformou-se rapidamente – de qualificação de não produtividade - para algo que é comercialmente rentável. Trata-se de novas formas de exploração do mundo que atrai multidões e “[...] estimula enormes investimentos em construção e entretenimento para satisfazer as demandas de hotelaria, alimentação e outras exigências do lazer” (ORTEGA, 2000, p.169-170).

Ressalta-se que o “advento” fruto do “progresso da cidade” reforça em sua dinâmica a exclusão e/ou a inserção marginal de atores sociais que não representam importância aos que tem alavancados os interesses de intervenção na Praia de Iracema. Como dito, o Poço da Draga situa-se no entremeio de uma área nobre que vem sendo reduzida pela especulação turística. E é por meio dos

[...] Mecanismos de expansão, reurbanização e comercialização do espaço urbano, é que a Favela Poço da Draga sente-se ameaçada por benfeitorias que poderiam amenizar suas adversidades, mas que, na verdade, tornam-se ameaça à sua tranquilidade. Ocupantes de uma das áreas mais valorizadas da cidade, a favela vem desde as últimas décadas sofrendo intervenções do poder público, no sentido de desapropriá-los da área. O espaço é disputado ainda por grupos econômicos da iniciativa privada, alguns já em avançado processo de especulação imobiliária das áreas próximas à favela. Portanto, ainda que as ‘benfeitorias’ se apresentem como importantes para o ‘progresso da cidade’, tornam-se instrumento “dos interesses dos estados privilegiados” (FEITOSA, 1998, p.115).

Por falar no contexto da disputa por espaços pelos grupos econômicos e pela iniciativa privada, ressalta-se que antes da década de 1970, reformas já aconteciam no bairro Praia de Iracema, como é o caso da construção do calçadão, de bares e restaurantes, da reforma do Estoril e da Ponte dos Ingleses. Nesse contexto:

²⁶ Exemplo de uma grande construção na Praia de Iracema é a construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC. Um equipamento público cultural da cidade de Fortaleza, vinculado à Secretaria da Cultura do Estado, sob a gestão do Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC). Ele intensifica a luta da comunidade Poço da Draga (sua vizinhança discreta) contra as desapropriações e os planos de reurbanização iniciados nos anos de 1990 em Fortaleza-CE. Salienta-se que a comunidade insere-se no cenário composto pela tríade: CDMAC – Praia de Iracema (e o poço da Draga) – Cidade de Fortaleza (GONDIM, 2007). O CDMAC, construído em 1998, e inaugurado oficialmente em abril de 1999, nasce em um contexto de recuperação do espaço público da cidade de Fortaleza, com o “objetivo” de “[...] permitir a livre circulação e o acesso de um público diversificado a seus equipamentos” (GONDIM, 2011, p. 61).

A reurbanização implica uma briga entre espoliados e espoliadores, ambos lutando pelo espaço urbano, estando alterados, apenas, os objetivos em jogo. Aos primeiros cabe a tarefa de conquista do espaço para sua sobrevivência imediata, enquanto aos outros essa conquista tem caráter explorador (FEITOSA, 1998, p.112).

Alguns dos conflitos entre a comunidade e os empreendimentos²⁷ locais podem ser visualizados com a construção do Acquario do Ceará²⁸, que fez insurgir (ou relembrar) nos habitantes do Poço da Draga o sentimento de incerteza quanto à ocupação do atual território. Com tal experiência, insiste a ideia de que a comunidade Poço da Draga viveu e ainda vive processos de exclusão por meio dos desdobramentos urbanísticos, habituados ao convívio cotidiano com a cultura da violência, na tentativa de driblar os temores frente ao enobrecimento do entorno da Praia de Iracema.

Segundo Stoppa (2001), o olhar em relação à periferia é (ainda) comumente feito pelo seu exterior, de forma superficial, difusa e descontextualizada da realidade. O que, muitas vezes, resta ao público que vive sob estas condições somente a sobrevivência. No entanto, *o olhar mais atento demonstra que as dinâmicas sociais das localidades periféricas carregam consigo o encontro; a troca de experiências e a luta por melhores condições de vida, o não conformismo, como pode ser visto nas fotos abaixo:*

²⁷ “A memória da Favela Poço da Draga está [...] edificada nas ações simbólicas de inversão, como o trabalho e as aquisições materiais; nas marcas que modelam o dia a dia de dificuldades; nos sonhos por um futuro melhor; nas lutas pela preservação do seu espaço-memória e no próprio espaço da favela, cuja história se confunde com a memória e no próprio espaço da favela, cuja história se confunde com a própria história da Praia de Iracema, que, por sua vez, é a própria memória da cidade de Fortaleza” (FEITOSA, 1998, p.187).

²⁸ Orçado inicialmente em 250 milhões de reais, o empreendimento idealizado pela gestão do ex-governador do Ceará, Cid Gomes, em parceria com empresas multinacionais pretende (ou pretendia) colocar Fortaleza na rota do turismo mundial, duplicando o fluxo turístico no Estado anualmente. A perspectiva, segundo o discurso governamental, é (era) que o Acquario do Ceará seja (fosse) o terceiro maior oceanógrafo do mundo. (BESSA, 2014). Atualmente, o governador do Ceará, Camilo Santana, anunciou que não irá mais investir dinheiro público na obra que já teve R\$ 138 milhões de investimento pelo governo do Estado. O governado decidiu realizar a transferência do Acquario para a iniciativa privada, pois o Estado não teria condições de custear e manter o empreendimento, segundo reportagem “Governo irá privatizar Acquario do Ceará por falta de dinheiro” publicada no Jornal Online G1, em 2017. Assim, dinheiro público foi usando mais uma vez de forma não adequada e não resultou em nenhum retorno a população.

Foto 5 – A vida acontecendo na beira do mar



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Com as fotos 5 e 6 (abaixo), percebe-se algumas das diversas formas como os jovens do Poço da Draga costumam ocupar e apropriar-se dos seus espaços, atribuindo-lhes vida pela prática de algum esporte, como o futebol, o surfar, o nadar no mar, conversar com os amigos, admirar a paisagem.

Logo, não se pode esquecer que: “A cidade é também campo privilegiado de lutas de classe e movimentos sociais de toda espécie, que questionam a normatização da cidade e da vida urbana”. Nesse sentido, não se pode negligenciar os agentes que compõem o espaço urbano: interesses do capital, Estado e a luta dos moradores “[...] como forma de resistência contra a segregação no espaço residencial e pelo direito à cidade”, mesmo que a cidade apareça como forma de mercadoria (CARLOS, 1992, p. 26).

Por meio de tais pensamentos, emerge com o cotidiano do Poço da Draga um objeto que se encontra em permanente reflexão, interpretação e debate acerca das relações sociais: as diversidades de experiências sociais e temporalidades que se encarnam e ganham narrativas de vidas específicas de cada habitante e de cada jovem.

Foto 6 – Experiências de jovens no Poço da Draga



Fonte: Acervo Pessoal da pesquisadora, 2017.

Com as fotos apresentadas agora, nota-se que há uma forte ligação dos(as) jovens com o mar e com a praia. Desse modo, para finalizar esse tópico, tenta-se ilustrar o cotidiano do Poço da Draga. Cotidiano que carrega o ritmo do mar; ora tranquilo/sereno, ora agitado/inquieto. Para o entrevistado 11 o Poço da Draga caracteriza-se por ser:

A comunidade é uma comunidade praiana, que tem como rotina dormir muito tarde né, ela vive/ ela é muito mais ativa no período da tarde e a noite. Então você vai chegar aqui 11h/12h/1h (da noite) e sempre tem gente na rua, sempre tem alguma coisa né. É uma comunidade então, por conta disso, ela sempre acorda muito mais tarde. De manhã tudo é muito mais lento. Tudo começa muito devagar né. É... É uma comunidade de portas abertas, diferente de outras comunidades que tem por aí a problemática da droga e da violência, mas que é fechada. Essa (a comunidade Poço da Draga) **todo mundo entra; todo mundo passa; todo mundo chega**. As pessoas até estranham porque consegue adentrar e passar. É uma comunidade que tá cercada de grandes empreendimentos [...] (ENTREVISTADO 11, **grifo nosso**).

O relato exposto sobre a rotina do Poço da Draga é o pontapé inicial para estabelecer tessituras no emaranhado dos sentimentos resultantes das questões supracitas que envolvem a comunidade. E, por falar nela, continua-se no próximo tópico segue relatando os sentimentos que ela reverbera.

2.3 “*Eu quero é que esse canto torto, feito faca, corte a carne de vocês*”²⁹: cotidiano, som, saudade e afeto em frente ao mar

De forma resumida, o tópico destina-se: 1) a descrever as impressões iniciais advindas do contato com os(as) moradores(as) e com a comunidade; 2) estabelecer conexões entre o que é visto durante a pesquisa de campo e o que foi vivido e sentido em outros tempos (e hoje) pelos(as) moradores de lá. Inicia-se o tópico com o relato da entrevistada 12, que diz o seguinte:

E aqui a gente ainda tem muito de comunidade mesmo. No natal, a gente bota nossa mesa aqui fora, e cada um traz um prato, sabe? Faz a celebração. A gente ainda tem a missa, né, que em outras comunidades é muito dentro da Igreja; [aqui] a gente faz no Pavilhão; a gente ainda tem muito desse costume. Agora em janeiro a gente vai ter o Dia dos Reis [...]. Então as mulheres se reúnem e saem de porta em porta tirando o Reisado. O dia do Judas aqui é único. [...] Cada um faz um Judas e coloca na frente [na frente da sua casa] e fica esperando o outro roubar o Judas. E o Judas que não é roubado, ele consegue sobreviver à noite todinha, ele tem até 10 horas da manhã do domingo. Eles vão ler - todos os moradores vão ler o testamento - que tem orador da comunidade, que vai lá ler, lá na frente. E aí faz o testamento, que, às vezes, é até fofoca da vida particular das pessoas (risos); e aí tem a leitura do testamento. E o Judas ali é só ali passatempo, joga ele de lado. E uma multidão de gente pula pra estraçalhar [o Judas], pra ele pagar pelos pecados dele. **Então ainda tem muito disso mesmo, dessa relação de vizinhança.** Aqui todo mundo, quase todo mundo é parente de todo mundo. [...] Às vezes é uma prima que casou com um primo. [...] E se você tiver doente e não tiver ninguém pra te socorrer, algum morador vem, (...) se dispõe; dispõe o carro dele, ele te leva lá; te deixa lá. Ele liga pra alguém da tua família. E fica lá enquanto algum membro da família não chegar. Tem esse cuidado que nós adquirimos com nós mesmos (ENTREVISTADA 12, **grifo nosso**)³⁰.

A citação escolhida reflete muito do que se sentiu a cada ida ao Poço da Draga: sentimento de grupo; de coletividade; de “todo mundo” conhecer “todo mundo”; de “todo mundo” ajudar “todo mundo”; de “todo mundo” saber um pouco da vida de “todo mundo”, tanto é que em algumas entrevistas realizadas com os(as) jovens entrevistados(as) é comum a participação da vizinha, de um irmão ou irmã, de alguns amigos.

A gentileza e a atenção dos(as) moradores(as), a disposição dos(as) jovens entrevistados(as) em mostrar um pouco da sua vida, dos seus gostos, das suas preferências, das suas rotinas. Da ajuda recebida ao procurar o público para a realização dessa pesquisa. Todos esses aspectos são extremamente importantes para a construção da dissertação.

Desde a primeira ida a Comunidade Poço da Draga, para conversar com o único contato que até então se tinha de lá, de início, assim que lá se chega, sente-se uma sensação de profundo acolhimento. O contato inicial acontece com um professor de Educação Física que

²⁹ Fragmento da música “A Palo Seco”, Belchior.

³⁰ Fragmento da resposta de quando a Entrevistada 12 relata um pouco do dia a dia, do cotidiano da comunidade.

ministra aulas diárias no Poço da Draga pelo Projeto Atleta Cidadão³¹, denominado de entrevistado 11. No dia 09/08/2016 vai-se até o Poço da Draga conversar com ele pela primeira vez, durante a realização da sua aula de Triathlon. Solicita-se no mesmo dia que o entrevistado 11 apresente alguns dos(as) jovens e a própria comunidade Poço da Draga. Enquanto o professor trabalhava, lá a pesquisadora estava; sentada na beira do mar; observando os(as) seus(as) alunos(as). E, em meio a um exercício e outro, trocam-se algumas palavras³² com o entrevistado 11.

Enquanto o entrevistado 11 ensinava aos jovens naquela tarde uma modalidade esportiva, apresentava também, um novo “mundo”: “mundo” de lutas, dificuldades, resistências e afetos. Tudo entre um intervalo e outro da sua aula³³.

Quando encerrada a aula, depois de concluído o seu trabalho naquela tarde, o entrevistado 11 vai à casa de uma moradora com uma importância significativa para a comunidade, denominada no trabalho como entrevistada 12. Dela recebe-se uma lista com o contato de alguns(as) jovens.

Mas, antes, adentra-se em sua casa, apresenta-se a proposta do estudo que estaria sendo desenvolvido. Ela fala durante esse primeiro contato sobre como é o cotidiano da comunidade (algumas questões veementes retomadas durante a sua entrevista). Diante de tanta informação instigante, resolve entrevistá-la, para aproximar o(a) leitor(a) dessa dissertação com a realidade do Poço da Draga, já que história dela e a história da sua família é marcada pela luta pelo espaço da comunidade e por buscar melhorias para os(as) moradores de lá.

³¹ O projeto surgiu, inicialmente, de maneira voluntária, há anos atrás, e hoje, transformou-se no Projeto Atleta Cidadão. Anos atrás, ele não morava na comunidade, mas, mesmo assim, sentia a necessidade de contribuir de alguma forma com alguns locais e pessoas. Assim suas aulas começaram: repletas de criatividade, improviso e iniciativa pessoal. Ele teve que adaptar as suas aulas à praia, realizadas na areia (Diário de Campo).

³² Ao contar sobre a dinâmica na comunidade, ele diz que muitas mudanças aconteceram nos últimos anos. Ele diz que, antes, seria impossível entrar no Poço da Draga de modo tranquilo, pois levariam o celular e a bolsa. Hoje, segundo ele, não acontece mais isso. Qualquer pessoa que não é da comunidade pode entrar e sair sem acontecer nada. Antes o nível de violência era muito alto na comunidade. Aconteciam aproximadamente três homicídios por dia dos jovens. “Aqui, nesse projeto mesmo, hoje temos jovens de vários locais de Fortaleza” diz ele. Antes era impossível que isso acontecesse, devido às disputas que aconteciam entre territórios. Ele diz que a violência estava muito ligada ao uso das drogas, sobretudo ao tráfico (Diário de Campo).

³³ Além disso, ele pontua fatores que contribuíram para a melhoria no combate à violência na comunidade, como as políticas do governo Lula. Essas ampliaram para a classe trabalhadora o acesso ao que antes não podiam ter. Ele diz mais ou menos assim: antes, o pobre não podia ter bens materiais: geladeira, televisão, etc. Com essas mudanças, o pobre pode comprar suas coisas para dentro de casa. Segundo ele, somente sabe e consegue ver essas mudanças quem teve a vida modificada. Assim, ele diz que antes a comunidade tinha vários problemas, hoje minimizados. Outras ações que contribuem para a mudança na comunidade: iluminação e a inserção das crianças e de jovens da comunidade em seu projeto. Ele diz a sua importância está na desconstrução de pensamentos. Fala da preocupação que tem com seus(as) alunos(as), que transcendem as aulas e orientações técnicas. Aponta a importância de orientá-los para a vida e para a transmissão de valores por meio do esporte. Baseado nisso ele constrói uma relação de convivência com os(as) seus(as) alunos(as) baseada na cooperação, no respeito e na colaboração (Diário de Campo).

Utiliza-se aqui de suas palavras para apresentar a realidade social que “*corta*” (em alusão ao título desse tópico) e deixa em “*carne viva*” o cotidiano dos(as) moradores(as) da comunidade Poço da Draga, fortemente marcados por uma vulnerabilidade e por um contexto de violação de direitos, como a entrevistada 12 relata na entrevista. Ela também informa que:

Aqui (Poço da Draga) nós não temos uma creche, aqui nós não temos um posto de saúde, nós não temos um saneamento básico. É... O saneamento que tem fomos nós, moradores, que fizemos um bingo/ rifa para poder acontecer um escoamento. (...) E aí a gente pensou o seguinte: “Não, já que não chegou, cabe a nós tomar uma atitude!” (explicando como aconteceu). E aí a gente começou a trabalhar isso, buscando que cada um compartilhasse um pouquinho. A gente vendeu bingo, a gente fez rifa, a gente fez um bazar. E todo esse dinheiro serviu pra fazer esse escoamento na Comunidade (ENTREVISTADA 12).

Com a citação anterior busca-se enfatizar o protagonismo que os(as) moradores(as) dessa comunidade assumem na luta, no enfrentamento e na busca pela efetivação do que eles devem legalmente ter acesso para a construção de uma vida mais digna, o que muitas vezes, ou na maioria das vezes, é negligenciado pelo poder público, como acontece quando não chega à população, especialmente as periferias brasileiras, saúde, educação e o próprio saneamento básico, como detectado no exemplo dado.

Todavia, é preciso delinear que problemáticas como essas atingem muitas localidades do Brasil, do Ceará, de Fortaleza, e não somente o Poço da Draga. Para alcançar esse entendimento, busca-se travar o diálogo da realidade social de uma forma ampla, do geral para o particular - singular, numa perspectiva dialética e dialógica. Contudo, mesmo com todas as dificuldades apontadas no Poço da Draga, o cuidado sempre esteve presente entre os(as) moradores.

Nós temos os nossos problemas sociais, como todo bairro tem, né, mas nós também temos o cuidado uns com os outros. E isso ninguém vai nos tirar. Se você vier aqui e perguntar quem de nós gostaria de sair do Poço da Draga, eu acho que, se a pessoa não for um momento de raiva dela, que ela brigou por alguma coisa, ela jamais vai dizer que quer! [...] Às vezes você: “Ah, mas aqui é perigoso!” (as pessoas falam e pensam). O que é perigoso? Perigoso todo espaço é... Hoje eu tava lendo o relato de uma pessoa que foi assaltada dentro de um ônibus, dentro de uma Igreja. Então... Se a gente se permitir que a violência nos tire a nossa paz, aí cabe a nós decidir (ENTREVISTADA 12).

Desse mesmo modo, entende-se que a violência urbana é fruto da desigualdade social, o que fragiliza e promove a incipiência dos direitos sociais e afeta diariamente a maioria da população brasileira que convive com o contexto de violação de direitos, o que acontece, por exemplo, na não garantia do direito à habitação, à saúde, à educação, ao lazer e

a tantos outros direitos referenciados constitucionalmente. Entretanto, mesmo diante desse cenário, nota-se que a comunidade se organiza para tentar “driblar” os entraves vividos e para que essa realidade mude.

Mesmo com tantos problemas, segundo a entrevistada 12, o sentimento de afeto e pertencimento pelo lugar é presente. Quando se indaga como é morar na comunidade e que sentimentos o viver ali desperta, a entrevistada 12 relata que:

[...] Eu não me vejo morando em outro lugar. Não me vejo! Até porque, eu acho que o mar faz parte da minha vida, do meu oxigênio. Se eu sair, eu morro. E outra coisa que eu gosto muito é de tá próximo às artes mesmo. Eu moro no corredor cultural, no centro da cidade, né, num polo cultural desse aqui. Fora que eu tenho aqui uma visão privilegiada, que é de morar na Ponte Metálica. E umas das frases que minha mãe antes de falecer deixou - isso no almoço aqui, ela disse: “Morar no poço da draga é um privilégio. E ter a posse dessa terra é um direito nosso”. Então isso a gente leva pra vida.

Nota-se, além do sentimento de pertencimento, uma relação afetiva com o mar e o com os espaços que circundam a comunidade, favorável ao contato com a arte e cultura, como o Porto Iracema das Artes³⁴, a Caixa Cultura Fortaleza³⁵, o SESC SENAC Iracema³⁶, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC)³⁷. Como moradora, a entrevistada 12 diz que o seu papel na comunidade é:

[...] Cada dia valorizar o nosso espaço, né, na comunidade, e também ser solidário. [...] Cabe a cada um de nós, morador, procurar a cada dia melhorar. E para a gente melhorar a comunidade, a gente tem que melhorar a si, né. Eu acho que eu só to bem se o vizinho tiver bem.

Como pode ser visualizado no relato supracitado, o seu papel se faz primordialmente pela aos(as) moradores(as) que fazem parte da comunidade. Assim, ao pensar sobre o relato da entrevistada 12, é possível ver a suspensão do cotidiano, ao fazer com que as ações de caráter particular dos indivíduos, no caso da entrevistada, constituam-se em ações humano-genéricas em direção à homogeneização (SCHERER, 2013). É justamente:

³⁴ “A Unidade Iracema foi inaugurada em 2007 para desenvolver atividades dos segmentos de Artes, Design e Comunicação” Disponível em: <<http://www.ce.senac.br/iracema/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

³⁵ “A Caixa Cultural Fortaleza é composta por um cine-teatro com 181 lugares, três amplas galerias de arte, sala de ensaios, salas para oficinas de arte-educação, foyer, café cultural e livraria, além de um agradável jardim e espaços para convivência e realização de eventos”.

Disponível em: <<http://www.caixacultural.com.br/SitePages/unidade-informacoes-gerais.aspx?uid=3>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

³⁶ O Porto Iracema das Artes foi pensado como um lugar de criação, formação e difusão de cultura. Constitui-se de programas de formação e criação nas diversas áreas do campo cultural: Dramaturgia, Audiovisual (cinema, televisão, animação, jogos digitais e transmídia); Artes Visuais e Multimídias; Dança; Música; Artes Cênicas. Disponível em: <<http://www.portoiracemadasartes.org.br/a-escola/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

³⁷ Equipamento público cultural com 30 mil metros quadrados de área para vivenciar a arte e a cultura em suas diversas linguagens. Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=instituicao>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

Através dos processos de homogeneização, o sujeito tem a possibilidade de interpretar o seu meio de maneira crítica e totalizante, realizando movimentos em favor de uma transformação, de uma humanização da própria humanidade. A vida cotidiana se apresenta de forma fragmentada e simplista, através destes processos o sujeito tem a possibilidade de ampliar o olhar e de se compreender enquanto ser humano e genérico (SCHERER, 2013, p.63).

Logo, nas palavras do mesmo autor, ao olhar as problemáticas da vida cotidiana, nota-se que cada um/cada indivíduo possui sua singularidade, que por meio de uma ligação dialética os conecta como ser único, individual, em um ser coletivo, como pode ser detectado no relato em análise. Na mesma ideia, a entrevistada 12 expõe, além do seu papel, o papel de outros moradores(as) do Poço da Draga, especialmente de alguns dos seus irmãos, hoje responsáveis, juntamente com ela, pela ONG Veleumar, que teve como fundadora a sua mãe.

Aqui a gente conseguiu dividir cada irmão num setor, dentro da ONG. Fulana (nome fictício) de tal, ela é formada em Enfermagem. Essa que saiu. E aí a parte da saúde é de responsabilidade dela. Ah, se você vier aqui: “Tô precisando dum exame, tô precisando aferir minha pressão”. Isso é da responsabilidade dela. E se a gente tiver uma ação, ela vai ter que trazer essa ação da Secretária da Saúde, trazer essa ação da saúde para dentro da Comunidade [...].

A minha irmã, a fulana (nome fictício), ela é formada em Teologia, então ela tem que pegar a Teologia dela e transformar no bem estar das pessoas. Não influenciar em religião, mas mostrar o lado espiritual que a gente precisa trabalhar. Entendeu? Meu irmão, [...] o fulano (nome fictício), é formado em Administração. Que é que faz o fulano? O fulano é responsável em poder ajudar o comércio local. Entendeu? Se o seu fulano de tal (nome fictício) ali quiser fazer um empréstimo, cabe ao fulano, ele tem a responsabilidade dele de chegar lá e orientar; ver como é que tá a situação. Hoje o poder da economia tá isso, a PEC vai influenciar nisso. Isso aí é da responsabilidade do Fulano.

A minha área, como eu sou formada na área da pedagogia, eu trabalho mais essa parte da educação. E como eu trabalho com arte, eu gosto muito de trazer eventos pra cá, pra que a gente possa conseguir juntar os dois e aí fluir essa potencialidade que a arte, a educação e a cultura têm pra inibir, né, a vulnerabilidade da Comunidade.

Aí tem o cicrano (nome fictício), que é Educação Física, que ele vai trabalhar [...] essa parte mesmo da educação física, da saúde, do cuidado, né. [...] E aí é da responsabilidade dele (ENTREVISTADA 12).

Nota-se que os(as) próprios(as) moradores(as) do Poço da Draga buscam contribuir com o seu saber científico para a melhoria do próprio lugar em que moram, com o que aprenderam com as suas formações acadêmicas.

Considera-se muito criativa a forma como aconteceu à divisão das tarefas entre os irmãos da entrevistada 12, pela sistemática que contempla dimensões fundamentais para a vida humana, como é o caso da saúde, da qualidade de vida, do emprego e renda, da cultura, da arte e da espiritualidade. Dessa maneira, mostrar-se o cuidado de uns(as) com os(as) outros(as), o zelo que há pelo seu lugar de moradia e pelos moradores(as) da comunidade. A

entrevista com essa moradora é finalizada com algumas reflexões/sugestões/conselhos para os(as) pesquisadores que chegam à comunidade para realizar os seus estudos. A entrevistada 12 diz que:

[...] A reflexão que eu digo é... Que vocês venham, né. [...] o saber científico [...] permite que a gente crie outras possibilidades de vivência, né, de reflexão. O que eu peço aos pesquisadores é: que traga esse material pra que, assim, os moradores possam ter essas informações. [...] Que essa informação possa vim somar com a gente na hora de uma tentativa de remoção, porque isso legitima né. Isso é a voz do povo mesmo que vocês escrevem, né. [...] É só isso que a gente quer. Que essa troca de saberes mesmo que pra nós é muito importante. Por que eu tenho certeza que o universitário que entra aqui, o pesquisador que entra aqui, ele sai com outro olhar sobre a comunidade. Se tu ficasse meia hora mais ali... Ali chegava um bocado de mãe, de mulher, de menino para conversar. E tu não queria mais ir embora! Por que é tanta história. Cada uma mais diferente do que a outra, mais valorizada do que a outra (ENTREVISTADA 12).

Corroborar-se com a entrevistada 12 ao destacar a importância em estabelecer e ampliar o diálogo entre os(as) pesquisadores(as) e os seus respectivos locais de pesquisa. Afinal, o saber científico deve contribuir para refletir e auxiliar com a proposição de mudanças, sugestões e soluções para mudar e enfrentar a realidade social de maneira mais justa e humana. Obviamente que isso deve acontecer por meio de uma construção coletiva do saber, logo, ao lado do público pesquisado, de maneira horizontal e jamais de forma impositiva/vertical, pois assim se constrói um saber que represente a forma mais próxima da realidade, das demandas, das vozes/anseios/receios de quem se almeja relatar nos estudos científicos.

Entende-se que é papel do(a) pesquisador(a) mostrar e construir uma pesquisa ética, colaborativa e comprometida com os(as) sujeitos(as) pesquisados(as). Porém, como pode acontecer o diálogo entre: pesquisadores(as) - locais de pesquisa - interlocutores(as)? O entrevistado 12 aponta algumas sugestões abaixo.

Bem mais do que uma sugestão; é uma crítica. A gente também tem muitas pesquisas dentro da comunidade, só que a gente não tem um retorno dessas pesquisas, entendeu? Então, assim como a sua pesquisa, ela vem; ela faz a leitura, mas a gente não tem a contrapartida dessa pesquisa, a gente não tem o resultado dessa pesquisa, a gente não tem a apresentação do resultado dessa pesquisa. Esses trabalhos, evidentemente, eles são apresentados nas universidades, fundações ou no espaço para o qual essa pesquisa veio ser aplicada aqui, e a gente, em geral, não tem esse retorno. Esse retorno não vem nem de forma como é... de numeral. Na pesquisa, tanto jovens isso, tanto jovem aquilo, nada disso vem pra dentro, nem que seja uma folha de papel ali pregada na parede pra comunidade, pra quem quiser ver, como muito menos apresentada. **Se essa pesquisa ela vai ser apresentada, nem que seja um TCC, lá dentro da universidade, porque que o camarada não vem apresentar pra dentro da comunidade?** Pelo menos para aqueles que se comprometeram em participar da pesquisa, não é. É... Essa é a grande falha que lá, as pessoas que vem fazer a pesquisa, a não recontribuição daquilo que foi feito

dentro da comunidade. Como eu disse – a comunidade, ela é muito aberta, entendeu. Então é muito fácil as pessoas chegarem e fazerem seus trabalhos, mas elas vão embora. E é muito ruim, porque a comunidade, ela se expõe; nos seus potenciais e nas suas fragilidades. E muitas vezes você tem pessoas extremamente capacitadas que poderiam dar uma contribuição pra essa comunidade, ou pelo menos para aquelas lideranças, entendeu. Imagina você que fez a sua pesquisa. E dentro dessa sua pesquisa, você descobriu lá que existe um percentual X de meninas que provavelmente pela pesquisa de fulano de tal ela vai seguir pra esse caminho ou para aquilo. Você percebeu um potencial X de meninos que tem uma tendência para o uso disso e daquilo. E você puder trazer esse resultado final e apresentar, pelo menos para as lideranças, pra que em cima disso a gente possa, quando chegar alguém, ou a gente poder direcionar trabalhos, seria maravilhoso, entendeu (ENTREVISTADA 12, **grifo nosso**).

Espera-se com esse relato que os(as) pesquisadores(as) formulem estratégias e caminhos para tentar aproximar, cada vez mais, o saber científico do saber do povo, utilizando da criatividade e das sugestões que partem dos(as) próprios(as) interlocutores(as).

Finalizando o capítulo, entende-se que o *cotidiano* do Poço da Draga é marcado pela cooperação, pelos seus problemas e pela luta política no enfrentamento das condições postas; o *som* é o do barulho das ondas mar, da fala de euforia das crianças e de jovens na quadra de esportes; dos brados de lutas; das conversas nas calçadas das casas; a *saudade* e o *afeto* são das pessoas que se conheceu na pesquisa. Por fim, o capítulo em questão apresentou aspectos gerais da realidade social e abordou questões referentes ao Poço da Draga. Com esse entendimento, prossegue-se com as questões referentes aos(as) jovens e as suas particularidades, notadamente, os(as) jovens do Poço da Draga, visto no capítulo a seguir.

3 APRENDER A VER O MUNDO DE “DENTRO PARA FORA” E DE “FORA PARA DENTRO”

Foto 7 – No embalo das ondas do mar: jovens do Poço da Draga na forma de moldura



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

Deve-se considerar a foto³⁸ acima como um convite a leitura do capítulo 3. Com a foto, espera-se que o(a) leitor(a) esteja de “malas prontas” para desembarcar do navio, como o visto na foto acima, e ter contato com o(a) jovem. Todavia, é preciso, antes, tomar ciência do que se entende por jovem e quais são as múltiplas compreensões de juventudes que saltam aos olhos de quem se dedica a desvendar tal universo. Assim, o tópico apresenta: 1) leituras possíveis da categoria juventude(s); 2) as peculiaridades dos(as) jovens em relação ao contexto em que estão inseridos(as); 3) questões que particularizam as suas formas de ser.

No tocante à produção do conhecimento sobre a temática juventude, utilizam-se como fundamentação teórica os autores: Luís Antonio Groppo, Marília Pontes Sposito e Machado Pais (especialmente para o entendimento e explanação da categoria juventude); Helena Wendel Abramo (especialmente para relatar a ampliação do olhar para a categoria juventude); Juarez Dayrell (para estabelecer relação dos(as) jovens com o lazer). Selecionam-se os seguintes expositores por considerar que eles apresentam estudos e pesquisas consistentes e por serem exponenciais recorrentes na temática das juventudes. Prossegue-se, em seguida, esclarecendo tais pressupostos e ideias.

³⁸ A barraca que aparece na foto pertence ao entrevistado 2, que realiza a venda de bebidas e outros produtos.

3.1 Leituras (possíveis) das formas de ser e de estar no mundo do(a) jovem

Devem contar, para a análise sociológica das juventudes, os aspectos socioeconômicos, culturais, nacionais, regionais, locais, religiosos, étnicos, de gênero, de sexualidade etc. É preciso considerar a juventude, como categoria etária, como mais um dos elementos que compõem a estrutura das sociedades modernas e contemporâneas, junto com as classes sociais, gêneros, etnias, condição urbano-rural, condição desenvolvido-subdesenvolvido, religiões etc. A análise de dada juventude deve investigar quais são as outras configurações sociais que interferem em sua manifestação concreta, quais outros elementos da estrutura social que aparecem e como aparecem em certa forma particular de se viver a juvenilidade.

(GROPPO, s/d, p. 7).

De acordo com a citação, o segmento juvenil estabelece interface com os diversos elementos presentes no cotidiano que consubstanciam a construção da realidade social. Lembra-se que algumas questões acerca da realidade social foram veementes discutidas. Aproveita-se o ensejo e assinala a importância de articular as ideias do capítulo anterior com a temática agora em pauta, para que a leitura desse trabalho aconteça de forma interligada, dialética e complementar. De tal modo, ao começar a exposição sobre a temática juventude, é preciso falar sobre a imprecisão conceitual que envolve a definição desse termo. Dessa maneira, explicita-se que não é pretensão do capítulo, ou tampouco da dissertação, expor todos os temas referentes aos entendimentos das juventudes e dos(as) jovens e sim apontar questões que auxiliem em suas compreensões.

Dessa forma, o jovem, segundo Dayrell (2003), enquanto sujeito social, constrói o seu determinado (e próprio) modo de ser (e de estar) no mundo. Sabe-se que o sujeito jovem pertence a determinadas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, a regiões geográficas, dentre outros aspectos basilares que o particularizam. Essas condições podem ser consideradas pistas para quem almeja compreender o sujeito jovem em sua diversidade e totalidade.

Consequentemente, nenhuma juventude é igual, pois cada sujeito é singular, interpreta e dá sentido ao mundo a sua maneira, ao seu modo. Cada jovem carrega marcas específicas e vive estilos de vida diferentes e particulares. “É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes” (DAYRELL, 2003, p. 42).

De tal maneira: “[...] não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 19). Assim, “[...] é necessário distinguir de que jovem ou juventude se está falando; jovens burgueses, operários, estudantes, trabalhadores, galeras, periféricos, entre outros” (ALVES, 2012, p. 69). Lembra-se que se está falando dos(as) jovens da comunidade Poço da Draga.

Deste modo, pode-se narrar que se percebe na literatura a recorrência da ideia de juventude em seu sentido plural, ou seja, o uso do termo juventudes, devido às diversas situações e contextos que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo da vida (SPOSITO, 2003).

Considera-se que a juventude “[...] é ao mesmo tempo um momento no ciclo de vida, concebido a partir de seus recortes socioculturais, e modos de inserção na estrutura social” (SPOSITO, 2003).

Dado isso, o que se pretende não é optar por uma dessas concepções de forma separada, mas de entendê-las de forma complementar.

Logo, os diferentes percursos experimentados pela condição juvenil resultam dos recortes de classe, de gênero, dos aspectos socioculturais, etc, assim como Groppo argumenta na citação que inicia esse capítulo e como será averiguado nas fala dos(as) jovens entrevistados(as). Eles(as) demonstram particularidades ligadas ao fator gênero e ocupação. Entende-se aqui que jovens são os sujeitos que vivenciam uma determinada juventude. Juventude é fase da vida. Consideram-se jovens pessoas com idade de 15 e 29 anos.

Dito isso, relata-se também que a ótica de análise dos(as) jovens se embebe, sobretudo, do arcabouço das Ciências Sociais. Nessa vertente, Groppo (s/d) sugere que a juventude seja compreendida como uma categoria social³⁹. Isso significa que a juventude compõe a estrutura das categorias etárias, quando inseridas em sociedades as quais reconhecem a juventude como parte do curso da vida. Categoria social é usada para classificar indivíduos, normalizar comportamentos, definir direitos e deveres. Atua tanto no imaginário social como nos elementos que constituem as redes de sociabilidade (GROPPO, 2004).

Groppo (2000, p.7) traz uma nova concepção acerca da categoria estudada, tomando-a como categoria social, em que “[...] a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social”. Desse modo, desconstrói-se a ideia que a juventude é somente uma delimitação etária. Nesse sentido, entende-a rompendo com a

³⁹ “[...] a juventude nessa perspectiva é vista como uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos” (PARIZZORO; TONELLI, 2005).

delimitação etária e com as características psicológicas e biológicas (dominantes nas ciências médicas de puberdade, fazendo referência às mudanças que acontecem somente no corpo do indivíduo). As características dessas duas áreas do saber estão ligadas aos critérios etários da juventude. Portanto, é preciso ir além dessa assertiva, pois a questão da idade é acompanhada de uma série de especificidades: comportamentos, expectativas, grau de responsabilidade, etc.

Ao exemplificar de outra forma, diz-se que os(as) jovens vivenciam *etapas* que se assemelham à homogeneização situacional durante sua juventude, mas essas *etapas* acontecem de maneira diferenciada, conforme particularidades de cada sujeito jovem. Por exemplo, pode-se assegurar como característica da juventude o ingresso no mercado de trabalho, porém, a forma como se dá o ingresso no mercado de trabalho acontece de modo diferente, de acordo com o contexto e a vida de cada jovem e a heterogeneidade da juventude.

Dito isso, entende-se como três as principais ciências que se dedicam ao estudo da juventude: Biomédicas, Psicologia (uso do termo adolescente e não jovem) e Ciências Sociais. A última tendo como foco especialmente os estudos desenvolvidos pela Sociologia. Deles, olhar que norteia o estudo aqui desenvolvido. A contribuição da sociologia permite conhecer os(as) jovens; os seus comportamentos; os grupos que esse público participa; centra-se no caráter social ou coletivo da condição juvenil; mostra a tendência dos jovens à formação de grupos; demonstra a importância da coletividade dos(as) jovens (GROPPO, s/d).

Para não provocar confusões e questionamentos pela escolha do pensamento sociológico no contexto da juventude e não dos demais citados, alega-se que esse conhecimento expressa um dos muitos olhares que recaem sobre os(as) jovens e, em momento nenhum, afirma-se que essa escolha é mais importante do que qualquer outra proposta. Pelo assunto abordado, a contribuição da sociologia é mais adequada à proposta do estudo desenvolvido, mesmo avaliando importante a articulação e contribuição dos diversos saberes. Nesse sentido, aplica-se o que propõe a questão central na sociologia da juventude.

A questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre os jovens ou grupos sociais dos jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem (PAES, 1990, p.140).

A partir da década de 1970 novos estudos sócio históricos emergem e mostram que essa categoria etária assume, cada vez mais, contornos de um estilo de vida próprio. A juventude passa a ser considerada uma parte da vida humana, com sua própria identidade cultural e não uma fase passageira (não mais considerada como o tempo do “vir a ser”, mas tendo o(a) jovem como sujeito do tempo presente) (GROPPO, 2010).

Dessa imagem surge a tendência e a tentativa de não mais entender a juventude somente como socialização ou preparação para a vida adulta, pois a juventude consiste em um *estilo de vida* em si mesma. A partir daí propõe-se repensar os modelos modernos de rebeldia, reinterpretados agora como cultura ou sub-culturas juvenis. Em conformidade com essas mudanças, no entendimento de Groppo (2010), a juventude se aproxima de uma abordagem dialética, pelo seu caráter histórico, coletivo, múltiplo e conflituoso.

Groppo (2010) compreende a juventude numa *perspectiva dialética*, cujo sistema e indivíduos fazem parte de uma totalidade e se articulam de modo dialético e contraditório. A perspectiva dialética se dá em reconhecer as contradições que permeiam o interior dos diversos grupos juvenis. Na convivência coletiva dos(as) jovens que se formulam as identidades, os comportamentos, os grupos próprios e alternativos às versões tidas como oficiais (GROPPO, 2004).

Por fim, contemporaneamente, parece ser um traço marcante das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade (GROPPO, 2000, p. 17).

De natureza igual, Pais (2004) diz que é nas tribos/grupos que jovens constroem e solidificam sentimentos de pertencimento, afirmação identitária, formação de vínculos, sociabilidade e interação social. Os grupos são primordiais para a consolidação da participação cultural dos(as) jovens e na geração de valores questionadores. No caso dos(as) jovens da pesquisa, aponta-se a centralidade dos grupos sociais em seus discursos.

Concomitantemente, torna-se imprescindível a participação cultural como um meio que possibilite a inserção social e a formação cidadã de sujeitos historicamente situados, críticos e criativos, participantes da sociedade, com vistas ao alcance de novas vivências e aproximação de novos valores que resultem no questionamento da ordem social estabelecida.

Pais (1993) agrupa suas ideias na corrente geracional e a classista. Na *corrente geracional*, tem-se a ideia de que a juventude é uma fase de vida, enfatizando seus aspectos unitários, afirmando a ideia de que as experiências de determinados indivíduos da mesma geração vivem em circunstâncias parecidas e enfrentam problemas semelhantes. Admite-se a existência de uma cultura juvenil que faz oposição à cultura de anteriores gerações.

Na *visão classista*, a juventude encontra-se marcada por desigualdades sociais, em nível de divisão sexual do trabalho e em nível de condição social. Para essa corrente, as culturas juvenis são culturas de classe, admitindo-se o termo classe como referente à

consideração de relações historicamente construídas. Assim, percebe-se que os(as) jovens carregam particularidades e semelhanças que permitem entendê-los. Por exemplo, coloca-se como particularidade dos(as) sujeitos(as) pesquisados(as) o fato de que todos(as) morarem no Poço da Draga, mas que, mesmo assim, são singularizados(as) pelo fator gênero; cor; renda familiar; ter ou não um filho; trabalhar ou não; estudar ou não; rotina; forma de relacionar-se com os outros e consigo mesmo(a), etc.

Nesse sentido, ao estudar a categoria juventudes afirma-se que a existência de diferentes juventudes e de diferentes maneiras de se olhar a categoria, não podem ser simplesmente consideradas com uma *fase da vida* transitória, como um grupo de indivíduos que antecede a entrada no mundo adulto. Em suma, conclui-se alegando que:

A concepção de juventude é construída historicamente, culturalmente e socialmente, logo, modifica-se e assume novas feições com o passar do tempo. De acordo com o que está sendo dito, aponta-se *que duas variáveis* devem ser levadas em consideração para falar de juventude. Uma é o critério da idade, a outra, é a dimensão sociocultural, que se modifica de acordo com a classe social, gênero, condição urbana ou rural, contextos de vida e outros aspectos balizadores que singularizam a condição juvenil. De modo análogo, segundo Groppo (2004), é preciso, além de entender a juventude como categoria social, relacioná-la com os condicionantes históricos, sociais e culturais etc.

Não há somente uma única definição de juventude. Existem considerações na compreensão do contexto juvenil. A juventude é pensada aqui como grupo heterogêneo. Portanto, é cabível o termo juventudes no plural, pois representa a pluralidade que a categoria comporta. Não se deve restringir a juventude a uma análise voltada somente à classificação etária, ou a uma adjetivação positiva ou negativa. É necessário estar atento aos contextos.

Tão logo, entende-se a juventude como um *constructo social*, o que significa dizer que a formação de uma determinada sociedade é originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens: “[...] produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc” (ESTEVEZ; ABRAMOVAY, 2007, p. 19).

O texto agora segue apontando as particularidades que devem ser identificadas e analisadas nos(as) mais diversos(as) jovens ao longo das suas juventudes.

3.2 *Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha...: as diversas possibilidades e particularidades de ser jovem*

O título desse tópico enseja contribuir com a estruturação de um conjunto de reflexões sobre as diversas abordagens e perspectivas que englobam as múltiplas faces da condição juvenil. É a partir do século XX que os(as) jovens passam a se reunir em grupos desvinculados de instituições sociais, como é o caso de escolas, da igreja, da família, em um processo denominado de desinstitucionalização da condição juvenil. Nesse momento, o(a) jovem vive com maior autonomia, apropria-se e conquista novos espaços.

Nessa linha, diz-se que a atenção dirigida aos(as) jovens e aos seus estilos de vida aumenta nos últimos anos; quer seja pelos meios de comunicação em massa, pela indústria cultural, pela academia científica; quer seja pelas iniciativas e instituições públicas, privadas e organizações não governamentais que passam a ter o(a) jovem com o foco de suas ações. Contribui para a ampliação da atenção ao jovem, o aumento expressivo da população de 15 a 24 anos, que acontece, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1990⁴⁰; além da efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cujo documento reconhece esse segmento como sujeito de direitos (não havia distinção entre adolescência e juventude).

Também, o crescente desemprego atinge, em especial, os(as) jovens, o que resulta em uma grande preocupação quanto às chances de ingresso no mercado de trabalho. Há também crescente protagonismo juvenil atrelado à criminalidade e à violência. Nesse caso, os(as) jovens surgem como vítimas e atores de tais atos, com destaque para os homicídios.

Os(as) jovens são alvos de propagandas e comerciais que utilizam a sua imagem, associando-a ora a saúde, ora ao desprendimento, ora a liberdade, ora a espontaneidade. De tal modo, frequentemente essa categoria é permeada por estereótipos e por questões contraditórias. As controvérsias aparecem relacionadas à juventude nos noticiários, o que auxilia a construção de uma representação negativa dos jovens, atrelando-os à imagem do desvio, da violência e da desordem social (CORDEIRO; CLEMENTINO, 2012).

Nos meios de comunicação, os assuntos relacionados aos jovens são variados: música, seriados, moda, esporte, lazer, dentre outros. Nos noticiários, a violência assume papel central quando o assunto é o jovem (ABRAMO, 1997).

⁴⁰ “É nesse período que surgem, nos planos local e regional, organismos públicos destinados a articular ações no âmbito do Poder Executivo e estabelecer parcerias com as organizações juvenis, da sociedade civil e do setor privado para, a implementação de projetos ou programas de ação para a juventude” (CORDEIRO; CLEMENTINO, p.18, 2012).

Percebe-se também que o(a) jovem é um segmento em expansão no mercado, captado pela indústria cultural. Produtos voltados para ao público são criados a todo o momento, desde roupas aos produtos de beleza.

Nesse sentido, o crescente olhar para o(a) jovem deve-se, em parte, como a juventude é tratada na sociedade ocidental e como a sua tematização projeta-se no senso comum: paixões efêmeras, virilidade, imaturidade, imediatismo, gírias na fala, festas, sexualidade aflorada, estilos de vestir-se, tatuagens, *piercing*, bebidas, etc. Esses rótulos acerca do(a) jovem contribuem para a construção de uma imagem geralmente negativa.

Diante de tais considerações e do imaginário social que paira sobre o(a) jovem, a concepção *juventudes* é a mais apropriada para relatar as diversas possibilidades e particularidades de ser jovem, pois muitos são os elementos que tem interface com o universo juvenil, além dos elementos que contribuem para a construção da sua imagem negativa. Nesse sentido, para discorrer sobre as particularidades do ser jovem, opta-se por esboçar considerações gerais encontradas na literatura acadêmica que estão em concordância com os critérios de escolha utilizados para selecionar os(as) jovens entrevistados(as).

Em relação ao tempo de trabalho, de estudo e de lazer, ele acontece de diferentes maneiras, conforme a rede de ações desempenhada por cada jovem. Se for mãe, trabalhadora e estudante, a relação com o tempo será dada de uma maneira. Se for somente jovem e estudante ou jovem trabalhadora, a relação acontece diferente. Todavia, além do conjunto de ocupações diárias, outros fatores devem ser mencionados para o entendimento do(a) jovem.

Dentre tantas formas de ser jovem, assinala-se a importância da discussão de gênero, bem como leituras acerca das diferentes origens étnico-raciais e de classe, temas invisíveis no contexto dos(as) jovens. De forma geral, as práticas, as expressões e os estilos culturais das jovens recebem pouca expressividade na academia (WELLER, 2005).

Em uma sociedade machista e patriarcal, a jovem se depara com acontecimentos diários que *esbarram* com o discurso desta sociedade. No lazer, são consideradas barreiras ao seu acesso: o horário de voltar para casa, estabelecido pela cultura da violência, o medo do estupro, o receio da jovem em andar sozinha na rua; a provocação e “piadinhas” recebidas pelo uso de determinadas roupas *curtas*; a não aceitação por uma sociedade conservadora da presença das mulheres em bares e em outros lugares. Nesse sentido, os problemas cotidianos das jovens são pertinentes ao entendimento da vivência (ou não) do lazer em suas rotinas.

Em outro assunto, a questão financeira é um agravante que pode impossibilitar a garantia do direito de ir e vir, pois o deslocamento pela cidade torna-se comprometido com a ausência do dinheiro para frequentar determinados locais de lazer (ida às festas, cinemas,

restaurantes, bares, etc). O local de moradia, quando distante dos equipamentos utilizados para a fruição do lazer, pode reduzir possibilidades da sua vivência pelo seu não acesso.

Na sociedade contemporânea paira o preconceito e a discriminação. Ressalta-se a cor da pele, já que ela interfere na presença dos(as) jovens em determinados lugares que promovem o lazer, pois é recorrente a não efetividade de uma convivência respeitosa por públicos que disseminam o racismo. Além disso, o local de moradia é detectado como alvo de discriminação e preconceito vivido por alguns(as) dos(as) jovens entrevistados(as).

A classe social que o(a) jovem pertence pode ampliar ou reduzir possibilidades de lazer. Como acontece com possibilidades de viagens, ida ao teatro, cinema, shows, etc. A própria entrevistada 4 ilustrará isso, ao falar das suas aspirações de lazer, as viagens que ela deseja realizar e que nunca as fez, tendo como um dos motivos a sua condição financeira.

Feito tais considerações, pontuam-se agora alguns dos eventos sociais que caracterizam a juventude. Tem-se especialmente que os jovens são marcados pela *inserção no mercado de trabalho e a frequência escolar*. As jovens são marcadas pelo *casamento e pela maternidade*. No entanto, elucida-se que a participação das mulheres na escola e no mercado de trabalho cresceu nos últimos tempos. Nesse contexto, também cresce o número de jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho. Esses jovens estão inseridos em domicílios de baixa renda, com número restrito de pessoas trabalhando, cuja renda principal da família centra-se da renda dos chefes (que também possuem baixa escolaridade) (CAMARANO; KANSO, 2012). Essa constatação acontece com os(as) jovens entrevistados, uma vez que eles, em sua maioria, dependem financeiramente do chefe da família.

Merecem atenção os(as) jovens trabalhadores(as) e estudantes. A noção de trabalho aparece para o(a) jovem trabalhador(a) pela precoce inserção no mercado; ocupações de pouco prestígio social; baixa remuneração. De forma oposta, os(as) jovens que decidem prolongar o tempo de estudo, que investem com formação no nível superior, demoram a ingressar no mercado de trabalho. Mas, quando formados, ingressam no mercado de trabalho e recebem melhor remuneração⁴¹. (pelo menos em “tese” parece ser assim).

A busca pelo trabalho, em diversos casos, surge da necessidade financeira e/ou busca por autonomia na família e o acesso ao mundo do consumo, mesmo sabendo que dificilmente supram-se plenamente suas necessidades (CARDOSO; SAMPAIO, s/d). Hoje, pode-se dizer que estudo e trabalho não se excluem, sendo uma realidade cada vez presente, especialmente para os(as) jovens não pertencentes aos estratos sociais mais elevados.

⁴¹ Hoje se vivencia uma onda de chamada de desemprego estrutural que atinge o mundo em escala global. Intensificam-se a subproletarização, presentes no trabalho precário, informal, temporário, parcial, subcontratado e de assalariamento no setor de serviços. Nesse contexto há uma evidente exclusão dos jovens no mundo do trabalho (ANTUNES, 2011).

Em termos geracionais, existe um entendimento de que o aumento da *vida escolar* está diretamente relacionado com o aumento da extensão temporal de dependência financeira da família por parte dos filhos. Contudo, por outro lado, o prolongamento dos estudos permite que o(a) jovem tenha maior autonomia cultural. Na mesma ideia, a procura desse público por objetivos educacionais ou para conseguir conquistar melhores condições de trabalho favorece a ampliação do grau de liberdade perante os pais (MACHADO; BARROS, 2009).

No tocante às questões de gênero/escolaridade/mercado de trabalho, nota-se que há um aumento na inserção das jovens mulheres no mercado de trabalho. Também há o aumento de instrução/tempo de estudo dessas jovens, colaborando com a conquista da autonomia e da independência das mulheres em relação aos homens. Mesmo com avanços, nem todas as mulheres conseguem prolongar os seus estudos e permanecer no mercado de trabalho, como é o caso da jovem entrevistada que teve um filho.

Logo, em contrapartida, acontece também o aumento das mulheres pobres na população economicamente ativa. Com baixos níveis de escolaridade e poucos recursos para cuidarem de seus filhos, essas mulheres seguem a tendência de inserção nos ramos das atividades de baixo reconhecimento social. Ou seja, as jovens mulheres que apresentam a escolaridade reduzida e portam dificuldades com a sua prole comprometem a sua mobilidade: “[...] entre os mundos sociais e dificultam as trocas simbólicas com as outras camadas da sociedade. Essa diferenciação das experiências certamente tem implicações no processo de construção de identidade dos segmentos femininos pobres” (MACHADO; BARROS, p.370).

A *gravidez* das jovens está associada a um momento de experimentação e aproveitamento da vida. Etapa da vida em que muitos(as) jovens estabelecem relações afetivas e/ou sexuais. No tocante à gravidez das jovens de camadas populares, para as suas mães, a gravidez representa o que já se espera acontecer, além de ser considerada uma inconsequência das próprias jovens. Para as jovens de camada média, a gravidez interrompe ou adia os planos de trabalho e estudo, não afetando gravemente a trajetória delas, pois elas têm melhores condições econômicas e familiares para continuar a vida (GONÇALVES; KNAUTH, 2006). No caso da jovem entrevistada que tem um filho; a gravidez para ela representou o adiamento dos estudos e da sua inserção no mercado de trabalho.

Embora a gravidez na juventude cause a interrupção temporária (ou não) dos estudos e do trabalho e a reprodução dos papéis mais tradicionais de mãe-mulher; a cobrança por escolaridade e ingresso no mercado de trabalho faz com que as famílias repensem os seus valores, de tal forma que, nas camadas médias, haja o prolongamento dos filhos nas casas dos pais (por dependerem financeiramente e/ou afetivamente deles), pressupondo adiamento da construção de uma nova família pelo(a) jovem. É pertinente entender que a gravidez causa

impactos na vida das jovens, não somente em relação às trajetórias afetivo-sexuais, de trabalho e escolares, como também no contexto da fruição do lazer para essas jovens.

Para as jovens das camadas populares, a gravidez intensifica as poucas chances históricas e socioculturais às quais estão inseridas. A constituição de uma nova família pode acontecer de forma precoce quando se trata das classes médias. Nas camadas populares há maior valorização da vida adulta, pois os(as) jovens são menos dependentes financeiramente dos pais. Nesse sentido, trabalham mais cedo e conseguem ajudar em casa (gastos financeiros e responsabilidades). Assim, nas classes populares, a gravidez na juventude aparenta ser menos problemática em relação às famílias de classe média.

Por conseguinte, ao falar dos(as) jovens pesquisados(as), não se pode deixar de considerar os aspectos: gênero, escola, trabalho, condição financeira, cor/raça/etnia, etc, pois tais fatores resultam em impactos diretos à vivência ao lazer. Com tais considerações, o próximo capítulo tece uma relação entre todo conteúdo exposto anteriormente com as falas dos(as) jovens entrevistados(as).

4 APRENDER A RELACIONAR OS SABERES: estabelecendo possíveis relações entre a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga com os pilares da educação/do conhecimento (*aprender a ser e aprender a viver juntos*)

Em síntese, este capítulo tem como pretensão: 1) estabelecer interconexões entre o conteúdo construído ao longo do trabalho com o discurso dos(as) jovens entrevistados(as) e, a partir daí, 2) apresentar comentários e realizar análises acerca dos relatos dos(as) jovens entrevistados(as). Sugere-se que o capítulo 4 não deva ser lido sem o subsídio teórico e reflexivo dos capítulos anteriores, uma vez que toda discussão levantada auxilia e complementa o raciocínio agora empreendido. Agora seguem considerações gerais sobre o universo lazer e, depois, inicia-se a apresentação dos dados empíricos.

4.1 Considerações introdutórias e pertinentes ao lazer

Para início de conversa, consta-se que, durante a feitura desse trabalho, em suas primeiras ideias, a intenção desta pesquisa, repleta de pré-concepções, era constituir relações entre o lazer e os valores contestatórios; reflexivos; críticos e emancipatórios que podem do tempo-espaço do lazer emergir, na sua própria fruição, já que pela sua vivência há a possibilidade real do desenvolvimento do seu caráter pedagógico não-formal que, conseqüentemente, transcende as linhas divisórias da escola.

No entanto, com as leituras realizadas durante o desenvolvimento desse trabalho; junto às disciplinas cursadas durante a inserção como discente no Programa de pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG; e com a imersão na própria realidade social do Poço da Draga, rever esse posicionamento é imprescindível, pois, o lazer, como se sabe, não categoricamente pode expressar valores contestatórios; reflexivos; críticos e emancipatórios. Muito pelo contrário, o lazer pode contribuir para uma real ampliação da alienação, do consumismo, para a conformação das pessoas.

Desse modo, reconhece-se que há dois pontos de vistas distintos que engendram o universo do lazer. Nesse cenário, as tramas culturais do lazer: 1) ora evidenciam tempo e espaço para a manifestação do tradicional e da novidade; 2) ora expressam o conformismo e a resistência. Fruto dessa dicotomia, o lazer é visto tanto como reprodutor da ordem social como produtor do novo (GOMES, PINTO, 2009, p.81).

Nesse entendimento, nunca é demais salientar que a concepção de mundo dominante pode acentuar a manutenção ou a mudança (ou ambas simultaneamente). Acentuar

uma ou outra (ou ambas), isso irá depender da forma como as forças sociais conflitantes se confrontam e defendem os seus interesses alternativos (MÉSZÁROS, 1930).

Nessa situação, é preciso interpretar que são as inúmeras estratégias utilizadas pela concepção de mundo dominante, pela indústria cultural e que acontecem com vistas à conformação, e o ajustamento das pessoas pelo consumo alienado da diversão. Contudo, não resta somente a essa lógica a aceitação passiva pela população, pois as possibilidades de resistência emergem nesse cenário, ao se buscar vivências de lazer mais significativas e comprometidas com as mudanças da sociedade, já que como certificado, o lazer não é expressão e alvo somente do consumo alienado, que padroniza gostos e preferências.

Dessa maneira: “[...] se é certo que o consumo alienado de práticas culturais de lazer dificulta o pensar crítico, também é certo que ele pode não aniquilar completamente a percepção crítica da realidade” (WERNECK; ISAYAMA, 2001, p.65).

Esclarece-se, portanto, que projetar as pessoas como produtoras de cultura é entender e ampliar as suas possibilidades para a construção do saber teórico-prático, lúdico e educativo. Saberes que envolvem diversas experiências do lazer como tempo-espço da criação, contestação, criação e transformação, na estreita relação com a busca da autonomia e pela luta por uma vida digna.

Desse modo, a experiência da vivência do lazer não se reduz somente a reprodução da cultura de consumo. E, por assim acontecer, deve-se estar ciente de que o lazer pode contribuir com a constituição de uma nova realidade, “[...] desde que não seja considerado um fenômeno isolado, mas como um dos elementos que integram uma complexa trama de interações de naturezas distintas” (WERNECK; ISAYAMA, 2001, p.69).

Portanto, ao entender as duas vertentes dicotômicas expostas que reverberam o universo do lazer, averigua-se como a fruição do lazer dos(as) jovens entrevistados(as) estão sendo vivenciadas/experimentadas e por quais ideias elas se norteiam. Para isso, é indispensável identificar e interpretar como e quando acontece a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga, informações encontradas no próximo tópico a seguir.

4.2 Identificando e interpretando como e quando acontece a prática e a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga

Para início, considera-se importante relatar que as jovens entrevistadas demonstram ser mais receptivas ao processo de realização das entrevistas em relação aos jovens. Nos dois casos, talvez, pelo detalhe de que quem conduz a pesquisa também é considerada jovem e mulher, o que pode ter ocasionado aos participantes meninos maior

restrição no tocante às falas e maior participação e identificação das meninas com quem desenvolve o estudo. Com as jovens entrevistadas é mais fácil estabelecer o diálogo sobre as questões propostas no roteiro de entrevista⁴². Recorre-se a essas questões particulares para falar agora sobre a fruição do lazer dos(as) jovens entrevistados(as).

4.2.1 Bloco 1: Fruição do Lazer

Em linhas gerais, a fruição do lazer é considerada como o aproveitamento, a vivência do lazer. O que se sabe é que são variados os conceitos, as teorias, os entendimentos e os pontos de vista que engendram o campo do lazer. Nisso entende-se que uma ideia ou uma teoria não devem ser instrumentalizadas, tampouco consideradas um veredito autoritário. Em oposição, uma ideia ou uma teoria devem ser relativizadas e não consideradas como verdades absolutas. Portanto, ambas devem ajudar e orientar a pensar em estratégias que são destinadas aos seres humanos (MORIN, 2011).

Nessa perspectiva é que se utilizam alguns dos entendimentos do lazer para orientar o estudo, e não para delimitá-lo; enquadrá-lo; reduzi-lo.

Fruto do *inesperado*⁴³ presente ao longo dos relatos dos(as) jovens, pode-se dizer que há momentos em que as falas dos(as) entrevistados(as) vão supor o estabelecimento de identificações/aproximações com o que é citado por determinados(as) autores(as) do campo do lazer. Nesses momentos, tenta-se formar a discussão entre o conteúdo contido nas falas dos(as) jovens entrevistados(as) com o que pronunciam os(as) autores(as) do lazer.

Assim, não se espera que se aduza unicamente a sua afinidade (e predileção) teórica do entendimento de lazer. Pelo contrário, utiliza-se da compreensão de alguns autores(as) pertinentes ao contexto explicitado e que conseguem estabelecer maior proximidade com as falas dos(as) jovens entrevistados(as). Em outros momentos, quando não for clara a aproximação entre o que a academia científica pronuncia e o que o(a) jovem relata,

⁴² Goldenberg (2006) aponta no desenvolvimento do seu estudo considerações semelhantes às apontadas agora. Relata que os homens são econômicos e objetivos em suas respostas, enquanto as mulheres excedem os espaços destinados as suas respostas durante a realização da pesquisa. Ela também averigua que o discurso masculino é predominantemente silencioso, não dito, fato detectado na recusa em responder os questionários, ou ao apontar questões em branco, ou preenchida com simples traços. Já as mulheres se depuseram a falar mais do que os homens, apontando respostas mais precisas.

⁴³ O inesperado surpreende, pois se agarra na segurança e no conforto das teorias e ideias, que não tem estrutura para acolher o novo. “Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, o inesperado. [...] E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo” (MORIN, 2011, p.29).

“Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a autorreformular-se” (MORIN, 2011, p.30).

tenta-se mostrar, segundo o relato dos(as) entrevistados(as), umas das possibilidades de entender o tempo-espaço do lazer no universo juvenil.

Assim, escreve-se acerca *da fruição de lazer* dos(as) jovens entrevistados(as), ressaltando que, especialmente os jovens rapazes, apresentam estreita ligação com o esporte. Os jovens estão sempre praticando alguma modalidade esportiva no seu dia a dia; na sua rotina. Geralmente no Poço da Draga, quando não, em locais no seu entorno.

Relembra-se que a comunidade Poço da Draga conta com o desenvolvimento do Projeto Atleta Cidadão, executado pelo entrevistado 12. Projeto que pode ser considerado “porta de acesso ao mundo do esporte” para muitos dos jovens entrevistados. É importante recordar essa informação, uma vez que alguns dos jovens entrevistados relatam participar do projeto citado. Os demais jovens entrevistados não participantes do projeto expressam, mesmo assim, o contato com o esporte na sua rotina; no seu dia a dia, independente de estudar, trabalhar, estudar e trabalhar, não estudar ou não trabalhar, ou ter filho.

Mesmo que duas jovens entrevistadas digam participar do Projeto Atleta Cidadão, a presença acentuada do esporte na vida das jovens não é detectada do mesmo modo nos discursos delas em relação aos jovens. As jovens demonstram particularidades de fruição do lazer em detrimento dos jovens, que variam principalmente conforme a situação ocupacional, por exemplo: se a jovem trabalha ou não, bem como o conjunto das responsabilidades rotineiras realizadas por elas. Fatores que, juntos, demarcam às particularidades do público em questão. É percebido que os dois fatores mencionados não interferem diretamente na fruição do lazer dos jovens, diferente do que acontece com as jovens.

Com isso, pode-se dizer que os jovens apresentam propensão a ter maior tempo para o lazer e demonstram uma menor preocupação com o conjunto de atividades que eles desenvolvem em relação às jovens entrevistadas, conforme argumentos tecidos abaixo sobre os(as) jovens entrevistados(as).

O jovem e a jovem que *somente estudam* são os que mais se assemelham no quesito características acerca da fase da vida que enfrentam. Ambos estão em busca de algum trabalho e dispõem de um tempo para o lazer que supre as suas necessidades pessoais. Apresentam uma rotina de vida relativamente tranquila, harmônica, estável e equilibrada no que diz respeito ao lazer, ao estudo e as demais esferas da vida.

O jovem que *somente trabalha* tem contato com a vivência do lazer no seu local/espço de trabalho, diferente do que acontece com a jovem que também trabalha. A jovem tem que separar/destinar um período da sua rotina, em meio aos seus dois empregos, para o lazer. Enquanto ela, por meio do seu trabalho, pensa no outro, reflete sobre a condição do ser humano; ele pensa em vender mais e mais os seus produtos. Assim, o trabalho dele e

dela desperta sentimentos diferentes para cada um dos dois. Ambos apresentam uma maior autonomia financeira, o que permite maior liberdade de escolha durante o lazer. Para a jovem, o lazer é essencial para conseguir encarar a sua rotina semanal bastante cansativa. Para o jovem, o seu trabalho é o seu lazer.

O jovem entrevistado que *estuda e trabalha* não atribui significativa importância ao estudo, frequentando o colégio geralmente no fim de semana, para realizar os simulados para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), diferente do que acontece com a jovem que estuda e trabalha. Ela demonstra ter mais responsabilidade com o estudo, realizando essa atividade, muitas vezes, na madrugada, para colocar os assuntos estudados em dia, já que o seu trabalho impacta na redução do seu tempo de estudo no período da manhã, da tarde e da noite, além da redução do tempo de lazer. Com a mesma jovem, também é identificada a responsabilidade que ela demonstra ter com os assuntos familiares; em pagar as contas da casa, cuidado com a casa, com a saúde da mãe. Este conjunto de responsabilidades não é detectado, em nada semelhante, nos discursos dos jovens, tampouco do jovem que estuda e trabalha. Mesmo ela falando que não gosta muito de estudar, a entrevistada não deixa de assinalar a importância que a educação trará para o seu futuro.

O jovem que *não estuda e não trabalha* diz que “não faz nada” no seu dia a dia, relacionado o fato também às tarefas domésticas. É protagonista somente do seu lazer. Diferente disso, a jovem que vivencia processos semelhantes ao dele, ou seja, não estuda e não trabalha, costuma cuidar da casa, do sobrinho e da mãe, tanto é que ela teve que abandonar os seus estudos para auxiliar a mãe que passava por problemas de saúde.

No caso do e da jovem *que tem filho*, a entrevistada diz que é responsável pelo cuidado do filho e da casa sozinha, não recebendo ajuda do pai da criança com as tarefas domésticas, o que faz com que ela não tenha tempo para o lazer. O jovem entrevistado que tem filho não mora com o seu filho. Diz que costuma ir visitá-lo. Daí supõe-se que muitos dos cuidados relativos ao filho estejam restritos a mãe da criança, pois é ela que está em maior tempo com o filho deles. O entrevistado diz que não deixou de fazer nada relacionado ao lazer após ter tido um filho, mesmo que ele tenha reduzido.

Nesse sentido, todos os jovens entrevistados afirmam categoricamente terem tempo para fazerem o que gostam na sua rotina; no seu dia a dia, como já está sendo apresentado. Exemplo que ajuda a entender *o que os jovens entrevistados mais gostam de fazer e com que frequências fazem o que gostam (por lazer)* é encontrado no relato do próprio entrevistado 1, que diz praticar a modalidade esportiva triathlon todos os dias da semana, tendo somente o domingo para descanso. O triathlon é eleito pelo entrevistado 1 como sendo o que ele mais gosta de fazer durante o seu tempo de lazer.

Além disso, ele costuma: “Jogar bola mesmo como todo garoto daqui (do Poço da Draga) gosta de fazer. Jogar futebol; quase todo dia”. (ENTREVISTADO 1). Ele também: faz ciclismo; vai à praia; busca “[...] surfar; nadar, porque eu faço Triathlon, porque eu gosto também; jogar bola. Esse é meu dia a dia... E à noite vou para o curso. Eu faço curso Técnico de Mecatrônica. E é só isso mesmo. A maioria do meu dia a dia. É isso”. (ENTREVISTADO 1). Como dito, a rotina de quem somente estuda aparenta ser mais tranquila e mais favorável a vivência do lazer. Na fala, nota-se uma organização definida em relação ao tempo destinado para cada momento – lazer e estudos.

Para o entrevistado, estar vivenciando *o que ele gosta (por lazer) costuma acarretar*: “Sensação de **liberdade!** Você pode se divertir com eles (os amigos); **conviver**; ver eles direto assim. É mais isso mesmo. Liberdade mesmo. (...) satisfação total quando tô no triathlon. É... (sensação de) dever cumprido quando treina” (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**). A sensação de liberdade está muito ligada à possibilidade de realizar/poder fazer o que se gosta, sem interferências indesejadas; estar próximo às pessoas que se quer estar, por preferência. É um tempo-espço de autonomia e de espontaneidade. Para Szapiro e Resende (2010), a liberdade tem valor central para os jovens, e hoje, muito mais do que autônomos, sentem-se livres para decidirem sobre suas vidas.

Deduz-se também segundo o relato do entrevistado 1 que praticar o triathlon acarreta em uma série de consequências consideradas importantes para ele, como a construção da convivência coletiva com as pessoas das quais ele esboça ter um vínculo afetivo, como ele cita que acontece com a presença dos seus amigos e do seu grupo. Nessa conjunção de argumentos, é admissível pronunciar e é perfeitamente cabível a seguinte citação:

Naquilo que se refere ao lazer juvenil como experiência cultural coletiva, deve-se reportar à centralidade do grupo de pares no processo de formação humana. A convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; desse modo, a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais (BRENNER *et al.*, 2008, p.30).

Semelhante ao que propõe o autor é detectado ao longo da pesquisa, não somente pelo entrevistado 1, mas na fala de muitos(as) dos(as) jovens entrevistados(as) (quase uniformemente), a importância e a centralidade dos ciclos de amizades em suas vidas, quer seja pela partilha das conquistas e das não conquistas acontecidas em suas trajetórias de vida; quer seja pelo aprendizado mútuo que acontece com a convivência coletiva; pela construção do pensamento e das formas de pensar individuais e coletivas; e pela própria companhia “do(a) outro(a)”, que faz o(a) jovem perceber que tem alguém por perto para auxiliar nos

momentos bons e difíceis da vida. Com essa configuração, o lazer no universo juvenil se expressa como experiência cultural de natureza eminentemente coletiva e afetiva.

Além da relação e do vínculo afetivo que se constrói entre o entrevistado 1 e os seus amigos, ele encontra no triathlon também uma “ponte” para o seu autoconhecimento. Segundo ele: “O triathlon **ajuda muito a pessoa a se desenvolver**, porque você vê que... Tem os compromissos que tem que cumprir e... A carga horária que você tem que fazer. Ajuda muito como pessoa isso daí” (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

Ou seja, a modalidade esportiva triathlon acarreta para o entrevistado 1 o contato com um conjugado de responsabilidades que passam imediatamente a fazer parte do cotidiano dele. Nesse sentido, o esporte é um aliado ao desenvolvimento do jovem, ao propiciá-lo o contato com os compromissos, ao aflorar as suas responsabilidades e as suas potencialidades, bem como estimular o cumprimento de tarefas; o respeito ao próximo; o trabalho em grupo. Com isso sendo posto em prática, torna-se mais compreensiva a convivência com o outro, de modo desinteressado, e o reconhecimento da importância do conhecimento sobre si.

Assim, o esporte, encarado como fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades, não se limita ao ensino e a aprendizagem esportiva. Por conseguinte, é considerado ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva (PAES; BALBINO, 2009).

Nesse contexto, considera-se que o esporte não se reduz ao ensino somente da técnica. Ele transmite e constrói valores que são utilizados na sociedade por meio da sua vivência, do seu ensino e da sua aprendizagem. Isso tudo para dizer que o tempo-espço do lazer amplia os laços de amizade, ensinando a *aprender a conviver* com o(a) outro(a), além de trazer um maior conhecimento sobre si, ensinando a *aprender a ser* quem se é.

Esse similar entendimento do esporte é proposto por Paes e Balbino (2009) e encontrado na fala do entrevistado 12, professor do projeto Atleta Cidadão, como é visto em momento anterior, no capítulo inicial da dissertação, uma vez que o entrevistado 12 em sua atuação profissional relato que busca transmitir uma série de valores e de princípios por intermédio do esporte. Desse modo, o entrevistado 12, em seu ofício, além de resgatar “(...) a importância de trabalhar com o aluno os aspectos técnicos da modalidade escolhida”, também expressa “[...] a importância de intervir junto ao educando quanto a aspectos relativos a valores e princípios” (PAES, BALBINO, 2009, p. 74).

Por ponderar sobre o esporte, mais uma vez o assunto aparece no relato do entrevistado 3, que estabelece algumas semelhanças com o entrevistado 1, uma vez que o mesmo aponta a prática de uma modalidade esportiva, o triathlon, como parte de sua rotina diária. A prática deste esporte para o entrevistado 3 acontece todos os dias da sua semana. Para ele, viver esse momento possibilita as seguintes sensações/sentimentos:

É meio complicado falar porque tem vezes que tem momentos felizes, porque você tá num bom... Ritmo bom de prova. E tem momentos tristes, que você não tá bem quanto queria tá. A dor também faz parte. É isso. **É um “bocado” de sentimento num só esporte!** (ENTREVISTADO 3, grifo nosso).

Outra vez, nota-se que o esporte desperta sentimentos e sensações variadas para quem o pratica e geralmente manifesta em si a fase pela qual o praticante está vivendo naquele determinado período. Por exemplo, no caso do jovem entrevistado, os consequentes fatores trazem para ele sensações distintas: se ele vence ou não a competição; se ele tem um bom rendimento ou não; se ele consegue fazer o esperado ou não nas provas e nos treinos. Assim, tudo que é vivido no tempo-espço do lazer influencia diretamente no jeito de ser do entrevistado 3. Logo, as sensações e sentimentos humanos se revelam pelo esporte, posto que ele não se encontra separado das outras esferas e dimensões da vida humana.

Nesse contexto, quando indagado ao entrevistado 3 se, além dos sentimentos de tristeza e alegria ressaltados por ele, há algo mais que ele sente quando costuma fazer o que gosta, obtêm-se o seguinte: “O que o Triathlon traz pra mim... primeiro... mais disposição para correr mais do que os outros (risos), como uma partida de futebol. Sei lá, complicado dizer” (ENTREVISTADO 3).

Assim, percebe-se como é difícil descrever o que se sente e se vive. Porém, é sentido e é vivido. Logo, ao fazer o que se gosta, cada pessoa atribui o sentido (particular) para os sentimentos e sensações resultantes da fruição do lazer.

Padilha (2014) corrobora com essa colocação ao dizer que o lazer expressa-se como um potencial de criatividade e que *cada um tem a responsabilidade de cultivar a sua maneira*, em função dos valores que dão sentido à vida. O lazer, dessa maneira, inscreve-se nas temporalidades humanas inconstantes: *valores, afetos, modos* etc.

E diferente dos *valores, afetos e modos* de viver o lazer dos entrevistados 1 e 3, que apresentam marcante ligação com Triathlon, o entrevistado 4 contém uma ligação com o futebol na sua rotina. Em relação à frequência que joga futebol, ele diz: “se tiver todo dia, eu acho que eu jogo todo dia (...)” (ENTREVISTADO 4).

Além do futebol, ele ressalta que gosta de ir à academia e costuma frequentá-la todos os dias na semana por gostar de praticar exercícios físicos e pela contribuição que os exercícios físicos podem ocasionar para o seu corpo. Ainda sobre o mesmo entrevistado, um dos assuntos que se destaca em sua fala é a questão dele estabelecer a distinção entre o que é para ele considerado um “simples passatempo” e o que é considerado “lazer”. Para elucidar, o entrevistado 4 utiliza como exemplo o *vídeo game*.

Quando o entrevistado 4 conta sobre o que gosta de fazer, ele coloca o seguinte: “O *vídeo game* é só para passar o tempo. (...) Quando eu não tô fazendo nada. Tenho gastura (de ficar sem fazer nada) (risos)” (ENTREVISTADO 4).

O passatempo, nesse sentido, é somente acontecido para o preenchimento de um tempo-espaço do não fazer nada, com a finalidade de ter algo o que fazer, para não ficar sem fazer nada. De maneira diferente acontece quando supostamente se faz o que se gosta por lazer, pois quando se faz o que gosta por lazer não se busca tão somente uma “ocupação” em si, como acontece no tempo-espaço do passatempo. Como o entrevistado não “faz nada”, como ele mesmo diz, ele fica tentando preencher o seu tempo, como faz com o *vídeo game*, para ter algo o que fazer.

O mesmo entrevistado 4 não consegue descrever e transformar em palavras o que sente ao jogar futebol, mesmo sendo o que ele mais gosta de fazer. Mas, mesmo assim, ao longo da sua fala, ele traz algumas pistas, ao citar o que sente nesse tempo-espaço: “**Feliz**. Sei lá. Disposto a fazer aquilo e dar o melhor” (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

O futebol é para ele: “Esse é o único esporte que eu gosto mesmo! Aí eu acho que (pausa)... Sei lá... **Tenho nem palavras. É muito bom!** Sei lá. Eu gosto demais de jogar. Me sinto **livre**. Sei lá. Disposto a fazer qualquer coisa com a bola. Sei lá. Quando eu tô jogando” (ENTREVISTADO 4, grifo nosso).

É então como se nesse momento do lazer o ser humano transcendesse a sua condição de pessoa simples, preso às amarras do cotidiano, e se libertasse; distanciando-se do cotidiano, deparando-se com o seu “verdadeiro eu” e a sua essência, encontrando a felicidade.

No relato pode-se encontrar a relação do futebol com a sensação de liberdade. Há o aumento da disposição para alcançar o seu melhor, que o leva a pensar que tudo é possível, que tudo pode acontecer no momento do fazer o que se gosta (por lazer). Nesse mesmo tempo-espaço do fazer o que se gosta, segundo o entrevistado 4, é o tempo-espaço da sua própria felicidade. Percebe-se que o universo do lazer envolve aspectos subjetivos: liberdade, felicidade, dentre outros fatores que são mencionados.

Até aqui, retoma-se dizendo que os entrevistados 1 e 3 tem relação com o triathlon; o entrevistado 4 com o futebol; e o entrevistado 5, que agora é introduzido, tem relação de maneira especial com o freestyle na sua rotina.

O entrevistado 5 diz que treina *freestyle* todos os dias da semana. Mas, além do freestyle, ele costuma também jogar futsal e ir à igreja. Os três exemplos citados de práticas concebem-se como sendo o que ele mais gosta de fazer como lazer no seu dia a dia, como pode ser acompanhado no relato: “Eu vou para a Igreja, volto. Vou treinar *freestyle*; depois

vou treinar Futsal. Aí... Saio com os meus amigos e volto, e tamo aí, agora”. (ENTREVISTADO 5).

E assim como o entrevistado 4, o entrevistado 5 também fala sobre as sensações e sentimentos que o fazer o que gosta (por lazer) possibilita. Esclarece que isso o faz viver a própria *felicidade*, entrelaçada com a sua satisfação e com o autoconhecimento. Como exposto em momento anterior, as falas dos jovens são predominantemente sucintas e diretas, fato ratificado em cada fragmento apresentado.

O assunto em questão encerra-se quando o entrevistado 2 apresenta em sua fala uma particularidade em relação aos demais entrevistados homens, ao estabelecer a relação entre lazer e trabalho, que acontece para ele ao mesmo momento, de forma coesa, já que ele diz que o que gosta mesmo é trabalhar. É ainda nesse mesmo tempo-espço em que ele vive o lazer. Pode-se verificar o seguinte argumento quando o entrevistado 2 afirma que:

Eu gosto de trabalhar para eu mesmo, porque eu tô por aqui já por causa dos padrões dos outros; e o meu ramo de trabalho, é porque... **É aqui na praia. E já é um lazer! É você trabalhando e, ao mesmo tempo, desfrutando do ambiente aqui; a praia,** né, que a gente mora aqui e precisa trabalhar aqui já, pra ganhar o pão de cada dia, entendeu? (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

O pensamento do entrevistado 2 ajuda a esclarecer por vias concretas o que propõe Stebbins (2014). O autor aponta que no ambiente de trabalho pode acontecer a conciliação e o desenvolvimento concomitantemente das responsabilidades laborais e das práticas de lazer. Propõe uma associação direta do trabalho e do lazer como esferas que se coadunam e que podem ocorrer simultaneamente.

O “*devotee work*”, nomenclatura que Stebbins (2014) utiliza, configura-se como aquele que concilia trabalho e lazer. Portanto, trabalho e lazer não são esferas totalmente distintas e opostas para o autor em questão, uma vez que elas podem acontecer no mesmo momento. A distinção que se faz entre o lazer sério e o que é denominado de trabalho, chamado de “*devotee work*” é que, no segundo caso, as pessoas, ao realizarem as suas atividades laborais, são pagas pelo seu esforço, já no caso do lazer sério o mesmo não acontece, pois não há o envolvimento financeiro como forma de pagamento.

O “*occupational devotees*” caracteriza-se por ser aquela pessoa que ama a sua atividade e o que faz; encontra o prazer no que realiza, na mesma intensidade de quem exerce o lazer sério, pois o trabalho traz recompensas semelhantes ao lazer e um alto grau de realização. Assim, tanto o “*serious leisure*” quanto o “*occupational devotion*” podem trazer recompensas profundas tanto na esfera pessoal quanto na social, em ambos os casos, são igualmente atraentes e vivenciadas, em muitas vezes, do mesmo modo nos dois contextos.

Os casos citados acima apresentam um leque de atividades diversificadas que são desenvolvidas por meio do trabalho crítico e inovador, que acontece em certo ambiente físico e social, durante um determinado tempo. Essa atividade requer habilidade, conhecimento e experiência de quem a realiza.

O “*serious leisure*” pode ser considerado como uma atividade que é desenvolvida por: amadores, voluntários e praticantes de hobbies. Tais atividades acarretam uma profunda satisfação e gratificação aos sujeitos envolvidos. Consequentemente, o lazer sério pode ser definido conforme algumas qualidades, tais como:

[...] a auto-realização, o auto-enriquecimento, a auto-expressão, a regeneração e renovação de si próprio, sentimento de realização, o aumento da autoestima, a interação social e o sentimento de pertencimento e os produtos físicos da atividade (STEBBINS, 2014, p. 52).

Nessa citação de Stebbins (2014), fica mais fácil visualizar que para o entrevistado 2 viver o momento – trabalho e lazer – representa o encontro do prazer e da sua realização, como acontece com o “*occupational devotees*”. Esse momento – trabalho e lazer – também se concretiza como tempo-espço propício à construção e efetividade da sua cidadania, como pode ser tomado no relato abaixo:

Como eu já fiz muita coisa errada, eu me sinto já (pausa rápida)... Vamos dizer (pausa rápida): **um cidadão normal**. Entendeu? Eu trabalho todo dia, pago minhas contas, meu CNPJ. E agradeço a Deus por cada dia que passa aqui na terra. (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

O entrevistado 2 diz que havia se envolvido com problemas anteriores de ordem jurídica e que ter acesso ao trabalho, ao lazer, por exemplo, o faz sentir um cidadão⁴⁴, o que proclama, em outros termos, ainda que de maneira frágil e insipiente, o exercício dos seus direitos civis, políticos e sociais.

Nota-se que o reconhecimento e pertencimento social, ainda nos dias de hoje, para os(as) jovens, e cada vez mais, acontecem associados ao mundo do trabalho. A partir dele o(a) jovem torna-se pessoa/gente. É por meio dele que se tem acesso ao mundo do consumo; pagam-se as dívidas; constrói-se uma vida que atenda as normativas e exigências sociais.

⁴⁴ “Se reconhecer enquanto sujeito de direitos é pressuposto fundamental na luta pela garantia desses direitos, mas não basta somente um “autorreconhecimento”, é necessário lutar para que esse reconhecimento seja ampliado para além de um único segmento social; tal concepção deve infiltrar toda a sociedade para que seja possível um avanço quanto à consagração em uma ordem prática desses direitos que a realidade tem mostrado como, em grande parte, violados” (SCHERER, 2013, p.164).

Estar no mercado de trabalho, ainda que de forma precária, em dada circunstâncias é garantia de acesso a determinados bens materiais, do respeito e apreço da família, bem como ao consumo de alguns bens que delimitam identidades juvenis (NOVAES, 2006). Por esses motivos, o trabalho no contexto juvenil é tão valorizado e buscado.

No geral do relato, percebe-se que há o reconhecimento pessoal do entrevistado 2 como um sujeito portador de direitos, especialmente pelas vias do mundo do trabalho. Contudo, atenta-se que esse mesmo reconhecimento necessita acontecer também pela população, esta que muitas vezes vê o jovem, sobretudo os jovens que moram nas periferias, pelo prisma do estigma, vinculando a sua imagem à criminalidade, aos estereótipos, à transgressão, não conseguindo, portanto, percebê-lo como parte de um contexto de (des)proteção social (SCHERER, 2013).

Ademais, mesmo se reconhecendo como sujeito portador de direitos, o entrevistado 2 relata exemplos que distanciam-se da garantia destes no tempo-espaço do lazer, ao falar sobre o seu lazer: “Além da praia... Tem a praia; eu surfo... Só tem a praia, se não for à praia aqui (risos)... O esporte é na quadra (quadra do Poço da Draga); basquete”. (ENTREVISTADO 2). Ele conta que a quadra de esporte encontra-se com o suporte para o basquete quebrado no momento, o que impossibilita o seu uso.

Com o que é dito por ele no parágrafo supracitado, retoma-se a questão das ínfimas possibilidades que são colocadas para os(as) jovens moradores da periferia do Brasil em termos de opções de lazer, somada a precariedade (ou ausência) dos serviços que são ofertados pelo poder público às juventudes. Fato detectado e legitimado quando o próprio entrevistado 2 coloca (descontente): “se não for a praia aqui”. Com isso fica perceptível que a condição juvenil acontece de forma desigual e diversa em função dos critérios origem social, dos níveis de renda, das disparidades socioeconômicas e outros (NOVAES, 2007).

E é a partir do conjunto de oportunidades ou da ausência delas, de acessos diferenciados, que as juventudes apresentam *ethos*, estilos de vida, visões de mundo e modos de construção da realidade social de maneira particular, interagindo com o que as cercam e deixando-se interagir com elas mesmas (as juventudes), no trânsito entre indivíduos; nas múltiplas possibilidades de ser jovem e de se construir jovem. Por assim ser, assegura-se que “[...] jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (NOVAES, 2006, p. 105).

Com tais preposições, mesmo que partindo do pressuposto das limitações do lugar social que ocupam os(as) jovens do Poço da Draga, que moram num lugar que está distante de alcançar os reais investimentos necessários pela iniciativa pública para a garantia de uma vida digna, como visto início da dissertação, pela ausência do Estado e de seus serviços, mesmo assim, não se pode deixar de perceber que eles(as) são jovens e, portanto, “(...) amam, sofrem,

divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida” (DAYRELL, 2007, p.1109), assim como os(as) demais jovens do Brasil. E são essas experiências de vida juvenis dos(as) jovens do Poço da Draga que conduzem a construção dessa pesquisa.

Em outro assunto que envolve esse público, relativo aos *lugares e espaços* que os entrevistados costumam frequentar para fazer o que gostam (por lazer), o entrevistado 1 diz que esses locais geralmente estão dispostos próximo a comunidade, como é o caso do CDMAC, da Beira Mar, além da própria comunidade em si, como é o exemplo da praia de lá, local em que acontece o treino de triathlon, e a quadra de esportes, local em que o entrevistado 1 diz que joga futebol. O entrevistado 1 também fala que:

Tipo, eu procuro ir pra parte do *ciclismo*, a gente procura ir para os cantos que tem menos trânsito, que a gente possa pedalar mais sossegado, sem medo de acontecer qualquer acidente. O *futebol* a gente aqui fica na comunidade, vai pro Dragão do Mar, duas quadras aqui perto. E é isso. O *mar* aqui da Comunidade, ou lá no Aterro (localizado na Praia de Iracema) (ENTREVISTADO 1).

Alguns dos lugares citados pelo entrevistado aparecem com frequência nos discursos dos demais entrevistados. O CDMAC e o calçadão da Beira Mar, mais uma vez, aparece no discurso do entrevistado 5. Eles são citados como sendo os locais em que o entrevistado costuma frequentar para realizar os seus treinos de freestyle e sair com os amigos para conversar e passear. Além dos treinos de *freestyle* no CDMAC, lá ele costuma: “Eu fico conversando lá com meus amigos que vem da Dom Manuel ali (uma rua próxima ao Dragão do Mar), aí a gente bate um racha também”(ENTREVISTADO 5). E, no caso da igreja (situada próxima ao Poço da Draga e do CDMAC), o entrevistado 5 relata que costuma frequentá-la como local da vivência do lazer.

Sobre os lugares e espaços que o entrevistado 4 costuma frequentar para fazer o que ele gosta (por lazer), detectam-se em sua fala: a quadra de esportes da própria comunidade; o CDMAC e outras quadras de futebol, no qual a escolha delas varia de acordo com o local que acontece a prática esportiva. Por exemplo, o local que pode acontecer um dos campeonatos que o entrevistado 4 participará. Vê-se melhor o exemplo com o fragmento abaixo sobre os locais que o entrevistado 4 exemplifica, seguido de uma foto que ilustra a quadra do Poço da Draga.

Ali (na quadra de esportes do Poço da Draga). Às vezes fora (do Poço da Draga), no campeonato fora, porque eu jogo no time. Mas se tiver todo dia, eu acho que jogo todo dia (ENTREVISTADO 4).

Foto 8 – Quadra de esportes do Poço da Draga



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

A foto acima ilustra a quadra de esporte do Poço da Draga. Podem-se notar alguns jovens reunidos, conversando, no final da tarde. Depois de um tempo, ao entardecer, chegam mais jovens. Eles começam a praticar esportes ou alguma brincadeira. Há muito barulho de diversão; muitos risos; alegrias. Quando se vai embora, é noite. Eles ainda estão lá. A foto mostra algumas casas do Poço da Draga, próximo à quadra de esportes. (por questões de segurança pessoal, não há como trazer fotos que ilustrem o interior do Poço da Draga).

Depois de dito isso, retomando o diálogo com o entrevistado 4, quando se pergunta para qual time ela joga. Obtêm-se a seguinte resposta: “Na Comunidade e jogo no Barça. Mas têm outros times fora que eu jogo também. Os caras me chama” (ENTREVISTADO 4). Nas palavras dele:

Os lugares que mais jogo é aqui (Poço da Draga); às vezes na quadra do Dragão (CDMAC); aí tipo assim, tem várias quadras que eu jogo, né. É difícil definir um canto certo mesmo, mas, o que eu jogo mais é aqui. [...] Por que tipo assim: não sou eu que escolho. É... Onde chamam a gente pra jogar. Onde... Tipo... Eles dizem a quadra e a gente vai. Como se fosse um campeonato. Eles que dizem a quadra e a gente vai lá só pra jogar (ENTREVISTADO 4).

Além disso, ele pronuncia que: “Eu costumo sair no fim de semana, com os amigos...”, para o: “[...] Dragão, dar uma volta na Beira Mar, ir pra praia aos domingos”, “[...] Conversar, beber”. E nessa situação: “[...]eu vou só ficar zoando com a galera mesmo”. Na Beira Mar ele costuma: “Dar uma volta de Skate, às vezes. Tirar uma resenha com amigos, conversar. Pronto. É isso!” (ENTREVISTADO 4).

Os amigos assumem um papel primordial no partilhar da vivência do lazer, pelo prazer da companhia, pelo dividir dos momentos de felicidade.

Não muito diferente dos demais jovens entrevistados, o entrevistado 2 costuma frequentar também a própria praia do Poço da Draga, o Estoril, o Aterro, o CDMAC, pois são lugares que ele também vende as suas bebidas e outros produtos.

Pronto. Aí como eu trabalho com drinks e coquetéis, eu já participo de todos os eventos de Fortaleza, entendeu? No **Aterro** (da Praia de Iracema), no *Dragão* (CMAC), entendeu? **Eu já trabalhando e usufruindo da música também** (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

Logo, os lugares em que o entrevistado 2 trabalha são os lugares que, como esclarecido, ele vivencia o lazer. Por fim, assim como o entrevistado 1, o entrevistado 3 costuma fazer o que gosta na própria comunidade, local que realiza o seu treino de triathlon frequentemente, ou próximo ao Poço da Draga, no CDMAC. Ele costuma: “Ficar *curtindo de boa* com os amigos” pela praça do CDMAC (ENTREVISTADO 3).

O entrevistado 3 relata que chegou a participar de umas oficinas oferecidas pelo CDMAC, mas hoje não participa mais.

Em linhas gerais, de acordo com o que até agora é apresentado, todos os jovens homens conseguem fazer o que gostam no seu dia a dia, por lazer. Geralmente os locais/lugares/espacos para fazer o que se gosta são os encontrados no próprio Poço da Draga ou redondeza, sendo em sua maioria espacos públicos. Os entrevistados costumam estar acompanhados no tempo-espaco do lazer.

Como dito em outro momento, o Poço da Draga está situado num lugar estratégico da cidade de Fortaleza. Próximo a ele encontram-se locais que são bastante frequentados pela população desta cidade, como é caso do CDMAC, do Estoril, da Beira Mar. Com a proximidade entre o Poço da Draga e esses lugares, nota-se que os jovens costumam usufruir disto.

A rede de espacos, locais e lugares frequentados pelos jovens entrevistados não demonstra uma apropriação nem o contato com outros bairros distintos do Poço da Draga e das redondezas, constatando-se numa apropriação peculiar dos espacos destinados às práticas de lazer pelos jovens da cidade de Fortaleza, no qual alguns fatores que resultam nisso que é visto agora.

A maioria dos entrevistados demonstra não *ter barreira*⁴⁵ *alguma à vivência do lazer* em seus cotidianos. Diz um deles: “Não. Sempre tenho facilidade de ir aos locais que eu gosto [...]” (ENTREVISTADO 1). Nessa mesma ideia respondem os entrevistados 3 e 4.

⁴⁵ Norteia-se como exemplo de barreiras do lazer o que propõe Marcellino (2010) – barreiras intraclasses: a questão do sexo, a faixa etária, etc; barreiras interclasses sociais: fator econômico.

Somente o entrevistado 5 ressalta a questão financeira como uma barreira para a vivência do lazer. Quando se indaga novamente ao entrevistado 5 se há outro fator que o impeça de fazer o que ele gosta, além da questão financeira, visto que rapidamente se recorda que ele tem um filho, o entrevistado 5 reafirma que não, que é somente a questão financeira que se configura como barreira ao lazer. O entrevistado 2 ressalta os entraves que tem com a Regional II⁴⁶. Ao tentar explicar os problemas que existem com a Regional II ele diz:

[...] Como eu posso te dizer, são pessoas que trabalham para a Prefeitura pra tá organizando, entendeu. Só que o organizado deles é todo errado!
 [...] Eles chegam abordando, já metendo a mão na mercadoria que não é deles, entendeu. Chegam já (dizendo) - Não é (assim): “Opa, boa noite, a gente tá aqui fazendo o nosso trabalho”. Entendeu? Não, não se preocupe não, vocês estão fazendo o trabalho de vocês e a gente tá saindo daqui. Aí quando der tal hora a gente saí; se você quiser voltar, entendeu. Aí eles já chegam já tacando a mão; e a gente já fica indignado. Aí acaba esquentando os dois lados. Aí tem que ter um pouco mais de diálogo, entendeu, com a Regional. É só a regional mesmo que a gente tem dor de cabeça aqui (ENTREVISTADO 2).

Nota-se o distanciamento de ponto de vistas entre o que propõe a gestão da Prefeitura Municipal de Fortaleza e o que pensa e espera que aconteça para as demandas da população. Não há o diálogo entre os dois. Não emerge o pensamento coletivo, unificado, com intuito de propor sugestões para os problemas cotidianos como os quais enfrenta o entrevistado 2.

Além desse obstáculo, há alguns outros entraves que o entrevistado 2 apresenta quando ele desloca-se, por exemplo, a uma festa para trabalhar na venda dos seus produtos, pois conforme ele: “Tem que pagar uma taxa para poder trabalhar; maior pilantragem”. (ENTREVISTADO 2). Assim, as barreiras do lazer do entrevistado 2 são os empecilhos postos durante o desenvolvimento das suas atividades laborais e, conseqüentemente, de lazer.

Percebe-se que não é feita nenhuma menção ao medo, a insegurança ou a própria violência urbana, como é recorrente nos discursos de muitos(as) jovens, o que muitas vezes reduz a participação destes nos espaços e equipamentos públicos. Também não é citada a

⁴⁶ A Secretaria Executiva Regional II abrange o Centro, que tem uma secretaria executiva própria, e a Aldeota, bairros com grande adensamento comercial e de serviços, responsáveis por importante fatia da arrecadação municipal. Ao mesmo tempo, concentra 15 áreas de risco, onde moram 2.808 famílias. A Regional II abriga 14,64% da população de Fortaleza e metade dos residentes têm, no máximo, 33 anos. Os bairros nela localizados possuem o segundo menor índice de analfabetismo dentre todas as regionais - fica atrás da Regional IV - e a melhor renda média por família: 13,2 salários mínimos por mês. Os rendimentos mais elevados estão no Meireles: 28,6 salários mínimos. Os piores rendimentos, assim como os piores índices de analfabetismo da Regional, estão nos bairros Cais do Porto, Praia do Futuro e Dunas. A SER II concentra 48,3% dos estabelecimentos que geram emprego na Capital. Estão ali reunidos 38,74% dos empregos formais de Fortaleza, sendo o principal motor econômico da cidade. As principais atividades estão relacionadas ao setor de serviços, seguido pelo comércio. São 21 bairros no total: Aldeota, Bairro De Lourdes, Cais do Porto, Centro, Cidade 2000, Cocó, Dionísio Torres, Guararapes, Joaquim Távora, Luciano Cavalcante, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I, Praia do Futuro II, Salinas, São João do Tauape, Varjota e Vicente Pinzón. (Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza Perfil da SER II, 2011).

frequente ida aos espaços privados. Percebe-se, com isso, que há uma apropriação maior do espaço público pelos jovens entrevistados. Para eles, o espaço público não deixa de ser o local do encontro, do prazer, do lazer, da festa.

Nota-se que a maioria dos jovens entrevistados *não deixou de fazer alguma coisa, de ir pra algum lugar, pelo fato de ser homem, no momento ou no não momento de lazer*. Somente o entrevistado 2 anuncia: “Entrar no banheiro feminino (risos). Pronto. O resto...” (ENTREVISTADO 2).

Vale a pena ressaltar o estranhamento que os jovens expressam quando a seguinte questão é colocada, notado pelas mudanças no aspecto dos rostos de cada um, por demonstrarem espanto; ou estranhamento; ou não entendimento; ou até reações consideradas “engraçadas”, como é percebido com os risos do entrevistado 2 e do seu grupo de amigos que estava próximo a ele no momento em que se faz essa pergunta em análise.

Em relação à *discriminação e preconceito ocorridos no dia a dia*, o entrevistado 4 diz não vivenciá-los, mas pontua sobre as “brincadeiras” que costumeiramente acontecem quando ele estabelece relação com os seus amigos. Como exemplo, o entrevistado 4 descreve: “Meus amigos dizem que minha **boca é grande**, né, mãe? (ele olha para a mãe dele e diz isso). Só isso (risos)” (**grifo nosso**). E depois ele continua dizendo: “[...] Eu acho que isso é um *bullying*⁴⁷”. Acerca das ações de discriminação e preconceito vivenciadas nos momentos de lazer, ele explica que: “Não. Só tirando onda mesmo (os amigos). **Brincando**” (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

De maneira análoga, o Entrevistado 1 diz que, mesmo não sofrendo ações de discriminação e preconceito no seu momento de lazer, ele afirma que no seu cotidiano há também momentos de igual natureza, com o acontecimento das “famigeradas brincadeiras”: “Não. Só as **brincadeiras** mesmo como todo mundo. Tipo... Que tira brincadeira um com o outro, mas, discriminação, não” (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

Na mesma ideia, o entrevistado 2 afirma nunca ter vivenciado ações de preconceito e de discriminação no seu cotidiano, mas relata que no seu momento de lazer estão presentes as famigeradas “brincadeiras” entre amigos. Ele diz: “Não, geralmente é só as brincadeiras. Mas é as brincadeiras a parte. Racismo não” (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

Em resposta a mesma pergunta, o entrevistado 3 diz sofrer discriminação e preconceito por causa da sua cor em seu cotidiano. O entrevistado 5 também diz sofrer discriminação e preconceito, o que acontece com frequência nos seus momentos de lazer. O

⁴⁷ Acerca das “brincadeiras”, consideradas em muitos casos situações típicas da idade, elas expressam uma face dolorosa para quem é vítima delas. *Bullying* pode ser caracterizado por atos variados de agressão e desrespeito que podem acontecer fisicamente, verbalmente, moralmente e sexualmente etc (BULLYING NÃO É LEGAL!, 2007).

entrevistado 5 relata que acontece mais ou menos da seguinte maneira: “Hum... pela forma da gente andar assim junto (ele e os amigos), na maioria junto. O pessoal vê a gente na rua e vai logo escondendo a bolsa, **pensa que a gente vai roubar**, mas a gente não vai roubar não” (ENTREVISTADO 5, **grifo nosso**).

Vale destacar, conforme o que é dito no capítulo 1 da dissertação, que ainda é recorrente na sociedade contemporânea brasileira de cunho elitista, branca, moralista e fortemente conservadora, as pessoas serem avaliadas e classificadas pela forma que se comportam; vestem; falam; lugares que moram; dentre outros aspectos.

A cor da pele não escapa do todo “classificatório”, especialmente numa sociedade que também é racista, discriminatória e preconceituosa. É sabido que o racismo brasileiro se sustenta com séculos de escravidão ocorridos. E ele é tão latente de uma forma que atinge todos os âmbitos da vida: no mercado de trabalho, no qual o(a) negro(a) recebe salário inferior aos brancos somente por causa da sua cor da pele; seja na escola; seja no lazer.

Portanto, se aprofundado isso, será percebido que: os mais pobres, sobretudo os negros, vão dizer que são humilhados; as mulheres jovens, falam que são paqueradas, seduzidas ou desrespeitadas; e os moradores das favelas, dos conjuntos habitacionais e das vilas, considerados os mais suspeitos. E, “Sem dúvida, para além da condição econômica e do grau de vulnerabilidade social, há medos compartilhados pelos jovens de hoje” (NOVAES, 2006, p.112).

Na mesma vertente, gênero e raça são outros dois recortes que devem ser levados em conta quando se fala em discriminação e preconceito, pois nas trajetórias dos(as) jovens, as diferenças de origem social e a situação de classe não esgotam esse assunto.

As moças pobres ainda recebem menos no mercado de trabalho, quando nos mesmos postos de trabalho, em relação aos rapazes. Outro ponto que diferencia os jovens e as jovens diz respeito à “boa aparência” exigida para os empregos, ao excluir os jovens e as jovens mais pobres, atingindo especialmente os negros e as negras. Assim, “Ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (NOVAES, 2006, p. 106).

Soma-se ao que é dito por meio de dois exemplos de discriminação e preconceito que são relatados pelos entrevistados 3 e 5, pois ambos exemplos revelam fatores que intensificam a criminalização da juventude, especialmente a da juventude pobre, negra e moradora da periferia, pois “os moradores da favela, conjuntos habitacionais, periferias e vilas são sempre os mais suspeitos” em qualquer momento da vida e em qualquer contexto, como dito anteriormente (NOVAES, 2006, p. 112) .

Depois de apresentadas essas questões iniciais na perspectiva dos jovens, traz-se agora os argumentos nas palavras das jovens entrevistadas, como dito que ocorreria no decorrer da sistemática na análise de dados.

A Entrevistada 6 comunica ter tempo para fazer o que gosta na sua rotina. Ela afirma que o que mais gosta de fazer por lazer é: “Gosto de ir pra praia, nadar”, “De... Sair, passear... Com os amigos. Se divertir”. Ela costuma ir à praia todos os dias, pois tem natação lá. E em relação à saída com os amigos, esta costuma acontecer geralmente aos sábados, quando ela vai à Igreja.

O que ela gosta de fazer por lazer costuma acarretar: “Uma sensação de **liberdade**, de sair um pouco da/ de esquecer um pouco dos problemas da rotina. Acho que é isso” (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Quando indagada se essas experiências costumam ajudá-la a se conhecer melhor e se elas despertam a sua imaginação, ela afirma que sim, exemplificando o seguinte episódio:

Por que quando a gente tá aqui, na praia, a gente tem várias/ver várias situações acontecendo e se imagina; **o que aconteceria com a gente**. Tipo: tem uma família na praia, aí você fica se imaginando. Poxa, minha família não tá aqui, mas eu queria que tivesse. É porque meu pai trabalha muito. Aí ele tem pouco tempo com a gente (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Logo, o tempo-espço do lazer é um destinado à reflexão, ao despertar e aflorar da imaginação, conseqüentemente, ao desenvolvimento do *aprender a ser*, como é dito e retomado em momento posterior no decorrer do capítulo. Em seguida, pergunta-se se ela acha que uma experiência como a descrita ajuda-a a refletir sobre a vida, sobre ela, ou não. Ela diz: “É. Tem como a gente pensar um pouco, porque nós estamos sozinhos, ali no nosso cantinho. **A gente reflete** mais, como é que tá nessa vida” (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Dois termos relatados pela entrevistada são relevantes para o estudo: imaginação e reflexão. Pela imaginação, a entrevistada supõe como deve ser o desfecho da sua vida, partindo da realidade concreta. E pela reflexão, ela pondera, raciocina, julga e chega a elaborar um ponto de vista diferente do que existia antes da reflexão. Ambos os termos fazem referência direta ao *aprender a ser*.

À parte, a entrevistada 7 apresenta uma particularidade em relação ao tempo destinado ao fazer o que gosta durante sua rotina, diferente de todos(as) os(as) jovens entrevistados(as) apresentados(as) até agora (jovens homens e jovens mulheres). Ela diz que consegue fazer o que gosta de forma parcial na sua rotina: “Parcialmente sim! A minha rotina

ela é um pouco mais complicada, porque eu trabalho... Eu tenho dois empregos” (ENTREVISTADA 7).

Ressalta-se que o trabalho aparece como um agravante associado à redução do tempo de lazer, sobretudo no caso das jovens entrevistadas que trabalham. Mas, mesmo em meio à rotina cheia de tarefas, ela consegue fazer o que gosta na semana: “[...] eu consigo porque como o pessoal que eu mais me envolvi é mais o pessoal do Dragão do Mar, o pessoal que trabalha lá no Dragão do Mar, eles tem folga, tipo, na segunda. Então a segunda é cinema; é encontro em café, livraria, essas coisas” (ENTREVISTADA 7).

Ela diz que costuma reservar o seu fim de semana, especialmente o sábado, para fazer o que gosta. Destarte, em relação à frequência do fazer o que gosta por lazer, ela esclarece essencialmente que: “Ah, tem que fazer **uma vez por semana, no mínimo**, se não eu não aguento o resto da semana não! (risos)” (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Um argumento como esse faz intuir que o fazer o que gosta, por lazer, também é considerado uma necessidade básica e primordial do ser humano, tanto é que a entrevistada 7 pronuncia que tem que vivenciá-lo, nem que seja pelo menos uma vez na semana, para que tudo aconteça do jeito que ela espera.

Gomes (2014, p 02) estabelece aproximações com a entrevistada 7 a partir do momento em que apresenta o lazer como sendo a própria “[...] necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais construídas culturalmente”⁴⁸ cujas vivências podem ocorrer de diversas formas, segundo os interesses dos próprios partícipes, grupos, ou instituições, situadas em cada contexto histórico, cultural, social e político específico.

Na ideia das incontáveis práticas sociais existentes que Gomes (2014) propõe, a entrevistada 7, ao relatar sobre o que gosta de fazer por lazer, um *mix* de opções aparece e tantas outras preferências que ficam subentendidas nas entrelinhas e na imaginação do que não é dito por ela.:

O que eu mais gosto de fazer?! (sorridente e pensativa). Ah, eu sou a pessoa mais **ecléctica. Eu gosto de fazer tudo**. E acho assim que o que mais gosto de fazer é encontrar com meus amigos; é tá com **a galera reunida**; conversando; tomando café; tomando bebidas. Só isso (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

⁴⁸ Para a estudiosa, o lazer comporta três elementos essenciais: 1) a ludicidade, 2) as manifestações culturais e 3) o tempo/espço social. Afirma-se com isso que é próprio do *homo ludens* a sua essência criadora, que atribui significados ao que sente e ao que vive, e que com isso, pode ressignificar e transformar o mundo ao seu redor, por meio dessa sua essência criadora. A fruição das manifestações culturais, relacionadas à fruição da cultura, podem emergir de distintas formas, materializadas em um determinado tempo/espço. É, portanto, nesse tempo/espço social que acontece as relações sociais e da natureza, e as ditas práticas de lazer.

Nesse relato, assim como em outros apresentados, também nota-se que a sociabilidade⁴⁹ é uma dimensão estruturante da condição juvenil. A importância dessa dimensão desenvolve-se nos grupos de pares, especialmente no tempo-espço do lazer e da diversão. Os grupos constituem-se como uma grande referência na trajetória juvenil, pois é neles que os(as) jovens fazem “[...] os programas, “trocamos idéias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivos” (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Tendo essa clareza da contribuição dos grupos para a entrevistada 7, ao fazer o que gosta, ela costuma sentir as seguintes sensações e sentimentos:

Ah, **prazer**, né, de tá **relaxada**, de **conversar**, sabe, de **desestressar**. A minha rotina é um pouco, um pouco estressante, né. Então, eu já desestresso um pouco no lado social, que é trabalhar com o pessoal que é... Diretamente com as crianças e tal, e ajudar as crianças. Então isso já alivia um pouco. Mas tem coisas assim que é, pelo sistema mesmo, de estressar a gente, aí quando **encontro com meus amigos, eu desestresso mais**. Eu acho que é mais isso (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Nota-se que o tempo destinado a se fazer o que gosta/do lazer está muito ligado ao distanciamento do estresse e dos problemas do cotidiano, fruto basicamente do cansaço da rotina da entrevistada 7. Para “desligar” do estresse, é oportuno que a entrevistada 7 esteja com o seus amigos e busque viver e experimentar algo que proporcione para ela relaxamento e prazer. Aqui, detecta-se, em parte, que o lazer assume uma postura de distanciamento do trabalho, na medida em que o trabalho resulta na ampliação do estresse e o lazer no fortalecimento do “desestresse”. No mesmo assunto, pergunta-se: se ao realizar o que gosta, ela costuma sentir liberdade, ou se o lazer a ajuda a se conhecer melhor ou não. A resposta é:

Com certeza. Até porque a gente tem muita essa história de: “Ah, porque que você tá assim hoje?”, tem todo aquele lado psicólogo. Amigo é tudo psicólogo, né (risos); de perguntar da rotina e tudo. Aí a gente vai, **na medida em que a gente vai conversando, a gente vai se autoconhecendo também**. Poxa, eu tô chateada hoje, mas por quê? Eu tô estressada... **A gente vai se conhecendo um pouco através dos amigos da gente também**. Eu acho (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

⁴⁹ Reconhece-se também que “a sociabilidade não se restringe apenas a momentos de lazer; ela concerne também à forma como os jovens concebem e interagem com as diversas esferas de suas vidas como: instituições públicas, família, escola, trabalho, entre outros” (HEILBORN *et al.*, 2014, p.106).

Com isso, ao ver a dimensão “outro” por meio das relações que são estabelecidas no tempo-espaço do lazer, pode-se ressaltar que é especialmente no tempo livre⁵⁰ e notadamente nos momentos de lazer que os(as) jovens constroem suas próprias normas, suas expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam, conseqüentemente, do denominado mundo adulto. Com isso, pode-se alegar que é no tempo/espaço que os jovens elaboram *subjetividades coletivas* em torno de culturas juvenis. (BRENNER *et al.*, 2008).

Como dito, o autoconhecimento da entrevistada 7 aprimora-se pelas interações estabelecidas com os seus amigos, pois é por meio da convivência com as outras pessoas que ela vai conhecendo as suas próprias características e seus traços em grupo, construindo a sua identidade individual e coletiva. Ganha vida, então, o *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos*, discutidos *a posteriori*.

No que conta Brenner *et al.* (2008), é imprescindível reconhecer o lazer no campo da juventude como campo fértil de construção de identidades, de descoberta das potencialidades humanas e do exercício de inserção afetiva nas relações sociais. Considera-se, nesse sentido, o lazer como tempo-espaço de aprendizagem e de vivências das relações sociais.

Muito semelhante ao relato da entrevistada 7, a entrevistada 8 divulga que na sua rotina, no seu dia a dia, o fazer o que gosta acontece também de forma “parcial”, devido especialmente ao seu trabalho, que preenche parte significativa do seu dia, como pode ser visto abaixo:

Às vezes até dá. Que a gente dá uma... Por que assim, a minha faculdade ela dá; deixa uma grade... Hoje eu tenho uma grade mais flexível. Então, eu coloco quantas (disciplinas) eu quiser na semana. E os horários eu vou manipulando. Então, assim, dá para eu deixar uns dias livres. É... Final de semana geralmente eu só trabalho, né, e tiro alguns horários para dar uma estudada, mas por enquanto dá. Dar para eu fazer. Por que geralmente eu tiro a folga daqui (CDMAC) na segunda-feira. Então, eu já deixo a segunda-feira sem aula na faculdade, que é porque eu já passo a semana trabalhando; saio tarde. **E aí eu preciso de um dia pra que eu não faça nada disso, nem ir para a faculdade, nem trabalhar.** Então esse dia eu já tiro para isso. Então o que eu tiver que fazer, eu resolvo na segunda, ou sábado. Faço alguma coisa (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Ainda muito próximo ao relato da entrevistada 7, a entrevistada 8 também aponta a necessidade de ter um tempo para fazer o que gosta, para se distanciar da carga de deveres

⁵⁰ A existência de tempo livre não implica necessariamente no lazer, já que o tempo livre do trabalho muitas vezes pode significar o espaço da penúria, da opressão e da falta de oportunidades (BRENNER *et al.*, 2008, p.30).

que paira na sua rotina a ser cumprida, na qual a entrevistada 8 expôs com ênfase os compromissos que são derivados do estudo e do trabalho.

A própria entrevistada relata a dificuldade em conciliar trabalho – estudo – lazer. O trabalho assume o papel de protagonista na vida dela. Os estudos assumem um papel subalterno. Ela relata ter que deixar de cursar algumas disciplinas e que está atrasada na sua faculdade porque o trabalho consome muito tempo do seu dia. O lazer, então, aparece em terceira via, mas não menos importante, pois a entrevistada mesmo diz que precisa de um tempo distante do trabalho e dos estudos ao longo da sua rotina semanal.

Mesmo assim, o lazer recebe menor tempo de vivência, pois o dia semanal formalmente destinado para a sua vivência ainda é disputado com as obrigações do lar e familiares. Ainda que ciente da sua importância, ele pode ser considerado relativamente residual. Continuando com o pensamento da entrevistada 8, ela, ao falar sobre o que gosta de fazer e a frequência com que costuma fazer o que gosta, esclarece:

Assim... Eu gosto muito de... De... Assim, **os pontos mais fáceis de você ter basicamente tudo** é: shopping, que você dar uma volta, tipo, tem cinema, dar para encontrar com amigos e... Eu acho que é mais ou menos, tipo, praia. Mas geralmente é no fim de semana. É, às vezes à noite, eu gosto de sair, ficar aqui mesmo pelo entorno do Dragão do Mar, que **é mais perto, não precisa gastar com táxi**. Se eu tiver que beber alguma coisa, depois eu volto pra casa, que é bem pertinho. Então é mais ou menos isso. Eu gosto mesmo de... de ver filmes. Então eu tiro a segunda, que geralmente eu tenho (livre) - às vezes eu procuro ir para o shopping, assistir um filme, dar um volta, ou mesmo resolver algum problema que eu tenho que fazer, ou marcar algum médico, alguma coisa do tipo. Mas é mais ou menos isso. Assim, não tem uma coisa muito... (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Percebe-se aqui que a escolha por determinado local ou por determinada prática de lazer está muito associada ao conjunto de facilidades que podem ser obtidas por meio da escolha da entrevistada 8: o fácil acesso ao local; múltiplas possibilidades de vivências do lazer que o local pode oferecer; o não gasto adicional com o transporte noturno, o que porventura poderia materializar-se como barreira ao lazer.

Essas são algumas condições elementares para a vivência do lazer, principalmente para aquele(a) jovem que não dispõe de um transporte privado (a grande maioria) ou aquele(a) que não tem acesso a um transporte público de qualidade, universal e gratuito. O dinheiro, a condição financeira, também é um agravante que envolve a não vivência do lazer na sociedade do mercado. No entanto, se pensado de outra forma, o que se deve buscar é que se efetive um conjunto de programações gratuitas, programas e projetos que resultem na apropriação de espaços e equipamentos públicos que atendam os interesses das juventudes de

forma ampla e que sejam acessíveis a todos(as). Em outro momento, no conjunto de exemplos citados pela entrevista sobre o que ela gosta de fazer por lazer, preponderantemente sobre as sensações e os sentimentos que eles trazem tem-se que:

A priori é... **Desestressa, né.** É como se fosse uma **válvulazinha de escape.** Eu procuro às vezes me... É... Ir a esses locais que, meio que para esquecer a rotina, porque às vezes você fica assim tão... Tão ligado naquela rotina, que você às vezes tá no automático. E então **você meio que precisa sair daquele automático** para ficar meio; é... Como é que eu posso dizer, pra começar a lidar melhor, né. Por que trabalhar, estudar e ainda ter que ter, vamos supor, não é o meu caso, mas tem gente que ainda tem cuidar da casa, filho, marido. Então assim, **você tem que ter alguma coisa que você possa extravasar, ou se divertir, ou fazer alguma coisa do tipo.** Então eu acho que é mais ou menos isso que eu faço, né. Eu penso em desestressar, porque às vezes eu sou uma pessoa... Eu me considero muito estressada. Então às vezes eu vejo que já tô no limite; às vezes eu tô estressada demais, falo com minha mãe alterada, falo com namorado alterado. Então eu já percebo que eu já to estressada, **porque a rotina que traz isso.** Tá entendendo? Então eu meio que faço isso pra desestressar (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Mais uma vez, percebe-se que há uma clara oposição entre o que o lazer pode proporcionar em termos de sensações e sentimentos e o que é ocasionado pela rotina, como se detectou na narrativa contada pela entrevistada 8, cuja rotina envolve estudo, trabalho e um conjunto de obrigações familiares a serem cumpridas.

Nesse mesmo assunto, relembra-se que Marcellino (2013) elenca quatro abordagens do lazer, em termos de valores a ele atribuídos. São as abordagens: romântica, moralista, compensatória e utilitarista. Os relatos das entrevistadas 7 e 8, no tocante ao fazer o que gostam por lazer, podem aproximar-se em alguns aspectos, no quesito visão compensatória. Nela, o lazer está em clara oposição ao trabalho (alienado, fragmentado, mecânico e especializado). Nesse contexto, o lazer compensaria toda a insatisfação resultante do trabalho. Outra abordagem que pode ser resgatada é a utilitarista. Nela, o lazer reduz-se à recuperação da força de trabalho ou como instrumento de desenvolvimento.

Portanto, para a entrevistada 8, no tempo-espço do lazer, em oposto ao trabalho em termos sensações e sentimentos propiciados, há de se ter diversão e de alguma maneira este momento precisa possibilitar fuga/distanciamento das atribuições pelas quais ela é responsável de execução. Quando indaga se esses momentos de lazer ajudam-na a se conhecer melhor, ou se eles o trazem liberdade, ouve-se que:

Não, assim, a questão da liberdade não muito porque, quanto às saídas, essas coisas, eu também dependo do meu namorado. Então se ele não puder eu meio que não saio. Eu meio que: “Ah, eu queria muito, mas tu não pode ir. Então eu vou ficar”. Só que agora eu tô começando a melhorar. Tipo, eu tô indo só. “Tu não pode ir, então eu vou”; é, porque eu percebo que eu que vou ficando estressando, eu que tô ficando... Eu que não tô legal e ele vai ficando lá, na rotina dele, se der, beleza,

show, fica melhor, tá entendendo? Mas se no caso não der, então... **Eu hoje vejo que eu tenho que fazer de qualquer forma** (ENTREVISTADA 8, grifo nosso).

Com esse fragmento da entrevistada 8 nota-se que aos poucos ela vai percebendo que o lazer passa a assumir uma importância na sua vida na mesma proporção que as suas demais tarefas rotineiras para o seu bem estar. Quando questionada se ela consegue refletir sobre a sua vida, sobre o mundo, sobre os seus problemas, ou não; se o que ela gosta de fazer no tempo-espaço do lazer é mais para “desestressar” mesmo, como ela diz, verifica-se a seguinte proposição:

No caso assim, quando eu tô... **Eu chego a pensar antes de fazer**, tipo, quando eu vejo que, como eu acabei de te dizer, quando eu vejo que eu tô estressada é que eu paro e reflito, vejo quais são os pontos. Pronto, agora dar para eu fazer; não dá; tem tempo; tem alguma coisa na faculdade que me prenda; agora que eu posso; que eu tenha que ficar. Eu tenha que ficar sabendo que eu tô estressada, que eu tô, não. Tipo. Teve semana que eu tive algumas folgas. E aí eu tive que escolher entre curtir minhas folgas e estudar para as provas, porque eu tive uma rotina assim, semanas de prova, e aí, foi meio assim, complicado; fora aquela rotina de trabalhar, trabalhar e estudar, aí eu tive meio que deixar a folgazinha só um dia ou dois, mas o restante eu tive que só estudar, porque tinha as provas e ir para a faculdade fazer provas, e então, **eu penso nessa questão antes. Então se eu já saí; se eu tô saindo, se eu tô me divertindo, eu já não penso nisso. Eu tô tento relaxar!** (ENTREVISTADA 8, grifo nosso).

Com isso nota-se que o momento do fazer o que se gosta está nítida oposição aos sentimentos que resultam do cansaço da rotina, no caso, estudo e de trabalho, ao aproximar-se do relaxamento, da diversão; distanciando-se, mais uma vez, do estresse e dos problemas cotidiano. Logo, ela chega a pensar em todos os problemas antes de viver o lazer, para quando vivê-lo, não ter como lembrá-los.

Diferente disso, a entrevistada 9, aluna do projeto Atleta Cidadão e praticante do triathlon, afirma ter momentos diários que são destinados ao fazer o que ela gosta. Mas, mesmo relatando que gosta de fazer várias coisas, ela expôs, com timidez, não saber falar. Ela demonstra-se tímida durante parte da entrevista. Mesmo assim ela diz que: “A única coisa que eu gosto de fazer é só o Triathlon” (ENTREVISTADA 9). Ela treina Triathlon de segunda-feira a sexta-feira.

Como ela é muito objetiva em sua resposta, tenta-se sensibilizá-la com outras questões, indagando se ela gosta de ouvir música – e ela diz que não; se ela gosta de assistir filmes – e ela afirma que não muito. Então, fala-se do triathlon mais uma vez, cujo esporte ela diz proporcionar:

É... Deixa eu ver... **Fico focada** assim nas coisas; ganho muito as coisas; viajo; essas coisas. Aí pronto. Aí dar energia de vim todo dia; pra treinar; para quando for nas competições conseguir o que quer né; (ensina) **a nunca desistir**. Pronto. [...] Deixa eu ver... Nós vamos **ver o nosso futuro**, né, até aonde vai. E só! Por que se não tiver o triathlon, eu vou ver em quê (o meu futuro)? Que aqui não tem nada. Aí eu fico mais empolgada no triathlon (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Nesse caso, o esporte aparece como uma oportunidade para a jovem entrevistada em questão. Nota-se que o esporte ainda é a única opção que surge para que a entrevistada 9 vislumbre a construção de um futuro, cujo esporte (*triathlon*) aparece como sendo a própria projeção dos seus sonhos e o depósito de suas expectativas.

Relatar somente o Triathlon como o que gosta de fazer pode implicar tanto na redução de oportunidade e de variedade de práticas de lazer, quanto desconhecimento por parte da entrevistada de outras práticas de lazer que, porventura, ela gostaria de realizar ou a não identificação com determinadas práticas de lazer.

De toda maneira, nota-se nesse mesmo relato que o esporte consegue transmitir valores para ela, como é o caso do foco e da disciplina que passam a ser adquiridos por sua prática e fruição. Logo: “[...] o esporte na vida de crianças e jovens deve ter como objetivo contribuir para sua educação e formação como cidadãos que, no exercício pleno de sua cidadania, podem ou não serem atletas” (PAES; BALBINO, 2009, p.81).

Para a entrevistada, o esporte aparece como uma oportunidade dela torna-se atleta, seu grande sonho.

A entrevistada 10, diferente de todos(as) os(as) jovens entrevistados(as) nessa pesquisa, diz não conseguir ter tempo para fazer o que gosta na sua rotina; no seu dia-dia. Nas palavras dela: “Meu dia a dia é muito **cansativo!** [...] Por que eu acordo meio dia. Aí vou ter que fazer comida. Cuidar de menino. Aí termina tudo e vou dormir de novo. Aí é cansativo” (suspiro) (ENTREVISTADA 10, **grifo nosso**).

Ao mesmo tempo, percebe-se que o cuidar do filho e das tarefas domésticas preenche parte significativa da rotina da entrevistada 10. Considera-se que o filho e as tarefas domésticas impactam, conseqüentemente, na redução do tempo em que a entrevistada 10 destina ao fazer o que gosta; ao seu lazer.

Dada à especificidade identificada no relato da entrevistada 10 que tem um filho com o seu namorado, aponta-se alguns aspectos que ajudam na compreensão da gravidez, da maternidade e da paternidade no contexto da juventude, já que tal fator marca uma reconfiguração na rotina de vida de muitos(as) jovens que passam por essa experiência e, não diferente, esses fatores também impactam na vida da entrevistada. Salienta-se que a sociedade

brasileira passa por recentes mudanças nos costumes sexuais, detectadas por meio da temporalidade da sexualização do namoro e de outras formas de relacionamentos que insurgem.

Exemplo é que o exercício das relações sexuais torna-se algo frequente nos namoros entre jovens. Ou seja, o namoro não representa mais uma etapa destinada à experimentação afetiva e sexual para a conjugalidade, mas sim, uma etapa de experimentação afetiva e também sexual. Aponta-se ainda como mudança as questões particulares que estão ligadas a iniciação conjugal – no caso das mulheres, passa a ser agora aceitável a iniciação na vida sexual antes do casamento.

Esse cenário torna-se campo fértil para a ocorrência da reprodução precoce na medida em que tais alterações não vieram acompanhadas de ações significativas em termos de políticas contraceptivas dirigidas aos jovens; estas permanecem sendo maciçamente preconizadas para mulheres com vida conjugal (CABRAL, p.26, 2007).

Nesse assunto, diz-se que não há como pensar a sexualidade juvenil e a reprodução “precoce” sem estabelecer vínculo entre gênero e sexualidade, já que ambos se modulam conforme cada contexto sócio histórico específico. Portanto, há de se considerar a demarcação de gênero na cultura sexual brasileira, cuja delimitação resulta em distinções de atitudes e qualidades que são destinadas a cada sexo. De tal modo, masculinidade e atividade associam-se; feminilidade e passividade também. Pensar dessa maneira reforça estereótipos de gênero e dificulta a adoção de medidas de prevenção contra a gravidez não prevista e a DSTs/Aids pelos(as) jovens.

Sincronicamente, numa sociedade marcada pela heteronormatividade, os rapazes sofrem pressão social para terem sua iniciação sexual com as mulheres. Há também uma vigilância sobre as mulheres, ao esperar que elas demonstrem um jeito passivo e ingênuo em torno do exercício sexual, mesmo estando elas inseridas num contexto de mudanças.

Essa expectativa para os dois sexos ocasiona uma implicação do ponto de vista preventivo, pois se torna um entrave ao uso consistente dos métodos contraceptivos, porque mesmo havendo expectativas de proteção da mulher, esta se encontra “despreparada” para dar início à vida sexual e a um relacionamento. Simultaneamente, a mulher ao usar dos métodos contraceptivos pode revelar o planejamento de um relacionamento sexual, o que não equivale à imagem da mulher ingênua e inexperiente.

Em outras palavras, ainda que a perda da virgindade não constitua mais uma condição passível de estigmatização das mulheres, permanece certa exigência de virgindade moral, sob a forma de um jeito passivo e ingênuo em torno do exercício sexual, o que traz implicações para a abordagem de questões de sexualidade ou de contracepções com parceiro, por exemplo (CABRAL, p.27).

Assim, a recente ligação entre juventude e reprodução ocorre pelo emergir da gravidez nessa fase da vida, qualificada hoje como “precoce”. A gravidez precoce sobressai-se no contexto de redução da fertilidade e ganha projeção pelo aumento das gestações e nascimentos fora da união. Hoje, há a crescente expectativa do aumento da taxa de escolarização da juventude, e, nisso, a gravidez ou experiência da maternidade ou paternidade não permitiriam um desenvolvimento ideal da juventude.

Contudo, o debate sobre reprodução e planejamento familiar frequentemente coloca em cena os elementos sobre conhecimento e difusão dos métodos contraceptivos, bem como responsabilização feminina pela reprodução. É comum ouvir a argumentação de que “engravidou porque quis”, pois “hoje em dia todos sabem dos métodos para evitar filhos”, o que joga as mulheres que engravidam, sobretudo as adolescentes e/ou as mais pobres, na posição de grandes responsáveis da reprodução (CABRAL, p.29, 2007).

Deste modo, assinala-se a importância de fomentar a discussão sobre gênero e sexualidade, bem como assumir uma postura que respeite os direitos sexuais dos(as) jovens, sobretudo nesse panorama que abriga mudanças e permanências nos costumes sexuais. É pertinente, apesar disso, formular condições que possibilitem aos jovens a entrada na vida sexual de forma protegida da reprodução não-prevista e das DSTs/Aids, na oferta e no acesso a informações técnicas e aos métodos contraceptivos.

Depois de esclarecido essas questões sobre a gravidez na juventude, dá-se continuidade à discussão ao trazer uma nova indagação para a entrevistada 10. Pergunta-se, caso ela tivesse tempo livre para realizar o que gosta/por lazer, o que ela gostaria de fazer, já que ela diz que não vive o lazer na sua rotina. Ela responde dizendo que gostaria de passear mais.

Pergunta-se, então, se de alguma forma ela consegue passear na semana, ainda que minimamente. Ela diz que mais ou menos, o que vai depender das suas obrigações diárias. E em relação ao que ela sente quando está passeando, ela diz: “Eu fico **feliz!**” Mesmo questionando se realizar o que gosta traz outros sentimentos, mais uma vez ela profere: “Só fico feliz mesmo” (ENTREVISTADA 10, **grifo nosso**).

Mais uma vez a felicidade aparece em outro relato remetendo-se ao tempo-espço do lazer.

Finaliza-se o assunto acima e outro tema é inserido, questionando acerca dos *locais, lugares e espaços frequentados* pelas jovens entrevistadas pertencentes. A entrevistada 6 geralmente fica na praia do própria Poço da Draga; pela Igreja; e vai a alguns lugares para lanche com os amigos, como é o caso das pizzarias, que ela diz amar frequentar. Algumas vezes costuma também ir a Beira Mar caminhar.

Pergunta-se a entrevistada 6 se na Igreja ela participa de grupo de oração ou não. Ela esclarece que sim: “Participo. De oração, dos cultos ou do grupo de jovens. Em relação à praia, ela diz: “[...] eu gosto do treino e de ficar sozinha lá na praia”. Refletindo (risos)” (ENTREVISTADA 6).

Ela não costuma frequentar o CDMAC e nem ir a cinemas, pela rotina, e por ter outras preferências também:

Eu não costumo ir a nenhum tipo de cinema. É muito difícil eu ir. **Por causa da semana que é muito conturbado.** Aí sábado, quando tem o grupo/culto de jovens, a gente sai pra se divertir. Mas é tipo, próximo da Igreja que a gente sai. Não é nessas “bandas” pra cá (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Ressalta-se aqui o critério de preferência da entrevistada 6. Para ela, mesmo morando próximo ao CDMAC, equipamento público que muitos(as) jovens entrevistados(as) relatam frequentar, mesmo assim, ela não costuma ir até lá pela questão de não ter essa preferência e por sua rotina. Ou seja, aqui também há a questão da escolha pela apropriação ou não de um equipamento. Leva-se em conta a preferência de cada um por determinadas práticas de lazer, bem como o reconhecimento do local. A entrevistada 6 expõe uma sistematização das suas atividades e obrigações diárias, e nelas, o tempo-espço do lazer costuma acontecer no fim de semana.

Para a entrevistada 7 anteriormente apresentada, em sua fala inicial, ela pontua alguns dos locais que costuma frequentar por lazer, tais como: cinema, café, CDMAC, livrarias. Logo, pede-se nesse momento que ela pontue outros, caso existam, e identifique por quais motivos procura esses lugares. Averigua-se o seguinte:

Assim, eu procuro mais cinema. Café, por exemplo. Café é um lugar que a gente vai para conversar e que... No café no Dragão do Mar **não tem wi-fi**, não tem nem um tipo de assim, essa comunicação (virtual) toda, **é mais verbal, da gente conversar.** Na livraria, aí cada um pega um livro e vai dizendo: “Ah, esse livro é legal; esse livro não é”. Eu prefiro. A gente também marca de ver o pôr do sol aqui na ponte e tal. Então é bem essa coisa bem... **É bem pra relaxar mesmo, porque a semana já é bem corrida** (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

A entrevistada 7 corrobora com Oliveira; Barbalho (2015, p. 184) ao pensar que: “[...] o individualismo tece, cada vez mais, sua experimentação medida pelas tecnologias, o que faz com que outros tipo de cidade se ergam perante os sentidos”. É perceptível nos dias de hoje que jovens experimentam formas de contato com os(as) demais jovens com o recurso das mais variadas tecnologias, principalmente, o aparelho celular. De maneira especial, as novas práticas comunicacionais favorecem uma nova forma de relação com a cidade.

Sabendo disso, a entrevistada 7 procura frequentar lugares que favoreçam o contato pessoal; partilhar da presença física das pessoas as quais ela é próxima, sem interferências exteriores, como acontece com a utilização dos dispositivos móveis. Desse modo, no contexto em que o ciberespaço encontra-se cada vez mais presente no cotidiano dos(as) jovens, a entrevistada 7 busca o distanciamento do campo virtual no seu tempo-espaço de lazer.

No desenrolar da conversa, pergunta-se também a entrevistada 7 se a maioria de(a) seus(as) amigos(as) vivenciam processos semelhantes ao dela, almejando saber se os(as) seus(as) amigos(as) trabalham, assim como ela. A partir daí obtém-se a seguinte resposta:

Creio que sim. A maioria deles. Às vezes alguns não têm tempo. Mas aí eu sempre bato na tecla: **“Gente, a gente tem que ter um tempo pra gente. Não morrer de trabalhar pra ganhar dinheiro; pra gastar”**. A gente precisa ter tempo pra gente. E eles (meus amigos) sempre entendem. Eu acho que eu puxo o bonde, aí todo mundo segue a minha onda (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Assim, mesmo compreendendo que o trabalho é algo necessário para a existência humana, a entrevistada 7 sensibiliza os seus amigos para a compreensão que o tempo-espaço do lazer é tão importante e necessário quanto o trabalho e, sem ele, a existência humana passa a ser reduzida ao acúmulo de dinheiro e não a apreciação das belezas que a vida pode oferecer.

No caso da entrevistada 8 sobre os locais/lugares/espacos que ela frequenta por lazer, mesmo ela já tendo relatado o shopping, a praia, o CDMAC, a entrevistada 8 também traz outras curiosidades no relato abaixo:

Aí tem mais algumas coisas. Aí você é mulher, ave Maria, não pode ter um cartãozinho com limitezinho que já vai fazer compras (risos). Assim, tirando esses locais, tem às vezes também, de **ficar em casa**, né. Eu gosto muito, como eu te falei, eu gosto muito de **série, filmes**, e aí às vezes eu prefiro ficar em casa assistindo o

seriado, ou outro. Às vezes eu relaxo em casa mesmo, ou na casa do meu namorado, ou... Basicamente é casa de familiares [...] (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

No fragmento acima se pode entender um pouco mais sobre a vida da entrevistada 8: suas preferências, seus gostos. Percebe-se atentamente que ela traz uma novidade em seu relato, diferente dos demais entrevistados, em geral, no que diz respeito à utilização do ambiente da casa/doméstico como local propício à realização do lazer.

Segundo Marcellino (2006), a maioria da população brasileira desenvolve o seu lazer no ambiente doméstico. O lar é o principal equipamento não específico de lazer. Isso significa dizer que o lar é um espaço que não é desenvolvido e pensado para executar essa função, porém, eventualmente assume essa finalidade. No mais, no relato verifica-se como ocorre a busca por esses lugares para fazer o que gosta, acontecendo na seguinte perspectiva:

Assim, **os lugares mais perto!** Tipo, o Dragão do Mar – é bem perto de casa e não tem um custo maior, até porque a gente, às vezes, o que eu penso também é no custo. **No custo total do lazer** né, que às vezes eu também tenho que me preocupar no quanto que eu tô gastando. Às vezes eu saio do que eu posso. Então é mais perto da minha casa, **eu não gasto com o táxi**. Eu gosto de **beber**, então eu já bebo para ficar um pouquinho alterada; já sei o caminho de casa; já é perto; tem o pessoal conhecido, porque geralmente o pessoal que mora na Comunidade também é o que trabalha aqui, como ambulante, meio então que você tá entre família, tá entendendo? O pessoal conhece todo mundo, o pessoal senta e já conversa com um vizinho, que tá vendendo bebida, que tá vendendo pratinho. Então, eu gosto muito desse ambiente por isso. Não em si, também, tem casas noturnas, que não é o meu fraco. Que eu não faço sempre; mas geralmente mesmo se eu tiver que sair, eu venho pro Dragão, fico aqui pela praça mesmo, porque fica um **ambiente familiar** (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**)

Está notório com o que é mencionado que existem fatores que norteiam a escolha por determinado local pela entrevistada 8 para o lazer dela. Eles vão variar desde a proximidade do local de moradia até o investimento que cada prática de lazer demanda em dinheiro.

Percebe-se que a ida ao CDMAC engloba o contexto social em que ela está inserida. Lá é possível encontrar os vizinhos, os familiares, as pessoas próximas a ela. É um ambiente que, para a entrevistada, é mais receptivo e seguro por essas circunstâncias. Por ser próximo a sua residência, ela também se sente mais confortável em ir para casa em horários mais tarde da noite. Assim, o CDMAC e seu entorno não atraem necessariamente a entrevistada somente pela programação, mas pelo fato de todas essas relações são estabelecidas nesse lugar.

Por falar no CDMAC, local que aparece em grande evidência em seus relatos, pergunta-se a ela se, além de sair para beber algo com os seus amigos, como é dito acima, se ela costuma também participar de algumas das atividades ofertadas por este local, como o cinema, café, tendo em vista que a própria entrevistada trabalha lá. Então se tem como resposta:

O cinema não, porque eu já trabalho (aqui), né, mulher. Aí a gente já (evita) (risos)... Não! E às vezes eu evito, porque eu tô aqui há tanto tempo. Que eu digo: “Não, gente, eu só fico na praça porque enfim...”. Aí tem a questão do... do... Tipo. Na **época do São João**. É a época que eu amo! Então o Dragão do Mar, ele proporciona uns eventos de época de São João muitos legais. Então, como eu já sei que é perto, então já fica... É... Melhor. Tipo, **eu saio do trabalho e já vou para ali**. Aí já tem um certo privilégio, que tem uma partezinha do camarote, como eu já trabalho aqui, a gente tem o acesso. Tem eventos, é às vezes tem uns **shows**, que todo mundo quer aí, a gente bota lá nosso nomezinho na lista e participa do show. **Planetário**. Essa parte toda daqui a gente meio que tem que participar porque se não a gente não tem como passar pra as próximas pessoas que vem pra cá. Então, tudo de... Tipo, espetáculo. Tem muitos **espetáculos** bons que às vezes, que muitas vezes eu deixo aquele espaçozinho e quando eu vejo que a peça é legal e tal, eu já venho, deixo à noite (livre). Porque geralmente são à noite. Então eu já deixo aquele horário já específico para isso. Então eu... É um espaço muito bom (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Com o fragmento acima nota-se que acontece uma relação entre o universo do trabalho e do lazer pela entrevistada, ainda que de maneira pontual. Por trabalhar no CDMAC, equipamento que consta de uma programação diversa e convidativa, a própria entrevistada 8 fala que costuma participar no seu tempo-espaço de lazer do que é ofertado por esse centro cultural.

Neste aspecto, reforça-se que as dimensões da vida humana não são fragmentadas. Para Gomes (2014), enquanto produção cultural humana, o lazer relaciona-se com diversas esferas da vida social, como o trabalho, a educação, dentre outros ramos da existência humana. Por conseguinte, o lazer dialoga, sim, com o trabalho, mas não somente com esse domínio da vida.

Com o desenvolver das entrevistas, percebe-se que não é o trabalho em si que passa a ser alvo de estresse e do desgaste juvenil, mas sim as suas longas jornadas, a sua baixa remuneração, as muitas exigências, o desempenho a ser esperado daquela atividade. Quando o trabalho passa a ser alimento nessa ótica, ele distancia-se do entendimento do trabalho como esfera da vida também prazerosa.

Feita essa ressalva, em relação à entrevistada 9, praticante de triathlon, ela conta que costuma frequentar a própria praia do Poço da Draga ou a praia que fica próximo de lá. Ela costuma também ir ao CDMAC e no calçadão da Beira Mar. No Dragão do Mar a

entrevistada costuma ir com amigos e a mãe. Lá ela fica observando um determinado público em especial: “Lá fica um pessoal dançando. Aí eu fico lá olhando” (ENTREVISTADA 9).

Na praia em questão ela diz que: “Na Beira Mar eu vou ficar lá andando de patins, às vezes na bicicleta, que tem lá” (ENTREVISTADA 9).

Quando perguntada o porquê das escolhas desses locais e se neles há algo de especial, ela diz que: “Não, porque ficar em casa direto, né, não tem nada pra fazer. Aí eu vou” (ENTREVISTADA 9).

Aqui nota-se que a escolha feita pelo local de lazer acontece pela oposição do espaço doméstico e pela busca de outros locais deste, independente de qual seja. O que importa para ela é não estar em casa; é alcançar outras experiências, sobretudo porque o lar indica às obrigações que são por elas realizadas. Ou quando não, pela própria ausência de práticas de lazer que possam ser desenvolvidas em sua residência.

A entrevistada 10 expos que gosta de ir a Beira Mar. Na Beira Mar ela opta: “Eu gosto de ir lá pro final. Vizinho do acarajé, pra comer. (risos). [...] Passear. Fica olhando a vida do povo. Só isso” (ENTREVISTADA 10).

Ela também diz que antes gostava de viajar e que viajava com frequência quando não tinha filho. As viagens geralmente eram para praias do litoral cearense: Taíba, Icaraí, Iguape. As viagens não se realizam mais por causa do seu filho.

Parte-se agora para as *possíveis barreiras à vivência do lazer*. A entrevistada 6 pontua que ainda hoje há uma dificuldade em ir para determinados locais. Alguns fatores que apontam essas dificuldades podem ser detectados na seguinte explicação:

Antes tinha, porque era **longe** e às vezes quando acabava alguma coisa assim, muito tarde, um evento, eu tinha **medo de voltar sozinha**, porque não tinha o meu ônibus, aí eu tinha que dar uma volta imensa. Aí essa era a barreira. Por que quando o evento é tarde, aí eu não posso ir. Eu não tenho carro (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Essa questão do medo elucidada que o direito de ir vir (e estar) ainda não é efetivado de maneira plena, especialmente para as mulheres, que, infelizmente, ainda sentem receio ao andarem sozinhas nas ruas por vários argumentos mencionados em momentos anteriores. No entanto, as problemáticas que envolvem a vivência do lazer não ficam restritas ao medo. Evidenciou-se a questão do transporte público também como barreira ao lazer, cujo assunto está presente no relato da entrevistada 7.

Ah, tem cantos que eu gostaria de frequentar mais, mas eu não consigo devido ao **transporte**. Eu acho que, por exemplo, pra gente tá frequentando o Iguatemi (shopping); o cinema do Iguatemi. Daqui para o Iguatemi é muuuito longe, é... Vamos dizer; um **trânsito** um pouquinho caótico. Então às vezes a gente: “Não, vamos para um lugar mais perto e tal”. As meninas mesmo trabalham no cinema e vão ao cinema do Dragão. Só por ser perto.

[...] Assim, como eu trabalho, não pesa tanto a questão financeira. Mas tem lugares assim que às vezes dá vontade. “Ah, vamos para tal canto. Ah, mas eu não tenho **dinheiro**” [como se fosse conversando com os amigos]. Pesa um pouco também. Para os meus amigos até que não trabalham, só estudam, fazem só faculdade (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Acerca do trânsito e do transporte, ambos se fazem necessários especialmente pela centralização dos equipamentos da cidade. A entrevistada 7 também traz a questão financeira como um dos agravantes e como uma barreira ao lazer. E, mesmo ela estando atualmente trabalhando, ainda sim, tem alguns entraves com o dinheiro para o lazer.

Se pensado de uma forma diferente, pode-se refletir sobre os motivos de serem ofertadas tantas práticas de lazer que apontam o dinheiro como diferenciador na oportunidade de acesso. Os lugares citados pela entrevistada envolvem e se remetem aos espaços privados. Talvez, indagar aos próprios jovens quais estratégias poderiam ser utilizadas para ampliar, ou garantir a vivência nos espaços e equipamentos públicos, e que interesses os(as) jovens procuram ao se divertirem, expressaria uma maneira de formular políticas públicas que visem sanar a não vivência do lazer mediante o uso do dinheiro. A partir daí, outros benefícios talvez surgissem, como a apropriação dos espaços e equipamentos públicos pelos(as) jovens, trazendo “vida” a cidade. Mesmo assim, o dinheiro mais uma vez é pontuado pela entrevistada 8. Pode ser visualizado que:

Tem a **questão do dinheiro**, né, porque às vezes, tipo, no meu caso, é... Eu tenho as minhas contas e tal, básicas, e aí tem a questão da **rotina**, do trabalho, porque eu trabalho de 14 às 22h e eu trabalho de terça à domingo. Ou então um domingo no mês ou então toda segunda-feira. É... Então, às vezes eu meio que avalio. Às vezes eu tenho muita coisa para resolver, que eu pego esse tempo, que ao invés de eu sair, pra fazer alguma coisa, eu prefiro resolver meus problemas. Às vezes é uma burocracia e tal. Que eu prefiro meio que fazer isso. Então por não ser com frequência que acontece isso, aí é geralmente por isso, que eu não tenho. Tipo, minha mãe, minha mãe, ela não sabe ler. Ela é analfabeta. Então **eu basicamente, eu, apesar de eu ter um irmão, que resolvo tudo**. Então, tipo, tem plano de saúde. Aí minha mãe tá bem, aí ela não tá bem, aí ela fica me cobrando. “Ah, eu não bem de saúde, ah, não seu o que; minha consulta tal... pagar”. Aí eu tenho que ir, eu que tenho que marcar, eu que tenho que ir com ela. Então, tá entendendo? É como se eu fosse meio que. Eu tenho mais que ajudar a minha mãe também [...].

Aí tem, você tem a **rotina da faculdade**, que era para eu me formar agora e já não vou poder. Por que eu tô com disciplina atrasada, que ficou pra trás. Então assim, apesar de eu querer me formar agora, eu meio que, por causa do trabalho, tá entendendo, **que às vezes o trabalho ocupa mais tempo na minha vida do que a faculdade**. Então, tipo... Por semestre eu deveria cursar oito disciplinas, às vezes eu curso quatro, cinco; por causa do trabalho. Que às vezes ocupa tanto espaço que às

vezes eu nem descanso. Às vezes eu vou dormir tarde lendo alguma coisa, aí tem um trabalho, tem um seminário. Aí isso suga a pessoa. Então é mais ou menos por isso. (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Segundo o relato acima, em relação à rotina da jovem em questão que estuda e trabalha, esta se mostra cheia de tarefas que, muitas vezes, entram em conflito e disputam entre si, tendo em vista que, como ela diz, o trabalho ocupa mais tempo da sua vida em relação ao próprio estudo. Além disso, ainda há as responsabilidades que ela assume na sua família, o que inviabiliza um maior tempo para o lazer pelas questões objetivas de vida colocadas. Assim, não há, em hipótese alguma, como falar do tempo-espço do lazer sem gerar reflexões sobre o tempo destinado as outras esferas da vida e as possíveis relações que são construídas mediante cada tempo destas esferas.

Em comparação, a entrevistada 9 apresenta outra e singular barreira ao lazer, diferente do que é relatado até o momento na pesquisa. Ela fala que o motivo que a faz não ir frequentemente aos locais que gosta é pouca causa da: “[...] A minha **mãe**. Tem vezes que ela não deixa eu sair. Eu só saio de vez enquanto”. Ela também fala que tem a questão do cuidado da sobrinha em casa: “[...] a minha sobrinha. Que eu fico com ela. Antes assim do treino. Às vezes quando a mãe dela vai trabalhar aí eu fico com ela. Aí tem vezes que eu não saio não”. (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Quem ainda está em sintonia com o texto lembra que a mãe da entrevistada é uma das pessoas que costuma estar com ela durante a vivência do lazer.

Ressalta-se que a entrevistada 9 (menor de idade) é a mais nova das jovens entrevistadas. O critério da faixa etária é um aspecto a ser considerado na vivência do lazer, tendo em vista que esta especificidade é considerada para Marcellino (2006) como barreira ao lazer. A entrevistada 9 está atualmente na condição de dependência da mãe para realizar as suas escolhas de lazer, fruto do seu próximo limite etário.

Mais uma vez, a entrevistada 10 ressaltou que o único motivo que a impede de passear mais na semana, de ter mais tempo pra ela e para o lazer, é o seu próprio filho. Nesse contexto, quando indagada: caso ela contasse com alguém que pudesse auxiliar no cuidado do seu filho; se com o auxílio de outra pessoa ela teria mais tempo para fazer o que gosta - a resposta é: “Teria. Sairia mais, começaria a estudar de novo, trabalhar” (ENTREVISTADA 10).

Percebe-se que, às vezes, um acontecimento inesperado pode mudar uma vida. Ao responder que a ajuda de outra pessoa no cuidado com o seu filho e da casa traria ajuda para restabelecer a sua vida como ela gostaria que fosse, pensa-se no conjunto de iniciativas que

poderiam favorecer a permanência da jovem na escola e na sua conseqüente inserção no mercado de trabalho. Talvez, com a compreensão dos professores, dos colegas de sala de aula, da família, do pai do filho, do apoio de creches, de jornadas de trabalho mais humanas e solidárias, talvez, a jovem tenha a possibilidade de ter acesso ao lazer e continuação da sua vida da forma que ela almeja. Assim, a maternidade não merece ser um agravante para a permanência das jovens em seus projetos de vida antecedentes.

Com a informação dada, associa-se o que é mencionado pela entrevistada com o que propõe Marcellino (2006), cujo autor avalia também como uma barreira ao lazer o quesito sexo. Nesse aspecto, para o autor, as mulheres são desfavorecidas em relação aos homens pela rotina do trabalho doméstico, pelas obrigações familiares, pela dupla ou tripla jornada de trabalho, numa sociedade que ainda se norteia pelo machismo. No caso da entrevistada 10, o fato de ser mulher não reduz somente a sua vivência do lazer, mas também traz impactos no não acesso ao mercado de trabalho e na não continuação dos seus estudos.

Finalizado o assunto acima, busca-se saber das jovens entrevistadas no tocante ao questionamento de *ter deixado de fazer alguma coisa, de ir pra algum lugar, pelo fato de ser mulher, no momento ou no não momento de lazer*. Tem-se que, com exceção da entrevistada 6, que profere: “Já. Tarde da noite já. Sozinha. Eu tenho medo. Eu não gosto não. Nunca gostei! Mas eu não, eu não sinto barreira, não. Tirando essa parte, não” (ENTREVISTADA 6), as demais jovens entrevistadas afirmam não terem deixado de fazer alguma coisa, de ir pra algum lugar, pelo fato de serem mulheres no momento ou no não momento de lazer, subsidiadas pelos seguintes argumentos elaborados abaixo:

Assim. Eu sou uma pessoa que não tenho tanto essa questão de medo por ser mulher. Eu sou muito... Eu acredito que sou uma pessoa muito feminista [orgulho/ênfase]. Eu adoro, sabe. “Ah, mas só vai homem! Só vai homem, mas eu vou! Eu posso ir? Pode! Então eu vou!” [como se fosse conversando com os amigos] Eu não me sinto nenhum pouco; vamos dizer assim, humilhada por ser mulher. Eu não me sinto. E se as pessoas sentem isso quando eu estou. Eu sinto muito! Problema delas. [convicção de está fazendo o que é certo]. Mas **eu nunca senti isso não, por ser mulher, não!** (ENTREVISTADA 7, grifo nosso).

Acontece. Mas eu acho que não necessariamente pelo fato de eu ser mulher. **Influencia** né, por acabar a mulher sendo um pouco mais frágil que o homem, mas eu acho que pela questão da segurança; da insegurança, é... **Essa questão de mulher ou homem às vezes nem influencia tanto**. Talvez se você tiver em um grupo grande, pode ser que influencie, mas eu acho que não é pelo fato de ser mulher. Mas, assim, também, por outro lado, é ruim o problema de ser também mulher é que às vezes, em certo lugar, não tem só o problema do assalto né, tem, vamos supor... É... Perdi a palavras... Como se fosse assim, você também tem o **medo do estupro** que hoje em dia tá assim, muito grande. Então às vezes a gente... **Eu evito de ir a algum lugar muito longe, onde eu não conheço, onde eu não tenho ninguém conhecido, por meio que por causa disso. Tá entendendo? Também de sair sozinha. Eu prefiro, tipo, chamar uma amiga ou meu namorado. Pra ter uma certa garantia, mas nada assim muito por questão/pelo fato de ser mulher.** (ENTREVISTADA 8, grifo nosso).

Tenho não (ENTREVISTADA 9, grifo nosso).

Não, tenho não. (...) Três da manhã, da madrugada, na minha rua, eu saio andando sozinha, atrás de comida. Aí vou passear sozinha, com o fulano (filho). **Tenho medo não**. Quando for pra acontecer que aconteça em qualquer lugar. **Se acontece de dia, imagina de noite**. Então eu saio. Eu não tô nem aí... (ENTREVISTADA 10, **grifo nosso**).

Mesmo as demais entrevistadas não se remetendo ao fato de deixarem de fazer alguma coisa, de ir pra algum lugar, pelo fato de serem mulheres, no momento ou no não momento de lazer, nota-se no relato da entrevistada 8 um certo desconforto que existe em frequentar alguns locais, especialmente se ela estiver sozinha, pelo próprio estupro, que a entrevistada coloca como sendo algo que acontece frequentemente na sociedade.

Como pesquisadora e mulher, confessa-se que uma questão como essa não deixou de trazer surpresa, ao saber que algumas entrevistadas não julgam deixar de fazer nada por serem mulheres. Nessas horas percebe-se como a pesquisa de campo desconstrói concepções particulares, principalmente as de uma pesquisadora que vive com o constante medo de andar em ruas escuras e sem movimentação e tarde da noite sozinha.

Nota-se como o medo é relativo e, em muitos casos, até elitista. A Entrevistada 10 deixa uma reflexão muito pertinente quando diz que sai sozinha de casa de madrugada para comprar comida. Ora, e se não for ela mesma, quem mais iria comprar a comida para ela? Que alternativas existem?

Muitas vezes, ou na maioria delas, a realidade social dos(as) brasileiros(as) requer enfrentamentos diários das possíveis inseguranças e medos. Para muitos(as) o medo não pode nem existir, pois ele impossibilita a própria existência.

A entrevistada 10 mostra que as questões que geram medo acontecem a todo o momento: de dia; de noite. E como essas questões que envolvem o medo estão presentes no seu cotidiano, ela opta por não senti-lo, conduzindo, diante disso, a sua vida normalmente.

No que se refere à *discriminação e preconceito que ocorrem no dia a dia, no momento ou no não momento de lazer*, as entrevistadas 9 e 10 afirmam não terem passado por algo relacionado a isso, ao passo que nos discursos das demais jovens entrevistadas destacam-se os seguintes assuntos:

Eu acho que não. Deixa eu ver (pensando). Ah, no **triathlon**. Uma vez eles disseram que eu era muito miudinha, por isso que eu não conseguia fazer (realizar o movimento esperado); muito magra. Tipo assim, eu perguntei: “Por que que essa pessoa pode fazer, que tem menos tempo (de experiência/treino), e eu não posso fazer, que eu tenho capacidade de fazer, e ele não”. “Não, é **porque ele é homem e tu é mulher**” (eles disseram). Aí pronto. Só isso. Eu fiquei... Sabe... Foi mulher, eu fiquei triste. Por que ele não tinha muita resistência. E a gente sabia que ele não ia conseguir. E eu já tava treinando faz tempo pra isso. Aí eles disseram que não. Então tá (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Já. Já. **Por ser pobre, por morar na favela**, por... Deixa eu ver aqui... Basicamente: a maioria é porque eu moro na favela, sabe. As pessoas quando eu digo: “Ah, eu mora na favela”, mas, incrivelmente eu não tenho argumento para dizer que eu moro naquela favela que é, especificamente, na beira do mar, com aquele pôr do sol pra fazer inveja o pessoal (risos) (demonstração de orgulho pelo lugar que ela mora). Mas eu já senti preconceito, sim (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Reflexões sobre o relato da entrevistada 6 serão discutidas em seguida, ao debater gênero e esporte, no próximo tópico. E, sobre a exposição da entrevistada 7, quando analisada na ótica de Freire (1996), a percepção que se há é de que não é apenas da responsabilidade da entrevistada 7 encontrar-se nessa situação - é tarefa também dos que vivendo bem, nada fazem para mudar a realidade que origina a favela. Assim, a culpa não é individual (nunca foi). A culpa é coletiva. E é na coletividade egoísta e indiferente que se gera a pobreza e a favela.

Não é novidade que para a maioria dos(as) jovens, o local de moradia e o endereço aparecem como um critério de diferenciação: abandona, amplia ou restringe acessos. Hoje, certos endereços carregam consigo o estigma das áreas urbanas subjulgadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia, denominadas de favelas, conjuntos habitacionais, comunidades etc. Com essas informações pode-se considerar que o preconceito e a discriminação de classe, de gênero e de cor compõem o preconceito e a discriminação por endereço (NOVAES, 2006).

Infelizmente, o local de moradia incorpora todas às pré-concepções, todos os medos e as incertezas que pairam no imaginário social sobre determinados locais.

No mesmo contexto da discriminação e do preconceito, relacionados aos locais da vivência do lazer, a entrevistada 7 informa que não acontece nada semelhante com ela, pois os locais que ela costuma frequentar geralmente contam com todos os tipos de públicos, sem estabelecer distinções sociais, como pode ser visto abaixo:

Não, porque esses lugares que eu vou geralmente é um lugar que envolve arte e cultura e sempre estão um pouco abertos pra esse tipo de gente que mora na favela. O Dragão do Mar é um lugar que eu frequento muito e eles são assim, totalmente abertos, são totalmente. “Ah, bora lá”. Ainda mais assim, por ser essa comunidade próxima. “Ah, mora no Poço? Legal! Então venha sempre e tal” (como se ela estivesse estabelecendo o diálogo com as pessoas que trabalham no Dragão do Mar). Eles sempre têm essa questão. Agora nos outros lugares, eu não sofri, não. Não (pensando). Mas as pessoas mesmo. Não por eu estar ali naquele estabelecimento, mas pelas pessoas conhecerem: “Ah, você mora em tal canto. Ah, aquele lugar não é um lugar bom” (as pessoas falando da comunidade). “Tem isso, tem aquilo”: Tem! Mas também tem coisas prazerosas de estar lá. **Mas das pessoas e não dos lugares** (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Para a entrevistada, não é determinado lugar, por exemplo, como os grandes empreendimentos de Fortaleza, que promove a discriminação e preconceito, mas sim as pessoas que frequentam esses lugares, pois parte delas e das suas visões de mundo carregam em suas ações a efetivação da discriminação e do preconceito pelas minorias sociais.

A entrevistada 8 aponta o exemplo da discriminação e do preconceito ocasionado pelo seu local de moradia, tendo como protagonistas dessas ações os seus colegas de faculdade. Além disso, ela traz no relato alguns fragmentos da sua história de vida. Quando criança, não se sentia, muitas vezes, confortável em falar sobre a ocupação dos seus pais, por eles não exercerem profissões consideradas de menor prestígio social (não são valorizadas culturalmente e socialmente), em oposto ao que acontece com algumas profissões tradicionalmente mais valorizadas, como é a medicina e o próprio direito.

Talvez pelo **local (de moradia)** né, porque assim, eu estudo numa faculdade privada. Então é... Tem muita gente que não depende da faculdade, tipo assim, não, não. Eu sou FIES⁵¹. Então, nem todo mundo na minha faculdade é FIES. Então é como se no começo é... Você... Algumas pessoas que tem condições financeira melhores dão uma certa... Eu não sei se é discriminação, mas você percebe uma coisa ou outra. É... Deixa eu ver.... Às vezes em questão de táxi, de táxi não querer, tipo, entrar, quando você pega o táxi em tal canto e (não) querer deixar dentro de onde você mora, eles já ficam meio receosos de entrar assim. “ah, mas isso pode acontecer alguma coisa” [...] (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

[...] Eu tive uma disciplina que a minha professora comentava sobre esse caso de... Diferença. Questões financeiras. E aí um menino simplesmente, ele... Como foi. Foi mais ou menos assim. Ele falou sobre alguma coisa do tipo de: “por quê que as crianças viam o Neymar e queria se espelhar nisso”. “É porque que isso não acontece com todas as crianças” (ela disse). Tipo, ele se espelha, mas não necessariamente ele vá chegar ali. Então numa comunidade é muito mais fácil uma criança ter acesso ao que não é bom, ao que é errado; a droga, a usar isso, aquilo, do que o acesso a uma coisa, tipo, um futuro – jogar futebol. É muito mais fácil ele pender para o caminho errado. **Então, ele, um colega da faculdade, ele achava que não era assim. Que não era! E eu (falando com o pessoal da sala de aula), gente, eu sei por que eu moro numa comunidade. Aí você já vê aquele! (olhar estranho) Aí é... não sei o que (o colega continuou falando).** Então aquela questão, de você é... Porque a pessoa que mora na comunidade não pode ser igual a todo mundo, tá entendendo? Eu senti só aquela fisgadinha. Não foi nada demais. Ah meu Deus. Mas você perceber que a pessoa fica meio assim. Aí eu não. Então. Mas eu continuei. Dei minha opinião. Eu tenho que expressar a minha opinião. Então eu falei. Expliquei. E dei a minha opinião como ele também deu a dele. Pronto. Foi resolvido. Mas a assim, como a faculdade hoje tá tão cheia de gente de todo tipo, então tá assim, hoje eu não sinto mais isso. Foi uma vez. E acho que é mais ou menos isso. Eu acho que antes, talvez quando eu era menor, que não sabia lidar tão bem. Minha mãe/ minha mãe sempre trabalhou como ambulante, então ela precisava ficar até altas horas para vender a bebida; vender a comida e tal. Então você de certa forma não entende. **Você meio que fica receosa em falar o quê que o seu pai e sua mãe faz. Tá entende?** Por que pra todo mundo: “Ah, meu pai é médico, ah, meu pai é no seu o que; ah, meu pai é professor!” Aí você diz assim: “ah minha mãe é ambulante”. Então para uma criança isso... pow, vou dizer... Eu acho que salvo isso quando eu era pequena, que eu não entendia porque, mas de resto, eu acho que não (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

⁵¹ Fundo de Financiamento Estudantil.

Com o relato observam-se algumas das muitas dificuldades que se colocam no cotidiano das jovens moradoras da favela e da periferia, no trato que recebem das demais pessoas da sociedade em muitos âmbitos da vida, como visto no: 1) espaço da faculdade da entrevistada 8, que resulta no estranhamento dos seus colegas em relação ao seu local de moradia; 2) caso da vivência do esporte pela entrevistada 6 que, por ser mulher, não participa de determinada atividade; 3) no caso de ser pobre e moradora da favela, como a entrevistada 7 coloca.

Assim, a construção da condição juvenil acontece atrelada aos fatores de gênero, local moradia, classe social, cor da pele, dentre outros aspectos que demarcam o conhecimento do(a) jovem sobre si mesmo(a) e em como a sociedade o(a) enxerga. Por isso, assinala-se a importância que há em problematizar esses pressupostos para o entendimento das juventudes contemporâneas, cujo tempo-espaço do lazer aponta-se como fértil para elencar as características dos(as) jovens e em fornecer subsídios para entender como a sociedade os(as) percebem.

Logo, depois de identificado e interpretado como e quando acontece a prática e a fruição do lazer dos(as) jovens da Comunidade Poço da Draga, chega a oportunidade de apresentar aproximações ou distanciamentos entre essa prática e essa fruição de lazer dos(as) jovens da comunidade Poço da Draga com os pilares da educação/do conhecimento, especificamente, o *aprender a ser* e *aprender a viver juntos*.

4.3 Apresentando aproximações e/ou distanciamentos entre a prática e a fruição do lazer dos(as) jovens do Poço da Draga com os pilares da educação/do conhecimento (*aprender a ser* e *aprender a viver juntos*)

4.3.1 Bloco 2: *Aprender a ser* e *aprender a viver juntos* - Parte 1: *aprender a ser*

“[...] é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares – e por meio delas. Precisamos doravante aprender a ser, a viver, dividir e comunicar como humanos no planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemos dedicar-nos não só a dominar, mas a condicionar, a melhorar, a compreender” (MORIN, 2011 p.66).

Como mencionado, relembra-se que a discussão será inicialmente subsidiada com o relato dos jovens entrevistados e, logo em seguida, cita-se para análise o relato das jovens entrevistadas. Por hora, trazem-se para análise as conversas com ambos os públicos, nessa

ordem, acerca do segundo bloco de questões, que versam fundamentalmente sobre o *aprender a ser*, na primeira parte, e *aprender a viver juntos*, na segunda parte.

Como o próprio título do tópico sugere, anunciam-se as duas aprendizagens em questão: *aprender a ser* e *aprender a viver juntos*, estabelecendo aproximações ou distanciamentos entre a prática e a fruição do lazer dos(as) jovens entrevistados(as) da comunidade Poço da Draga.

Entende-se que a aprendizagem é uma constante e infindável característica incorporada em todos e todas. Considera-a um processo contínuo que se situa também fora das instituições educacionais formais. Portanto, pode-se pronunciar que a aprendizagem comporta tudo: “(...) desde o surgimento de nossas respostas críticas em relação ao ambiente material mais ou menos carente em nossa primeira infância, do nosso primeiro encontro com a poesia e a arte, passando por nossas diversas experiências do trabalho” (MÉSZÁROS, 2008, p.53). Logo, ela está presente em todos os momentos e em todos os lugares da vida humana, pois a todo instante aprende-se algo.

A separação por aprendizagens é uma proposta dos quatro pilares da educação, denominado também de pilares do conhecimento, encomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cujo relatório é denominado “Educação: um tesouro a descobrir”, elaborado pela Comissão Internacional de Educação para o Século XX, coordenada por Jacques Delors (VENTURELLA, s/d).

O documento em questão, conhecido por Relatório Delors, exhibe o desenvolvimento das aprendizagens indispensáveis à vida social, produtiva e social de todo e qualquer ser humano.

Para Delors (2006), a educação gira fundamentalmente em torno de quatro aprendizagens básicas que, ao longo do transcurso da vida, são, de algum modo, para cada ser humano, os pilares da educação/do conhecimento. São as seguintes aprendizagens pelo autor citadas: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a viver.

Nota-se que os quatro pilares da educação apontam para a reflexão sobre o *aprender a viver juntos*, ao possibilitar o conhecimento acerca do outro, da sua história, das suas tradições e da sua espiritualidade e sobre si mesmo(a), pelo *aprender a ser*. Por meio disso, dessa constatação e desse olhar coletivo (e individual), cria-se um espírito novo, atento as crescentes interdependências de um com o outro e que conduz à realização de projetos comuns, ou a uma gestão inteligente e apaziguada dos inevitáveis conflitos. “(...) Utopia, pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital” (DELORS, 2006, p. 19).

Logo, ao averiguar as aprendizagens citadas acima, é conveniente explicar e descrever os quatros pilares da educação/do conhecimento, ao ilustrar o que consiste cada uma das aprendizagens, segundo as palavras de Delors (2006).

Aprender a conhecer

- Aquisição de instrumentos de compreensão (da realidade social, do mundo);
- Equivalente ao aprender a aprender;
- Visa o domínio dos próprios instrumentos de conhecimento (e compreensão) como *finalidade e meio* da vida humana;
- É *meio* na medida em que pretende com que cada um(a) aprenda a compreender o mundo que o cerca, para assim, desenvolver as suas capacidades profissionais; para comunicar-se;
- É finalidade, pois o seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir;

“O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a autonomia na capacidade de discernir” (DELORS, 2006, p.91).

Aprender a fazer

- Uma forma de agir sobre o meio envolvente;
- Ligada à formação profissional, mas não somente;
- Tem o objetivo amplo de preparar para uma participação formal ou informal no desenvolvimento; tornar as pessoas competentes para enfrentar situações diversas no trabalho em equipe;
- Aprender a fazer no âmbito das experiências sociais ou de trabalho.

Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros

- Participar e cooperar com os outros;
- Diz respeito à descoberta do outro e a participação em projetos comuns;
- Tomar consciência das semelhanças e das interdependências entre todos os seres humanos do planeta;
- Compreensão do outro e percepção das suas interdependências;
- Trabalho em conjunto; gerir conflitos;
- Solidariedade; respeito pelos valores do pluralismo e da compreensão mútua;

Aprender a ser

- Mais do que preparar para viver em sociedade, é fornecer forças e referências intelectuais que permitam compreender o mundo que o cerca e comportar-se nele como atores(as) justos(as) e responsáveis;
- A educação visa conferir aos seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação necessária ao desenvolvimento de talentos, e tanto que possível, fazê-los donos dos seus destinos;
- Momento de descobertas e de experimentação: estética, artística, desportiva, científica, cultural e social;
- Tem por objetivo a realização completa, em toda sua complexidade e expressões.

Dado o breve panorama geral acima e devido aos próprios limites de tempo para a realização da pesquisa e para a conclusão dessa dissertação, toma-se para análise somente as duas aprendizagens agora caracterizadas: *aprender a ser*⁵² e *aprender a viver juntos*⁵³, que serão analisadas com o subsídio teórico de autores que contribuem para essa discussão.

Sobre as questões relativas ao *aprender a ser*, ao solicitar que os jovens entrevistados relatem, inicialmente, sobre *alguma experiência de natureza estética, artística, desportiva, científica, cultural e social realizada por eles sozinha, ou seja, sem a presença de outras pessoas, durante o tempo-espço de lazer, do fazer o que gosta; que tenha ajudado a compreender melhor o mundo ou as pessoas que os cercam:*

O entrevistado 1 afirma não lembrar de nenhum episódio dessa natureza: “Lembro não” (silêncio).

Também não se lembra de nenhuma experiência desse gênero o entrevistado 3: “Nenhuma”.

Na mesma linha, o entrevistado 5 diz: “Não, não. Que eu me lembre não”.

O entrevistado 2 pronuncia uma experiência análoga que acontece quando ele está no período trabalho, e que como já tido antes, também é o seu período de lazer: “Rapaz, quando eu consegui fazer 4 mil reais numa noite. Foi o momento mais feliz da minha vida!”.

⁵² Para Hassenpflug (2004), o *aprender a ser* consiste em ser você mesmo; ser o que/quem você é; construir um projeto de vida. Deve-se orientar o *aprender a ser* também por estes entendimentos.

⁵³ Hassenpflug (2004) pontua as *competências relacionais em interpessoal e social*. O nível interpessoal compreende o relacionamento entre duas ou mais pessoas – família, amigos, escola, trabalho. Engloba: o reconhecimento do outro; o convívio com a diferença; a interação; a comunicação; afetividade e sexualidade; convívio em grupo. Em relação ao nível social, há a participação nas comunidades, aos projetos coletivos, à política, à cultura e em todas as instâncias da vida. Engloba: o compromisso com o coletivo; o compromisso com o ambiente; o compromisso com a diversidade cultural. Deve-se orientar o *aprender a viver juntos* também por estes entendimentos.

Faturar esse valor em dinheiro faz com que o entrevistado 2 obtenha mais vontade de trabalhar e de buscar alcançar mais conquistas, pois, com o dinheiro, o entrevistado passa a comprar mais produtos para as suas vendas e investe mais no seu negócio. Nesse propósito, com essa experiência, ele também relata: “Eu invisto em mais mercadoria. Eu fico mais **feliz!** Tenho mais **disposição** para trabalhar. Então... tenho... como posso dizer, tenho meu horário de servir/trabalho” (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

Nessa óptica, reflete-se que a inserção no mercado de trabalho se torna cada vez mais uma necessidade latente, principalmente para os setores da sociedade em condições de vulnerabilidade social. Para muitos jovens, principalmente pertencentes às famílias de classes sociais menos abastadas, a necessidade de se inserir no mercado de trabalho é ainda mais latente, indo além de um pertencimento social e estabelecendo-se como uma relação de sobrevivência. Com isso, cogita-se que:

Para esses jovens, o trabalho é indispensável. É uma necessidade. É a possibilidade de realização de projetos profissionais futuros e a garantia de sobrevivência presente [...] Estão, portanto, vinculados ao trabalho pela necessidade (OLIVEIRA, 2001, p. 136).

Assim sendo, nota-se que o trabalho para o entrevistado 2 também se expressa como uma necessidade de sobrevivência, pois é a partir do dinheiro adquirido que ele e os membros da sua família, que também trabalham com a venda de bebidas e outros produtos, podem manter o sustento de todos(as). Com o relato nota-se um relativo distanciamento da experiência citada com a compreensão que propõe o *aprender a ser e a viver juntos*, pois o relato não resulta em nada semelhante a isso, como havia sido indagado na questão.

Diferente disso, o entrevistado 4 demonstra a subsequente experiência vivida de natureza esportiva: “Eu acho que foi um **teste** que eu tava fazendo. Passei três semanas fazendo o teste e eu passei. Eu acho que foi uma experiência assim”. Ele diz que o teste em questão é: “pra ser... pra jogar bola. Mas depois eu **larguei**. Mas foi uma experiência muito assim; uma das **mais importantes** que eu tive” (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

Com o exemplo do teste e do empenho despendido pelo entrevistado 4 para conseguir algo que ele tanto almeja, como é o caso do teste de futebol e que, mesmo quando ele consegue, em seguida, “larga” o time, reflete-se sobre como a vida dos jovens acontece diante das estruturas sociais que são gradativamente mais fluidas. Nela, os jovens têm as suas vidas marcadas por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades,

movimentos autênticos de vaivém, termos que Pais (2006) utiliza para relatar os movimentos oscilatórios e reversíveis que fazem sugerir a juventude como metáfora de um *iô-iô*.

Nesse movimento, é comum os jovens saírem da casa dos pais para no futuro regressarem; conseguirem trabalho e depois se mostrarem dispostos a abandoná-los; abdicarem os estudos e depois retomarem novamente. Assim, os jovens vivem inconstantes movimentos de vaivém, como detectado no relato do entrevistado 4, que é aprovado no teste de um time de futebol e depois “abandona” o time.

Mesmo fazendo isso, uma experiência como essa desperta nele o seguinte: “me deixou muito **feliz**. Feliz assim, né, que no meu pensamento eu achava que não era capaz de fazer aquilo. E eu consegui. [...] Aumentou minha autoestima” (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

O entrevistado 4 pronuncia que, ao concluir a experiência de natureza esportiva, ele se sente plenamente realizado e: “mais confiante no que eu faço”.

No caso do entrevistado 4 e da sua afinidade com o esporte/futebol, percebe-se que há o desenvolvimento do *aprender a ser* no tempo-espço do lazer, pois a aprendizagem mencionada está relacionada aos processos de reflexão sobre os modos de ver, aprender, ensinar e viver, que foram previamente despertados ao longo da experiência exposta. É a partir do esporte que o entrevistado (re)conhece as suas potencialidades e descobre que é possível alcançar os seus sonhos e torná-los reais. O esporte faz com ele se conheça melhor e confie mais em si, daquele dia do teste em diante.

No mesmo conjunto de questões referentes ao *aprender a ser*, busca-se no momento saber *se é mais fácil ou difícil ser você mesmo; ser quem você é nos momentos que se faz o que gosta (por lazer)*. Nessa colocação o entrevistado 1 diz: “É fácil. Até que tá sendo fácil”. Quando questionado se ele consegue lidar com tudo o que ele é, com tudo que carrega consigo/e o que ele representa, obtêm-se a seguinte resposta:

Consgo. Com a maioria das coisas consigo, tem outras que... Eu não consigo não. Eu não tenho muito é... É assim, como é que se fala... Intimidade para conhecer outras pessoas novas assim. Eu não tenho essa facilidade. Só isso mesmo. A maioria da minha dificuldade é essa. **De conversar com outras pessoas**. Como eu tô fazendo isso daqui. (risos). Só isso mesmo. (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

O Entrevistado 1, ao longo da sua entrevista, mostra-se relativamente tímido, mas bastante seguro em suas respostas. Mesmo contando ter certa dificuldade em se relacionar

com outras pessoas, ele tem-se mostrado disposto e aberto ao diálogo durante a entrevista, desenvolvendo as suas capacidades comunicacionais. Ao assim fazer, ao estabelecer uma convivência com outras pessoas, como acontece ao longo da entrevista, aos poucos, ele é sensibilizado para viver o *aprender a viver juntos* em coletividade, edificando-se como ser social. Essa questão não é diretamente indagada ao entrevistado 3.

O Entrevistado 4 diz que, embora aparente ser difícil para muitas pessoas serem quem elas são, ele explica que o “segredo” para tornar mais fácil ser você mesmo é acreditar em si: “Sei lá. Pra algumas pessoas elas acham difícil, né, sei lá, mas basta **tentar**, né, e **acreditar na pessoa** mesmo. Que a pessoa consegue qualquer coisa” (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

Acreditar nele mesmo é o que ele faz no momento em que ele realiza o teste para ingressar no time de futebol estimado.

A partir do *aprender a ser* via esporte, emerge o pensamento de confiança em si que passa a fazer parte dos seus pensamentos naquele momento e agora se torna aplicável as outras dimensões da vida. Assim, “[...] o planeta tornou-se a nossa sala de aula” (GADOTTI, 2000, p.7).

Desse modo, “não há tempo e espaço próprios para a aprendizagem. Como ele está todo o tempo em todo lugar, o espaço da aprendizagem é aqui – em qualquer lugar – e o tempo de aprender é hoje e sempre” (GADOTTI, 2000, p.8).

Em oposto, o entrevistado 5 diz ser difícil ser quem ele é por causa dos problemas que ele enfrenta atualmente: “Por que é muita coisa que está acontecendo na minha vida agora; **é difícil**” (ENTREVISTADO 5, **grifo nosso**).

O entrevistado 5 cita, após solicitado, um exemplo de algum de seus problemas: “Exemplo... Tenho um **filho** agora que nasceu; que acabou de nascer. Aí vai impedindo mais ainda as coisas que eu quero conquistar [...] tipo assim: eu tenho que deixar de fazer as coisas para cuidar do meu filho”. (**grifo nosso**)

Como abordado nesse capítulo, a gravidez na juventude, o ter um filho, a maternidade e a paternidade, alteram diretamente o estilo de vida de muitos(as) jovens. Nos dois exemplos – o da jovem e o do jovem (na pesquisa) que tem um filho, ambos relatam em suas entrevistas que adiam os seus planos por causa dos seus filhos. Assim, as situações vividas e experimentadas erguem a história de vida dos(as) jovens; demarcam as suas características e expressam a sua maneira de encarar a vida.

Ao expressar ser difícil ser quem ele é, supõe-se que esse entendimento parte do seu autoconhecimento e de uma reflexão sobre si mesmo, logo, o *aprender a ser* acontece na vida do entrevistado 5, pela sua sensibilidade, seu pensamento autônomo e crítico.

Nesse assunto, sobre o *fazer o que se gosta (por lazer) e se isso ajuda os entrevistados a se conhecerem melhor*: mesmo que o entrevistado 1 não consiga descrever a experiência proposta (que inicia a discussão desse bloco de questões), ele afirma que fazer o que gosta ajuda-o a se conhecer melhor: “Ajuda! Ajuda a **relaxar**, ajuda a **conhecer meu corpo; minha mente; meu psicológico...** é... muita coisa” (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

Em todo caso, o tempo-espaço do lazer desvela ao entrevistado 1 o ser humano em suas múltiplas dimensões: material e espiritual/corpo e mente, o que implica em maior conhecimento sobre si e no desenvolvimento do *aprender a ser*, ao aprimorar o seu autoconhecimento e possibilitar o seu desenvolvimento integral.

Morin (2011) coloca que no século XXI acontecem distanciamentos da visão unilateral do ser humano, atribuída restritamente a sua racionalidade, a técnica, as atividades utilitárias e as necessidades obrigatórias. Para o estudioso, o ser humano é complexo e caracteriza-se por comportar - simultaneamente - dois polos antagônicos. É, ao mesmo tempo, sábio e louco, trabalhador e lúdico, empírico e imaginário, econômico e consumista, prosaico e poético⁵⁴. Portanto, ao mesmo o ser humano é corpo e mente.

Portanto, entender o ser humano ou a sociedade é compreender que ambos são constituídos por unidades complexas e multidimensionais, como detecta o entrevistado 1, ao falar sobre o conhecimento do seu corpo e da sua mente. Assim, corroborando com o entrevistado 1, entende-se que o ser humano é, ao mesmo tempo, “[...] biológico, psíquico, social, afetivo e racional”(MORIN, 2015, p.35); e a sociedade, “[...] histórica, econômica, sociológica, religiosa...” (MORIN, 2015, p.35).

De natureza igual, entende-se que, para que cada pessoa possa partilhar e construir um diálogo com o(a) outro(a); colocar-se no lugar do(a) outro(a) e compreender as suas razões, tem-se que, primeiro, conhecer a si mesmo(a): como ele(a) pensa, age e sente, pois conviver nada mais é do que se encontrar com o outro. Para que isso aconteça (o encontro com o outro), é preciso encontrar-se consigo(a) mesmo(a), como o entrevistado 1 faz no seu tempo-espaço de lazer, ao conhecer seu corpo e sua mente. (HASSENPFUG, 2004). Na mesma ideia, ao perguntar para o entrevistado 2 se ao fazer o que gosta por lazer, como quando ele vai surfar, se isso o ajuda a se conhecer melhor ou não, obtêm-se a seguinte resposta:

⁵⁴ “Assim, o ser humano não só vive da racionalidade e de técnicas; ele desgasta-se, entrega-se, dedica-se a danças, transes, mitos, magias, mitos, magias, ritos” (MORIN, 2011, p.52).

Rapaz, oh, primeiro: porque a água ela já é uma gravidade diferente, entendeu. Já faz com que lave/ limpe a gente. Por si próprio - o sal; a maré. **Faz com que eu fique aliviado.** Tipo assim; esqueça um pouco do dia a dia, que é dinheiro... **É só você e a natureza. Você reflete a vida. Você se sente livre.** Não pensa em mais nada. É só você e a natureza. Aqui acolá a gente ainda se esbarra com as tartarugas (no mar, na praia) (ENTREVISTADO 2, **grifo nosso**).

Com o que propõe o entrevistado 2, nota-se que há o emergir da reflexão que acontece no tempo-espaco do lazer desse jovem. Logo, para ele, o tempo-espaco do lazer o faz pensar sobre a sua vida, o faz refletir e sentir o mundo pelo contato com a natureza, resultando no alcance da sua liberdade e no distanciamento dos problemas do cotidiano.

Entretanto, mesmo com esse pensamento, é o entrevistado 2 que fala, em outro momento, que a sua felicidade aparece atrelada ao faturamento de uma quantia de dinheiro durante o trabalho, conseqüentemente, momento de lazer. Relembra-se aqui: “Rapaz, quando eu consegui fazer 4 mil reais numa noite. Foi o momento mais feliz da minha vida!” (ENTREVISTADO 2). Ao mesmo tempo, resultado da sua natureza de *Homo complexus*, o entrevistado expressa paradoxos tais quais podem ser encontrados abaixo:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e estável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e ódio; é um ser que é invadido pelo imaginário e que pode reconhecer o real; que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Ideias, mas que duvida dos deuses e critica as Ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e quimeras. E quando, na ruptura de controles racionais, culturais e materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de ilusões, excesso desencadeado, então o *Homo demens* submete o *Homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros (MORIN, 2011, p.53).

No entanto, ressalta-se que os paradoxos citados alçam a própria natureza humana e não diminuem o autoconhecimento realizado pelo entrevistado 2 na experiência do surf, pois ali, por meio da sua reflexão, desenvolve-se o *aprender a ser*. Muito semelhante ao que o entrevistado 2 relata, o entrevistado 3 responde que fazer o que gosta ajuda-o também a se conhecer melhor: “Por que eu, particularmente, **eu sempre tô mudando**, o meu jeito de ser. O meu jeito. Aí cada acontecimento eu **me descubro** mais um pouco” (ENTREVISTADO 3, **grifo nosso**).

É no terreno da condição humana que a educação do futuro deve ter um norte, ao reconhecer seres humanos em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural humana. Conhecer o humano é situá-lo no universo. Interrogar a condição humana é questionar inicialmente a posição das pessoas no mundo (MORIN, 2011). Acredita-se que é por meio da reflexão que comete o entrevistado 2 que ocorre a condição basilar para conhecer a unidade complexa do ser humano⁵⁵. Assim, o entrevistado 2 e 3 desenvolvem o *aprender a ser* no tempo-espaço do lazer na medida em que ampliam o seu autoconhecimento.

No ambiente em que os entrevistados acima estão situados e de acordo com o significado atribuído a cada prática e fruição realizada no tempo-espaço do lazer pelos jovens, nota-se que o olhar para si, para o seu interior, frequentemente está presente nos relatos dos entrevistados agora analisados.

Por consequência, entende-se que o mundo da cultura (e do lazer) surge como sendo um espaço fértil de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil (DAYRELL, 2002).

Dito isso, quando indagada a mesma questão ao entrevistado 4, ele diz que jogar futebol; ir à praia; ir ao CDMAC, ajuda-o a se conhecer melhor. O entrevistado 4 expõe que: “Tipo... Mostra **a pessoa que eu sou**, né, praticando aquilo”(grifo nosso).

Com isso, torna-se indubitável que a fruição da prática do lazer auxilia e propicia o desenvolvimento pessoal, a inteligência e o autoconhecimento do jovem em questão, mostrando ser quem ele é naquele tempo-espaço do lazer. O entrevistado 5 não é perguntado exatamente sobre isso. Com essas questões acima, entende-se que o *aprender a ser*, de alguma forma, ganha terreno no tempo-espaço do lazer dos jovens entrevistados.

Em relação ao *protagonismo de sua história e o planejamento do futuro*, salienta-se que é distante do olhar dos pais, professores ou patrões, que os jovens assumem o papel de protagonistas, “(...) atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca”(DAYRELL, 2002, p.119).

Entretanto, na maioria dos casos dos(as) jovens entrevistados(as), contrariando a ideia de Dayrell (2002), o olhar dos professores e responsáveis assume significativo papel durante o processo da construção do planejamento do futuro do jovem. Nessa ideia, o entrevistado 1 diz o que planeja para o futuro próximo; a “curto prazo”:

⁵⁵ “É impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bioanatômica” (MORIN, 2011, p.43).

É... Tem uma coisa na minha vida que é importante, o apoio da minha família e meu professor aqui. Ajuda muito. Que tá ajudando agora com alistamento para o exército. Eu tô pensando em fazer o **concurso** da ESA, do **exército**. Esse é meu futuro, sabe. **Até agora é isso** (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**)

O “até agora é isso” supõe uma maneira de entender que o tempo futuro, ou qualquer intercoerência fruto dele, pode, em qualquer momento, modificar o planejamento do tempo presente.

Mas, mesmo que algum imprevisto aconteça, em nenhum momento, o tempo futuro representa o receio do novo/ do que está por vir para o entrevistado 1. Acredita-se que o apoio da família e do seu professor faça com que o traçar e o planejamento do tempo futuro aconteça de forma mais tranquila.

O planejamento também está presente na vida do entrevistado 2, que fala: “Com certeza. Eu planejo **crescer** e... e... eu pretendo crescer” (**grifo nosso**). Durante a entrevista pôde-se deduzir que o crescimento proposto pelo jovem está relacionado diretamente ao crescimento que envolve o seu campo de trabalho, na expansão da venda de produtos; na arrecadação de mais dinheiro; e na efetivação dos seus planos relacionados também ao seu trabalho. Alguns desses planos podem ser detectados mais a frente, quando o entrevistado relata sobre a semelhança do seu plano de vida e de futuro com a sua família.

O Entrevistado 3 relata o seguinte acerca do seu futuro: “Planejo. **Mais ou menos**. Tudo. Aí se der certo, aí eu fico muito feliz”. Quando averigua sobre o que ele espera do futuro, é colocado: “Não é somente tá **atleta**, mas ter uma casa própria, e realizar o sonho da minha mãe, que é me ver formado” (ENTREVISTADO 3, **grifo nosso**).

Nota-se que a questão do planejamento apareceu associada muito mais ao sonho, a projeção da imaginação, do que um traçado sistematizado de ações que visam alcançar um objetivo futuro. Ao falar sobre o “seu” planejamento futuro, o entrevistado inclui a expectativa também da sua mãe em relação a ele. Nesse contexto, planejar o futuro é tentar, ao mesmo tempo, atender as suas próprias expectativas e a dos seus familiares. Nota-se que o *aprender a ser* está muito associado à capacidade imaginativa e o *aprender a viver juntos* ao compreender o outro; ao desenvolver a percepção da interdependência do outro. O entrevistado 4 não é perguntado sobre isso. O entrevistado 5 indica, assim como o entrevistado 3, a importância da família na projeção do seu futuro:

Eu planejo sim. (...) O que eu planejo?! Fazer uma **faculdade de Engenharia Civil** quando eu passar no Enem. (pausa) Muita coisa (risos); não tem como falar não (risos). Muita coisa. (...) Sei lá... Conseguir mudar a vida da minha mãe, do meu pai.

Dar uma melhor vida para eles, né... Sustentar eles, que eu quero dar uma vida melhor para eles e seguir meus objetivos né. E ser campeão do Freestyle, mundial. Que todo mundo possa conhecer minha arte, que é o Freestyle. É isso. (ENTREVISTADO 5, **grifo nosso**).

Assim, nota-se que cada sujeito entrevistado pensa ao seu modo sobre o seu futuro, de acordo com a história construída no momento presente e conforme a sua trajetória de vida. São sonhos e expectativas (subjetivas) que cada um carrega consigo. Como visto, é comum aos entrevistados a busca por melhorias na sua própria condição de vida e a dos seus familiares.

Em outros termos, cada um(a) porta em si uma galáxia de sonhos e de fantasmas, “[...] impulsos e desejos e amores insatisfeitos, abismos e desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro de fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes...” (MORIN, 2011, p.52).

Ao projetor o futuro, o *aprender a ser* é despertado pelos sentimentos aflorados e pela imaginação necessária ao desenvolvimento de talentos, do reconhecimento das suas potencialidades e, tanto quanto possível, ao tornar os jovens donos dos seus destinos. Na mesma ideia, o *aprender a viver juntos*, pela descoberta do outro, pela solidariedade e pela participação em projetos comuns com sua relativa importância.

Ainda assim, de uma forma comum, percebe-se que há certa dificuldade por parte dos jovens entrevistados na construção do relato pessoal sobre a constituição do projeto de futuro e do projeto de vida. Desse modo, percebe-se que no contexto juvenil: “O futuro vai sendo tecido dia após dia, sem grandes planos ou objetivos de longo prazo de vida. Como indivíduos autônomos e livres, suas ações parecem ser determinadas apenas tendo como objetivo maior a maximização de um estado de prazer” (SZAPIRO; RESENDE, 2010, p.44).

No entanto, também é preciso lembrar sobre as inúmeras exigências que recaem no cotidiano dos(as) jovens e da fragilidade das instituições que podem contribuir com a construção de um projeto de vida futuro dos jovens, como a escola, o Estado e a família.

Em relação ao estado e a escola, ambas as esferas assumem relevante importância, ao contribuir desde a conclusão do ensino médio ao ingresso no nível superior, garantindo o acesso e a permanência desses jovens no ensino superior no curso por eles escolhido, até a garantia de um conjunto de direitos básicos. No caso da família dos jovens, essa apareceu como uma instituição que traz uma colaboração marcante durante a construção dos seus planejamentos sobre o futuro.

Dessa maneira, entende-se que responsabilizar os jovens sozinhos pelas consolidações de seus projetos futuros representa eximir a atuação das instituições citadas,

pois “[...] A noção de projeto de vida aponta uma realidade constitutiva da pessoa e da coletividade, contextualizada culturalmente e abrindo-se para o domínio futuro” (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011, p.54).

Ou seja, cada instituição deve contribuir, ao seu modo, para a construção de projeto de vida do jovem, igualmente como aponta o desenvolvimento do *aprender a ser* e do *aprender a viver juntos*.

Depois desse assunto, busca-se saber sobre o alcance da possível realização (ou não) *de plenitude ao fazer o se gosta (por lazer)*: O entrevistado 1 diz na entrevista que: “Isso acontece mais quando estou treinando bem, sentindo quando tô com o corpo cansado e você tá com missão cumprida, assim, que meu corpo tá no máximo. É assim, a maioria do tempo é assim”.

Com isso, sentir o limite do próprio do corpo expressa o conhecimento sobre si, em outras palavras, o corpo revela o que a mente consegue alcançar; é o corpo o “termômetro” que “mede” os limites do jovem. A sensação de plenitude expressa o próprio conhecimento dos limites do corpo.

O entrevistado 2 não é questionado. O entrevistado 3 pontua fatos que o fizeram se sentir realizado plenamente, mesmo que não envolvidos com o campo do lazer: “É... Ter chegado no Ensino Médio. Ter vencido a Asma. Várias coisas”.

Então, embora a sensação de plenitude não tenha acontecido ainda no tempo-espço do lazer, não significa dizer que ela não tenha acontecido em outras esferas da vida.

Assim, mesmo ao enfatizar na pesquisa o *aprender a ser* e *aprender a viver juntos* no tempo-espço do lazer, entende-se que todos os campos da atividade humana contribuem para o desenvolvimento de tais aprendizagens e não somente o lazer⁵⁶. Por mais que o entrevistado acima não tenha relatado uma experiência do contexto esperado, ela não deixa de ter a sua contribuição para entender melhor o universo de realizações e vitórias particulares do entrevistado ao longo da vida.

O entrevistado 4 diz que ainda não se sente realizado plenamente em nenhum momento da sua vida devido a sua idade: “Ainda vou ter várias experiências, né. (risos). É por que eu sou novo ainda”.

Logo, subsidiada pela discussão teórica que embasa o entendimento da juventude nessa pesquisa, parte-se do pressuposto que a juventude representa um momento da vida propício ao novo, às descobertas e às experimentações. Assim como o próprio entrevistado 4

⁵⁶ Pode-se dizer que vivencia-se “Uma nova era que oferece múltiplas possibilidades de aprender, em que o espaço físico da escola, tão proeminente em outras décadas, neste novo paradigma, deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento e preparação do cidadão para a vida activa”(COUTINHO, 2011, p.5).

diz, há ainda muito o que acontecer na sua vida e na vida dos(as) demais jovens entrevistados(as).

O entrevistado 5 diz que vivencia esse estágio de plenitude, mas não consegue descrevê-lo. “Não tem como explicar não. **É inexplicável!** Porque tudo dá certo mesmo; não tem como explicar não. Eu não sei como explicar” (**grifo nosso**).

Ressalta-se, mais uma vez, que é comum a dificuldade dos jovens em relatar/transformar em palavras o que pensam; o que é vivido por eles; bem como a economia de palavras utilizadas nas respostas obtidas.

Indagam-se agora as mesmas questões apresentadas anteriormente relativas ao *segundo* bloco de questões, no que diz respeito ao *aprender a ser*, porém na perspectiva das jovens entrevistadas. Lembra-se que o *aprender a ser* consiste no:

Desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e lingüística. Precisa ser integral.(GADOTTI, 2000, p.10).

Retomado isso, ao solicitar que as jovens entrevistadas relatem *alguma experiência de natureza estética, artística, desportiva, científica, cultural e social realizada sozinha, durante o momento de lazer/ do fazer o que gosta que as tenham ajudado a compreender o mundo ou as pessoas*: a entrevistada 6 conta uma experiência que teve quando estava lendo uma passagem da bíblia:

Teve uma vez que (eu) tava lendo uma passagem (da bíblia) na praia. Aí tava só eu. Aí eu tava relendo um estudo que estava fazendo. Aí desse estudo eu **refleti mais** da minha concepção que eu tava fazendo nos dias de hoje. Aí foi um momento como se eu tivesse acordado, assim, pra vida. É... (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

A partir de uma reflexão feita pela entrevistada 6, a experiência desperta nela: “**Um conhecimento novo**. Uma coisa que achava que era certa, mas antes, aí eu descobri que pra bíblia era errado. Eu tive que mudar muitas formas de pensar, pra poder entender mais o que a bíblia diz” (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Assim, entende-se que o tempo-espaço do lazer é propício à construção de referências e de valores. No processo do *aprender a ser*, notam-se alguns dos importantes aspectos da ação educativa, como: a construção dos valores que serão alicerçados na capacidade de fazer escolhas e tomar decisões diante de si, do outro e da sociedade (HASSENPFUG, 2004).

A partir daí a entrevistada 6 realiza uma autocrítica e compreende mais sobre a sua atuação nos dias de hoje pelo desenvolvimento da sua espiritualidade, componente do *aprender a ser*.

Pode-se inferir que com a aquisição desse novo conhecimento, construído por meio da realização de uma reflexão pessoal, faz com que a entrevistada 6 se sinta plenamente realizada: “Por que... Por que antes eu achava que tinha uma mente muito fechada, aí depois que eu comecei a sair com o pessoal, o pessoal da igreja, até com o pessoal do triathlon, eu vi duas realidades de mundo, aí isso me enriqueceu; de conhecimento” (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Detectada a aptidão de contextualizar, globalizar e estabelecer a relação todas as partes na sua multidimensionalidade (MORIN, 2011), solicita-se que a entrevistada 6 exponha e exemplifique, se possível, que duas realidades de mundo são essas:

Por que aqui no Triathlon, eu acho que tu já encontrou, você vê de tudo, de **vários pensamentos diferentes**, lá não (na igreja), lá o pensamento é o mesmo. Então lá é como se eu tivesse/como se eu aprendesse lá e trouxesse pra realidade, visse que realmente tá acontecendo na sociedade, como é que na bíblia diz (pensando): as pessoas têm várias formas de pensar e você tem que não se enquadrar a elas; elas que tem que se enquadrar a você. Aí eu fico (risos)... Não sei se você tá entendendo (risos) (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Nota-se que a entrevistada 6 aplica o que aprende mediante as suas reflexões geradas na sua igreja, na leitura da bíblia, no seu dia a dia, com as pessoas que convive. No mesmo relato, elucida-se a identificação do desenvolvimento do discernimento pela entrevistada, uma vez que ela consegue distinguir o que acontece com as pessoas que estão em sua volta com o que ela acredita. A igreja, para a entrevistada 6, torna-se um lugar propício ao desenvolvimento da educação informal⁵⁷.

⁵⁷ “[...] A educação informal tem como método básico à vivência e a reprodução do conhecido, a reprodução da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas” (COHN, 2006, s/p).

A igreja também aparece como instituição provedora de socialização para a entrevistada 6, pois nesse local ela constrói um grupo de amizade. Na igreja ela também “(...) desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento” (COHN, 2006, s/p).

Portanto, “A educação, qualquer que seja o nível que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a da sua expressividade” (FREIRE, 1977, p.24), como acontece quando a entrevistada passa a se conhecer melhor e a refletir sobre o mundo pelas suas leituras da bíblia.

De maneira semelhante, a entrevistada 7 narra uma experiência que estabelece relação entre o tempo-espaço do lazer com o provimento da educação não-formal. Nela, os seres humanos são propícios a se tornarem cidadãos no/do mundo, pois a educação não-formal incentiva/sensibiliza o conhecimento sobre mundo que circunda os indivíduos e sobre as suas relações sociais. Nesse contexto, a entrevistado 7 diz o seguinte:

Pronto. Eu tenho prazer inenarrável de pegar um avião sozinha **e ir para um lugar totalmente desconhecido, tanto da cultura, como da língua**, como da... Eu já peguei um avião daqui e fui para Paris, sozinha; já passei pela política de lá, sabe. Eu me senti muito, como é que se diz... Uma vencedora, por atravessar uma barreira tão grande, com tantas dificuldades que tem. Aí quando eu fui tava um pouco caótico. Mas eu consegui, eu fui sozinha. E hoje em dia eu (digo) atravessei o Oceano Atlântico sozinha. Eu gosto muito (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

A viagem em questão, realizada pela entrevistada (sozinha), oportuniza o contato com um “novo mundo” – com um novo idioma, com novos costumes, possibilitando uma multiplicidade de aprendizagens, tendo em vista que toda cultura tem suas virtudes, experiências, sabedorias e, ao mesmo tempo, carências e ignorâncias. (MORIN, 2011). A viagem expressa um grande conquista, sobretudo pelas dificuldades sociais que a entrevistada diz enfrentar. Assim, o *aprender a ser* acontece para a entrevistada no "no mundo da vida" do lazer, pela educação não-formal⁵⁸, pelos processos de compartilhamento de experiências que acontece durante a viagem dela.

⁵⁸ Educação não-formal acontece nos: “[...] territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (COHN, 2006, s/p).

A vivência de tal experiência de viajar e ir até Paris despertou nela: “Vontade de viajar mais e mais sozinha” (ENTREVISTADA 7). Depois de concluída essa experiência, ela relata a presença do sentimento de realização, como pode ser visto abaixo:

Sim, me senti muito realizada... Eu acho que fato de eu ter feito sozinha e eu ter tido **várias sensações ao mesmo tempo**: de medo, de vai dar certo ou não vai, eu vou conseguir ou não vou. Eu tive essas duas sensações. Eu acho que despertou a minha vontade e minha **curiosidade** de conhecer mais lugares. Mas eu gostei. Eu gostei muito. (orgulho/satisfação/sorrindo) (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Do mesmo modo, uma viagem para outro país desperta curiosidade da entrevistada em buscar conhecer outros países, outros lugares, além do desenvolvimento da sua autonomia. A viagem traz para a jovem o sentimento de medo, de realização e de vários outros sentimentos que podem delinear o universo do *aprender a ser*.

Por conseguinte, para a entrevistada 7, acontece ao longo da sua viagem o contato com novas informações, ao conhecer outra realidade, outra cultura, como a interlocutora aponta em sua fala.

Diferente disso, a entrevistada 8 relata uma experiência que acontece quando ela está em contato com o processo de escolarização inicial, quando ainda era uma criança. Logo em seguida, a experiência continua ao relatar sobre o seu ingresso no nível superior. Ambos os processos representam marcos vitoriosos em sua vida, embora não acontecidos no tempo-espaço do lazer:

Talvez, talvez a faculdade. Tá entendendo? Por que assim, é... Até o momento que você tá na escola, você só tem até ali. É como se fosse... Você segue aquele cronograma. Que o governo passa para as escolas e os professores passam. Fica a critério de o professor te disponibilizar mais informação ou você ir atrás. Na minha época, não é tão fácil como hoje você pegar seu celular e entrar no Google. E ali você tem todo tipo de informação. Ah, eu tô com dúvida disso. O que é isso. Então na minha época não era assim. Era mais difícil. Então se você quisesse alguma informação é... Alguma coisa, você tinha que ir atrás. De livros, de coisas. Não tinha tecnologia, essas coisas, não eram tão assim, apesar de eu não ser tão velha. Eu só tenho 24, mas é, eu acredito que o que melhorou algumas coisas foi a faculdade. Porque eu entro, a partir do momento que você entra você muda seu ponto de vista. Você muda. **Eu mudei totalmente o meu ponto de vista**. É... Eu acho que também a forma de falar. É porque, querendo ou não, não acontece com todo mundo, mas fica com aqueles resquícios de formas de falar, de gírias. Que comunidade tem. Tá entendendo? Que é comum do seu cotidiano, então você... Você tem aquilo. Eu tinha uma certa gíria, eu tinha uma certa forma de, não mais formal/tão formal de falar. E aí, eu acho que mais mudou foi isso. Na faculdade, o professor/ele, de certa forma, a faculdade lhe obriga. **Gente, você tem que crescer**. É isso aqui. Tem que melhorar; você tem falar melhor; você tem se expressar; você tem que. Se você não fizer isso você tem que sair. Você sai. Se você tiver aquilo você não se forma, você não faz o TCC, você não apresenta o seminário. Então basicamente pra mim foi isso. Foi o que eu acho que eu vi que mudou alguma coisa. (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

No fragmento acima, percebe-se que o acesso ao conhecimento resultante da educação formal, do mundo da escola, possibilita uma nova forma de olhar e encarar a realidade social pela entrevistada 8, ao mudar a sua forma de pensar, de agir e de se portar perante a sociedade. Hoje, com 24 anos de idade, na faculdade, tem outro ponto de vista e de entendimento de mundo, em relação aos anos passados.

Quando perguntado o que essa experiência de acesso ao conhecimento tem despertado nela e se essa exigência resultante dos processos educacionais formais (escola e faculdade) a faz querer buscar se encaixar nesse “padrão”, ela diz:

É mais ou menos isso. Por que assim. A gente é meio que obrigado a seguir né, porque é... Ou você, vamos supor, se forma, tem uma forma melhor de falar. Ou você é expulso do mercado. **Por que hoje em dia o que move é o mercado!** O mercado fica o tempo todo se movendo. Então é... Como todo mundo de uma comunidade que não tem tanto dinheiro, é... Que todo mundo tem o sonho é de que? Conforto... é... Um dinheirinho a mais pra você comprar alguma coisa que você tá precisando. E aqui toda crianças cresce sabendo daquilo. Então uns vão fazer o que não presta, certo, para obter aquilo mais fácil; outros não. Vão estudar, vão trabalhar e conseguir gradativamente. **Então eu optei por isso, de continuar, porque eu quero o meu conforto, eu quero uma casa, assim como todo mundo tem os seus sonhos...** (ENTREVISTADA 8, grifo nosso).

Ressalta-se que continuar os estudos e trabalhar concomitantemente se coloca como possibilidade concreta para que a entrevistada 8 alcance os seus sonhos e os seus objetivos de vida: ter uma vida com mais conforto, ter uma casa, ajudar os seus pais. Para isso, ela tentar driblar as dificuldades impostas pelo mercado de trabalho e pelas exigências encontradas para a sua permanência na educação formal. Tudo isso para que ela possa materializar o que almeja.

A partir disso ressaltam-se duas análises complementares que se colocam pertinentes ao contexto de inserção no mercado de trabalho e na educação. Na primeira ilustração, alega-se que muitos jovens sentem o peso da exclusão social por não estarem inseridos ou não terem se inseridos na escola. Na segunda questão, entende-se que muitos jovens já não se iludem mais no “mito da escolaridade” como porta de acesso ao emprego.

Nesse contexto, os(as) jovens de classes populares, quando concluem o ensino médio, se deparam em concursos e seleções com demais jovens com o ensino universitário

completo. Muitos dos jovens dessa geração entendem que a escola é importante para o acesso ao emprego, mesmo que não o garanta (NOVAES, 2006).

Mesmo os(as) jovens de hoje sendo mais escolarizados em relação aos jovens das décadas anteriores, o emprego não chega para todos os(as) escolarizados. Há jovem cujas possibilidades de inserção no mercado de trabalho não condizem com os seus anos de estudo. Dado isso, verifica-se a expansão dos empregos domésticos, de vendedores ambulantes e outros.

Logo, infelizmente, na condição de pesquisadora, não há como garantir a essa jovem que, mesmo diante de todos os seus esforços, ela terá a sua vaga reservada no mercado de trabalho, pois ter estudo não garante trabalho e ter trabalho não garante que se continuará trabalhando (NOVAES, 2011).

Portanto, hoje, os jovens, em um mundo de trabalho tão complexo e modificado, são convidados a reinventar maneiras e sentidos de inserção produtiva⁵⁹. Considera-se oportuno ressaltar esse olhar, pois ele assinala novas formas de ser e de entender a realidade para os jovens que pensam assim como a entrevistada 8.

Quando indagada se ela se sente realizada pelo que já alcançou, segundo a sua história compartilhada aqui, ela diz: “É (certo desanimo). Poderia ser mais um pouquinho, porque eu tenho que me formar; ter uma casa própria e tal, mas até aqui, tá ótimo. Tá muito bom! Eu tenho o meu trabalho. Tenho o meu curso. Enfim”. (ENTREVISTADA 8). Nota-se que a realização do seu projeto de vida requer caminhos a serem trilhados e conquistados. E, mesmo ciente disso, ela continua firme, lutando cotidianamente. Em outra ideia, de natureza eminentemente esportiva, a estimada experiência de plenitude realizada no tempo-espço do lazer pela entrevistada 9 acontece no triathlon. Ela conta que é mais ou menos assim que a experiência acontece:

Foi... O triathlon mesmo. É... Fui pra Tocantins e consegui ganhar lá, **pensando que eu não ia conseguir**, porque a prova lá é difícil; quente, muito quente. Mais quente do que aqui. Antes da prova lá, o meu nariz começou a sangrar, porque eu não tava aguentando a “quentura” de lá, mas consegui fazer a prova todinha. **E ainda ganhei**. Fiquei em segundo lugar. (demonstrando orgulho) (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

⁵⁹ Para muitos jovens, o medo do futuro é “[...] quase sinônimo do medo de “sobrar” e está muito relacionado à inserção no mundo do trabalho. São muitos os medo nesta área: “medo de não estudar e não conseguir emprego”, “medo de estudar e não conseguir emprego”, “medo de conseguir emprego e depois perder”, “medo de ficar desempregado” (NOVAES, 2011).

A vivência do esporte aparece como uma manifestação da sua própria superação. Mesmo com condições não favoráveis para a realização da prova, ainda sim, a entrevistada 9 apostou em si. A sua disposição a conduziu a segunda colocação na competição. Nesse contexto, a prática esportiva, com a finalidade também de alcançar o melhor desempenho na competição, é um espaço de realização e confirmação do *aprender a ser* e do *aprender a viver juntos*. Com o esporte triathlon, ela aprendeu a confiar em si, a conhecer o seu corpo, as características climáticas espaço, as suas limitações. Com todas essas questões, ela afirma que essa experiência é importante para ela:

Por que todo mundo tava dizendo que eu não ia conseguir fazer. Por que/ como assim... Na praia era cheia de piranha, aí eles separaram. E a “quentura”. Lá era muito quente. Não dava. Tinha muita gente desistindo. **Mas eu consegui fazer (a prova) todinha** (ENTREVISTADA 9, grifo nosso).

Com esse relato, percebe-se que o esforço feito pela entrevistada ao longo da execução da prova influencia favoravelmente na sua realização, mesmo que algumas pessoas tenham dito que ela não conseguiria realizar a prova completa. Partindo do que a entrevistada ouviu das pessoas que falam que ela não conseguiria realizar a prova, é cabível mostrar que o ser humano é, às vezes, mesmo que se diga solidário, inimigo do outro⁶⁰ (MORIN, 2011). Neste ponto, o *aprender a viver juntos* distancia-se do seu propósito, mas não do *aprender a ser* pela entrevistada, ressaltado pela responsabilidade pessoal assumida por ela. Essa experiência da competição esportiva traz para ela uma superação dos seus próprios limites e uma maior confiança em si. Logo:

Por isso que **mesmo que os outros coloquem na minha cabeça que não ia dar certo**, dava certo. **Aí eu consegui fazer.** Aí eu tinha medo de fazer as provas assim né. Quando a prova é grande. Aí diz não (as pessoas dizem), não vai não, não sei o que. Aí depois que aconteceu isso, todas as provas eu vou. Nem que seja, sei lá, só de nadar, só de correr, mas eu vou (ENTREVISTADA 9, grifo nosso).

⁶⁰ Disso resulta o ódio de raça, da religião, de ideologias que conduzem a guerras, massacres e torturas, ódios, desrezos. (MORIN, 2011). Não menos diferente, conduz-se daí a inveja, e o não apoio do outro, como aconteceu com a entrevistada. Entendendo que aprender a estar aqui no planeta requer aprender a dividir, a viver, a comunicar, a comungar, em oposto, pensar em não torcer pelo outro implica na buscar por aprender tudo isto pela ideia da coletividade. Por isso tem-se esperança e não deixa de tê-la, pois com ela espera-se uma transformação global, que retroage sobre as transformações individuais. “A esperança é necessidade ontológica” (FREIRE, 2014, p. 14) e imperativo existencial de seres históricos que lutam por mudanças.

Nota-se com isso que a superação individual da entrevistada a fez romper barreiras; vencer o medo, fazendo-a alcançar o que parecia impossível para muitos que ela alcançasse, mas, não para ela, que lá na competição apresenta o seu melhor.

Diferente disso, a entrevistada 10 pontua como exemplo de experiência de fazer o que gosta (por lazer): “Ficar deitada”. Ela diz: “Fico deitada pensando (pausa). “Sozinha”. “Eu fico sozinha, sozinha”. “Aí eu fico sozinha deitada, só pra descansar” (ENTREVISTADA 10).

Ela costuma ficar deitada e pensando em muitas questões sobre a sua vida: “Silêncio. Suspiro. Pausa. **Um monte de coisa** (suspiro)” (ENTREVISTADA 10, **grifo nosso**).

Nesse momento, durante a entrevista, a mãe da entrevistada 10 interfere solicitando que a entrevistada fale sobre o que consiste esse “monte de coisa” que ela pensa. A entrevistada 10 diz que não sabe descrever. Com essa resposta, novamente a mãe da entrevistada 10 intervém colocando que ela - a entrevistada 10- sabe discorrer sobre “esse monte de coisa”, tendo em vista que naquele mesmo dia ela - a entrevistada 10 - já havia falado sobre.

A entrevistada 10 pergunta a mãe o que ela havia dito naquele dia. A mãe da entrevistada 10 responde que é o fato dela pensar em colocar o filho na creche. A partir daí a entrevistada 10 continua: “Foi. Pra eu **trabalhar**, voltar a **estudar** (pausa). Ter dinheiro pra mim (pausa). E dar de tudo, do bom e do melhor pro meu filho. Só” (**grifo nosso**).

Exposto em momento anterior, é sabido que a gravidez integra a cena das juventudes na contemporaneidade, o que gera novas expectativas nas jovens no tocante à escolaridade e profissionalização, o que resulta também na alteração do padrão de fecundidade feminino e das redefinições do papel social da mulher (BRANDÃO, 2006).

Para a entrevistada, estudar e trabalhar se afirmam como meios que auxiliaria na garantia de uma melhor vida para o seu filho e para ela mesma. Com o acesso ao dinheiro pelo trabalho, ela também poderia comprar o que gostaria de possuir. É exatamente nesse mundo projeções e aspirações que ela costuma pensar quando fica sozinha: “Em mim, eu penso só em cuidar de mim. Comprar roupa... é... (pausa)... e... Cabelo, ajeitar cabelo, ajeitar unha...”⁶¹ (ENTREVISTADA 10).

⁶¹ Entende-se que “Esta produção de sujeitos instáveis, insaciáveis, eternamente em busca de prazer, está em perfeita consonância com o mundo do novo capitalismo de mercado” (SZAPIRO; RESENDE, 2010, p.44). Essa sociedade do mercado “trata-se de capturar desejos, transformando-os em necessidade de consumir objetos” (SZAPIRO; RESENDE, 2010, p.44).

A gravidez, nesse caso, não acompanhou a autonomia financeira da entrevistada, mesmo que suponha possível autonomia afetiva e sexual. Especialmente para a jovem em questão, a gravidez traz alterações substantivas no seu curso da vida, pois ela passa a cuidar de um lar e do filho, sem dividir os encargos referentes ao filho equitativamente com o seu parceiro. Ela deixa de estudar, não pode trabalhar e tem reduzido tempo para si e para o lazer.

Feito tais considerações sobre a experiência do pensamento sobre as questões que envolvem a sua vida, a entrevistada 10 diz que isso desperta algumas reflexões: ela começa a pensar na sua vida, nela mesmo e sobre as consequências de cada ato. Dentre essas colocações, ela responde também que essa experiência possibilita: “Tem. Que a gente fica **motivada**, para gente poder ir atrás dos objetivos, pra gente conseguir o que a gente quer” (ENTREVISTADA 10, **grifo nosso**).

Assim, a execução das suas ações futuras é fruto de momentos de reflexão, que, como visto, acontece geralmente quando a entrevistada 10 está sozinha. Estabelece daí, conseqüentemente, a aproximação com o desenvolvimento do *aprender a ser*. Após a reflexão individual, ela geralmente conversa com a mãe sobre o que tem pensado. Nesse sentido, a reflexão assume traço coletivo, aproximando-se do *aprender a viver juntos*.

Ela afirma que ter esse tempo para ela e para pensar é importante, pois é nele que ela: “Eu fico pensando, aí fico calculando, o que vai dar certo o que não vai dar certo” (ENTREVISTADA 10).

Ou seja, tais momentos ajudam a entrevistada 10 a tomar ciência do que está acontecendo, assumir decisões, pensar sobre suas possíveis ações, “[...] elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a aprender a decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” por meio do desenvolvimento do *aprender a ser* (DELORS, 2006, p.99).

Na questão sobre ser *fácil ou difícil ser quem se é*, a entrevistada 6 diz: “Ah não, é fácil. Por que eu não acho minha vida uma vida difícil. Eu tenho; é como eu disse, como se eu tivesse tudo que eu precisasse. Eu consegui chegar ao ponto que eu tô realizada. Eu tenho tudo!” (ENTREVISTADA 6).

Atualmente ela faz determinada graduação e não necessariamente precisa trabalhar para ajudar com as despesas familiares. Nesse sentido, a vida da entrevistada 6 mostra-se como sendo relativamente estável e sem muitos percalços, o que ela caracteriza nas palavras dela por fácil, pois ela deixou explícito que consegue realizar o que anseia. A partir do momento em que se há esse entendimento, o *aprender a ser* também está presente.

Diferente dessa ideia, a entrevistada 7 considera que é difícil ser quem ela é, por algumas características que ela considera portar e que são incompatíveis com os valores

vigentes da sociedade contemporânea e do valores que muitos jovens possuem, como: o imediatismo/rapidez, a falta de paciência para o alcance dos objetivos. Ela diz o seguinte:

Eu considero que seja difícil ser quem eu sou, por isso eu gosto de ser quem eu sou. (risos). (...) É difícil porque eu sou uma pessoa muito complicada. Eu sou uma pessoa que eu **gosto de tudo, eu não me estresso com nada**. E as pessoas hoje em dia elas estão com a paciência curtíssima, elas já chegam querendo resultado. E eu não! Eu acho que eu prefiro trabalhar, trabalhar, trabalhar para obter o êxito do que chegar e querer logo tudo certo. Eu acho que é complicado. Ainda mais hoje no mundo, que o jovem já querem tá tipo. Ah, 16 anos, eu tenho dinheiro, eu tenho isso, tenho aquilo. Não, eu com 16 eu trabalhava, trabalhava, trabalhava o mês todinho pra pegar o meu dinheiro e fazer o que eu gostava. Gastar meu dinheiro com isso, com aquilo. Eu acho que seja difícil hoje em dia um jovem trabalhar o mês todinho para gastar só com uma coisa que ele queria. Eu acho que hoje ele não tem nem a paciência de trabalhar o mês, quando mais esperar o mês todo para poder gastar o dinheiro com o que quer. Eu acho (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Com o relato expresso, a dificuldade da entrevistada 7 em ser quem ela é reside no confronto que há entre as suas concepções de vida com as características presentes na sociedade contemporânea e em alguns jovens. Assim, com esse “embate” de visões - a dela e a que paira na sociedade capitalista - permanece difícil ser quem ela é e viver da forma que ela acredita.

No entanto, ressalta-se que é inerente a essa mesma sociedade a implantação de necessidades nos seres humanos, especialmente nos(as) jovens. Os(as) jovens são bombardeados diariamente com diversas informações: nas novelas, nos filmes, nos seriados, nos livros. Cada uma dessas informações contribui para a construção de um tipo “ideal de jovem”: aquele que usa a roupa da moda, o celular do momento, que frequenta determinados locais, que bebe determinadas bebidas. Todos esses fatores incidem na busca por dinheiro para a inserção nesse padrão e nesse “tipo ideal” de jovem. Então, não se pode deixar de analisar o jovem dentro de todo esse contexto social, mesmo a entrevistada tenha se mostrando contrária ao jovem que quer “ter tudo” e tudo fácil.

No mesmo raciocínio empreendido pela entrevistada 7, a entrevistada 8 também considera que é difícil ser quem ela é, entretanto, diferente da entrevistada anterior, a entrevistada 8 utiliza-se da condição da mulher na sociedade contemporânea para apontar a sua ideia.

Rapaz, eu acho difícil! Por que assim... **Sempre pra mulher é um pouco mais difícil** né, apesar dos apesares. Sempre pra mulher, mulher, é, do meu ponto de vista, a mulher sempre **tem que batalhar um pouquinho mais**. A mulher sempre tem que se esforçar um pouquinho mais, por quê? **Por que não é só o meu trabalho. Às vezes é o meu marido. Às vezes é minha casa. Às vezes é meu filho; minha mãe. E o homem, não necessariamente.** O homem basicamente, eu acredito que os que os que são casados; tem a responsabilidade de cuidar da casa, óbvio, financeiramente. Dou dinheiro e pago tudo, resolva você os problemas. Você que tem que criar o menino, você que tem que ter o menino. Você... Então, pra mim, eu acredito que pra mulher tudo é mais difícil. E também a mulher optar por não querer ter filho agora, ou não querer casar, ou não querer isso, a mulher também é vista com outros olhos, porque tá fugindo daquele padrão: de mulher casar, filho e tal. Então se a mulher optar por estudar, trabalhar e depois pensar nisso, acaba fugindo do padrão. Então por ser mulher, eu acredito que sim! (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Sobressai-se nesse relato o papel ocupado pela mulher na sociedade contemporânea. Parte-se do esclarecimento de que o patriarcado ainda é presente nos tempos de hoje, deixando seus contornos em diversos âmbitos da vida, como na esfera do trabalho, na família e outros.

Mesmo com os avanços da inserção da mulher no espaço público do trabalho, no qual ela assume posições de maior poder e prestígio, o que a pouco tempo atrás era considerado um espaço eminentemente masculino, ainda sim, coexistem, de forma contraditória - atuais e antigos conceitos - sobre o papel da mulher e do homem na sociedade. No espaço doméstico, em alguns casos, ou porque não dizer na maioria dos casos, o comportamento do homem em casa é remetido ao plano da “ajuda”, pois considera-se a mulher responsável pelas obrigações domésticas e pelo cuidado dos filhos (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Exemplo que alcança essa constatação é visto no relato da jovem que tem filho na pesquisa e no relato da entrevistada 8. Para a entrevistada 8, ressalta-se o acontecimento do *aprender a ser*, pela criticidade e pelo discernimento em ponderar as distintas posições sociais ocupadas pelas mulheres e pelos homens na sociedade.

Acerca da dependência financeira, fato detectado também no relato da jovem acima, é percebido que a mesma intensifica a hierarquia doméstica. Contudo, mesmo quando a mulher goza de autonomia financeira, o que favorece a criação de novos arranjos no âmbito familiar, ainda assim, é perceptível o distanciamento dos homens da cena familiar. Quando a mulher recebe menor salário em relação aos homens, o que acontece na maioria dos casos, a divisão igualitária das despesas da casa fica mais difícil de acontecer, e o homem continua se situando como principal provedor financeiro da família. Esse fato ainda acontece mesmo com

a expressiva participação feminina no mercado de trabalho. (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Quando a mulher trabalha, a divisão doméstica e o cuidado com os filhos aparece timidamente. Em muitos casos, a responsabilidade da casa e dos filhos continua nas mãos das mulheres, situação que tende a se agravar quando a mulher não trabalha, como pode ser elucidada no discurso da jovem entrevistada que tem um filho, que diz não ter tempo para fazer o que gosta por causa dos cuidados com a casa e do filho, corroborado também com o discurso da entrevistada 8. Na mesma constatação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres em diversos contextos da vida, a entrevistada 9 também pontua a dificuldade de ser ela mesma pelo fato de ser mulher, apontando em sua fala a especificidade da inserção no mundo do esporte: “É difícil pra **mulher** né. Mas é bom fazer” (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Na mesma hora pergunta-se o porquê é difícil ser mulher e permanecer inserida no esporte. Ela diz: “[...] Por que eu canso muito rápido. Tenho problema de cansaço, mas eu ainda consigo fazer. Só que... Sei lá... É muito difícil pra mulher. É difícil. **Qualquer esporte**” (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

A partir da resposta é indagada à entrevistada 9 se ela considera difícil ser mulher praticante de esporte pela questão do seu corpo/físico. Ela responde que:

É. Do corpo. Do físico. Porque o corpo do homem é diferente do da mulher. Aí cansa. Tem mulher que não consegue fazer; que cansa muito rápido. Como a fulana, ela tem problema de asma. Aí ela cansa. Só que eu não tenho problema. Tenho só problema de coração, mas até agora não aconteceu nada né, assim. E tomara que não aconteça (ENTREVISTADA 9).

A fala da Entrevista 9 estabelece reflexões acerca da discussão gênero e esporte⁶². Historicamente nota-se reduzida visibilidade da mulher no âmbito do esporte, exemplo recente é o caso da jogadora de futebol Marta Vieira da Silva (conhecida como Marta), eleita a melhor futebolista do mundo por cinco vezes consecutivas, cuja posição nenhum homem conseguiu alcançar até hoje no futebol. Mesmo assim, recebe pouca atenção pela mídia, menor patrocínio e menor salário aos jogadores homens. Com essa questão, ratifica-se como

⁶² Durante muito tempo supunha-se que a participação esportiva feminina poderia resultar em danos físicos; havia o receito de que o esporte masculinizasse as mulheres tanto em relação ao seu carácter como em relação à sua aparência. Certamente algumas mulheres assumem uma postura transgressora ao que havia se estabelecido como sendo próprio do seu corpo e do seu comportamento, questionando a hegemonia esportiva masculina construída historicamente e culturalmente assimilada no cotidiano, enfrentando também o preconceito e as estratégias de poder subjacentes aos homens (GOELLNER, 2005).

se aponta difícil a inserção da mulher no esporte, como coloca a entrevistada 9 no seu relato. Pode-se dizer que o *aprender a ser* acontece associado ao reconhecimento de tais dificuldades pela entrevistada no seu cotidiano.

Diferente da entrevistada acima, a Entrevistada 10 diz que é fácil ser quem ela é, mesmo não assinalando os motivos pelos quais ela considera ser fácil. A Entrevistada 10 afirma conseguir lidar com todos os problemas que fazem parte do seu cotidiano: cuidado com o filho, casa etc, e que, mesmo considerada uma jornada cansativa, ela consegue realizar tudo. O *aprender a ser* aparece na responsabilidade em assumir tais compromissos, em compreender as mudanças acontecidas em sua vida e em vislumbrar o futuro.

Agora sobre especificamente se os momentos destinados ao fazer o que se gosta (por lazer) *ajudam as jovens entrevistadas a se conhecerem melhor* - assevera-se inicialmente que a entrevistada 6 não é indagada. Sobre o assunto, a entrevistada 7 diz:

Com certeza. Eu, eu, eu quando eu tô... Às vezes eu fico olhando o pôr do sol e eu me pergunto: “Se o sol é tão grande, que se põe pra você, porque que eu não posso né, deixar as minhas poucas/ as minhas vontades - que eu tenho de mais - deixar as minhas vontades de lado e ficar mais; ouvir mais as pessoas”. **Eu reflito muito; sobre quem eu sou. E isso não é de ano em ano como todo mundo faz no aniversário.** Eu reflito quase todos os dias, quase todas as semanas, porque eu **me bato muito com a realidade do ser humano** hoje, da criança e do adolescente, então, eu meio que... Eu vou, como é que se diz, eu vou repensando o que eu fiz certo; o que eu fiz de certo, de errado pra poder ir no outro dia a dia não fazer isso novamente, sabe. Então eu tenho muito essa **consciência** de saber o que acho que eu não gosto. (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Com o desabrochar da reflexão praticamente diária realizada pela entrevistada 7, que remete diretamente ao desenvolvimento do *aprender a ser*, pode-se colocar que a juventude da entrevistada é marcada por um universo de experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social, que resulta em novas vivências, sensações e emoções que expressam o conhecimento sobre si e sobre o mundo (DAYRELL; GOMES, s/d).

O conhecimento sobre si que parte da entrevistada pode ser detectado quando a jovem reflete sobre quem ela é na sua rotina semanal, rotina que é marcada por momentos de experimentações. Um exemplo de experimentação acontece quando a entrevistada aprecia o pôr do sol. O conhecimento sobre o mundo é marcado pelo reconhecimento da realidade que a cerca, detectando as suas problemáticas.

Quando ela reconhece o gigantesco cosmo, ao expressar a magnitude do sol e se reconhece como diminuto “[...] broto da existência terrena” (MORIN, p.45, 2011),

pertencente ao cosmo em expansão, assume condição cósmica, física e terrestre. Portanto, na tomada da sua condição humana, a entrevistada não se torna estranha ao cosmo, à natureza, a vida. E, conseqüentemente, ao outro; a criança, ao adolescente.

É marcante a presença no discurso da entrevistada 7 do *aprender a viver juntos*, que é dado notadamente pela “(...) capacidade de estabelecer vínculos sociais através da compreensão do outro, respeitando o pluralismo cultural, bem como na capacidade de gerir possíveis conflitos” (COUTINHO, 2011, p.13).

Além disso, quando questionada se a experiência do seu local de trabalho contribui para ela pensar dessa forma e demonstrar essa sensibilidade, tendo em vista que a própria entrevistada cita a realidade que lida diariamente no seu espaço trabalho (que envolve problemáticas com criança e adolescente), ela diz:

Muito. Muito. Muito. Muito. Me fizeram pensar de uma forma totalmente diferente. Por que até antes eu... Eu sempre tive uma cabeça muito aberta, mas quando eu entrei para esse trabalho, **eu não sabia como era a realidade⁶³ de outras crianças, de outros adolescentes, que não sejam do meu bairro**, porque, embora as pessoas digam: “Ah, os bairros de Fortaleza, as periferias são quase todas iguais, são quase todas marginalizadas”. Gente, é e não é! Essa questão do não é, é porque a cultura é muito diferente; tem bairro ou comunidade pior do que a minha. Em situação pior do que a minha. Então eu acho que isso me faz refletir muito. Eu fico pensando assim, se eu tiver... Às vezes tem adolescente que eu fico pensando na mesma idade que eu tinha. Eu me preocupava com uma coisa e ele tá preocupado com outra, sabe. Eu acho que é por isso que facilita mais a minha comunicação com eles no meu trabalho, por eu raciocinar desse jeito, por eu pensar desse jeito. (ENTREVISTADA 7 **grifo nosso**,).

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância do seu campo de trabalho no desvendamento de uma realidade, acerca das particularidades que cada contexto e cada local carregam em si, que até o momento apontava-se como inexistente para a jovem entrevistada. Assim, pode-se pronunciar que a atuação e a participação ativa no mundo decorrem da forma de pensar; da problematização do mundo; e da sua conseqüente análise crítica. É a partir desses elementos que se pode atuar mais seguramente no mundo (FREIRE, 1977).

Conforme a fala da entrevistada 7, também percebe-se que a sua reflexão quase que diária alimenta a sua consciência crítica, tornando-a uma aliada na análise da essência dos

⁶³“É que, no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção começa a mudar, embora isto não signifique ainda a mudança de estrutura. É algo importante perceber que a realidade social é transformável; que feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável, um fado, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação dela” (FREIRE, 1977, p.39).

seus problemas cotidianos, uma vez que a consciência crítica não se satisfaz com o que é aparente; com o que salta aos olhos.

Nota-se que ao refletir sobre a própria condição do ser humano e, de maneira especial, da criança e do adolescente, a entrevistada repensa a sua atuação e intervenção profissional, pois a sua consciência crítica faz perceber que a realidade é mutável e não estática. Logo, não aceita situações ou explicações mágicas para a realidade social e para os fatos. A partir da consciência crítica procura-se testar ou verificar descobertas, distanciando-se, tanto quando possível, dos preconceitos (FREIRE, 1983).

Portanto, a consciência crítica é uma consciência inquieta e questionadora, como a da entrevistada 7. Consciência que indaga; que investiga; que embate; que choca; que utiliza do diálogo com o outro. Assim, a consciência crítica faz (re)pensar e refletir sobre tudo que cerca as pessoas (FREIRE, 1983), como a Entrevistada 7 realiza. A entrevistada parte do *aprender em ser* e vai em direção ao *aprender a viver juntos*, pelo despertar do (re)conhecimento de si ao outro.

Nesse momento, quando ela capta a realidade de maneira ampla, a entrevistada entende que muito do que ela enxerga como problema do seu local de moradia, também acontece em outros ambientes. Muitas vezes, nesses outros espaços, o problema é maior e mais agudo. Com a sua dimensão de ser coletivo “ativada”, ela consegue estabelecer identificações com o outro; com a criança, com o adolescente, ao buscar ajudá-los a transpor os problemas que eles enfrentam por meio da sua intervenção profissional. Nesse contexto, o *aprender a viver juntos* e o *aprender a ser* acontecem.

Finalizada as reflexões propostas pela entrevistada 7 sobre o assunto, continua-se na mesma linha de raciocínio com a subsequente entrevistada 8. A entrevistada 8 coloca que fazer o que gosta (por lazer) implica na ampliação do seu conhecimento sobre si. Segundo ela:

[...] às vezes sim né, **porque você não deixa de tá aprendendo**. Então... Eu acho que a vida é mais ou menos isso. Você tá aqui para aprender, então mesmo que **você esteja ouvindo uma música você está aprendendo alguma coisa com aquela música**, ela está lhe passando alguma informação, alguma coisa que você vai absorver. Da mesma forma um **filme, um seriado**. Eu gosto muito dos meus seriados por que às vezes eu meio que fujo da realidade. Então eu sou muito aquele seriado meio que, eu peguei do meu namorado, então assim, a gente meio que assim, a gente, eu assisto flash, não, minto, Eron. É um cara que, um super-herói... Você começa a sair daquela sua realidade. Gente, super-herói não existe. Então você meio que sai daquilo, daquela rotina, daquele cansaço e você se imagina, imagina uma série de coisas que tá relacionado com o que você está assistindo. Ele salvou fulano, amo sicrano e não mostra pra ela isso. E você começa a se sentir bem. Eu me sinto bem nisso. Tá entendendo? Quando eu começo a sair daquela minha rotina cansativa, a esquecer um pouquinho aquilo, e pensar que pode ser melhor, que a

gente tá em crise, mas eu tô nem aí, e tô assistindo o filme, tá entendendo?.
(ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Com essa postura, pressupõe-se que a educação é parte integrante do modo de vida dos grupos sociais. Assim, embora os homens e as mulheres criem na modernidade instituições próprias para educar, como é o caso da escola, afirma-se que essa instituição não é a única responsável pelo processo educacional. Para Freire (1983), a educação é um processo contínuo e permanente, portanto, todos(as) educam-se a todo momento, mesmo que:

A tradição pedagógica insiste ainda hoje em limitar o pedagógico à sala de aula, à relação professor – aluno, educador – educando, ao diálogo singular ou plural entre duas ou várias pessoas. Não seria esta uma forma de cercear, de limitar a ação pedagógica? [...] Abrir os muros da escola para que ela possa ter acesso à rua, invadir a cidade, a vida, parece ser ação classificada de “não-pedagógica” pela pedagogia tradicional (FREIRE, 1983, p.12-13).

Nesse interim, a prática e a fruição do lazer podem ser consideradas como tempo-espaco férteis para vivências e experiências educativas e pedagógicas. Desse modo, indivíduo-sociedade-espécie são inseparáveis e coprodutores um do outro. (MORIN, 2011).

Nesse caso, considera o lazer como uma oportunidade educativa e como tempo-espaco de vivência e experiências pedagógicas, tendo em vista que: “(...) as possibilidades de aprender oferecidas pela sociedade exterior à escola multiplicam-se, em todos os domínios”. (DELORS, 2006, p.103). Ainda no mesmo contexto da pergunta explicitada acima, a entrevistada 9 responde:

Quando é pra conhecer as pessoas assim; eles apresentam; aí eles falam com a gente, **perguntam como é que a gente tá; aí nós perguntamos como é que eles estão**, aí quando não é daqui, eles vem treinar aqui umas vezes, aí a gente fala que seja bem-vindo, **aí começa a criar amizade entre a gente** (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Para a entrevistada 9, o tempo-espaco do lazer promove condições para a consolidação de novas amizades, que são acontecidas nos seus treinos, quando estabelecido o contato com outros jovens que não participam do Projeto Atleta Cidadão. Acontece momento o *aprender a viver juntos*. Também a consciência cívica terrena, pela responsabilidade e

solidariedade com o outro (MORIN, 2011), como se detecta no fragmento acima, na fala da entrevistada.

A mesma questão indagada, sobre se conhecer melhor ou não no tempo-espço do lazer, na ótica da entrevistada 10, faz com que ela pontue outros exemplos de práticas de lazer que ela gosta de realizar, além do passeio dito por ela em momento anterior: “Não, eu gosto de assistir filme, ir pro cinema... Eu gosto”. (ENTREVISTADA 10). Diz também, logo em seguida que: “Não, eu não gosto porque não tem dinheiro, aí não tem como ir”. (ENTREVISTADA 10).

Esclarece-se para a entrevistada 10 que é perguntado sobre o que ela gosta de fazer (por lazer), mesmo que ela não consiga realizar sempre o que gosta. A entrevistada 10 cita mais exemplos do que gosta de fazer, como: tomar banho de piscina; tomar sorvete; comprar roupa. Ela diz que poderia se *sentir plenamente realizada* comprando tudo que ela deseja.

Nesse assunto, entende-se que o(a) jovem pertencente a todos os estratos sociais passam a assumir uma fatia privilegiada no mercado de consumo nas últimas décadas brasileiras, como aponta Kehl (2007). Todavia, poucos são aqueles(as) que conseguem consumir os diversos produtos oferecidos aos jovens contemporâneos, difundidos pela mídia e pela publicidade. Essa constatação é presente no caso da entrevistada 10, que afirma não conseguir viver o tempo-espço do lazer de maneira plena, uma vez que o não acesso ao dinheiro também impossibilita a realização do que ela gosta (mesmo sendo dito antes que o único motivo da não vivência do lazer é o seu filho).

Conta-se que nas últimas décadas, o Brasil, atravessou (e ainda atravessa) uma modernização cultural, consolidando uma sociedade do consumo e ampliando o mercado de bens simbólicos. Simultaneamente, a mesma sociedade não consegue acompanhar uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, de forma restrita e desigual, em círculos de informações influenciadas pelos diferentes mecanismos da mídia; sofrem apelo da indústria do consumo que estimula sonhos e fantasias, além dos mais diferentes modelos e valores da humanidade.

Logo, a dimensão do consumo cultural é um momento para a realização das trocas sociais no campo da juventude, proporcionando o acesso a estilos de vida (DAYRELL, 2002). Esse pensamento proposto por Dayrell e Kehl estabelece relação com o que é encontrado no relato da entrevistada 10, quando ela se remete a dimensão do consumismo para alcançar a sua realização pelo lazer. Acredita-se que desse modo não há uma real aproximação do desenvolvimento genuíno do *aprender a ser* pela entrevistada, mas uma legitimação de ideologia dominante e a manutenção do consumo exacerbado que implanta necessidades.

Em outro mote de questões, referente ao *protagonismo da sua história e o planejamento do futuro*, a entrevistada 6 diz que planeja: “**Um pouco**”, resultante do seguinte fato: “Por que eu ainda sou um pouco dependente assim dos meus pais. Eu ainda preciso muito da opinião deles, pras coisas que eu faço” (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Nessa projeção, esse pensamento/planejamento acerca do futuro acontece parcialmente: “É. Eu pergunto sempre (aos pais): será que isso aqui tá bom? Aí eles falam a opinião deles. Aí eu respeito” (ENTREVISTADA 6).

O “um pouco” que cita a entrevistada faz lembrar que muitos(as) jovens estabelecem uma marcante orientação em relação ao momento presente, visto que o futuro não corresponde às possibilidades da concretização das aspirações que eles imaginam. Nesse caso, os projetos de futuro encontram-se relativamente ausentes. Ou, quando não, são de curto prazo (PAIS, 2006).

A entrevistada 6 mostra ser muito influenciada pelo ponto de vista dos seus pais, o que demonstra a relação que ela tem com a sua família durante as suas escolhas, ao entender que eles participam de projetos de vida comuns, característica do *aprender a viver juntos*.

As entrevistadas 7, 8 e 10 não são questionadas diretamente sobre essa questão. A entrevistada 9 diz sobre isso que: “É... Eu penso (risos). Deixa eu ver... Ser uma atleta profissional! Se Deus quiser!” (ENTREVISTADA 9).

O esporte para a entrevistada, como dito em outro momento, aparece com algo que representa uma projeção pessoal do seu futuro. A entrevistada 9 mostra, ao longo da sua rotina, que existe uma dedicação especial destinada ao triathlon. Ela mostra que esse esporte é algo que ela realmente busca constante aperfeiçoamento e, por meio dele busca também, torna-se uma atleta.

Em outro assunto, sobre a *realização plena em algum momento* do fazer o que se gosta (por lazer), a entrevistada 6 não é questionada. A entrevistada 7, continuamente colocando o outro no centro do seu discurso diz acerca desse assunto que:

Sim, sim. Eu... Todas as vezes que eu consigo **dar um conselho** a uma adolescente, uma criança, eu me sinto plenamente realizada, por que eu sinto que **eu tô fazendo a minha parte**. Se ele vai escutar ou não, se ele vai querer ou não. Eu às vezes conto a minha história, o que eu passei na minha adolescência, o que eu fiz na minha adolescência, pra ver se eles se orientam mais; pra ver se eles fazem diferente das coisas erradas que eles estão fazendo. E alguns escutam e outros não. Mas quando eu dou esse conselho em me sinto plenamente realizada (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Com o relato, nota-se que o próprio costume da entrevista para sentir-se realizada supõe uma realização pessoal que não envolve conquistas materiais. A entrevistada 7 sente-se realizada quando a sua própria ação é conduzida para gerar o bem ao próximo. Pela empatia, a entrevistada 7 consegue a sua realização cotidianamente. Nessa ideia ancora-se a cooperação e a compreensão do outro como garantia da solidariedade, o que resulta no desenvolvimento do *aprender a viver juntos*. Em oposto ao agora citado, mas na mesma pergunta, a entrevistada 8 relata como resposta:

Não, eu acho que não. Acho que é porque eu ainda não fiz o que eu queria fazer. Tá entendendo? Por que assim, eu sou uma pessoa um pouco frustrada. (...) **Eu amo viajar, porém nunca viajei.** Então é meio frustrante. Por que assim, eu sempre vejo; você assiste/ver por TV; você ver aquelas cidades lindas. Ah, aquele país não sei o que. Aí você fica: quero fazer isso, quero ir ali, porém eu não faço, porém alguma coisa acontece que eu não faço. Ou eu não tenho dinheiro, ou ainda não terminei os meus estudos, ou então eu não posso fazer. Então... (...) É. Isso. Ou talvez se eu fosse, vamos supor assim, que eu fosse para uma cidade que eu quisesse muito ir e fosse bem, tá entendendo? Tipo, não precisa ser formada, mas com dinheiro pra dar pra conhecer e tal. Eu acho que aí sim. Mas como eu ainda não saí, só fico na minha casa, e nessa rotina, às vezes, um pouco chata. Eu acho que ainda não. Talvez um pouquinho, mas, assim, não é coisa que me tira não, isso sim (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

A entrevistada 8 utiliza da sua própria imaginação, atributo do *aprender a ser*, para relatar o que a faria alcançar a sensação de permanecer plenamente realizada. Imaginação construída e mediada pelos elementos que estão presentes no seu cotidiano, como é o contato com o conteúdo que é apresentado na televisão. A partir do que ela assiste na televisão, ela imagina os possíveis locais que gostaria de conhecer, colocando-se como sujeito daquele enredo.

Ela também consegue decifrar possíveis barreiras resultantes na não realização do que a sua imaginação propõe: dinheiro, faculdade ou pelo simples fato de não poder no momento. Portanto, sonhos não realizados e um conjunto de expectativas estão presentes na vida dos(as) jovens, notadamente na vida da entrevistada 8.

Ao observar o conteúdo posto na televisão, a entrevistada também vislumbra sentir e viver sensações semelhantes, mesmo que a sua situação social traga desvantagens para a realização do seu sonho. “Nesse sentido, a juventude é como um retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdade e diferenças sociais” (NOVAES, 2006, p.119). Continuando o mesmo assunto em análise, no tocante a realização plena do fazer o que gosta (por lazer), a entrevistada 9 diz que sente um sentimento de realização somente uma vez na sua vida:

Foi porque eu acordei tarde. A prova era sete horas. E eu acordei tarde. Aí eu fui lá. Quando eu fui lá. Ele já tinha acabado de largar. Mas eu ainda fui. E no final - a história: eu ganhei a prova. Fui a primeira; que era pra nadar e correr. Aí eu ganhei a prova. Aí foi que eu fui pra Brasília. Aí lá em Brasília eu fiquei em quarto (lugar) (ENTREVISTADA 9).

Nota-se a importância que o esporte assume na vida da entrevistada 9, tanto é que ela almeja ser uma atleta profissional. Além disso, é importante narrar a forte ligação que ela apresenta com o esporte, concretizado na dedicação que ela esboça ter de acordo com o exemplo da prova citada, e que, mesmo atrasada em seu percurso, disputou-a, acreditando em si e no seu potencial, gerando em mais uma vitória dela no esporte.

Com tudo apresentado nesse bloco de questões, nas narrativas dos(as) jovens entrevistados(as), atesta-se que não existe um padrão uniforme acerca da prática e da fruição do lazer, pois cada jovem vive as suas experiências de forma própria, de acordo com as suas particularidades. Portanto, o que se buscou nas linhas acima foi mostrar as especificidades de cada um, especialmente em relação ao *aprender a ser* no tempo-espço do lazer.

Percebe-se que há aproximações e distanciamentos entre a fruição e a prática do lazer com o desenvolvimento do *aprender a ser*. Para os(as) jovens, essa relação aparece pelo autoconhecimento, pela imaginação, inteligência, sensibilidade, dentre outros fatores que são desenvolvidos no tempo-espço do lazer (embora não somente nesse). Distancia-se do *aprender a ser* na medida em que se aproxima dos valores da sociedade do mercado, do consumismo, da ascensão do individualismo e da competição acirrada.

Por oportunidade, continua-se a discussão ao trazer elementos que auxiliem o entendimento do *aprender a viver juntos* na perspectiva dos(as) jovens entrevistados(as), mesmo contendo alguns dos seus elementos nesse tópico.

4.3.2 Bloco 2: *Aprender a ser e aprender a viver juntos – Parte 2: aprender a viver juntos*

A caracterização do *aprender a conviver*, assim denominado nas palavras de Hassenpflug (2004), é definida por conjunto de competências sociais ou relacionais. O *aprender a conviver* aponta o seu desenvolvimento desafiador nos dias de hoje, na medida em que se atenta ao crescimento da violência e da competição na sociedade contemporânea. Uma vez que essas circunstâncias favoreçam o fortalecimento do ser individual em detrimento do ser coletivo e cooperativo, distanciam-se da convivência baseada na noção de igualdade e equidade. No entanto, esse desafio não se mostra como impossível e intransponível, como mostrado em alguns relatos dos(as) jovens.

Neste contexto, certamente é sabido que a educação, o lazer, e as outras esferas da vida, sozinhas, não podem jamais, e não tem como responsabilizarem-se por esse quadro de modificação de valores e, tampouco, podem dar respostas às questões de convivência de maneira isolada. Ao distanciar-se da visão fatalista e restrita do lazer, tendo-o somente como reprodutor dos valores da ordem estabelecida, aponta-se que cada esfera da vida pode contribuir, ao seu modo, para o desenvolvimento do *aprender a ser* e do *aprender a viver juntos*.

Logo, certifica-se que uma das possíveis estratégias do *aprender a viver juntos* acontece ao promover a participação das pessoas, no caso, o(a) dos(as) jovens, em redes interativas, pelas possibilidades que elas oferecem na ampliação de contatos e de relacionamentos, como acontece no universo do lazer quando existe a inserção dos(as) jovens em grupos. Os(as) jovens entrevistados(as), em vários momentos, remetem-se em seus relatos a centralidade das redes afetivas. Assim, baliza-se que o lazer apareceu na fala dos(as) jovens entrevistados(as) como tempo-espço da convivência coletiva; do encontro e do reconhecimento do outro.

De tal maneira, os relatos dos(as) jovens entrevistados(as) em análise apontam o discurso da centralidade dos grupos sociais, especialmente o grupo de amigos e o grupo da família, resultante das interações acontecidas entre público entrevistado e os grupos citados.

Por falar em interação, Simmel (1983) ajuda a compreender como origina uma sociedade. Para ele, a sociedade emerge justamente quando os indivíduos interagem. Simmel designa como matéria da sociação (em linhas gerais, forma ou modo pelo qual os atores sociais se relacionam) tudo que existe no indivíduo: instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico; tudo o que cria uma ação sobre os outros ou favorável a recepção de suas influências.

No entanto, sozinhas, essas matérias ou motivações não chegam a assumir o caráter social. Por exemplo: o amor, a religião, o trabalho, o lazer não constituem, sozinhos, a socialização em sentido puro. “A socialização só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que recaem sobre o conceito geral da interação” (SIMMEL, 1983, p. 60).

Portanto, a socialização acontece quando os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam os seus interesses. O que faz a sociedade ser considerada sociedade são as diversas maneiras de interação realizadas entre as pessoas.

A vida de um agrupamento de jovens não constitui uma sociedade somente porque existe cada um deles separadamente de um conteúdo vital objetivamente determinado ou que se move subjetivamente. É somente quando a vida desses conteúdos adquire influência

recíproca; somente quando se produz a relação de uns com os outros é que a coexistência social se transforma em sociedade. No contexto do público pesquisado, pode-se concluir que as interações entre os(as) jovens formam a sociedade e a sociedade interfere diretamente na constituição dos(as) jovem. Assim, a sociedade como um todo está inserida em cada indivíduo, por meio da sua linguagem, do seu saber, das suas obrigações e das suas normas. Cada indivíduo singular contém o todo do qual faz parte, ao mesmo tempo que o todo faz parte dele (MORIN, 2011).

Dessa maneira, ao buscar estabelecer uma aproximação ou um distanciamento com o desenvolvimento ou não do *aprender a viver juntos* pelos(as) jovens entrevistados(as) no tempo-espaço do lazer, gestada nas relações sociais e por meio das interações humanas, inicia-se o subtópico indagando aos jovens entrevistados *quem é que costuma estar por perto deles quando eles realizam o que gostam/por lazer; se eles geralmente estão sozinhos ou acompanhados*.

Nessa questão, o entrevistado 1 diz o seguinte: “Eu tô acompanhado com o grupo que faz aqui (na comunidade) também, o grupo que faz Triathlon” (ENTREVISTADO 1).

O entrevistado 1 ao escolher entre o estar sozinho ou o ficar acompanhado ao fazer o que gosta (por lazer), ele prefere ficar: “Acompanhado, por causa da diversão, que cada um fica brincando um com o outro; se distraindo; e não tem tanta pressão assim... Mais é isso” (ENTREVISTADO 1).

Para análise do relato, *a priori* adverte-se que as competências sociais ou relacionais são subdivididas no nível interpessoal e no nível social por Hassenpflug (2004). No fragmento acima destaca-se especialmente o nível interpessoal desenvolvido, pois o entrevistado 1 expõe o relacionamento que acontece entre duas ou mais pessoas; com o seu grupo; entre sujeito entrevistado e os seus respectivos amigos no seu tempo-espaço de lazer.

O relacionamento interpessoal também pode acontecer no ambiente da família, no ambiente da escola, no ambiente do trabalho etc. Dessa maneira, muitos(as) jovens entrevistados(as), como ainda será exposto, falam categoricamente do relacionamento interpessoal que acontece entre os seus amigos e familiares de maneira constate em suas vidas.

Enfoca-se, além disso, o desenvolvimento da interação pelo entrevistado 1, promovida no seu grupo de amizade durante a prática e a fruição do lazer. A interação recebe o entendimento proposto por Hassenpflug (2004), acontecendo na forma de perceber o outro; em estar atento ao outro; ao universo do outro. Para o autor acima, a interação é um dos termos utilizados para caracterizar o universo das relações interpessoais e um elemento necessário para que essa relação ocorra.

Não diferente, o entrevistado 2 diz que costuma ter por perto dele os seus amigos quando faz o que gosta (por lazer), citando em seu discurso a novidade do contato estabelecido com a família: “Pronto. Tem a família. Tem os amigos. Os amigos que a gente paga pra tá ali pra trabalhar. Por que senão, se não for o dinheiro, não vai” (ENTREVISTADO 2).

Semelhante ao entrevistado 1, o entrevistado 2 diz que prefere estar sempre acompanhado também, porque para ele o fazer o que gosta por lazer: “Sozinho é chato. Por que acompanhado você tá ali, na tranquilidade do dia a dia; do dia a dia assim/ do esporte. Ah, fiz um batida; aí fiz um 360 (no basquete). Entendeu? Trocar uma ideia, sobre o esporte. Por que sozinho é chato!” (ENTREVISTADO 2). Capta-se com isso que os amigos surgem com o suporte central de alguém para dividir experiências similares que são vividas coletivamente, como colocado no relato acima entre entrevistado e os seus amigos.

Com os relatos acima, o *aprender a viver juntos* ganha concretude na vida dos entrevistados, especialmente pela interação. Pode-se dizer que o *aprender a viver juntos* estabelece estreita relação com o desenvolvimento verdadeiramente humano, pois ele significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana (MORIN, 2011).

No assunto das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana, o entrevistado 3 diz que prefere também estar acompanhado quando faz o que gosta, como acontece com o ato de praticar e fruir o esporte com os seus amigos. Para ele há a seguinte diferença entre estar sozinho e estar acompanhado: “Por que sozinho eu não tenho gosto de fazer. É melhor fazer com os amigos mesmo” (ENTREVISTADO 3). Igualmente, o entrevistado 3 busca sempre gozar da presença dos seus amigos, pois assim ele terá mais estímulo para fazer o que gosta, quando os seus amigos estão por perto.

Nota-se que estar com alguém por perto representa a real possibilidade de realizar uma conversa face-a-face, ter alguém para dividir os sentimentos e partilhar as conquistas e as não conquistas em todas as esferas da vida, no âmbito do esporte, do trabalho, do lazer, como pode ser deduzido nas falas antecedentes.

Nesse aspecto, a relação de amizade construída entre o entrevistado 3 e os seus amigos acontece especialmente pelo esporte: “Por que no caso, no caso que eu tô falando, é o caso do triathlon. Aí são todos amigos. Fica um querendo ganhar do outro. E assim a gente melhora junto”. (ENTREVISTADO 3). Ele, entrevistado e seus amigos, buscam juntos, no triathlon, se ajudarem nos treinos com intuito de alcançarem um aperfeiçoamento nessa modalidade esportiva. Juntos solidificam uma relação de afeto que deriva da convivência diária que o esporte propicia em suas vidas.

Depois disso, mais uma vez a amizade é citada no relato do entrevistado 4 que profere: “Geralmente eu sempre tô com amigo, né, mas, às vezes, é mais só” (ENTREVISTADO 4). Ele explica que a preferência em buscar sempre ter os amigos por perto é consequência de um contexto da sua história de vida e da relação que é construída entre ele e os seus amigos. Segundo o entrevistado 4, desde crianças, eles e os seus amigos estão juntos. Todos cresceram juntos e moram na comunidade. Daí a preferência dele por construir vivências coletivas de lazer com os seus amigos de longo tempo, devido ao vínculo formado desde a mais tenra idade entre eles:

Devido à **convivência**, né, assim, de onde eu ter nascido. Tenho muitos amigos e próximos, eu acho que é mais com alguém. [...] Como eu falei, né, tipo, como eu conheço os meninos que são meus amigos desde de criança, aí praticamente onde a gente vai, a gente sempre faz as coisas com o outro, tá entendendo? Aí eu acho que... Isso é bem massa, né. A pessoa tipo, praticar futebol com outro cara do lado, e sendo amigo do cara, desde criança, desde a infância (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

Conforme o entrevistado 4 relata-se aqui como uma das questões primordiais no universo juvenil os vínculos de afetividade construídos ao longo da vida, como sucede com a relação construída com o entrevistado e o seu grupo de amigos da comunidade, juntos desde crianças, partilhando momentos de vida semelhantes. Para Hassenpflug (2004) o termo afetividade também engloba o desenvolvimento das relações interpessoais, logo, relacionada ao contexto do *aprender a viver juntos*.

O entrevistado 4 pontua como algumas das prováveis diferenças entre estar sozinho e estar acompanhado reside na possibilidade do estabelecimento do diálogo com o outro e a “troca de ideia”, acontecida a partir do momento em que o entrevistado 4 inclui a presença do outro na sua vida: “Tipo assim, a diferença de tá acompanhado é que rola mais molecagem, mais resenha, tipo, a gente brinca com tudo, e só, eu fico mais quieto”. (ENTREVISTADO 4). Segundo o entrevistado, estando eles e os seus amigos juntos sucede uma maior diversão, descontração e alegria. Intui-se com os relatos que o outro não é percebido objetivamente, mas como um sujeito cujos entrevistados se identificam e vice-versa (MORIN, 2011).

O entrevistado 5 diz que ao fazer o que gosta costuma estar acompanhado: “Geralmente são os meus amigos” que estão por perto. Entre fazer o que gosta sozinho ou acompanhado, mesmo argumentando que as duas maneiras são vivenciadas por ele, a preferência é sempre ter alguém por perto na hora do lazer: “Não... Eu sempre... Eu faço

sempre... A maioria dos dias eu estou sozinho, mas aí tem dias que os meus amigos vem para cá, aí eu faço acompanhado. Eu acho melhor fazer acompanhado” (ENTREVISTADO 5).

Lembra-se que ele está se remetendo a prática do *Freestyle*, e que se fosse para escolher, seria melhor fazê-la acompanhado, pois o treino acompanhado permite que aconteça um maior estímulo para os envolvidos. No treino do *Freestyle*, o entrevistado distingue o estar sozinho e o estar acompanhado com o seguinte argumento: “Só... porque eu faço tudo sozinho, aí o cara vai embora logo, não quer treinar, porque é ruim. Com os amigos não, aí né tá junto pra incentivar” (ENTREVISTADO 5).

Nessa questão, os amigos aparecem como símbolo para a permanência no fazer o que gosta, pelo companheirismo e pelo incentivo dado. Daí deduz-se que os jovens entrevistados buscam sempre realizar o que gostam acompanhados, especialmente tendo por perto os seus amigos, pela interação, apoio, companheirismo e brincadeiras resultantes da presença do outro.

Outra questão abordada que comporta o mesmo bloco de análise é sobre *a convivência com os amigos, família, comunidade, vizinhos, com as pessoas da sociedade de uma forma geral, ao saber se a convivência com tais pessoas traz ou não alguma importância e contribuição na vida dos jovens entrevistados; e se os projetos de vida e de futuro dos jovens são semelhantes aos de tais pessoas*. Nesse feito, o entrevistado 1 relata que a sua família, os seus amigos e a comunidade contribuem na sua trajetória de vida:

Minha **família** traz mais conforto assim, né, ajuda na motivação; meus **amigos** ajudam com o divertimento, assim... Ajuda às vezes com material (material para treinamento). A **comunidade** às vezes dá espaço para gente ficar lá, enfim, se divertindo assim. Tipo, no meio da rua. Os pivetes faz isso mesmo. A maioria dessas coisas (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

Conforme as informações acima, no universo juvenil, a ajuda dos familiares e dos amigos assume basicamente uma dupla função: 1) fonte de apoio, como é ressaltado pelo entrevistado 1 por outros(as) jovens; 2) ou como um problema, quando acontece do jovem não corresponde às expectativas de suporte e auxílio (GONÇALVES *et al*, 2008). O último exemplo não é identificado em nenhum dos relatos das entrevistas sobre a relação família e amigos e suas possíveis contribuições na vida dos(as) jovens entrevistados(as).

Em relação ao papel da comunidade, é citada a rua como sendo um espaço de convivência e de sociabilidade onde se desenvolve relações de amizade e lazer pelos jovens moradores da periferia (BRENNER *et al.*, 2008). Essas relações de convivência e

sociabilidade acontecem de maneira mais incisiva nas ruas e nos espaços de moradia dos próprios jovens entrevistados, porque, em outros momentos, as ruas e os espaços fora da comunidade, como identificado, é utilizada para propagar a discriminação e preconceito, como acontece com o entrevistado 5.

Assim, a experiência urbana e a experiência na rua permite captar “[...] os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade” (MAGNANI, s/d, s/p).

A propósito do apoio dado pelos amigos, entrevistado 1 cita sobre o material esportivo que é concedido pelos seus amigos para a prática do Triathlon e do futebol. Ele e os amigos realizam trocas e doações de materiais, procurando sempre ajudar uns aos outros. Ele diz que acontece assim: “Não, porque tem às vezes que os ‘amigo nosso’ tem material extra sobrando às vezes, aí vai e doa pra gente; empresta; dá” (ENTREVISTADO 1).

Conseqüentemente, se algum amigo não precisa mais de determinado material, ou tem algum material extra, o mesmo será repassado para alguém que precisa.

Esboça-se que essa sistemática construída pelo grupo de amigos do entrevistado aponta para o reconhecimento do outro, ao identificar no “outro” um “igual”. Com o exemplo citado pelo entrevistado 1, assenta-se que os amigos dele ao doar o material esportivo (em outro momento utilizado), proporcina aos demais que irão receber esse material a vivência mais adequada de determinado esporte ou do triathlon. Aponta-se que o reconhecimento do outro para Hassenpflug (2004) também engloba a construção das relações interpessoais e, conseqüentemente, o universo do *aprender a viver juntos*.

Falando nessa ocasião sobre os projetos de vida e de futuro do entrevistado 1, coloca-se que os mesmos são distintos do das pessoas que o cercam, já que ele diz: “Eu penso diferente. Primeiro que eu penso em seguir a carreira militar. Só eu. Até agora né. Até agora eu penso em seguir carreira (militar) (risos)”. No universo dos seus projetos futuro, ele aponta o papel da sua família: “Eles ajudam, incentivam. Só incentiva mesmo, que eu tenho preguiça de estudar. (risos)” (ENTREVISTADO 1).

Por falar em estudar, nota-se que é encurtado o tempo que os(as) jovens dedicam aos estudos, perceptível quando os(as) interlocutores(as) relatam sobre a sua rotina, especialmente os jovens. O mesmo argumento da preguiça aparece no relato das jovens entrevistadas 6 e 8. O entrevistado 3 (que também estuda) diz que dificilmente costuma assistir aula. Por fim, o entrevistado 1 fala que também pensa diferente das demais pessoas que o cerca sobre o futuro, pois, segundo ele, cada um tem o seu sonho particular.

Em relação às *preferências e os gostos* do entrevistado 1, elas são bastante semelhantes aos dos seus amigos, em razão de que ele gosta de fazer geralmente o mesmo que os seus amigos também gostam de fazer, portando: “Mesmo gosto... Musical, de esporte... Tudo!” (ENTREVISTADO 1). Como o entrevistado 1 coloca abaixo, ele: “gosta de tudo”. Por assim ser, é mais fácil conviver e estabelecer a afinidade com os seus amigos:

A maioria aqui... Não... Por que tem uma parte; uma parte que gosta mais de rap, outra parte gosta mais de sertanejo, outra parte que gosta mais de forró, e assim vai. Então cada amigo tem o seu grupo musical e você escolhe aquele que tem ter a ver com a sua música. Tem uns que gosta de rap, é... O sertanejo, o pop. Essas músicas assim. **Eu mesmo gosto de tudinho já.** Sou meio eclético. Eclético, né? (que fala) (ENTREVISTADO 1, **grifo nosso**).

Para o entrevistado 2, acerca da convivência com os seus amigos, com a família, com os vizinhos, com a comunidade e com a sociedade, elas trazem contribuições na sua vida. Segundo o entrevistado, cada uma das esferas contribui da sua maneira. Ele diz: “Com certeza! Tão ali pra ajudar. Por que é uma mão lavando a outra, entendeu. Uma (pessoa) sozinha não vai pra frente não. Tem que ter sempre a família e os amigos!” (ENTREVISTADO 2).

Novamente, o papel da ajuda e do apoio emerge na dimensão do ser coletivo. Sobressai-se em relação à importância dos amigos, família, vizinhos, comunidade, o papel central que assume a família do seguinte entrevistado: “A importância dessas pessoas para mim... Primeiro lugar é a família” (ENTREVISTADO 2).

Como exposto, é na família que os(as) jovens entrevistados: “(...) buscam apoio e é a ela que recorrem em momentos de maior necessidade, quando sua falta coloca dificuldades suplementares” (GONÇALVES *et al*, 2008). O apoio da família apresentado nas palavras dos jovens entrevistados não está atrelado necessariamente à questão financeira. É um apoio que surge ligado ao enfrentamento da vida, dos problemas do dia a dia, das incertezas sobre o futuro e das escolhas do tempo presente. É saber que haverá alguém lá para apoiar qualquer ação feita.

Em relação aos projetos de vida e de futuro, esses vão diferir do das pessoas que convivem com o entrevistado 2, pois ele considera que pensa diferente das pessoas que o cercam. Ele aponta como exemplo de pensamento diferente o que acontece no seu ambiente de trabalho. “Eu penso em atrair o público, em segurar o público, entendeu. Eu tenho vários projetos aí pra fazer. Só que... É tipo... Só que eles não me ajudam (as pessoas que trabalham com ele e também são seus amigos)” (ENTREVISTADO 2).

Como manifestado em outro momento, o entrevistado 2 estabelece uma relação dialógica entre o seu ambiente de trabalho e de lazer. No seu trabalho há espaço para o novo, para a criatividade, para a inovação. Mas essa sua forma de pensar, de buscar inovação, não abrange as pessoas que dividem com ele aquele momento, o que o deixa relativamente sozinho para apostar no novo. Ratifica-se a diferença de pensamento entre ele e as pessoas que o cercam com o seguinte argumento, ao afirmar que as pessoas que estão por perto dele não pensam como ele. “Pensam não. Talvez, se pensam, (as pessoas que estão por perto dele), não agem, entendeu. Eu penso e ajo” (ENTREVISTADO 2).

Todavia, em relação às suas preferências e os seus gostos, o entrevistado 2 diz que elas são semelhantes aos das pessoas que o cercam, como é o caso do gosto musical, no qual ele, sua família e amigos costumam ouvir *blues*, *jazz*, *reggae* e costumam frequentar os mesmos locais de trabalho e de lazer. Especialmente a sua família, no tocante ao seu plano de vida e de futuro, pensa de maneira parecida ao que ele propõe:

Isso. É por que a gente trabalha junto. Nós todos trabalhamos com drinks e coquetéis, entendeu. As minhas duas irmãs, meu irmão, a minha mãe, a minha tia, eu. Nós todos trabalhamos e vivemos a vida com isso. **Os planos e projetos são sempre os mesmos – crescer e botar telão entendeu; fazer um luau; botar um projetor** (ENTREVISTADO 2, grifo nosso).

Indica-se que a família do entrevistado costuma pensar com ele em questões que podem melhorar o seu ambiente de trabalho, em o que pode atrair um maior público para os seus serviços, buscando inovações nos produtos vendidos, como colocado na entrevista.

Sobre a mesma questão, o entrevistado 3 diz que a contribuição dos amigos, família, vizinhos, comunidade acontece de maneira parcial: “Às vezes sim; às vezes não”. Com a informação, ele relata a propósito da contribuição da família e dos amigos na sua vida. A família geralmente contribui com a proteção: “Primeiro, o carinho da família é sempre importante, né. Qualquer momento **ter o colo da família** é sempre bom”. E os amigos contribuem com o apoio em todos os momentos da vida: “Atitudes também. Eu acho que se você tiver num momento difícil e **os amigos se mostrarem que tão ali**, eu acho que você se sente mais forte, para poder resolver o problema” (ENTREVISTADO 3 grifo nosso).

Ressalta-se o prazer no esforço comum e a cooperação que existe entre familiares e amigos como consequência do *aprender a viver juntos* encontrados no relato.

Com efeito, no tocante a uma possível semelhança entre os projetos de vida e de futuro que acontece entre os seus amigos e sua família, o entrevistado 3 anuncia haver

discordância e concordâncias. “Olha... (pausa). É mais... Eu tenho variações. Tipo: eu quero fazer o que mamãe quer, mas eu também quero fazer o que eu quero. É... O que mais que eu posso dizer... É nivelado” (ENTREVISTADO 3). Mesmo com essas duas ideias, ele diz que quer ser um *bodybuilding*⁶⁴ no futuro.

O entrevistado 3, ao pensar sobre o seu futuro, também pondera sobre as expectativas que a sua família deposita nele, e assim estando ciente, também tentar pensar sobre o que ele almeja e no que a sua família espera que aconteça, buscando acolher as duas propostas. Com o relato do entrevistado 3 alega-se que ser jovem é: “[...] viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação” (NOVAES, 2007, p.1).

Para o entrevistado 4, a convivência com seus amigos, com a família, com vizinho, com comunidade é importante: “Eles contribuem, assim, com 50% do que eu faço. Mas mais é só mesmo”. Por exemplo:

Ah, minha **família** é meu alicerce, né, por que, tipo, foi eles que me criaram, eles que... É... Fizeram chegar no cara que eu sou hoje. Um cara assim, de caráter. Meus **amigos** já são diferentes, contribuem mais com a brincadeira. É... Com as diversões. Com essas coisas. Esses tipos de coisa (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

Com os últimos relatos assinala-se a presença da família no tocante ao seu apoio dado aos jovens. Mesmo que a juventude seja marcada pela saída do espaço de proteção da família, pelo questionamento de valores, pela participação em novos ciclos convivência e adoção de novos comportamentos, os(as) entrevistados(as) sempre que possível remetem-se a proximidade com a família, aos valores transmitidos por ela e ao seu suporte, não manifestando nisso um distanciamento da sua família no contexto da juventude, como propõe que acontece Gonçalves *et al* (2008).

O entrevistado 4 coloca, em momento anterior, que o seu ciclo de convivência é o mesmo desde quando ele era criança. Entretanto, no que diz respeito aos seus projetos de vida e de futuro, eles aparecem como sendo diferentes dos seus amigos, pois cada um deles projeta algo particular para o seu futuro:

⁶⁴ “Bodybuilding é a “construção” de um novo corpo, uma nova forma física, através de muito exercício e dieta apropriada”. Leia mais na reportagem “O que é Bodybuilding Exatamente?>”: <<http://www.mundoboforma.com.br/o-que-e-bodybuilding-exatamente/#kkxWHVImKSsHYogd.99>>.

A maioria dos meus amigos sonha em se formar, né. A maioria, mas não são todos. Eu também sonho em me formar, mas só que em outra área, diferente da deles. Por que como a gente gosta de esporte, a maioria vai pro rumo da educação física, né, mas eu não; já é uma coisa diferente (ENTREVISTADO 4, **grifo nosso**).

Diferente dos seus amigos, o entrevistado imagina em seu futuro: “Se eu fosse me formar, se eu fosse não, eu vou me formar. Eu vou me formar em arquiteto. Vou ser um arquiteto. Aí é bem diferente do que eles veem” (ENTREVISTADO 4).

Atenta-se que não pelo fato dos jovens viverem experiências semelhantes, mantendo o contato com o esporte, por exemplo, que eles vão almejar seguir o mesmo propósito de vida. Cada um dos entrevistados mostra, ao longo da pesquisa, que tem o seu próprio pensamento acerca do seu futuro.

Para o entrevistado 5, a convivência com seus amigos, com a sua família, com a comunidade ajuda-o na: “Na **motivação**, como eu falei; na **amizade** também, no **companheirismo**”. A contribuição da família na sua vida se dá primordialmente pelo apoio: “Minha família por que ela **sempre tá lá comigo**. Sempre vai tá comigo: nas horas ruins, nas horas boas...” (ENTREVISTADO 5, **grifo nosso**). A comunidade contribui em:

Certas coisas sim, certas coisas não. [...] Por exemplo: em questão de ajudar você a alguma coisa assim, num projeto, alguma coisa assim, eles ajudam, mas outras coisas não. Tipo, eles não quer que você vença na vida. Tem umas pessoas que não quer que você cresça. Todo canto tem isso (ENTREVISTADO 5, **grifo nosso**).

Como em vários lugares e em vários contextos de vida, sempre haverá pessoas que aparecem para ajudar e outras pessoas não, pois é própria da diversidade humana a manifestação de distintos sentimentos, ambos inerentes à natureza humana. A comunidade, segundo o entrevistado, colabora com as atividades que são desenvolvidas. Supõe-se aqui que o projeto que o entrevistado 5 cita é o Projeto Atleta Cidadão (que ele participa).

Os seus projetos de vida e de futuros são diferentes de todos: amigos, família, comunidade, sociedade. Pois, para o entrevistado 5, cada um carrega uma história e um sonho dentro de si. Então, as histórias e as trajetórias de vida expressam um conjunto de experiências vividas por cada um:

Para mim é assim, que nem eu falo para os meus amigos: **cada um tem seu mundo**. Meu mundo aqui é do Freestyle, quero ser/viver do Freestyle. Igual tem outros meninos; tem outros que querem viver do Triathlon; tem uns que querem ser bodybuilders; tem uns que querem ser jogadores de futebol. Cada um tem seu mundo aqui. Cada um quer viver da sua coisa aqui. **Se você pegar cada um tem sua história. Cada um tem seu sonho!** (ENTREVISTADO 5, grifo nosso).

No mesmo argumento, as suas preferências e os seus gostos irão divergir também de todos: amigos, família, comunidade, sociedade, pois muito do que os seus amigos gostam, ele não curte muito. Mesmo assim, ele consegue respeitar às diferenças dessas pessoas. Segundo ele os seus amigos:

Eles gostam de ir para festa de forró, eu não gosto de festa de forró. Eu gosto de rap! Eles gostam de ir para, tipo, o Dragão do Mar, pra ficar com negócio de brigar... Essas coisas. Eu não gosto! Eles gostam de funk, eu não gosto. Essas coisas assim, essas besteiras de... (ENTREVISTADO 5, grifo nosso).

Assim, cada jovem identifica-se com um ou vários estilos musicais e busca construir o seu estilo de vida de acordo com as suas preferências. Vão demarcar o seu território conforme a sua forma de apreendê-lo e na maneira como ele se relaciona com esse espaço. Daí a construção do termo juventudes, pela diversidade de interesses e de modos de vida que elas englobam.

Em outro tema, orienta-se no momento pela perspectiva de que o *aprender a viver juntos* é fundamentado em saber conviver com as diferenças e em cultivar novas formas de participação social (HASSENPFUG, 2004).

Com isso indagam-se aos jovens entrevistados sobre *a convivência com as outras pessoas (que eles não conhecem) durante o tempo-espaço de fazer o que se gosta (por lazer) e em como ela acontece*. O entrevistado 1 diz que a convivência com as demais pessoas acontece de forma tranquila: “Tudo bem. Tudo bem com todos; me dou bem com todos, falo com todos. Sem nenhum problema” (ENTREVISTADO 1).

Ele deixa claro que respeita as pessoas com quem convive e que consegue reconhecer o espaço do outro; respeitar as suas diferenças, uma vez: “Que cada um tem sua dificuldade aqui. Todo mundo se respeita, assim, às vezes ajuda, tento ajudar, o que não dar eu tento motivar assim. Todo mundo se ajuda aqui nesse lance” (ENTREVISTADO 1).

Hassenpflug (2004) considera o convívio em grupo como um aspecto da relação interpessoal, apoiada no respeito e na compreensão mútua do outro, como detectado no discurso do entrevistado 1, cujo jovem relata atentar-se as particularidades que cada um expressa, respeitando, cuidadosamente, as suas diferenças e singularidades. Aqui o *aprender a*

viver juntos é desenvolvido pelo convívio em grupo, basicamente pelo tripé: interdependência, não-violência e administração de conflitos.

Na mesma ideia, o entrevistado 2 também confirma que consegue conviver bem com as pessoas e respeitar as diferenças de cada um no seu cotidiano: “Com certeza. Trabalho é totalmente a parte. Quando é final de semana tem o conforto; duas caipirinhas”. Para ele, a convivência coletiva acontece da melhor maneira: “Sim. Sim. São pessoas do dia a dia, do trabalho também, tão ali pra passar um finalzinho de semana; pra descansar; desopilar né. Ai vão lá pra distrair” (ENTREVISTADO 2).

Ou seja, como o trabalho e o lazer acontecem concomitantemente na vida do entrevistado, ele consegue projetar os dois momentos para quem trabalha com ele de forma una, entendendo que quem trabalha com ele está ali também para se divertir e descansar.

Da mesma maneira, o entrevistado 3 diz que também consegue estabelecer uma convivência agradável com as pessoas próximas a ele: “É uma convivência bacana”. A partir do momento em que o jovem está inserido em algum grupo, o entrevistado busca fazer com que todos interajam: “Tipo, se tiver um roda de amigo e tiver alguém de fora, eu faço alguma coisa para poder quem tá de fora entrar na roda também”, pois o interlocutor relatou que: “Eu nunca curti muito esse negócio de excluir os outros” (ENTREVISTADO 3). Ao não excluir, ele aprende a viver com o outro e respeitá-lo. Parte-se daí a compreensão do ser humano pela sua unidade na diversidade e sua diversidade na unidade (MORIN, 2011).

No relato do entrevistado 3, coloca-se em análise o cuidado que nasce na sua compreensão, no conhecimento e no reconhecimento do outro, na tentativa de sensibilizar o grupo do qual faz parte para que aconteça a inclusão de todos na conversa, quando há o diálogo no grupo. Inclusão engloba a participação de todos, com o caráter de integração de natureza participativa e afetiva. Nesse contexto, compreender o outro inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. A compreensão, sempre de natureza intersubjetiva, é marcada pela abertura, simpatia e generosidade (MORIN, 2011).

Semelhante aos demais relatos, o entrevistado 4 mostra que também consegue conviver em harmonia com as pessoas próximas a ele, por mostrar ser descontraído e legal. De tal forma:

Consigo. É (pausa). Tipo assim, eu sou bem é (pausa)... Divertido, eu acho. Que qualquer pessoa, assim, que chega perto de mim, acha que, começa a brincar comigo também, por mais que eu não conheça. Aí eu acho que assim é o meu conhecer (ENTREVISTADO 4).

Repara-se que é devido às características que ele considera pertinente apresentar para que exista uma “melhor aceitação” sua no grupo, e que diz portá-la, torna-se mais fácil estabelecer o contato com o outro de maneira mais flexível.

O entrevistado 5 diz que no espaço em que ele e as demais pessoas convivem no momento do fazer o que gosta: “Todo mundo se respeita”. Afirma que consegue conviver bem em grupo, reconhecer o outro, respeita as limitações e as diferenças de todo mundo. Em linhas sucintas, nenhum dos jovens mostrou-se com problemas ao estabelecer o contato com o outro.

Depois de apresentar as falas dos jovens, é chegado o momento de trazer à tona o discurso das jovens entrevistadas, ao buscar saber inicialmente quando *elas realizam o que gostam (por lazer), quem costuma estar por perto delas, se geralmente as entrevistadas estão sozinhas ou acompanhadas*. A entrevistada 6 relata que: “Eu geralmente tô só”. Ela costuma estar sozinha quando está fazendo o que gosta, mas prefere estar acompanhada.

As seguintes facetas são identificadas entre o - estar sozinha - e o - estar acompanhada -: “É por que quando eu tô só, eu fico sozinha pensando nas coisas. Quando eu tô com alguém; eu gosto muito de conversar. Aí tem essa diferença. Eu me sinto só; às vezes. Precisava de alguém. Em alguns momentos” (ENTREVISTADA 6).

Em outro momento, a entrevistada fala que os seus amigos são em sua maioria participantes da sua igreja e a mesma não fica próxima a sua casa. Talvez seja esse o fator que faz com que a entrevistada sinta a sensação de estar só, pois ela está distante dos seus amigos, tendo em vista que ela costuma encontrá-los na igreja e não é todo dia que ela frequenta esse espaço.

A entrevistada 7 costuma estar sempre acompanhada. Ressalta-se que a jovem se mostra bastante independente financeiramente em relação aos seus pais. Ela trabalha, recebe o seu salário e consegue administrar o seu dinheiro com os seus devidos gastos. Os fatores citados demonstram trazer uma relativa facilidade para a entrevistada 7 sair de casa para a vivência do lazer e para que ela escolha a sua programação, bem como estabelecer os seus próprios horários destinados às obrigações diárias. Por isso, talvez, é mais fácil ela ficar acompanhada quando faz o que gosta:

Eu geralmente estou acompanhada, porque eu detesto ficar sozinha. É... Eu tenho os meus momentos de.. de... de me aventurar e querer ficar só, de descobrir certas – certas – coisas só, certo? Outras, a maioria não, eu sempre prefiro está acompanhada. Quando eu vou para o cinema ou vou fazer as coisas que eu gosto sempre estou acompanhada, sempre tem uma pessoa do meu lado. Sempre são os meus amigos, meus ex-companheiros de trabalho, os atuais, a minha família. A

minha família é uma família é muito presente. Então geralmente estão comigo (ENTREVISTADA 7).

Ratifica-se que a amizade ocupa um lugar central no cotidiano dos(as) jovens. Por meio da amizade partilham-se as experiências, os descobrimentos e os anseios num ambiente de afetividade. Conclui-se que a: “[...] importância do grupo de pares na juventude é um fato incontestado” (FRANCH, 2010). Associado a isso, a entrevistada 7 esclarece que busca estar sempre acompanhada ao fazer o que gosta pelas seguintes questões:

É melhor acompanhado porque a gente **divide as sensações**, né, vamos dizer assim. A gente divide a sensação; se eu tô feliz, eu quero que os meus amigos estejam felizes, no entanto que eu quando eu fiz essa viagem para o exterior, eu fiz, eu me senti vitoriosa, porque eu fui sozinha, consegui tudo sozinha, mas quando eu cheguei lá, eu queria que o mundo tivesse ido comigo, meus amigos, todos os meus amigos eu queria ter levado comigo, para passar para eles a sensação que eu estava. E eu estava feliz, e eu estava conhecendo outras coisas, eu estava aprendendo outras coisas. Então eu queria poder ter dividido isso com ele, por isso que queria que eles estivessem juntos comigo, mas eu sempre quero compartilhar todas as minhas sensações com os meus amigos e com minha família (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

No relato é explícito a necessidade e a importância da amizade na vida da entrevistada 7. Tanto é que quando ela alcança uma grande vitória na sua vida, como acontece na sua viagem para o exterior; mesmo ela estando muito feliz naquele momento, ela não deixa de pensar em como queria a presença dos amigos e dos familiares naquele momento para compartilhar o que sentia. Em todas as suas falas, é recorrente a entrevistada remeter-se ao outro; atribuindo-lhes importância e respeito; exercitando a sua empatia.

Na mesma concepção, a entrevistada 8 também costuma estar acompanhada ao fazer o que gosta: “tem minhas amigas, meu grupo mais próximo e o meu namorado”. Também tem “às vezes a minha mãe, só que ela não gosta muito de sair, é mais em casa. Mas se eu tiver que ficar em casa; fazer uma coisa mais de família. Pronto. Acho que é isso”. Porém, dependendo da ocasião, do seu temperamento, ela prefere ficar sozinha:

Aí depende né. Por que às vezes, supondo que... Depende do meu momento. **Às vezes eu não tô muito a fim pra ninguém**. Às vezes eu sou muito assim, né, eu não tô a fim de conversa. Não tô a fim de... de... Ai às vezes eu quero ficar sozinha. Então nesse quero ficar sozinha, eu fico sozinha, e fico bem feliz sozinha. **Fico feliz sozinha**. Mas tem aqueles dias que eu preciso de alguém, assim, zapeio com alguém: “Ei, vamos sair. Ei, vamos fazer no sei o que. Vamos fazer no sei o que”. Ai

depende do momento né. Mas assim, eu meio que faço com meus amigos e com meu namorado (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Em outras palavras, a entrevistada 8 consegue encontrar a felicidade tanto nos momentos em que ela fica sozinha, no seu momento do *aprender a ser*, quanto acompanhada, no seu momento do *aprender a viver juntos*, ao saber reconhecer as potencialidades e a importância que cada experiência em particular traz para a condução dos seus dias da melhor maneira. Em seguida, a entrevistada 9 diz que ao fazer o que gosta por lazer geralmente: “Tô mais alguém; acompanhada; com meu professor; com alguém da minha família”. Assim como a maioria dos jovens entrevistados, ela também prefere estar acompanhada:

Eu gosto com mais pessoas. Por que, tipo assim, se nós estamos sozinhos, não vai ter aquele esforço né, como/quando tem a pessoa, nós já vamos querer, tipo, disputar com a pessoa, vai, acompanha ela. A pessoa sozinha não dar certo fazer. **A pessoa fica, sei lá, tipo, isolada.** Aí por isso que eu faço mais é com os meninos. Eu não treino com muita mulher, porque mulher assim não tem muito aqui né. Tem sou eu; umas sete. E as mulheres não são iguais a mim. Eu sou de outro nível. Eu sou a que nada com os meninos. Que acompanho os meninos. As outras não são. Aí por isso que toda a vida eu nado com os meninos (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Percebe-se que, em relação ao treino, tanto nos relatos dos jovens quanto nas falas das jovens, a dimensão do outro é importante para a obtenção do êxito individual e de um aprimoramento coletivo. No que diz respeito às diferenças entre estar sozinha e estar acompanhada, a entrevistada 9 coloca: “Quando eu tô sozinha eu não falo com ninguém. Aí quando eu tô com os meninos, assim, eu falo, brinco, faço a maior coisa. Eles brincam”. De tal maneira, o tempo-espaço do lazer revela atitudes e formas de ser, como o brincar de um com o outro; o se divertir.

Até agora, nota-se que a amizade tem um papel central na vida das jovens entrevistadas. Diferente de todo o público pesquisado, a entrevistada 10, além de fazer o que gosta: “Sozinha. O pessoal gosta de dá muito palpite. Muito palpite ruim”. Ela também afirma não ter amigos: “Tenho amigo não, só colega”. Em relação à participação da sua família do momento do fazer o que gosta (por lazer), ela diz: “Minha mãe não gosta de sair comigo. Ela só gosta de ficar em casa e ir pra Igreja. Ela não gosta de sair não. Aí eu vou sozinha” (ENTREVISTADA 10).

A entrevistada 10 diz que prefere fazer o que gosta sozinha pelo seguinte motivo: “Por que sozinha é melhor. Muita gente é muito ruim”. Ela fala sobre os palpites que as

peessoas costumam estabelecer na sua vida. Para elas essas pessoas ficam: “Falando besteira, aí discute, aí...”E ela não gosta disso. Distancia-se aqui do *aprender a viver juntos*, tendo em vista que a própria visão do outro é mitigada. A convivência coletiva, que compartilha com o outro - ideias, pensamentos, valores; não acontece.

Para que o *aprender a viver juntos* ocorra, necessita-se resgatar o coletivismo, expressado como uma tendência à cooperação. Nos grupos, as pessoas estabelecem fortes relações entre si e podem compartilhar o mesmo interesse. De maneira análoga, Franch (2010, p.36) coloca que para muitos jovens a verdadeira amizade é considerada um ideal não alcançável “[...] uma vez que as relações interpessoais nunca são totalmente isentas de interesse ou de maldade”. Esse ponto de vista é retratado pela entrevistada 10, pois percebe-se que ela sempre se remete à questão das interferências de cunho negativo que as pessoas geram em sua vida.

Toma-se que a palavra colega é geralmente o termo usado para “[...] companheiros de sala de aula, mas também para pessoas com quem as jovens convivem cotidianamente”. Colega é o que a entrevistada 10 diz possuir. A palavra amizade, não citada pela entrevistada, “[...] exige confiança mútua, que permite a troca de segredos e de intimidades (abertura), e na qual se pratica um tipo de solidariedade que consiste em estar perto do outro nos momentos difíceis (doação)” (FRANCH, 2010, p.36).

A entrevistada 10 talvez ainda não tenha conseguido, ao longo da sua vida, estabelecer uma relação de amizade, ou quem sabe ocorreu em algum momento a quebra de confiança quando a amizade existiu, ou em outra hipótese, pode ser o simples fato dela não querer estabelecer essa relação com alguém. Por isso, entende-se quando ela diz que ao estar sozinha chega a se sentir melhor do que quando fica acompanhada: “É... Eu fico mais a vontade”. Mais uma vez, ela reitera que gosta de ficar: “Só! Gosto de ficar sozinha. Gosto de ficar com ninguém não. Não gosto de multidão não” (ENTREVISTADA 10).

Em outro ponto, fala-se agora *sobre convivência com os amigos, com a família, com a comunidade, com os vizinhos, com a as pessoas da sociedade de uma forma geral, buscando saber se isso traz alguma importância ou alguma contribuição na vida das jovens entrevistadas; e se os projetos de vida e de futuro das entrevistadas são semelhantes aos dessas pessoas*. A Entrevista 6 coloca que sim, expondo os seguintes fatos:

Assim, a parte dos vizinhos, da minha família, o pessoal da comunidade, é a convivência com eles e o estilo de vida. **As experiências que eles tiveram antes.** Aqui antigamente era uma aldeia de pescador. Aí eles mostram muito pra nós essa realidade. Tipo: “Quando era mais novo tinha/fazia várias coisas pra sustentar a minha família”. E hoje, eles dizem que é mais fácil né. Mas aí a gente vai pegando

essas experiências de como eles conseguiram viver, tipo, conseguiram fazer com que uma vila de pescadores crescesse, assim como cresceu. Aí é legal (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Em relação ao nível social, inserido no universo das competências sociais; do *aprender a viver juntos*, segundo Hassenpflug (2004), diz respeito à participação nas comunidades, aos projetos coletivos, à política, à cultura e em todas as instâncias da vida. Nesse contexto, incide com a entrevistada 6 o compromisso com a diversidade cultural, dado pela capacidade de conhecer e reconhecer a sua origem; de carregar o sentimento de pertencimento a uma cultura, como acontece a partir do momento em que a entrevistada aponta a importância do saber de quem encontra-se na comunidade antes dela; ao respeitar, pela transmissão dos valores, a história do seu povo. Acerca da contribuição dos seus amigos, a entrevistada 6 projeta que eles realizam as seguintes:

Assim... De experiência... Assim, dos meus amigos; por que eles estudam, eu vejo muito que eles buscam estudar, fazer uma faculdade, de trabalhar, de procurar um canto assim no mercado pra eles. Aí me dar um pouco de **inspiração**. Eu sou um pouco preguiçosa pra estudar. (risos) (ENTREVISTADA 6, **grifo nosso**).

Os amigos que a entrevistada costuma admirar são aqueles que a influenciam e a inspiram por sua história. São os mesmos que erigem narrativas que espelham o que ela procura alcançar. Logo, os amigos são considerados inspirações, pois se eles conseguem, por exemplo, estudar e trabalhar, ela também pode conseguir.

Para a mesma entrevistada, indaga-se **acerca das suas preferências e dos seus gostos, assim como possíveis semelhanças desses com os das pessoas próximas a ela**. A jovem estabelece maior aproximação com os seus amigos: “Meus amigos eu acho que pareço, os meus pais só um pouquinho. Eles são muitos fechados assim pra algumas coisas. Aí eu já sou mente aberta pra isso”. (ENTREVISTADA 6).

Ela parece com os seus amigos no que diz respeito ao que gostam de fazer para o lazer: “No que a gente gosta de fazer quando tá, do nosso dia a dia, de sair com os amigos pra se divertir; pensar um pouco” (ENTREVISTADO 6). Eles, os seus amigos dela, gostam de ir à igreja. Da igreja costumam ir juntos comer algo e ficarem juntos. A entrevistada 7 fala também sobre a sua convivência com a família, com os amigos, com a comunidade, colocando as possíveis contribuições de cada um deles pode trazer para a sua vida. No que diz

respeito à família, mais uma vez a palavra apoio aparece no discurso de mais uma jovem. O apoio acontece pelo respeito à autonomia das escolhas da entrevistada.

Primeiro que eles influenciam muito né; naquela sensação de tá sendo **apoiada** por alguém. A minha família ela tem muito disso. Por exemplo: “Ah, eu quero praticar... no começo eu queria praticar esporte. Vou praticar. Surfar. Vá que é ótimo (a família diz)”. Eles apoiavam muito. Parei. Aí eles: “Eu quero fazer psicologia (a entrevistada diz). Eles: vá! Faça”. É uma questão de ter apoio, é a questão de tá ali naquele momento para ajudar, sabe (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Tal e qual a entrevistada 7, nos discursos de todos(as) entrevistados(as), em nenhum momento, o papel da família alude referência a ausência de diálogo, a existência de uma possível incompreensão entre pais e filhos, a proibições impostas por eles ou a sua ausência.

Em nenhum momento, o sentido simbólico do entendimento de família assume uma concepção negativa ou como um sinônimo de problema. Pelo contrário, a família adota nos relatos dos(as) envolvidos(as) a característica de ser essencial a trajetória de vida. Somente a entrevistada 6 afirma que os seus pais pensam um pouco diferente dela, mas não relatou qualquer exemplo que faça alusão a uma referência coercitiva da família. No que diz respeito aos amigos e os seus papéis na vida da entrevistada, eles aparecem como pressupostos de uma instância socializadora no universo juvenil. Para a entrevistada 7, a estima que tem por eles, pelos seus amigos, equivale ao que ela sente pelos membros da sua família:

O mesmo. **Meus amigos** eu digo que eles são a extensão da minha família. Que eles não são a minha família porque não tem o mesmo sangue que eu. Mas eles são a minha família também. E eu acredito que seja por isso também, pelo apoio, de tá perto, de querer ajudar, de querer incentivar, sabe. Eu acho que é isso (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Em relação à comunidade e o seu conseqüente papel, a entrevistada 7 consegue estabelecer uma relação de admiração e de orgulho, assumindo uma postura interventiva, ao ajudar com o desenvolvimento das programações destinadas aos moradores do Poço da Draga, quando possível.

A comunidade, ela tem a sua maneira de contribuir. Ela contribui mais pelo lado é... Como é que se diz... Um lado meu, certo. **De sentir orgulho da onde eu tô, de onde eu venho, da onde eu sou.** E, basicamente é isso. Eu não tenho nenhuma relação totalmente direta com a comunidade. Eu pelo menos eu faço o que eu posso. Eu ajudo, no dia das crianças, natal, ano novo. Eu tento ajudar, mas eu não tenho o vínculo tanto com a comunidade. “Ah, eles vão te apoiar, eles vão isso. Eles me incentivando”. Eu acho que, eu acho que não. Que eles não fazem isso não. Se fazem, é do meu desconher. Se torcem pelo meu êxito, eu não sei. Acho que não (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Acerca das preferências e gostos da entrevistada com os das pessoas próximas a ela, basicamente aparecem como sendo os mesmos. As suas preferências e os seus gostos são construídos desde quando ela ainda era criança, quando os seus pais levavam-na ao CDMAC. Essa experiência causa a construção de um costume que prossegue com o passar dos anos, até os dias de hoje.

(...) foi **uma questão de costumes**, certo. A minha família ela é uma família bem cultural, que ajuda, que tá ali, que vai, que, por exemplo: eu me refiro ao Dragão do Mar sempre porque é o mais perto, porque é mais fácil, mas, para ir para o Dragão do Mar, eles desde de pequena eles incentivam. Ah, vamos levar todas as crianças da comunidade para ir para o museu, para o memorial, para o planetário. Então eu ia junto. Sabe. E aí ficou meio, aquele lugar, é um lugar aberto, então vamos lá. Eu gosto de ir para o Dragão do Mar e fui crescendo com aquilo, com aquilo. A minha família também frequenta o Dragão do Mar; os meus amigos também. Ou por trabalharem ou por diversão. O entorno aqui também, as festas, as casas de show, eles também frequentam, por ser um lugar central. Eu acho que é mais por causa disso. Mas é o mesmo lugar, é a mesma... Eles me acompanham e eu acompanho eles. É os mesmos gostos sim (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Em relação ao papel da família, ele está ligado a participação/companheirismo para entrevistada 7, tendo em vista que os seus familiares apresentam os mesmos gostos e costumam frequentar os mesmos espaços que ela para a vivência do lazer. Logo, a autonomia e a liberdade não necessariamente são consequências do distanciamento da intervenção da família, o que contrapõe uma da tendência que a juventude assume como coloca Raitz; Petters (2008).

Nota-se com isso que cada pessoa citada (amigos; namorados) e cada instituição (escola; faculdade; família) contribui para a construção de cada entrevistado(a) ser quem ele(a) é, com o seu apoio, os seus valores, as suas posturas. Ao falar sobre a convivência e a importância da família, do namorado, dos amigos e da comunidade na vida da entrevistada 8, a jovem relata sobre a importância que o seu namorado assume ao buscar estimular a sua curiosidade; e a importância da sua mãe, por ter trazido ela ao mundo.

Eu acho que, **minha mãe**, por ter me colocado no mundo, apesar de que não tá tão bom. Enfim (risos). É... Deixa eu ver... **Meu namorado** também, ele tem uma contribuição muito grande, porque ele que me incentiva a aprender. Ele que me coloca e sempre me fala que a gente tem que ter sede no aprender, no perguntar. E eu sou muito de... Eu sou muito curiosa. Então às vezes eu tô ali. Aí eu, tipo, no meu trabalho, eu sou recepcionista. E tô na cafeteria. Então eu não tenho nada haver com a cafeteria e nem a cafeteria não tem nada haver com o meu trabalho, sendo que eu como sou curiosa eu fico ali no balcão. Aí fico: porque que esse café é assim? Porque que isso é assim? Mas aí é meu. Tá entendendo? Fico batendo na tecla até que eles me dizem: não, o café é assim, é porque é assado, e tal. Então eu acho que ele me ajuda muito nisso (o namorado). Eu já tinha isso em mim e ele só vez: “Oh, vamos acordar, a vida é assim, e tal”. E ele é muito maduro. Ele é mais velho que eu 6 anos então ele é bem maduro. Eu sou um... Assim, eu me esqueci de... Pronto, eu pulei a fase da adolescência né, então às vezes eu meio que tô vivendo na fase, um pouquinho da adolescência e me revolto, com 24 né. Aí ele que me dar um toque, que chega: “não, tem que estudar”. Ele que, o papel maior foi/ de eu ser assim, de cinco anos que a gente se conheceu, de eu ter melhorado muito foi, um dos motivos foi ele (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Com efeito, a entrevistada acima é a única que se reporta ao namorado e em como ele contribui para o estímulo e permanência dos seus estudos, instigando-a a sempre buscar mais conhecimento. Principalmente sobre a contribuição dos seus amigos na sua vida da entrevistada 8, a entrevistada mostra que, com os anos, ela passa a ser mais seletiva em suas escolhas, ao buscar manter por perto pessoas que pensem próximas ao que ela pensa:

Não, também. Por que é tipo, assim. O grupo de amizade que eu tenho mais próximo. É... Por que assim, eu sou muito... Não é preconceituosa, mas às vezes é meio chato. Eu tinha um grupo de amigos, que são amigos de infância. E nem todo mundo pensa igual. Então da mesma forma que ninguém se veste igual. Então a gente saía, aí tinha uma menina ou outra que já se vestia mais vulgar, que já falava mais, bem mais, de forma chula, de forma mais assim, aí eu já ficava: “Não tô gostando”; aí eu já me afastava. Essa aí é amiga minha, mas deixa ela aí. Por que às vezes, eu não tenho preconceito, mas às vezes você tá num ambiente que tá todo mundo conversando, todo mundo assim, né, num tom legal e vem uma pessoa que fala mais alto, apesar de eu falar alto, mas alto, de forma assim... Meia. Ai você fica: “Não, não tá legal”. **E esse meu grupo agora é bem o pessoal que, não totalmente, mas pensam como eu penso**, é... Eu tenho uma amiga que é a minha prima de infância. Ela é quase a minha “xerox”. Assim, a gente se entende muito bem. Ela me conhece. Eu conheço ela. Apesar da gente ter pensamentos diferentes. Em algumas coisas a gente pensa totalmente diferente. Mas a gente consegue, sabe. Aí os amigos: tem outro amigo também que... Então é todo mundo que tá estudando, que tá se formando, que já se formou e que você consegue pensar uma coisinha ou outra, tá entendendo, que quando tá todo mundo junto assim é a maior festa. Então assim, é legal, sabe. É legal. Então eu gosto assim, apesar de ser grupo pequeno, devem ter umas cinco, seis pessoas. E é legal, porque sempre sai uma coisa de bom, sempre sai coisas, a gente sempre conversa/ às vezes conversa muita besteira, mas nunca é nada demais. Eu acho assim (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Nisso, nas sociedades ocidentais, prevalece à imagem de que os namorados e os amigos são recrutados com base em critérios de escolha individuais, norteadas pelo

sentimento e pelo descobrimento de afinidades (FRANCH, 2010), como detectado no relato acima. De acordo com a entrevistada 8, em relação ao seu namorado, há constantes divergências de opiniões, mas isso não é um motivo que impede o acontecimento da relação. Da mesma forma é o caso da amiga da entrevistada que exhibe posições político-partidárias que divergem das suas, como será averiguado em seguida.

A propósito da contribuição da comunidade para a entrevistada 8, essa acontece sobretudo pela história de luta e de resistência que o Poço da Draga carrega; pela força das pessoas que militam por melhorias para aquele espaço, que não deixam abater e não desistem de sonhar com uma comunidade mais próxima do que eles imaginam que ela deva ter e ser:

Ah não, contribui, com certeza! É... Tipo... Minha tia, assim, meu padrasto tem a família que é muito ligada com a liderança da comunidade. Então a irmã dele era assim uma guerreira. Tudo ela tava ali atrás pra comunidade. Ah, a gente tá precisando disso. Ia lá cobrar dos políticos. Chegava e diziam (os políticos): “Não, a senhora já tá me perturbando de novo”. Aí ela ia e corria atrás. Então a gente de certa forma vai pegando aquilo. Vai vendo, vai se inspirando. E minha tia seguiu na mesma linha política. É envolvida com política? É. Porém, ela traz o máximo que ela pode pra cá. Então, ah, vamos, quer se eleger. Beleza. Vamos aqui. Venha para cá. O que é que você vai trazer para a gente. “Não, vamos dar isso e isso. Vamos dar saneamento!” (como se fosse os políticos falando). Show. Coisa que a gente ainda não tem (ENTREVISTADA 8).

Então, a entrevistada 8 continua ao falar sobre a entrevistada 12 e sobre as demais pessoas da sua família que a inspiram.

[...] A minha outra tia também; a fulana (nome fictício). Então elas têm o sangue da mãe delas, que era ali todo tempo. Vamos resolver. Quero que você resolva agora. Traz pra cá. Então aquilo vai ficando. É isso: serve de inspiração. É... Ela sempre traz tipo é... Futebol pras crianças. Não sei o que, lazer, festa do dia das crianças. Então sempre tem alguma coisa pra que depois não cheguem pra ela dizendo assim, ou pra sociedade, a sociedade imitar, ah a comunidade tá excluindo, porque é de baixa renda. Por que é isso que o pessoal pensa. Ah, a sociedade excluiu tal pessoa. Por isso que a pessoa rouba, mata, faz isso, faz isso. Gente, pelo menos aqui se você falar isso você está totalmente errado. Por que tem. É... As pessoas dão quase a última gota de suor para conseguir as coisas e agora, infelizmente, o pessoal não valoriza (ENTREVISTADA 8).

Eu acho que na comunidade o maior erro é a **falta de valorização**, porque tem. **Tem atletismo, tem futebol, tem vôlei**. Agora se você for ver, nem todo mundo tá ali. Vai um dia; vai outro. Então eu acho que tem gente, é inspirador, dar pra você, é, eu acho que, você morar numa comunidade você por, não ter tanta condição, você não necessariamente, precisa ser ladrão, ser isso e aquilo, basta você se inspirar numa pessoa que vale a pena. Se você se inspirar, pronto, você vai ser uma ótima pessoa (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

A entrevistada 8, ao refletir sobre a dinâmica da comunidade, sobre a luta que há entre os ditos “nossos” representantes políticos e os representantes dos moradores do Poço da Draga, ressalta a disputa de interesses e de projetos políticos entre ambos. Coloca-se aqui o fator contestatório que distingue esses moradores, ao buscar a superação dos limites impostos pelo mercado e pelo Estado, o último, pela não efetivação dos serviços públicos.

Outra questão tocada é a não participação dos(as) moradores nas atividades ofertadas pela comunidade. Pode-se falar que nem sempre as atividades ofertadas atendem às expectativas dos(as) jovens e os seus interesses. O que é ofertado pode promover uma não identificação pelo(a) jovem, por isso, talvez, o motivo da sua não procura. É preciso sempre relativizar uma questão como essa, depois de tomar ciência desses argumentos.

Além da deficiência de políticas públicas de lazer, o(a) jovem defronta-se com a falha no acesso aos bens culturais. Na sociedade contemporânea evidencia-se a restrição ao acesso ao lazer, dentro de um contexto de retração dos direitos sociais em valorização dos imperativos do capital, tendo o núcleo urbano tratado como produto de consumo. É próprio disso a desigualdade e heterogeneidades sociais, que se norteiam tendo como eixo central o acesso diferenciado a bens de consumo coletivos, comumente associado à renda/critério econômico.

Para que esse cenário se reconfigure, é oportuno aumentar ações que promovam os direitos e a participação decorrente da cidadania de grupos sociais específicos, com os(as) jovens. Concomitante, a juventude assume real importância na luta por políticas igualitárias e sensíveis às suas diferenças, ao provocar tensões nos limites da democracia.

E sobre a participação dos moradores na luta por melhoria para o Poço da Draga, ela é considerada uma ferramenta que está diretamente ligada à tomada das decisões que afetam a sociedade como todo, ao assumir o compromisso com o coletivo; ao compreender como a sociedade se organiza e funciona; ao entender qual o papel das instituições; ao solidarizar-se e agir concretamente em prol da sociedade.

É o compromisso com o coletivo que faz com que uma parcela de moradores busque resistir pela comunidade. O compromisso coletivo está ligado ao nível social e também compreende o universo das competências sociais segundo Hassenpflug (2004). Outro mote de questões é solicitar que a entrevistada 8 fale das semelhanças e das divergências entre os gostos e preferências dela e os das pessoas próximas a ela. Para responder ao questionamento, a entrevistada 8 relata sobre a convivência com o seu namorado:

É. Por que às vezes, no caso no meu namorado, rapaz. **Às vezes a gente não se bate.** Tipo, eu penso numa coisa e ele pensa outra, aí a gente fica: não, mas o meu ponto de vista é esse, mas o meu ponto de vista é esse. Aí eu fico, rapaz! [...] Ele gosta muito de criticar política. Às vezes critica religião. Algumas coisas, sabe. E a questão da política, às vezes não é como eu penso. Tipo, ele às vezes enaltece o Bolsonaro. Aí eu fico: “Gente, mas Bolsonaro”. Aí ele: “Não porque ele é assim, porque ele é muito bom. Eu acho que era o meu pai na outra vida”. Então assim, nada contra o Bolsonaro, mas deixa ele no canto dele. Às vezes ele é muito, ele é tão conservador assim, tão cri cri, que eu não consigo. Tá entendendo? Então assim, aceito algumas coisas e aí a gente fica até discutindo, e é como se ele quisesse, que de alguma forma entrar na minha cabeça a mesma coisa que ele pensa, mas não justifica né. Pega uma coisa ou outra e fica debatendo. É mais ou menos isso (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

A entrevistada 8 toca em alguns temas que expressam divergências entre ela e o seu namorado, como a postura política e forma de pensar a religião de ambos. Mesmo sendo questões que apontam divergências, ambos conseguem expor o seu ponto de vista a propósito dos assuntos colocados, embora o namorado mostre-se menos receptivo ao diálogo e mais impositivo sobre as suas ideias.

Assim, existe, ao mesmo tempo, diversidade, consenso e conflituosidade na democracia, ela que se nutre da autonomia dos indivíduos, da sua liberdade de opinião e expressão, do civismo. “A democracia necessita, ao mesmo tempo, de conflitos de ideias e de opiniões, que lhe conferem vitalidade e produtividade” (MORIN, 2011, p.95).

Em outro assunto, a entrevistada 9 fala sobre a família, a comunidade, os amigos e suas possíveis ou não contribuições durante a sua vida. O papel da família assume maior proporção de importância na contribuição durante a sua vida em relação aos demais citados.

A minha **família** fala que não é para eu desistir; pra não ficar em outro mundo né; e os **meninos** daqui, eles sempre me dão força – alguns, mas tem outros que não dá. Aí por isso que eu fico mais empolgada neles (os meninos que dão força) (ENTREVISTADA 9). (...) Não. A **comunidade** nem liga. Só fala coisa mal da gente. Assim... Essas coisas. Dizendo que triathlon não dá isso/aquilo. Só que eu nem ligo. Aí pronto (ENTREVISTADA 9, **grifo nosso**).

Comunica-se que não são todas as pessoas, nem todos “meninos” e muito menos a “comunidade” que irão apoiar o que a entrevistada 9 pensa em relação ao seu futuro. Ela diz, em outro momento, que o seu sonho é ser atleta da modalidade esportiva triathlon. Conforme as preferências e os gostos da família, dos amigos, da comunidade com os da entrevistada 9, nota-se que esse público exterioriza interesses totalmente diferentes do dela, especialmente os seus amigos.

Eles aqui já gostam, como é, tipo assim... De ir para um canto, que só volta de madrugada assim, eu já não gosto. Eles querem ir para um canto seis horas (18h), aí vai pra festa, e chega lá pras três horas manha. Só que eu não gosto, porque eu já acordo cedo, porque eu treino de manhã e de tarde. De manhã eu treino sozinha. Quando não é com as pessoas, é com o fulano (nome fictício), eu fico com minha sobrinha, e vou para treino, à tarde (ENTREVISTADA 9).

Mesmo que o seu grupo de amigos revele realizar ações que diferem do universo dos seus interesses, a entrevistada consegue identificar e levar adiante a sua vontade própria, definindo a sua opinião e não deixando ser conduzida pelo que a maioria dos amigos dela opta ter em termos de preferências e de gostos. Nesse caso, o *aprender a ser* e *aprender a viver juntos* possibilitam o desenvolvimento da sua personalidade e da sua trajetória de vida singular.

A entrevistada 10 pontua como importante estabelecer a convivência com as outras pessoas da sociedade, mesmo estando ela a maioria das vezes sozinha. Ela considera que: “É importante que a gente convive e... É bom e ao mesmo tempo é ruim. (...) Por que tem gente que é bom, mas tem gente que é ruim. Tem gente que fica falando da vida da gente, tem gente que fala do bem e depois fala do mal. Aí é por isso”. (ENTREVISTADA 10).

Com as pessoas que ela convive a entrevistada 10 expressa ter seus projetos de vida e de futuro parecidos com os dela, como ela diz, “são projetos de vida e de futuro ‘mais ou menos’ parecidos”. O mais parecido com ela é o seu irmão: “Meu irmão. Ele quer dar uma casa pra minha mãe e quer ser uma grande pessoa na vida. Igual eu” (ENTREVISTADA 10). Ambos almejam proporcionar à mãe deles melhores condições de vida no universo dos seus planos futuros. Por último, *pergunta-se as jovens como acontece a convivência com as demais pessoas durante os momentos em que se faz o que você gosta*. A entrevistada 6 relata que: “Ah, é ótima” (ENTREVISTADA 6). Ela consegue respeitar as diferenças das pessoas. Para confirmar esse pensamento de respeito às diferenças ela traz como exemplo um caso de como e quando ela apresenta saber refletir sobre uma ação que envolve o argumento colocado:

Aqui, nas amizades daqui, às vezes às pessoas não/ elas querem ser um pouco melhores que as outras. Então sempre tem um conflito aqui na parte do triathlon. Então nesses conflitos a gente tem que saber lidar, tipo, tem muita gente que fala assim; que tá na fila pra poder nadar: “Ah, eu vou passar de você. Você é no sei o que”. Aí a pessoa fica lá. Eu fico lá só na minha. Quietinha. Por que se fosse outra tava querendo rebater né. Aí sempre tem esses conflitos. **Tem que saber lidar** (ENTREVISTADO 6, **grifo nosso**).

Aqui a entrevistada compreende como é possível desenvolver o convívio com a diferença, respeitando as ideias, os valores e os costumes dos outros. Respeitar o direito do outro de ser livre, de pensar e de agir de modo diverso. O convívio com a diferença está ligado ao nível interpessoal e também compreende o universo do *aprender a viver juntos*, segundo Hassenpflug (2004). Equivalente a isso, a entrevistada 7 informa que também consegue respeitar o próximo:

Ah, eu respeito. Eu consigo respeitar as diferenças de cada uma. É como eu disse, eu sou uma pessoa que sou altamente tranquila, sou uma pessoa altamente. Eu acho que cada um **tem o seu ser, o seu fazer, o seu querer**. Então, eu não empato ninguém de querer ou fazer. Eu acho que... Eu sou desse jeito. Sou na minha e cada uma na sua. Mas quando é a gente tá no momento de lazer a gente conversa, a gente brinca. Mas eu respeito cada um deles e eles também me respeitam muito (ENTREVISTADA 7, **grifo nosso**).

Como o relato da entrevistada frisa-se que, ao tomar consciência de si enquanto indivíduo, adquire-se a consciência do outro, de seus espaços, dos direitos e das regras de convivência coletiva (HASSENPFUG, 2004). Da mesma maneira acontece com a entrevistada 7, pois ela consegue compreender que cada ser humano “tem o seu ser, o seu fazer, o seu querer” e que a cada um de nós cabe respeitar isso.

Retornando a questão acerca da convivência com as outras pessoas, a entrevistada 8 diz que a mesma vai estar sujeita ao dia e ao seu estado de humor naquele momento: “Tem confusão quando eu tô de ovo virado, né, quando eu tô de... Ave Maria, quando eu tô naquele dia de estresse, meu dia “D”, aí não tem quem faça. É minha mãe, é meu namorado. Todo mundo descola alguma coisa”. Ao continuar o relato a jovem diz que: “Às vezes dá” para estabelecer uma convivência mais “pacífica” com os outros, entretanto, às vezes não (ENTREVISTADA 8).

Um exemplo de uma convivência com a diferença acontece com uma de suas amigas e do namorado:

Ah, não, dá. Tipo, a minha amiga, ele é petista. Ela é de esquerda, aí eu/às vezes eu não concordo totalmente com o pessoal petista e tal. Eu acho muito: libera isso, libera aquilo. Então a gente não se dá bem nisso, mas eu sei que ela é, e ela sabe que eu não sou. Então o respeito começa daí. Eu sei. Aceito. Agora respeito. Entendeu? Ah, minha amiga, beleza. **Então respeite a minha opinião que eu respeito a sua**. E na questão do meu namorado. É a mesma coisa. Às vezes a gente briga mais porque é um relacionamento mais íntimo. Então às vezes, como eu sou muito alterada, às vezes eu meio que começo a discutir sobre o meu ponto de vista e começo a não aceitar o dele. Aí começa aí, então e a gente começa a dar uma esticada. Mas de

certa forma, às vezes eu vejo que é o ponto de vista dele, e o meu. Somos diferentes. Mas eu acho que dá. Da pra levar. O Dudu nem conversa muito comigo sobre isso. Só coisas mesmo algumas coisas políticas, religiosas que a gente não se bate, discute. Mas acho que dá pra seguir. Só isso (ENTREVISTADA 8, **grifo nosso**).

Desse modo, mesmo com as diferenças de opinião, o respeito existe. Prontamente, no mesmo contexto, a relação da entrevistada 9 com as demais pessoas que estão próximas e ela é: “Normal. Trato eles muito bem, igual eles me tratam” (ENTREVISTADA 9).

Assim como a entrevistada 8, a entrevistada 9 também relata que nem sempre acontece dela conseguir respeitar as diferenças dos outros pelo seu temperamento, como pode ser visto: “Aharam. Tem vezes que sim, mas tem vezes que não. Quando eu não gosto, eu falo para o professor e o professor resolve. Agora quando eu vou atrás de brigar com eles, aí lógico que eles têm aguentar né. Pronto” (ENTREVISTADA 9).

Nesse momento, as entrevistadas 8 e 9 distanciam-se relativamente do *aprender a viver juntos*, quando não conseguem respeitar o outro. Oposto disso, a entrevistada 10 diz que com as demais pessoas: “A convivência é boa, né. Mas eu me acho uma pessoa zen” (ENTREVISTADA 10).

Assim, as formas de convivência vão acontecer de forma diferenciada, dependendo do jeito e dos traços característicos de cada jovem.

Com o apresentado, coloca-se que, em relação ao *aprender a viver juntos*, detectado nas falas dos(as) jovens, ele assinala para a sociabilidade como valor primordial no contexto da juventude. Com exceção da entrevistada 10, que prefere estar sozinha ao fazer gosta, todos os(as) demais entrevistados(as) preferem desfrutar da presença de outras pessoas ao fazerem o que gostam, em especial, de amigos e familiares. Na maioria das vezes, essa convivência com os outros também é respeitosa. Por ocasião, nos limites desse texto, se empenhou em estabelecer aproximações e distanciamentos entre o universo do lazer na vida dos(as) jovens entrevistados(as) com o possível desenvolvimento do *aprender a ser* e do *aprender a viver juntos*.

É evidente que algumas questões referentes às aprendizagens apontam ora para um discurso “uniforme”, ora para um conjunto de minúcias como as detectadas na fala de cada jovem, em cada contexto fruto da história vivida de cada um; da forma como o(a) jovem se porta diante da sociedade; os seus valores; o que o(a) jovem julga ou não ser importante para ele(a); estilos e modos de vida; afetos ou desafetos; e o sentimento de cada um(a), que conduz a uma visão de mundo própria. Visão que demarca a relação dos(as) jovens com o tempo-espço de lazer e com as outras dimensões da vida humana. Para as considerações finais do texto da dissertação, finaliza-o com constatações sobre o esboçado até aqui

5 APRENDER A REFLETIR, A ARGUMENTAR E A CONTRA-ARGUMENTAR – CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 “*Eu ainda sou bem moço[a] pra tanta tristeza*”: minhas palavras, meu ponto de vista e minha contribuição

Foto 9 – O Poço da Draga em forma de “conclusão”



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2017.

A luta cotidiana e as batalhas enfrentadas por uma vida mais justa e igualitária, por aquele espaço, por dias melhores, são marcas caracterizadoras do Poço da Draga e que merecem ser eternizadas nessas linhas para todos(as) aqueles(as) que um dia lerão esse trabalho. Em meio a um conjunto de violações de direitos e do “esquecimento” do poder público acerca deste lugar, o Poço da Draga (sobre)vive, protagoniza a sua história; não é “refém” e “sujeito” passivo diante das problemáticas que o cerca, enfrentando-as a cada dia.

Além disso, a pesquisa desenvolvida é uma contribuição dada à ampliação da atenção da realidade social do Poço da Draga para gestores(as) e pesquisadores(as). Ocorre dela a ampliação dos estudos destinados às juventudes do Poço da Draga no campo do lazer em interface com algumas questões relativas à educação, quando se recorre especialmente ao uso do *aprender a ser* e o *aprender a viver juntos*.

Para o terreno da discussão travada, têm-se como ponto de partida as características ressaltadas da formação sócio histórica do Brasil que alcançam os dias de hoje. Tais fatores ajudam a situar os(as) jovens na contemporaneidade e entender as suas atuais problemáticas vividas, tais como: a apropriação desigual do espaço público por mulheres e

homens; patriarcado; machismo; sexismo; preconceito; racismo; desigualdade social; desigualdade de oportunidades no acesso a educação e ao mercado de trabalho; acesso diferenciado aos serviços públicos e aos equipamentos de lazer resultantes do componente classe social, gênero, dentre outras assertivas que compõem o cotidiano dos(as) jovens, notadamente, do Poço da Draga, também marcado pelas: drogas; homicídios; assaltos; violência; gravidez; difícil inserção no mercado de trabalho e na educação, etc.

Para os(as) jovens pesquisados(as), moradores(as) periferas, o contexto de vida é marcado pela desigualdade e pelo distanciamento dos serviços públicos básicos (e de qualidade) promovedores de uma vida digna. Mas, mesmo com as marcas da desigualdade social, vivem e fruem o lazer, viajam, praticam esporte, saem com os amigos, etc. O(a) jovem pobre, negro(a) e morador(a) da periferia vive uma série de discriminações e preconceitos em diversos âmbitos da vida cotidiana, pela cor da pele, pela forma de ser, por morar na favela, mas, mesmo assim, disputa espaço e busca ampliar a sua voz nos lugares que frequenta.

No contexto dos(as) jovens entrevistados(as), pode-se dizer que são diversas as formas pelas quais eles(as) lidam e se relacionam com o seu tempo-espaço de lazer, dentre as quais se destacam as especificidades e distinções resultantes do fator gênero e ocupação.

Para o jovem e a jovem que *somente estuda*, percebe-se que há maior tempo destinado a vivência do lazer em detrimento do(a) jovem que estuda e trabalha ou do(a) jovem que tem filho. Para a jovem que somente estuda, além das questões relacionadas ao estudo, também se sobressaem na sua rotina às questões relacionadas aos compromissos familiares.

Percebe-se que para a jovem e para o jovem que *somente trabalham* há uma relativa estabilidade financeira e autonomia na escolha das práticas de lazer. Para a jovem, o lazer está destinado ao fortalecimento dos laços afetivos, ao tempo para ela e para os amigos, para a contemplação, para a conversa. No seu discurso também aparece o relato das obrigações familiares e do lar na sua rotina, além do trabalho. Para o jovem, de maneira oposta, o lazer associa-se ao seu sustento e ao seu prazer.

Para a jovem que *estuda e trabalha*, o lazer está associado à construção de uma representação da válvula de escape; fuga da rotina cansativa; sair do automático, cujo lazer está em relativa oposição ao trabalho. A jovem, na sua rotina, apresenta ter maior compromisso com os estudos, com as tarefas domésticas, com o cuidado da família, o que não é evidenciado no discurso do jovem que estuda e trabalha. Ela diz que chega a deixar de fazer o que gosta para resolver assuntos familiares. O seu trabalho também exige da jovem uma extensa jornada. Todos os fatores, juntos, impactam na sua vivência de lazer.

Para ele, o jovem que estuda e trabalha, o estudo aparece como acessório, uma vez que ele frequenta a escola somente aos fins de semana, para fazer simulados. Na descrição da

sua rotina não houve relato acerca do tempo para o estudo nos demais dias da semana, nem tampouco de desenvolver questões relativas ao lar.

Para a jovem que *não estuda e não trabalha*, o lazer recebe grande importância, pois é neste que a jovem vislumbra seguir uma carreira profissional de atleta. Ressalta-se que mesmo que o lazer apareça em grande evidência na sua rotina, as suas possibilidades aparecem de maneira reduzida. Assim, quando se pensa no lazer, não deve pensá-lo somente no tempo destinado a sua vivência, mas no conjunto de atividades diversificadas que sejam acessíveis ao público estimado. O jovem, em situação semelhante a ela, mostra ter acesso a uma diversidade de vivências do lazer (leitura, futebol, academia etc). No caso da jovem que não estuda e não trabalha, nota-se que as ocupações e os cuidados familiares restringem-se às mulheres, exemplo disso é que ela deixa os estudos para cuidar da sua mãe.

Para a jovem que *tem um filho*, somado aos cuidados da casa que ela realiza, ambos os fatores causam redução direta (chegando a quase inexistência) da vivência do lazer. Em oposto, para o jovem que tem um filho, a situação apresenta-se como uma redução do seu lazer e não como um impedimento ao seu usufruto. Mesmo assim, as cobranças para o jovem tornaram-se maiores a partir disto, pois ele busca agora um trabalho para o sustento do filho.

Acerca do universo do lazer para os jovens entrevistados, a sua vivência acontece geralmente no próprio local de moradia ou ao entorno do Poço da Draga. Como lazer, os jovens apresentam uma estreita ligação com o esporte em suas rotinas. No tocante a fruição do lazer, esta aparece como portadora de uma sensação com conotação de indescritível e que, por isso, acarreta sentimentos variados: felicidade e tristeza; liberdade; frenesi dos corpos; autoconhecimento. O lazer pode ser vivenciado sozinho por cada entrevistado, mas, na maioria dos discursos dos jovens, acontece coletivamente, apontando daí a centralidade do convívio com os amigos no momento do lazer.

No tocante as barreiras ao lazer, a questão financeira é ressaltada por um dos entrevistados, somada aos entraves que um entrevistado apresentou ter com a prefeitura na venda dos seus produtos. Uma ação é detectada no caso de deixar de fazer algo por ser homem, que é a entrada no banheiro feminino. Em relação à discriminação e ao preconceito, notam-se os estereótipos constituídos pela população no quadro da juventude, cuja forma de portar-se, de vestir-se, a cor da pele, resalta o medo e a insegurança das pessoas nas ruas, assim. Tais fatores resultam em ações discriminatórias no cotidiano dos entrevistados.

Percebe-se que não é feita menção ao medo, a insegurança ou a própria violência urbana pelos jovens, o que reduz, por vezes, a participação destes nos espaços e equipamentos públicos de lazer. Não é citada a frequente ida aos espaços privados pelo público entrevistado. Percebe-se que há uma apropriação maior do espaço público pelos jovens. Para eles(as), este

não deixou de ser local do encontro, do lazer, da convivência, ratificando que o(a) jovem apropria-se dos seus lugares.

As jovens demarcam outras particularidades e diversidade de práticas de lazer e de lugares em que ele é vivenciado. O lazer costuma possibilitar para elas: liberdade, diversão, relaxamento, esquecimento dos problemas, “desestresse”, prazer, felicidade, autoconhecimento, ressaltando a importância de ter os amigos por perto neste momento.

Dentre as barreiras à vivência do lazer elencadas pelas jovens, aponta-se o medo de andar nas ruas sozinhas, escassez de ônibus, trânsito, distância do lugar que se quer ir do local de moradia, a questão financeira, bem como a própria rotina (trabalho – estudo – família). As jovens entrevistadas afirmam deixarem de ter que andar à noite na rua sozinhas e evitam locais distantes pelo receio e pelo fato serem mulheres. Mas, outras jovens, afirmam não terem nenhum problema relacionado ao fato de serem mulheres, pois é comum a elas estarem sozinhas ao fazerem o que gostam e, segundo elas, a violência pode acontecer em qualquer momento, em qualquer horário, com qualquer pessoa. A discriminação e o preconceito aparecem para as jovens ao falarem do lugar de moradia, por ser pobre, ao praticar esporte, na faculdade, na vida.

Por fim, no tocante as aprendizagens, o *aprender a ser* no relato dos jovens entrevistados ganha vida/ aproximação com a materialização das conquistas pessoais, como aconteceu quando um dos entrevistados é aprovado no teste esportivo, que resultou na conquista de confiança em si e na ampliação de sua autoestima. Aponta distanciamentos na medida em que ocorre a ausência de descrições da experiência de natureza estética, artística, desportiva, científica, cultural e social realizada por eles sozinhos no tempo-espaço do lazer.

Alguns dos entrevistados vão apontar ser fácil serem como são, por acreditarem em si, mas outros irão dizer ser difícil especialmente pela condição atual vivida, como ter um filho e pelas exigências internas e externas que resultam disso. O lazer é propício ao conhecimento do corpo, da mente, do modo de ser, possibilita reflexão sobre a vida, sobre eles, desperta a liberdade e amplia o contato com a natureza. Ao sentir o mundo e sentir a si mesmo, o *aprender a ser* é afluído nos jovens ao modo de cada um.

O protagonismo dos jovens e o planejamento do futuro é muito associados ao curto prazo, ao imediato, como ingressar no mercado de trabalho ou na universidade. As expectativas pessoais aparecem associadas ao sonho de possibilitar uma vida melhor para a família. A sensação de plenitude acontecida no tempo-espaço do lazer está muito atrelada ao superar os limites do próprio corpo, ao inexplicável, ou quando não, ainda não foram vividas.

No tocante às jovens entrevistadas, o *aprender a ser* aparece como um momento de introspecção, de reflexão, do alcance de um conhecimento novo, de ponderação sobre

atitudes, do julgamento sobre a forma de portar-se diante das informações recebidas, reconhecer o outro, a realidade do outro, problematizar o mundo, ter o contato com outras culturas, com o novo; o inesperado, entendimento do mundo e de si, confiança em si mesma e no seu potencial. Assim, o lazer possibilita uma aprendizagem constante, desde a leitura da bíblia ao assistir um filme, além de ser um momento oportuno à convivência com o outro.

Algumas jovens relatam sobre ser fácil ser quem são pela realização pessoal vivida no momento presente. No entanto, as dificuldades em ser quem são ganham terreno devido à incompatibilidade de valores pessoais portados (compreensão, tolerância) e os do mundo (rapidez, imediatismo), bem como está relacionada também a exigência do equilíbrio entre as tarefas (casa – filho – estudo – trabalho – família) pelas mulheres e, por fim, a inserção da mulher no esporte, como se isso fosse algo incompatível para elas.

Para as jovens, o exemplo da sensação de plenitude no tempo-espço de lazer distancia-se do *aprender a ser* na medida em que o comprar/consumir assume espaço, pois assim sendo pensado, entende-se que esta situação não contribui para o desenvolvimento do *aprender a ser*. Todavia, aproxima-se do *aprender a ser* no alcance da sensação de plenitude na medida em que ela consegue resultar em contribuições na vida do outro; ao utilizar da imaginação para projetar o que traria a sensação de plenitude; e ao alcançar conquistas derivadas do reconhecimento do potencial que cada um carrega.

As jovens também, ao falarem sobre protagonismo e planejamento do futuro, remete-os ao tempo próximo (curto prazo) e, mais uma vez, apontando a família no contexto da elaboração dos seus planos, em projetos de vida comuns.

Em relação ao *aprender a viver juntos*, baliza-se que o lazer apareceu na fala dos(as) jovens entrevistados(as) como propício ao aflorar a convivência coletiva; ao encontro e ao reconhecimento do outro. Assim, os relatos deles(as) apontam em sua maioria o discurso da centralidade dos grupos sociais, especialmente do de amigos e da família.

De forma geral, o lazer é marcado pela troca de informações, pela ajuda, pela convivência e pelo afeto na perspectiva dos entrevistados. Geralmente os jovens pensam a vida de maneira semelhante ao que é pensado pela comunidade, pela família e pelos amigos, mas cada um tem o seu sonho particular, a sua forma de ser e de encarar a vida, na qual cada esfera desta contribui para a construção dos jovens como cada um deles é.

As preferências e gostos dos amigos e familiares também são parecidas aos dos jovens, quando não, sempre há o respeito pela diferença. Ou seja, cada jovem tem a sua história, o seu mundo, a sua forma de pensar e não desreconhece a do outro. As jovens destacam a importância do convívio dos amigos e familiares, mesmo que às vezes aponte-se a necessidade de ter um tempo para ficarem sozinhas. Exceto uma das entrevistadas que diz que

a convivência com os outros não é interessante, pois as pessoas tendem a se intrometer na sua vida.

Para as jovens, a convivência com os amigos, a família, a comunidade, os vizinhos e as pessoas da sociedade acontece pela história de vida contada, pela admiração e inspiração que causam os(as) moradores, do orgulho do lugar de origem, pela diversão com os amigos e pelo apoio dos familiares e do namorado que, mesmo com divergências de opiniões, o respeito predomina, lidando com a forma de ser de cada um.

Essas foram constatações obtidas com a realização da pesquisa. Por fim, mesmo diante das problemáticas que envolvem o cotidiano dos(as) jovens do Poço da Draga e da atual conjuntura brasileira, não cabe ao estudo conduzir-se pela tristeza em sua escrita; cabe a ela (a nós), a esperança e a força para lutar por dias melhores para os(as) jovens desse país.

REFERÊNCIAS

- 1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, n.5, n.6, Mai, Jun, Jul, Ago, Set, Out, Nov, Dez, p. 25-36, 1997.
- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil ANDRADE, Eliane Ribeiro (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.
- ALBARELLO, Luc *et al.* **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. Tradução: Luísa Batista. Lisboa: Grazdativa Publicações; S.A, 2011.
- ALVES, Adjair. Juventude, raça e cultura. A luta por visibilidade e reconhecimento social. **O público e o privado**, n. 20 - Jul/Dez., 2012.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARROS, Myriam Lins. Gênero, cidade e geração: perspectivas feministas. In: BARROS, Myriam Lins (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Belchior. **À Palo Seco**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976. Alucinação.
- Belchior. **Alucinação**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976. Alucinação.
- Belchior. **Apenas Um Rapaz Latino-americano**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976. Alucinação.
- Belchior. **Voz da América**. Rio de Janeiro: WEA, 1979. Era uma vez um homem e o seu tempo.
- BESSA, Edson Alencar Collares de. **A antropologia do desenvolvimento na busca de reflexões acerca da construção de empreendimentos em centros urbanos: o Poço da Draga e o Acuario do Ceará**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.
- BESSA, Edson Alencar Collares de. **O Poço da Draga e a construção do Acuario Ceará**. Universidade de Brasília; Instituto de Ciências Sociais; Departamento de Antropologia; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Dissertação de Mestrado). Brasília, DF: 2015.
- BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BRENNER, Ana Karina *et al.* Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**.

Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRENNER, Ana Karina *et al.* Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CABRAL, CRISTIANE S. Juventude, sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos. In: Outro Olhar: **Revista de Debates Mandato Vereador Arnaldo Godoy (PT)**. Ano V, n. 6, Belo Horizonte, novembro de 2007.

CAIO, Prado Júnior. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; Solange KANSO. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de Trabalho**, 53, Brasília: IPEA: MTE, nov. 2012.

CARDOSO, Ruth C. L.; SAMPAIO, Helena. **Estudantes universitários e o trabalho**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm>. Acesso em: 12 set. 2016.

CARLOS, A.F.A. A Cidade: introdução. In: CARLOS, A.F.A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, A.F.A. A produção do não-lugar. In: CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Ceará é o terceiro do Brasil onde jovens não estudam nem trabalham. Disponível em:<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/09/02/noticiasjornalcotidiano,3498401/ceara-e-o-terceiro-do-brasil-onde-jovens-nao-estudam-nem-trabalham.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2015.

Cidinho e Doca. **Rap da Felicidade (Eu só Quero é ser Feliz...)**. Rio de Janeiro: Spotlight Records, 1995. Eu Só Quero É Ser Feliz.

Comunidade do Poço da Draga relata que nunca teve tanta evidência quanto no Feira Massa. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/comunidade-do-poco-da-draga-relata-que-nunca-teve-tanta-evidencia-quanto-no-feira-massa/>>. Acesso em: 02 maio 2017.

CORDEIRO, Maria Celeste Magalhães; CLEMENTINO, Josbertini Virgínio. Políticas Públicas de Juventude no Brasil: resgate de uma trajetória em construção. In: **O público e o privado**, Fortaleza (UECE), ano 1, n. 20, p. 13-28, junho/dezembro, 2012.

CORRÊA, R.L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COUTINHO, Clara. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. XVIII, n. 1, p. 5-22. 2011.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. Disponível em: <[file:///C:/Documents%20and%20Settings/Acer/Meus%20documentos/Downloads/JUVENTUDE+NO+BRASIL%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/Acer/Meus%20documentos/Downloads/JUVENTUDE+NO+BRASIL%20(1).pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educ. Pesqui.** v.28, n.1, pp.117-136. 2002.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

Desigualdade Social no Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xjo2E5RCuUA>>. Acesso em: 3 ago 2016.

DIÓGENES, Glória. Enigmas do medo – juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez *et al.* **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

Documentário sobre Desigualdade Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ydX73cDkM_g>. Acesso em: 3 ago 2016.

Documentário: Riqueza x Pobreza - Desigualdade Social. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1SkJRjtjL4>>. Acesso em: 3 ago 2016.

EMICIDA. **Milionário do Sonho**. São Paulo: Independente Laboratório Fantasma, 2013. O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga**: a favela e a biblioteca. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e de Desportos, 1998.

FEITOSA, Tadeu. **Poço e Draga**: história e memória em movimento. Jornal O Povo. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/06/07/noticiasjornaldom,3263374/poco-e-draga-historia-e-memoria-em-movimento.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2015.

FONTENELE, Sabrina Studart. Transformações na área centro-portuária de Fortaleza. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 10. ST6, 4 - Novas sociabilidades: cultura, identidade e diversidade na produção do espaço. **Anais...** Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/2479/2449>>. Acesso em: 18 Out. 2015.

Fortaleza deixa ranking das dez cidades mais violentas do mundo. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/04/fortaleza-deixa-ranking-das-dez-cidades-mais-violentas-do-mundo.html>>. Acesso em: 19 abril 2017.

Fortaleza e cidades da RMF são as mais violentas do País. Disponível em: <<http://mobile.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/01/25/noticiafortaleza,3566663/fortaleza-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-e-a-12-do-mundo-diz-est.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

Fortaleza tem 4º maior índice de vítimas de violência entre capitais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/12/fortaleza-tem-4-maior-indice-de-vitimas-de-violencia-entre-capitais.html>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

FRANCH, Mónica. Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n.4, p.28-52. 2010.

FREIRE, Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2004.

FROTA, Horácio da Silva. Jovens e negros: algozes ou vítimas da violência? **O público e o privado**, Fortaleza (UECE), ano 1, n. 20, p. 13-28, junho/dezembro, 2012.

GADOTTI, MOACIR. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 3-11. 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Proceedings online... Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 18 Out. 2015.

GOLDENBERG, Mirian. O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer.** Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne Luce *et al.* **Lazer na América Latina/ Tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOMES, R. Análise de dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES, Hebe Signorini *et al.* Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n. 2, p. 217-225. 2008.

GONÇALVES, Helen; KNAUTH, Daniela Riva. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 49 n.2, 2006.

GONDIM, Linda M. P. **O dragão e a cidade**: lendas do Ceará. *Museologia e Patrimônio*, v.2, n.2, p.13-23, jul/dez, 2009.

GONDIM, Linda M.P. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

Gonzaguinha. **Sangrando**. São Paulo: EMI-Odeon, 1976. Começaria Tudo Outra Vez.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. IPECE Informe (edição especial). **Perfil da juventude em Fortaleza**: aspectos socioeconômicos a partir dos dados do censo 2010. Fortaleza, n. 57, p. 1-20, Abril, 2013.

Governo irá privatizar Acquario do Ceará por falta de dinheiro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/01/governo-ira-privatizar-obra-do-acquario-do-ce-por-falta-de-dinheiro.html>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Ultima Década**, n.33, CIDPA V ALPARAÍSO, p.11-26, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Ano 13, n. 25, dezembro 2004.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Art Line, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes e educação sociocomunitária**: roteiros de investigação. Disponível em:< <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/02.pdf> > Acesso em: 3 set. 2016.

HASSENPFUG, Walderez Nosé. **Educação pelo esporte**: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayton Senna, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* Juventude e Sociabilidade em um “território pacificado” no Rio de Janeiro. Diversidade de experiências e seus marcadores sociais. **ACENO**, v. 1, n. 1, p. 102-122. Jan- Jul. 2014.

HENRIQUES, Ricardo. **Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza**: por um novo acordo social no Brasil. Disponível em: <<http://www.empreende.org.br/pdf/Programas%20e%20Pol%C3%ADticas%20Sociais/Por%20um%20novo%20acordo%20social%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

JÚNIOR, Francisco do o’ de Lima; FEITOSA, Rosana Marques. A desigualdade na região nordeste no período de 2001 a 2009: notas de exploração dos seus aspectos numa perspectiva multidimensional. **Economia política do desenvolvimento**, Maceió, v. 4, n. 10, p. 41-74, jan./abr. 2011.

KEHL, Maria Rita. A Juventude como sintoma da cultura. In: Outro Olhar: **Revista de Debates Mandato Vereador Arnaldo Godoy (PT)**. Ano V, n. 6, Belo Horizonte, novembro. 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BARROS, Myriam Lins. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.2. p.344. 2009.

MAGNANI, José Guilherme. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20s_uporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2017.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, p. 49-57. 2011.

Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza Perfil da SER II. 2011. Disponível: <http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional_II.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MARCELLINO, N. C.. **Estudos do lazer**: uma introdução. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associado, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 219 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnica de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

Ministério Público do Estado de São Paulo. **Bullying não é legal!**. São Paulo. Disponível em: <http://www.mpdf.mp.br/pdf/cartilhas/Cartilha_Bullying_Nao_e_Legal.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2017.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Esporte, Desigualdade, Juventude e Participação. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar 2011.

NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial Ciência e Vida**. São Paulo, out. 2007.

NOVAES, Regina. Um caleidoscópio: semelhanças e diferenças entre jovens brasileiros. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

O Brasil se rende a Marta. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/16/deportes/1471348350_427919.html>. Acesso em: 23 jan. 2015.

O Que é Bodybuilding Exatamente? Disponível em: <<http://www.mundoboforma.com.br/o-que-e-bodybuilding-exatamente/>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

OLIVEIRA, Amanda Nogueira; BARBALHO, Alexandre Almeida. Sociabilidades juvenis e uso de dispositivos móveis na cidade. In: BARBALHO, Alexandre; MARÔPO, Lidia (orgs.). **Infância, juventude e mídia: olhares luso-brasileiros**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

OLIVEIRA, Régia. **Jovens Trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade**. Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

ONG mexicana aponta Fortaleza como 7ª cidade mais violenta do mundo. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/ong-mexicana-aponta-fortaleza-como-7-cidade-mais-violenta-do-mundo-1.87895>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

ORTEGA, G. “Identidade Cultural, território e lazer”. In: SESC/WLRA (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

PADILHA, Valquíria. O Lazer Contemporâneo: ensaio de filosofia social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.147-166, maio/ago. de 2004.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: JÚNIOR, Dante de Rose; RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai (Orgs.). In: **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAIS, J. M. A. construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Sociológica**, v. 25, n. 105-106, 1990.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV (105-106), (1.º, 2.º), p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.

PAIS, José Machado. In: Jovens, bandas musicais e revivalismos triviais. PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.

PARIZOTT, Ana Patricia Alves Vieira; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Juventude: desafiando a definição. Predominante através dos tempos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 41 p. 91-92, abr./jun. 2005.

PEREIRA, Potyara A.P. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In: BOSCHETTI Ivanete *et al.* (Orgs.). **Política social no capitalismo: tendências contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2009.

Pesquisa aponta que 80% dos homens acham incorreto mulher ficar bêbada em festa. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/carnaval/pesquisa-aponta-que-80-dos-homens-acham-incorreto-mulher-ficar-bebada-em-festa/>>. Acesso em: 01 março 2017.

Poço da Draga comemora 108 anos. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/poco-da-draga-comemora-108-anos-1.1023682>>. Acesso em: 02 maio 2017.

RAITZ, T. R.; PETTERS, L. C. F. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.3, p. 408-416, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, Sérgio. **Poço de quem? Poço pra quem? Poço dos cem... dos cento e poucos anos do Poço**. Disponível em: <<http://www.pocodadraga.org/>>. Acesso em: 10 Out. 2015.

SALES, Teresa. **Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

SANTOS, Milton. Do Cidadão Imperfeito ao Consumidor Mais-que-Perfeito. In: SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.

SCHERER, Giovane Antonio. **Serviço social e arte: juventudes e direitos humanos em cena**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Katia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2003, v. 3, n. 3, p.69–76.

SIMMEL, George. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOUSA, Vancarder Brito. **A cidade e a Favela: o “Poço da Draga” e a requalificação urbana em Fortaleza**. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, Recife, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n. 5 Set/Out/Nov/Dez 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014.

STOPPA, Edmundo Antonio. **Gestão de esporte e lazer: análise dos espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer em Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo**. São Paulo: Plêiade, 2011.

SZAPIRO, A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 43-49. 2010.

TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, pp. 262-268, set./dez. 2007.

VENTURELLA, Valéria Moura. **Rumo a uma abordagem transdisciplinar para a educação**. Disponível em: http://cettrans.com.br/artigos/Valeria_Moura_Venturella.pdf. Acesso em: 20 set. 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Homicídios e juventude no Brasil – Mapa da violência 2013**. Brasília: 2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2010**: anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Os jovens do Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

WELLER, Wivian. Gênero e Juventude. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, p. 216, jan-abril. 2005.

WERNECK, Christianne Luce G; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer, indústria cultural e consumo. In: WERNECK, Christianne Luce G.; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e mercado**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ZAGO, Luis Henrique. O método dialético e a análise do real. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 54, n. 127, p. 109-124, jun. 2013.

APÊNDICES**APÊNDICE 1****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

(Entrevistado 11)

Data: ____/____/____ Horário: Início: ____h ____min Fim: ____h ____min

- 1) Como você chegou aqui na comunidade? Como você a conheceu? Há quanto tempo você está aqui desenvolvendo o seu trabalho?
- 2) Em relação ao seu trabalho desenvolvido na comunidade: como você o avalia? Quais os desafios; as conquistas; há ou não contribuição para os jovens? Se sim, como?
- 3) Enquanto morador: qual o seu papel, a sua contribuição e a sua relação com comunidade (no contexto dessa história da comunidade)?
- 4) Como é o dia a dia, o cotidiano (dinâmica) da comunidade? (manhã/tarde/noite)
- 5) Como é para você morar hoje na comunidade (sentimentos/identidade)?
- 6) Como você avalia a comunidade hoje em dia, o que mudou ao longo dos anos? Quais as conquistas e os desafios?
- 7) Se você pudesse contar a história da comunidade Poço da Draga com suas palavras, como você a contaria agora?
- 8) Você gostaria de deixar alguma reflexão-sugestão-conselho para os(as) pesquisadores que vem aqui na comunidade realizar seus estudos?

APÊNDICE 2
ROTEIRO DE ENTREVISTA
(Entrevistada 12)

Data: ____/____/____ Horário: Início: ____h ____min Fim: ____h ____min

- 1) Há quanto tempo você está aqui na comunidade?
- 2) Se você pudesse contar a história da comunidade Poço da Draga com suas palavras, como você a contaria agora?
- 3) Enquanto moradora: qual o seu papel, a sua contribuição e a sua relação com Comunidade (no contexto desta história da comunidade)?
- 4) Como é o dia a dia, o cotidiano (dinâmica) da comunidade? (manhã/tarde/noite)
- 5) Como é para você morar na Comunidade (sentimentos/identidade)?
- 6) Como você avalia a comunidade hoje em dia, o que mudou ao longo dos anos? Quais as conquistas e os desafios?
- 7) Você gostaria de deixar alguma reflexão-sugestão-conselho para os(as) pesquisadores que vem aqui na comunidade realizar seus estudos?

APÊNDICE 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Entrevistados(as) de 1 a 10)

Nº DA ENTREVISTA: _____

Data: ____/____/____ Horário: Início: ____h ____min Fim: ____h ____min

Bom dia/Boa tarde/Boa noite. Meu nome é Tereza, sou estudante do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e estou realizando uma pesquisa para a minha dissertação sobre a fruição de lazer dos(as) jovens da comunidade Poço da Draga, intitulada: _____, cujo objetivo é:

_____, orientada pela professora Prof^ª. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto. Você poderia me responder algumas perguntas? Nós vamos conversar sobre assuntos relacionados ao tema da pesquisa e eu gostaria de lembrar duas coisas antes: primeiro, é que em nenhum momento você vai ser identificado nos resultados da pesquisa; segundo, o que importa é a sua opinião, o que você pensa sobre cada coisa, não tem resposta certa ou errada.

▪ Sobre o Lazer

1 - Fruição e Prática do Lazer

- I. Na sua rotina, no seu dia a dia, você faz o que gosta?
- II. O que você mais gosta de fazer? Com que frequência na semana você faz o que gosta?
- III. Quais sensações e sentimentos você tem ao fazer o que gosta?
(Ex: liberdade; autoconhecimento; autonomia; satisfação; percepção e reflexão do mundo ao seu redor; imaginação necessária ao desenvolvimento de seus talentos e potencialidades)
- IV. Em que local(is)/espaço(s) você costuma fazer o que você gosta? Por que você procura esse(s) local(is)/espaço(s)? O que você faz nesse(s) local(is)/espaço(s)?
Ex: ONG's; Centros Culturais; Praças; Redes Sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat), outros.
- V. Você consegue ir sempre aos locais de lazer que você gosta? Se não, quais motivos o(a) impedem? Tem algo que o(a) impeça? (ex: dinheiro, obrigações...)
- VI. Você já deixou de fazer alguma coisa pelo fato de ser mulher ou homem? Já deixou de sair para algum lugar para fazer o que você gosta por ser mulher ou homem (no seu momento de lazer)?
- VII. Você já sofreu alguma discriminação ou preconceito (por sua cor da pele, raça, etnia, classe social, lugar de moradia...) no seu dia a dia? Você já sofreu alguma discriminação ou preconceito (por sua cor da pele, orientação sexual, raça, etnia, classe social, lugar de moradia...) no seu momento de lazer?

▪ Sobre as Aprendizagens

2 - Aprender a Ser

Sobre os momentos que você faz o que gosta

- I. Ainda sobre os momentos que você faz o que gosta: Você poderia contar alguma experiência marcante/muito importante que aconteceu na sua vida, de alguma coisa que você fez/faz sozinho/a no seu momento de lazer?

Em outras palavras: falar de alguma coisa que você gosta de fazer e que fez/faz sozinho/a, e que foi marcante. Ex.: Uma experiência de descoberta e experimentação (estética, artística, desportiva, científica, cultural e social); uma experiência que ajudou melhor compreender o mundo e/ou as pessoas.

- II. O que essa experiência despertou em você?
- III. Quando terminou essa experiência você se sentiu realizado/a? Se sim, como? Por quê?
- IV. Sobre os momentos que você faz o que gosta:
É mais fácil ou mais difícil ser você mesmo(a), ser o que você é? Por quê?
- V. Esses momentos ajudam você a se conhecer melhor? Como?
- VI. Você se acha o protagonista da sua história? Você planeja o seu futuro? Se sim, como faz isso?
- VII. Ao fazer o que gosta, você já conseguiu se realizar plenamente em algum momento? Se sim, como foi isso?

3 - Aprender a Viver Juntos

Sobre os momentos que você faz o que gosta

- I. Quando você faz o que gosta, quem costuma estar com você por perto? Você geralmente fica sozinho(a) ou acompanhado(a)?
- II. É bom fazer o que você gosta sozinho ou acompanhado? Por quê? Qual(is) diferença(s) tem em estar sozinho(a) ou acompanhado(a) quando se quer fazer o que se gosta?
- III. A convivência com os seus amigos, com a sua família, com seus vizinhos, e com as outras pessoas da sociedade tem alguma importância e/ou traz alguma contribuição na sua vida? Se sim, que importância e/ou contribuição é essa? Seus projetos de vida e de futuro são semelhantes aos dessas pessoas? Explique.
- IV. As suas preferências e gostos são as mesmas?
- V. Como é a sua convivência com as outras pessoas durante os momentos que você faz o que gosta?

Ex.: reconhecimento do outro; convívio com a diferença; interação; comunicação; afetividade e sexualidade; convívio em grupo; compromisso com o coletivo; compromisso com o ambiente; compromisso com a diversidade cultural.

▪ Sobre os(as) Jovens

4 - Perfil Social

- I. Idade: _____
 - II. Sexo: () Masculino () Feminino
 - III. Escolaridade: _____
 - IV. Estado civil: _____
 - V. Você atualmente:
- () Somente estuda (Gostaria de trabalhar? Por que somente estuda? Se pudesse faria os dois?)
- () Somente trabalha (Gostaria de estudar? Por que somente trabalha? Se pudesse faria os dois?)
- () Não estuda e não trabalha (Gostaria de estudar e trabalhar? Por que não estuda e não trabalha?)
- () Estuda e trabalha (Por que estuda e trabalha? Se pudesse escolher: estudaria e trabalharia, ou somente trabalharia, ou somente estudaria?)

() Estuda ou não, trabalha ou não, mas tem filho(a)(s) (Se trabalhar e/ou estuda, como faz para conciliar com o(a) filho(a)(s))

VI. Cor/Raça/Etnia: _____

VII. Qual a renda da sua família? _____

VIII. Com quem mora? Utiliza da ajuda financeiramente de alguém?

IX. Você tem filho(a)(s)? () Sim. Quantos? _____ () Não

✚ Para quem tem filho(a)(s):

- Com que idade você estava quando teve seu(s)/sua(s) filho(a)(s)?
- O que mudou na sua rotina depois deste acontecimento?
- Como ficou o seu tempo de lazer, ou seja, o seu tempo de fazer o que você gosta, depois que você teve um(uns) filho(a)(s)?
- Você ainda continua fazendo a mesma coisa que gostava depois de ter tido um(a) filho(a)? Se não, por quê (não faz mais)?

✚ Para quem não tem filho(a)(s):

- Se você tivesse filho(a)(s), o que mudaria na sua vida? Você acha que teria ainda o mesmo tempo para o lazer, para fazer o que gosta?

4.1 - Como é a sua rotina semanal, o seu dia a dia (estudos e/ou trabalho, família, filho(a)(s), amigos, lazer)? Você pode descrevê-la?

- O que você costuma fazer no período da manhã?
 - O que você costuma fazer no período da tarde?
 - O que você costuma fazer no período da noite?
- (E no fim de semana? Acontece da mesma maneira?)

APÊNDICE 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **O LAZER DOS JOVENS DA COMUNIDADE POÇO DA DRAGA NA CIDADE DE FORTALEZA À LUZ DOS PILARES DA EDUCAÇÃO**

PESQUISADORA: Tereza Nair de Paula Pachêco

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa realizada pela pesquisadora TEREZA NAIR DE PAULA PACHÊCO e orientada pela professora Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Você deve se encontrar com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder à entrevista que será gravada, através de equipamento de gravação de áudio, e armazenada posteriormente durante 5 anos nos arquivos pessoais da pesquisadora.

Com isso, o objetivo deste estudo é conhecer as possíveis relações entre o lazer e a educação na vida dos jovens da comunidade Poço da Draga. A pesquisa de campo de campo se dará por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas e do uso da técnica da observação. Você deverá comparecer pelo menos uma vez, caso surja à necessidade, no local da entrevista. Esta acontecerá na Quadra de Esportes do Poço da Draga, no bairro Praia de Iracema, em Fortaleza-CE, sem número.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, você pode se recusar a participar deste estudo ou que pode abandoná-lo a qualquer momento, sem precisar se justificar. Quanto a sua participação será garantido o anonimato e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores.

Por meio deste também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e artigos acadêmicos.

Não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você tem total liberdade para esclarecê-las com a pesquisadora. Portanto, as dúvidas do projeto devem ser esclarecidas com a pesquisadora.

Os potenciais riscos da pesquisa podem acontecer por incômodo ou constrangimento que alguma questão na entrevista possa acarretar. Você poderá deixar de responder qualquer questão e também poderá retirar-se do estudo a qualquer momento se se sentir incomodado.

Serão assinadas duas vias do TCLE pelos pesquisadores e participantes e que uma das vias ficará em posse do participante da pesquisa. As dúvidas de aspecto ético devem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa – COEP.

Os possíveis benefícios da pesquisa podem ser dar com a ampliação dos estudos sobre as práticas de lazer dos jovens da Comunidade Poço da Draga.

Nestes termos, pedimos a sua autorização e consentimento para a participação nesta pesquisa, ciente que alguém responsável por mim já efetuou seu consentimento:

Eu _____ aceito participar da pesquisa citada, ciente das informações e esclarecimentos prestados, livremente dou meu consentimento.

Fortaleza, _____ de _____ 20 ____ .

Assinatura do(a) voluntário(a)

Pesquisadora mestranda Tereza Nair de Paula Pachêco
E-mail para contato: terezappacheco@hotmail.com

Pesquisadora orientadora Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto
E-mail para contato: acpcouto@gmail.com

Telefone da pesquisadora Tereza Nair de Paula Pachêco: (31) 99186-4241. Telefone da orientadora da pesquisa, prof. Dra. Ana Cláudia P. Couto: (31) 3409-2344. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antonio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901.Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE 5

TERMO DE ASSENTIMENTO

Título da pesquisa: **O LAZER DOS JOVENS DA COMUNIDADE POÇO DA DRAGA NA CIDADE DE FORTALEZA À LUZ DOS PILARES DA EDUCAÇÃO**

PESQUISADORA: Tereza Nair de Paula Pachêco

Seu filho (a) (ou o menor sob sua responsabilidade) é convidado(a) a participar voluntariamente desta pesquisa, realizada pela pesquisadora TEREZA NAIR DE PAULA PACHÊCO e orientada pela Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Ele(a) será convidado(a) a se encontrar com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder à entrevista que será gravada, através de equipamento de gravação de áudio, e armazenada posteriormente durante 5 anos nos arquivos pessoais da pesquisadora.

Com isso, o objetivo deste estudo é conhecer as possíveis relações entre o lazer e a educação na vida dos jovens da comunidade Poço da Draga. A pesquisa de campo de campo se dará por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas e do uso da técnica da observação. Seu filho (ou o menor sob sua responsabilidade) deverá comparecer somente uma vez no local da entrevista. Esta acontecerá na Quadra de Esportes do Poço da Draga, no bairro Praia de Iracema, em Fortaleza-CE, sem número.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, você pode recusar a participação do seu filho (ou do menor que está sob sua responsabilidade) deste estudo a qualquer momento, sem precisar se justificar. Quanto à participação do seu filho (ou do menos sob sua responsabilidade), será garantido o anonimato e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores.

Por meio deste também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e artigos acadêmicos.

Não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora.

Se durante o andamento da pesquisa, surgirem quaisquer dúvidas, você tem total liberdade para esclarecê-las com a pesquisadora. Os potenciais riscos da pesquisa podem acontecer por incômodo ou constrangimento que alguma questão na entrevista possa acarretar, se isso ocorrer, seu filho (ou o menor sob sua responsabilidade) pode se recusar a responder alguma questão ou retirar-se do estudo.

Serão assinadas duas vias do TCLE pelos pesquisadores e participantes e uma das vias ficará em posse da pesquisadora, outra em sua posse.

Os possíveis benefícios da pesquisa podem ser dar com a ampliação dos estudos sobre as práticas de lazer dos jovens da Comunidade Poço da Draga;

Nestes termos, pedimos o seu consentimento para participação do seu filho(a) ou menor sob sua responsabilidade:

Eu _____ aceito que o meu/ a
minha filho(a) ou menor sob minha responsabilidade _____
participe da pesquisa citada, ciente das informações e esclarecimentos prestados, e livremente
dou meu consentimento.

Fortaleza, _____ de _____ 20 ____ .

Assinatura do (a) responsável

Pesquisadora mestranda Tereza Nair de Paula Pachêco
E-mail para contato: terezappacheco@hotmail.com

Pesquisadora orientadora Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto
E-mail para contato: acpcouto@gmail.com

Telefone do pesquisador: (31) 99186-4241. Telefone da orientadora da pesquisa, prof. Dra. Ana Cláudia P. Couto: (31) 3409-2344. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antonio Carlos, nº.6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901.Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.